

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**  
**MESTRADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

**GISELE MAIA**

**HINDUÍSMO TRANSNACIONAL: TRADIÇÃO E BRASILIDADE NO MÉTODO  
DO CAMINHO DO CORAÇÃO DE SRI PREM BABA**

Juiz de Fora  
2018

**GISELE MAIA**

**Hinduísmo transnacional: tradição e brasilidade no método do  
Caminho do Coração de Sri Prem Baba**

Dissertação apresentada ao Programa de Pósgraduação em Ciência da Religião, área de concentração: Religião, Sociedade e Cultura, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça Lima

Juiz de Fora  
Fevereiro de 2018

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Maia, Gisele Rangel.

Hinduísmo transnacional : tradição e brasilidade no método do Caminho do Coração de Sri Prem Baba / Gisele Rangel Maia. -- 2018.

150 f. : il.

Orientador: Marcelo Ayres Camurça

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião, 2018.

1. Transnacionalização Religiosa. 2. Diálogos Brasil-Índia. 3. Hinduísmo Contemporâneo. 4. Novos Movimentos Religiosos. 5. Gurus Contemporâneos. I. Camurça, Marcelo Ayres, orient. II. Título.

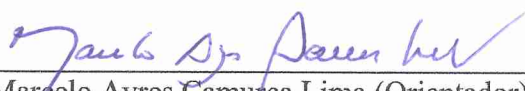
Gisele Rangel Maia

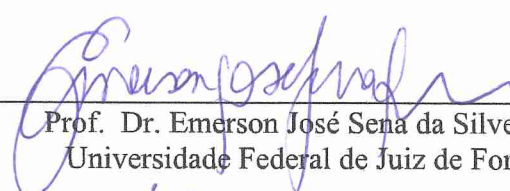
**Hinduísmo transnacional: tradição e brasilidade no método do  
Caminho do Coração de Sri Prem Baba**

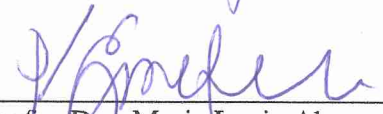
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração em Religião, Sociedade e Cultura, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça Lima (Orientador)  
Universidade Federal de Juiz de Fora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira  
Universidade Federal de Juiz de Fora

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Lucia Abaurre Gnerre  
Universidade Federal da Paraíba

Juiz de Fora  
Fevereiro de 2018

Para meus irmãos de sangue,  
Daniela e Artur;

e minha irmã de alma,  
Andréa Vazquez

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Marcelo Camurça, pela sabedoria e generosidade na condução dos meus passos: sempre vibrando com minhas descobertas, mas me convidando a ir além; me guiando, mas também me incentivando a buscar meus próprios caminhos.

A Dilip Loundo, pelos comentários preciosos não só na minha qualificação, mas também durante as aulas. E, ainda, pelas sugestões de leitura, provocações e incentivo ao longo de todo este processo. Seu olhar fez toda a diferença.

A Emerson Sena da Silveira e à Maria Lucia Gnerre, por aceitarem o convite para integrar a banca, pela leitura cuidadosa deste trabalho, pelas críticas e sugestões, por tornarem a minha defesa um momento tão engrandecedor.

À Universidade Federal de Juiz de Fora e ao Departamento de Ciência da Religião. À CAPES, pelo financiamento que tornou este projeto possível. Ao coordenador do PPCIR e amigo Jimmy Sudário, pelo incentivo desde sempre. Aos professores Sônia Lages, Elisa Rodrigues, Volney Berkenbrock e Robert Daibert: que privilégio os encontrar nessa minha trajetória. A Antonio Celestino, pela seriedade e competência com que realizou seu trabalho na secretaria da pós, presente em todos os momentos e atento a cada detalhe.

Aos meus colegas não só da área de Religião, Sociedade e Cultura, mas também aos de Tradições Religiosas e Perspectivas de Diálogo, pelo convívio enriquecedor. Aos queridos do NERFI, o Núcleo de Estudos de Religiões e Filosofias da Índia, pelas trocas e celebrações. Um agradecimento especial à Nathália, Kelly e Gustavo, pelo carinho, pelas conversas, pelos encontros felizes, pelo apoio incondicional e de todas as horas. Vocês três foram tão incríveis que as palavras não dão conta.

À Gisella, ‘amiguínea’ e melhor vizinha do mundo, por encher meu cotidiano de leveza, alegria e beleza. A Marco e Mariana, por todo o apoio e carinho com que me receberam em Juiz de Fora.

À Paulinha, Dudu, Lu, Mira, Nique, Dê, Alice, Clau, Pepê e Pri, pela amizade e carinho de tantos anos e por me abrigarem no Rio nas minhas idas à cidade, inclusive por conta da pesquisa de campo. A Michel e Antonio pela acolhida em São Paulo. À Lili, que além de me receber de braços abertos na terra da garoa, me apoiou em um momento crucial, me escutou com todo o amor e deu contribuições fundamentais na fase de elaboração do pré-projeto.

À Déia, por tornar qualquer desafio mais leve pelo simples fato de eu saber que está sempre aí para mim: ô, sorte! À Juliette, que sempre dá um jeito de se fazer presente, não

importa o momento da vida e a distância. A Ganesha, por acreditar, por me fazer rir, por me dar a mão.

Aos meus irmãos Daniela e Artur, porque ninguém mais no mundo tem tanta clareza do que representa cada conquista minha. Aos meus sobrinhos Lucas e Louiza, porque enchem meu coração de ternura, e ao meu cunhado Dennis, que com seu acolhimento faz de Amsterdam uma cidade mineira do interior. À minha mãe, dona Eloisa, pelo incentivo de sempre e pelos e-mails poéticos que deixaram meus dias mais ensolarados. Ao meu pai, seu Artur, um católico praticante — desses que não só vai à missa todos os domingos, como me liga para contar a história do santo do dia — que diz ter tido sua primeira experiência espiritual verdadeira nas aulas do professor Hermógenes e nunca viu contradição nisso. Encantado com os ventos que sopraram de Medellín e de Puebla, ele me apresentou à Teologia da Libertação quando eu ainda nem era adolescente e, anos mais tarde, me convenceu de que fazer yoga era melhor que andar de bicicleta. Hoje, entendo o que representou ter sido criada por um cara de cabeça e coração tão abertos.

A Sri Prem Baba, por me abrir as portas, pela confiança e receptividade. Apesar dos desafios enfrentados durante a realização deste trabalho, sua paz me contagiou e tornou tudo muito mais fácil.

À Padmini, Fábio, Sita, Carol, Vania, Prem Nitya e Luciana, que colaboraram com contatos, informações, agendamentos e demais questões práticas para que eu realizasse minhas pesquisas de campo em Alto Paraíso de Goiás e em Nazaré Paulista. A Tiago, Zavalita, Deevani, Graça, Luana e Anisha, por compartilharem comigo suas experiências de vida, iluminadoras em muitos sentidos.

O turista feliz já está em sua casa, com fotografias por todos os lados, listas de preços, pechinchas dos quatro cantos da terra. E o viajante apenas inclina a cabeça nas mãos, na sua janela, para entender dentro de si o que é sonho e o que é verdade. E todos os dias são dias novos e antigos, e todas as ruas são de hoje e da eternidade: e o viajante imóvel é uma pessoa sem data e sem nome, na qual repercutem todos os nomes e datas que clamam por amor, compreensão, ressurreição.

Cecília Meireles, em **Roma, turistas e viajantes**



## RESUMO

Este trabalho reflete acerca das dinâmicas da transnacionalização da vida religiosa em um mundo globalizado, observando o contexto cultural da pós-modernidade. Para isso, leva em consideração o caso de Sri Prem Baba, um guru brasileiro que assumiu a liderança da linhagem hindu *Sachcha* após a morte de seu mestre, o indiano Sri Hans Raj Maharaj. Hoje, o paulistano do bairro da Aclimação angaria discípulos no mundo inteiro, inclusive na Índia, onde passa dois meses por ano falando a buscadores e promovendo celebrações na comunidade espiritual herdada de seu mestre, sendo seu sucessor. Ele diz que sua missão é construir pontes entre mundos — “entre o Ocidente e o Oriente, entre a floresta Amazônica e o Himalaia, entre a ciência e a espiritualidade” — e o faz, inclusive, através de um método psico-espiritual próprio, desenvolvido há mais de 20 anos, em um contexto completamente diferente, na São Paulo *New Age* dos anos 1990, influenciado pelas tradições xamânicas amazônicas. Assim, este trabalho mapeia, também, características dos campos religioso-cultural indiano e brasileiro, identificando as aberturas e inclusivismos presentes em ambos, bem como pontos de contato entre essas culturas aparentemente tão distantes e que, no entanto, se conectam pelos interstícios da vivência espiritual. É central aqui o papel desempenhado pelos métodos espirituais, considerando-os a partir de duas perspectivas possíveis: como pedagogias para a transformação humana, individualmente adaptadas, e, em um sentido mais amplo, como elementos que trazem um sabor contemporâneo às tradições religiosas que os gurus se dispõem a preservar.

**Palavras-chave:** Transnacionalização Religiosa, Diálogos Brasil-Índia, Hinduísmo Contemporâneo, Novos Movimentos Religiosos, Gurus Contemporâneos.

## ABSTRACT

This work reflects about the dynamics of the transnationalization of religious life in a globalized world, observing the cultural context of postmodernity. For that, it considers the case of Sri Prem Baba, a Brazilian guru who became the leader of the Hindu lineage *Sachcha* after the death of his Indian master, Sri Hans Raj Maharaj. Today, the man from São Paulo attracts disciples throughout the world, including in India, where he spends two months a year speaking and promoting celebrations in the spiritual community inherited from his master. According to his own words, his mission is to build bridges between worlds – “between the West and the East, between the Amazon Forest and the Himalayans, between science and spirituality” – and he does so through a psycho-spiritual method of his own, developed more than 20 years ago, in a completely different context: a Therapeutic Centre founded in São Paulo during the 1990s, influenced by ‘New Age’ thoughts and by Amazonian shamanic traditions. Thus, this work also maps the characteristics of the Indian and Brazilian religious cultural fields, identifying the openings and ‘inclusivisms’ which are present in both, as well as similarities between these apparently distant cultures, which however are connected by the interstices of spiritual experience. It is central here the role played by spiritual methods, observing them from two possible perspectives: as individually tailored “pedagogies for human transformation” and, in a broader sense, as elements which bring a contemporary flavour to the religious traditions which gurus claim to be preserving.

**Keywords:** Religious Transnationalization, Brazil-India Dialogues, Contemporary Hinduism, New Religious Movements, Contemporary Gurus.

## NOTA SOBRE TRANSLITERAÇÃO E PRONÚNCIA

(adaptada ao português do Brasil)

A transliteração das palavras sânscritas segue o IAST (International Alphabet of Sanskrit Transliteration). Guia de pronúncia da transliteração\*:

### (i) Vogais, ditongos e semivogais

ā som de ‘a’ com emissão prolongada pelo dobro do tempo, soando como vogal aberta;

ī som de ‘i’ com emissão prolongada pelo dobro do tempo;

ū som de ‘u’ com emissão prolongada pelo dobro do tempo;

ṛ som de ‘r’ fraco, pronunciado com a língua no palato; aproxima-se do som regional do ‘r’ caipira em ‘prima’;

ṝ som de ‘ṛ’ (ver acima) com a pronúncia prolongada pelo dobro do tempo;

r som de um ‘r’ fraco como em ‘caro’;

y som de ‘i’ de ligação como em ‘iodo’.

### (ii) Consoantes

kh som de ‘c’ aspirado;

gh som de ‘g’ aspirado;

ñ som da nasal gutural. Geralmente seguido da consoante ‘k’, ‘kh’, ‘g’, ou ‘gh’ (ver acima), causando a nasalização da vogal ou ditongo precedente, como em ‘tanga’;

c som de ‘tch’ como em ‘tchê’ ou na pronúncia carioca de ‘tio’;

ch som de ‘tch’ aspirado;

j som de ‘dj’ como em ‘Djalma’;

jh som de ‘dj’ aspirado;

ñ som da nasal palatal que pode assumir duas entonações distintas: (i) quando seguido de vogal ou ditongo, adquire o som de ‘nh’ como em ‘senha’; (ii) quando seguido da consoante ‘c’, ‘ch’, ‘j’, ou ‘jh’ (ver acima), adquire o som de nasalização da vogal ou ditongo precedente, como em ‘canja’;

ṭ som de ‘t’ pronunciado com a língua no palato;

ṭh som de ṭ (ver acima) aspirado;

ḍ som de ‘d’ pronunciado com a língua no palato;

ḍh som de ḍ (ver acima) aspirado;

ṇ som de ‘n’ pronunciado com a língua no palato;

ṭh som de ‘t’ aspirado;

ḍh som de ‘d’ aspirado;

ph som de ‘p’ aspirado;

bh som de ‘b’ aspirado;

ś som de ‘x’ como em ‘xícara’;

ṣ som de ‘x’ pronunciado com a língua no palato;

ḥ som de ‘r’ forte aspirado, como na pronúncia em português da marca de carro ‘Hyundai’;

ḥ som de ‘r’ forte aspirado (usado no final de palavras e frases);

ṁ representação genérica do som de nasalização da vogal precedente; nesse caso, pode ser substitutiva do ‘ñ’, ‘ñ̃’, ‘ṇ’, ‘n’ ou ‘m’.

\* As sílabas em sânscrito não têm acentuação forte

\* O som de letras não mencionadas acima aproxima-se de sua pronúncia em português

## GLOSSÁRIO<sup>1</sup>

<i>Āratī</i>	reverência a uma deidade feita com luz ou chama. Tipicamente, o sacerdote ou adorador faz movimentos circulares com a chama, no sentido horário, em frente à imagem da deidade.
<i>Āsana</i>	postura de yoga.
<i>Āśram</i>	eremitérios hindus tradicionais, voltados para práticas espirituais como yoga, meditação, cântico de mantras e estudos religiosos.
<i>Ātman</i>	'Self' ou alma.
<i>Bhagavadgītā</i>	literalmente 'A canção do Senhor'. Episódio de setecentos versos do épico <i>Mahābhārata</i> , cujo personagem principal é Arjuna, que vive um dilema entre deixar de cumprir seu dever de guerreiro ou entrar no campo de batalha contra seus familiares.
<i>Bhajan</i>	hino devocional ou conjunto de hinos, geralmente entoados coletivamente em um <i>Satsaṅg</i> .
<i>Bhakti</i>	participação; adoração; devoção.
<i>Bhakti-yoga</i>	yoga/caminho/disciplina da devoção.
<i>Dharma</i>	lei natural, dever <sup>2</sup>
<i>Guṇas</i>	qualidade; atributo; constituinte da matéria.
<i>Gurukula</i>	literalmente, <i>guru</i> significa professor; <i>kula</i> quer dizer lar, casa. Refere-se ao costume bramânico em que o estudante vive com seu mestre.
<i>Haṭha-yoga</i>	'yoga da força'. Prática yóguica estruturada para se conquistar a liberação através da purificação e da manipulação do corpo. Ênfase nas posturas e no controle da respiração.
<i>Jñāna</i>	conhecimento.
<i>Jñāna-yoga</i>	yoga/caminho/disciplina do conhecimento.
<i>Jīvanmukti</i>	liberação em vida e enquanto ser encarnado.
<i>Karma</i>	ação; atividade; retribuição das ações.
<i>Karma-yoga</i>	yoga/caminho/disciplina da ação.

---

<sup>1</sup> Cf. JOHNSON, W.J. Oxford Dictionary of Hinduism. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2009.

<sup>2</sup> Prem Baba costuma interpretar como 'propósito'.

<i>Kīrtan</i>	recitação de louvores.
<i>Kriyā</i>	uma ação do tipo ritual ou sacrificial <sup>3</sup> .
<i>Kundalini</i>	energia que resta adormecida na base da coluna, representada como uma serpente enroscada. O despertar da ‘serpente’ ocorreria com a liberação do fluxo energético de forma ascendente, da base da coluna até o topo da cabeça.
<i>Mokṣa</i>	liberação; libertação.
<i>Paramātman</i>	o ‘Self’ supremo.
<i>Prāṇa</i>	sopro/ energia vital.
<i>Prāṇāyāma</i>	controle da respiração/energia vital.
<i>Pūjā</i>	adoração; veneração; homenagem. Ritual de adoração a uma deidade na forma de uma imagem e tipicamente envolve a apresentação de alguma oferenda.
<i>Rajas</i>	atividade; atributo/qualidade da paixão.
<i>Rājayoga</i>	‘yoga real’. Um sinônimo para o sistema clássico apresentado no Yoga Sūtra de Patanjali.
<i>Sādhus</i>	‘homem sagrado’, considerado santo. Renunciantes ou mendicantes religiosos.
<i>Śaiva (ou Śaivismo)</i>	uma das três maiores correntes medievais e posteriores do hinduísmo, junto com as tradições Vaiṣṇava e a Śākta. Nesse sistema, Śiva é a deidade suprema.
<i>Śākta (ou Śāktismo)</i>	os <i>Śāktas</i> adoram a Deusa ( <i>Devī</i> ) como poder criativo supremo e absoluto. Trata-se de uma das três maiores correntes medievais e posteriores do hinduísmo, junto com as tradições Śaiva e Vaiṣṇava.
<i>Sāṃkhya</i>	antiga e influente corrente de pensamento indiana, que dá nome a uma das seis escolas de filosofia. Seu aspecto psicológico – a saber, a realização da consciência pura, inerente a cada indivíduo – foi enfatizado no sistema de yoga de Patanjali.
<i>Samsāra</i>	roda da existência; crença na reencarnação. Ciclo de sofrimento e renascimentos, segundo a teoria do <i>karma</i> , do qual só é possível se livrar ao se atingir <i>mokṣa</i> .
<i>Sanātana dharma</i>	‘ <i>dharma</i> eterno’. Lei eterna. Termo usado pela primeira vez pelos reformadores indianos como resposta às críticas cristãs das práticas hindus.

---

<sup>3</sup> no contexto Sivananda, trata-se de práticas de limpeza e purificação do corpo.

<i>Satsaṅg</i>	Forma de hinduísmo baseada nos Vedas, considerado universal e eternamente válido, que abrangeria todas as outras religiões. Tem forte apelo junto aos hindus de classe média e das comunidades diaspóricas. encontros devocionais, nos quais geralmente a comunidade se reúne para entoar os cânticos, meditar e ouvir as palavras do guru quando este está presente.
<i>Sattva</i>	atributo/ qualidade da pureza.
<i>Tamas</i>	atributo/ qualidade da escuridão ou inércia.
<i>Trimūrti</i>	trindade hindu composta por Brahmā, Viṣṇu e Śiva, que apresentam funções complementares enquanto criador, preservador e destruidor, respectivamente.
<i>Upāya</i>	meios hábeis; habilidade em métodos.
<i>Vaiṣṇava (ou Vaiṣṇavismo)</i>	os <i>Vaiṣṇavas</i> consideram que Viṣṇu (ou um dos seus avatares, principalmente Kṛṣṇa e Rāma) seja o absoluto ou deidade suprema. É uma das três maiores correntes sectárias medievais e posteriores do hinduísmo, junto com as tradições Śaiva e Śākta.
<i>Vedānta</i>	“conclusão, essência ou culminação dos Vedas”. Tradição teológica e filosófica altamente influente na Índia, que incorpora inúmeras diferentes escolas, sendo listada nos trabalhos modernos como uma das seis escolas “ortodoxas” de filosofia. O termo também se refere aos Upaniṣads, a parte final dos Vedas. <i>Advaita Vedānta</i> : <i>Vedānta</i> não-dualista; não-dualismo. Uma das escolas do sistema <i>Vedānta</i> , hoje muito associada aos ensinamentos de Śaṅkarācārya.
<i>Vedas</i>	literalmente, significa conhecimento. Refere-se ao corpo de textos em sânscrito inicialmente compostos, recitados e transmitidos oralmente pelos povos arianos da antiguidade. Texto de revelação da maioria das tradições hindus, sobretudo bramânicas.
<i>Upaniṣads</i>	conclusão, essência ou culminação dos Vedas.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Tomas Slansky interpreta a canção Rishikesh (Fonte: YouTube) .....	19
Figura 2: Imagem de Sri Prem Baba transmitindo sua mensagem em um trecho do videoclipe de Tomas Slansky (Fonte: YouTube) .....	19
Figura 3: Slansky tocando ao lado de uma foto do guru (Fonte: YouTube) .....	20
Figura 4: Ambiente preparado para a cerimônia com <i>ayahuasca</i> conduzida por Zavalita (Foto: Gisele Maia) .....	73
Figura 5: Mistura de referências hindus e indígenas no local da cerimônia (Foto: Gisele Maia) .....	73
Figura 6: Imagens de Osho e São Jorge lado a lado (Foto: Gisele Maia) .....	73
Figura 7: Artefatos indígenas em detalhe (Foto: Gisele Maia).....	74
Figura 8: Altar improvisado, com imagem de Sri Prem Baba (Foto: Gisele Maia) .....	74
Figura 9: Orientação para os exercícios 2, 3 e 4 do <i>workshop</i> ‘Para que nascemos?’ .....	110
Figura 10: Exercício 5 do <i>workshop</i> ‘Para que nascemos?’ .....	114
Figura 11: Entrada do Novo Portal da Chapada (Foto: Gisele Maia).....	120
Figura 12: Discípulos reverentes diante das imagens de Prem Baba e do Maharaj (Foto: Gisele Maia).....	120
Figura 13: Imagem de Prem Baba em sua cadeira e as sandálias de madeira onde o guru apoia os pés (Foto: Gisele Maia).....	121
Figura 14: <i>Pūjā</i> matinal, realizado por swami Tripathi e Mathaji (Foto: Gisele Maia) .....	122
Figura 15: Na abertura do Festival Ilumina, Prem Baba assiste ao show do centro do palco, acompanhado do swami indiano Tripathi e do Swami Chandramukha (Foto: Gisele Maia) .....	123



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	18
<b>CAPÍTULO 1. As origens do hinduísmo que ganhou o mundo: tradição e adaptação na dinâmica global</b> .....	30
1.1 - Reflexões sobre o hinduísmo global a partir de uma experiência Sivananda .....	30
1.2 - O Renascimento Hindu.....	43
1.3 - Swami Vivekânanda, o Parlamento Mundial das Religiões e o Vedanta Prático .....	49
<b>CAPÍTULO 2. Sri Prem Baba: um guru ‘entre o Ocidente e o Oriente, entre a ciência e a espiritualidade, entre a floresta amazônica e o himalaia’</b> .....	58
2.1 - O ambiente familiar e as principais referências espirituais .....	59
2.2 - As origens do Caminho do Coração .....	69
2.2.1 - O Santo Daime.....	70
2.2.2 - As influências orientais e a Nova Era.....	78
2.3 - O contexto Nova Era em um Brasil ‘antropofágico’ .....	82
<b>CAPÍTULO 3. O Caminho do Coração nos dias de hoje: o método a serviço da linhagem <i>Sachcha</i> e sua missão de despertar o amor no mundo</b> .....	88
3.1 - O diálogo entre hinduísmo e psicologia, a transmissão dos ensinamentos em etapas e a adaptabilidade do método a contextos culturais diversos .....	88
3.2 - Os diferentes meios, formatos e lugares: Global Talks via Internet, workshops, cursos e retiros .....	100
3.2.1 – Os Global Talks .....	101
3.2.2 - O workshop ‘Para que nascemos?’ .....	105
3.2.3 - As Awaken Love Houses, Nazaré Paulista e os cursos do Caminho do Coração .....	116
3.3 - Alto Paraíso de Goiás: temporada com celebrações e rituais.....	119
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	133
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	137

## INTRODUÇÃO

12 de junho de 2011: naquela minha primeira noite em Rishikesh, saí para jantar com um grupo de amigos e, no restaurante escolhido, começou a tocar uma música em inglês, aparentemente um *hit* da temporada, que arrancava gargalhadas dos visitantes estrangeiros — e, por isso mesmo, os indianos que trabalhavam no local faziam questão de repeti-la à exaustão:

*I feel good and I feel fresh  
Hanging out in Rishikesh  
Rishikesh, Rishikesh, Rishi-Rishi-Rishikesh*

*I don't hurry, I don't stress  
Hanging out in Rishikesh  
Rishikesh, Rishikesh, Rishi-Rishi-Rishikesh*

*I don't worry, I don't need much cash  
Hanging out in Rishikesh  
Rishikesh, Rishikesh, Rishi-Rishi-Rishikesh<sup>4</sup>*

Além da letra gerar uma identificação imediata nas hordas de mochileiros de passagem por ali, a música era incrementada com o barulho constante de buzinas, retratando fielmente, assim, a atmosfera sonora do lugar.

Logo depois do jantar, fiz uma busca na Internet. Encontrei um videoclipe, gravado no próprio local, e descobri que a música era composta e interpretada pelo artista tcheco Tomas Sky Slansky<sup>5</sup>. A peça explorava ao máximo, além das já mencionadas buzinas, também os clichês visuais da cidade: as pontes de pedestre suspensas de Lakshman Jhula e Ram Jhula (principais pontos de referência), os *sadhus*<sup>6</sup> em seus robes açafrão, os vendedores de rua, as

---

<sup>4</sup> Eu me sinto bem e me sinto revigorado  
Passeando em Rishikesh  
Rishikesh, Rishikesh, Rishi-Rishi-Rishikesh

Eu não me apresso, eu não me estresso  
Passeando em Rishikesh  
Rishikesh, Rishikesh, Rishi-Rishi-Rishikesh

Eu não me preocupo, não preciso de muito dinheiro  
Passeando em Rishikesh  
Rishikesh, Rishikesh, Rishi-Rishi-Rishikesh  
(letra traduzida livremente por mim)

<sup>5</sup> **SKI:** Rishikesh Song. Clipe musical, 04'01". Interpretação: Tomas Sky Slansky. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=vEB2POoJ\\_II](https://www.youtube.com/watch?v=vEB2POoJ_II). Acesso em 14 dez. 2017.

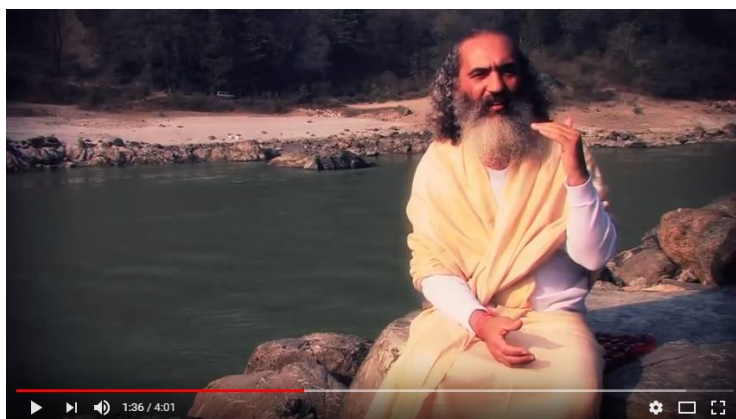
<sup>6</sup> Renunciantes; religiosos mendicantes.

barraquinhas de *chai*<sup>7</sup>, as crianças locais, os macacos, as sagradas vacas tirando uma soneca nas ruas, os botes navegando no Ganges. Em suma, uma crônica audiovisual do lugar.



*Figura 1: Na imagem extraída do videoclipe, Tomas Slansky, ou simplesmente Sky, interpreta a canção Rishikesh, de sua autoria  
Fonte: YouTube*

Logo no primeiro minuto do vídeo, momento em que a melodia se tornava mais suave, para minha surpresa surgiu um homem falando em claro e bom português: “a música eleva o campo vibracional. Ela eleva, expande a consciência, ela cria um campo para a meditação”. Sua fala era coberta, durante alguns segundos, por imagens de devotos dançando no que parecia ser o salão de um *āśram*<sup>8</sup>. Curiosamente, não havia legendas em inglês.



*Figura 2: a partir de 1'20", a música é interrompida para dar lugar a mensagem do guru, que fala às margens do Ganges, em português (Fonte: YouTube)*

<sup>7</sup> Ou *masala chai*. Bebida típica, preparada com chá e especiarias.

<sup>8</sup> Eremitérios hindus tradicionais, voltados para práticas espirituais como yoga, meditação, cântico de mantras e estudos religiosos.

Depois desse trecho, a música retomava a batida inicial e as imagens-crônica voltavam a ser exibidas. Em um determinado momento, o artista tcheco aparece tocando seu violão ao lado de uma foto do mesmo senhor de barbas brancas, sugerindo algum tipo de predileção.



*Figura 3: A música é retomada e, mais adiante, o músico aparece tocando ao lado de uma foto do mesmo guru (Fonte: YouTube)*

Esta seria apenas uma história curiosa não fosse o fato de que, nos meses seguintes, eu tenha sido frequentemente perguntada a respeito daquele homem. Em poucos dias, vieram a fazer sentido algumas pistas lançadas no videoclipe: sua popularidade junto a buscadores estrangeiros em visita à cidade, a comunicação em português anunciando sua origem, sua ligação com a música (que adquire centralidade em seus rituais, conforme aprendi ao pesquisar mais a fundo, anos mais tarde).

‘Você é brasileira?! Conhece o Prem Baba?’. Durante o tempo em que estive na Índia essa pergunta me causou um certo desconforto. Afinal, eu não tinha muito o que dizer aos meus interlocutores das mais distintas nacionalidades que, num esforço de cordialidade, entabulavam uma conversa a partir dessa referência do Brasil.

Como vim a saber depois, tratava-se de um paulistano, nascido Janderson Fernandes de Oliveira no bairro da Aclimação. Ele, que me pareceu ser um dos gurus do momento em Rishikesh<sup>9</sup>, passava cerca de quatro meses por ano na cidade<sup>10</sup> e promovia concorridos

<sup>9</sup> A jornalista da CNN Jessica Ravitz, em seu relato sobre as duas semanas que passou na cidade, comentou a respeito do brasileiro: “Sente-se em cafés frequentados por ocidentais aqui e há muitas chances de você ouvir o nome dele” (tradução minha). Cf. RAVITZ, Jessica. Indian Awakenings: How a holy place and its people helped a Western woman find wholeness. CNN, jun. 2014. Disponível em: <http://edition.cnn.com/interactive/2014/06/world/rishikesh/>. Acesso em: 18 set. 2017.

<sup>10</sup> Atualmente, esse tempo se reduziu à metade, pois desde 2013 Prem Baba se divide entre as chamadas “temporadas” da Índia e do Brasil, em Rishikesh e em Alto Paraíso de Goiás, que duram cerca de 2 meses cada.

*satsaṅgs*<sup>11</sup> no *Sachcha Dham Ashram*, compartilhando seus ensinamentos com buscadores do mundo inteiro e realizando celebrações em que aos rituais hindus se mesclam cânticos de hinos em português — sendo este, aliás, o idioma que utiliza para proferir seus discursos e, por isso, invariavelmente, conta com a colaboração de discípulos-tradutores.

Segundo relato apresentado em seu site oficial<sup>12</sup> (e repetido nas diversas entrevistas que concede), ainda adolescente, o guru ouviu um chamado específico em relação à cidade onde viria a realizar seu trabalho na Índia. Lá, em Rishikesh, aos 33 anos, conheceu seu mestre Sri Hans Raj Maharaj<sup>13</sup>, de quem recebeu uma iniciação espiritual. Três anos depois, quando teria atingido a autorrealização, passou a ser chamado de Guru Sri Prem Baba. Em 2011, com o falecimento de Maharaj, tornou-se o maior representante vivo da linhagem espiritual hindu *Sachcha*, seguindo instrução dada pelo próprio mestre.

O fato de um compatriota ser tão popular precisamente ali tornava meu desconhecimento ainda mais constrangedor. Rishikesh, a chamada capital mundial do yoga, é um reduto de místicos, situado às margens do Ganges e no sopé do Himalaia, que explodiu como rota do turismo espiritual indiano em 1968, quando os Beatles<sup>14</sup> ali vivenciaram algumas semanas de meditação.

Chamar a atenção em um lugar onde não faltavam ofertas espirituais, disputando com mestres indianos, podia ser considerado um feito. Mas, apesar da situação curiosa, nos dias que passei na cidade não me interessei em participar de seus *satsaṅgs*. Na época, buscar um guru brasileiro na Índia me soou meio como aprender capoeira no Japão.

No primeiro semestre de 2015, finalmente decidi elaborar um projeto de mestrado. Tinham se passado quatro anos desde a minha experiência no subcontinente e eu, que havia tempos sentia vontade de me aprofundar na cultura indiana, a partir de mecanismos outros, para além da minha vivência como praticante de yoga, resolvi apostar na via acadêmica.

---

<sup>11</sup> Literalmente “associação com o bem”. Reunião de devotos em torno de práticas devocionais, cânticos sagrados e ensinamentos de um mestre ou linhagem. Cf. JOHNSON, W.J. **Oxford Dictionary of Hinduism**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 294.

<sup>12</sup> Cf. AWAKEN LOVE ASSOCIAÇÃO. **Prem Baba: O encontro de um buscador com o ser**. Sriprembaba.org, c2015-2017. Disponível em: <http://www.sriprembaba.org/biografia>. Acesso em: 15 dez. 2017.

<sup>13</sup> Após sua morte, passou a ser chamado também de Sri Sachcha Baba Maharaj, conforme explicado no livro de práticas espirituais da linhagem Sachcha. Cf. SACHCHA Sadhana, 2015.

<sup>14</sup> Na reportagem da CNN (supracitada), Jessica Ravitz também escreve a esse respeito: “desde que os Beatles vieram para a cidade em, 1968, os ocidentais fizeram daqui a sua Disneylândia espiritual. Eles vagam pelas ruas, repletas de lojas, de videntes e de mais aulas de ioga do que qualquer iogue pode fazer, em busca da iluminação” (tradução minha).

## **Objetivo, perguntas, hipóteses e justificativa**

A partir do caso de Sri Prem Baba, busquei, inicialmente, compreender as dinâmicas da transnacionalização da vida religiosa em um mundo globalizado, observando o contexto religioso-cultural da pós-modernidade e indagando a respeito das condições propícias para que ele se tornasse uma liderança não apenas reconhecida na Índia, mas de projeção mundial.

Minhas primeiras perguntas foram: que circunstâncias possibilitaram que um brasileiro, assumindo uma identidade hinduísta, fosse alçado à condição de guru, em uma região tida como sagrada na Índia, onde se permite falar para milhares de pessoas em português? O que confere essa autoridade a ele? Existem conflitos com a cultura local? Quais seriam? E de que maneira características específicas de sua atuação estimulam encontros e constroem pontes culturais?

A partir dessas perguntas, formulei as seguintes hipóteses:

- Os fluxos e deslocamentos religiosos, acentuados na Pós-Modernidade, favorecem encontros, constroem pontes e necessariamente geram canais de diálogo, possibilitando trocas interculturais, a despeito de conflitos que por ventura venham se manifestar.
- O acolhimento de um guru estrangeiro no interior de uma linhagem tradicional indiana se explicaria não apenas pelos ritos de passagem, ou pela mística hindu, mas também pela clara abertura proposta pelo hinduísmo moderno desde a chamada Renascença Hindu, que estimulou, historicamente, o trânsito de gurus indianos para o Ocidente e legitimou a presença de mestre ocidentais ‘orientalizados’ na Índia. Nesse sentido, Prem Baba representaria um elemento novo não por seu lugar de liderança propriamente, mas por se tratar de um certo deslocamento na relação estabelecida entre Ocidente-Oriente, através de uma interação que talvez possa ser melhor definida como Sul-Sul.
- As redes sociais desempenham um papel central de articulação da comunidade de seguidores, fortalecendo um certo tipo de atuação religiosa — não-institucional, transnacional e ramificada — e criam um lugar virtual de diálogo cultural, comprometimento comunitário e de exercício da espiritualidade.

## **Surpresas preliminares e mudanças no meio do caminho**

Logo na fase preliminar deste trabalho, durante a elaboração do pré-projeto, uma informação me causou surpresa: ao mapear o estado da arte da pesquisa, tive acesso ao trabalho da antropóloga Beatriz Labate (2004), uma etnografia, realizada no fim da década de 1990,

sobre novos usos da *ayahuasca* nos centros urbanos, cujo personagem principal era Janderson Fernandes de Oliveira<sup>15</sup>. Psicólogo de formação, na época, ele já acumulava anos de prática como terapeuta holístico e havia tido experiências com o Santo Daime (LABATE, 2004, pp. 103-137).

O espaço que fundou oferecia diversas terapias, individuais e em grupo, sendo algumas associadas à ingestão do *daimé*<sup>16</sup>. Em boa parte do trabalho, Labate se dedicou ao Caminho do Coração. Assim, aprendi que o método psicoespiritual, carro-chefe de Sri Prem Baba até hoje, fora criado neste contexto: terapêutico e experimental, que mesclava influências de diversas tradições religiosas e sistemas espirituais. Ou seja, como a própria autora sinalizou, apresentava características tipicamente Nova Era (LABATE, 2004, p. 321; AMARAL, 1999, 2000).

O trabalho de Labate acabou por reforçar minha impressão quanto às substanciais contribuições do campo religioso brasileiro nesse caso de hinduísmo transnacional. Passei, então, a observá-lo a partir de uma perspectiva mais dialógica, em vez de compreendê-lo como mera assimilação de uma espiritualidade indiana ‘pura’ — se é que isso seria possível. Cabia aí uma pergunta derivada: como um método híbrido, forjado em um contexto cultural tão distinto, pôde ser incorporado a uma linhagem milenar hindu? O caso poderia nos conduzir, também, a uma reflexão acerca do lugar do Brasil, no cenário internacional, na construção de diálogos interreligiosos — não apenas na contemporaneidade, mas também considerando o que Pierre Sanchis (1997) chamou de ‘tradição sincrética’ do país e os históricos processos de hibridização que aqui tiveram lugar (SANCHIS, 1997, p.111).

Além disso, um fato redefiniu meu campo de pesquisa: embora, inicialmente, tenha me chamado muita atenção a popularidade do líder espiritual brasileiro na Índia, nos últimos três anos, a presença de Sri Prem Baba veio se consolidando no Brasil, sobretudo por conta das ações do *Awaken Love*. Fundado em 2013 pelo guru, esse movimento ambiciona “criar uma nova cultura global, em que os valores espirituais estão em primeiro lugar”, buscando oferecer

---

<sup>15</sup> Em sua Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, defendida em abril de 2000, Beatriz Labate acompanhou o grupo de Janderson entre 1998 e 1999 – antes, portanto, que ele se tornasse Sri Prem Baba, o que viria a ocorrer em 2002. No livro originado da dissertação, publicado anos mais tarde, a autora incorporou uma nota mencionando o encontro de Janderson com Maharaj e a autorrealização do agora mestre. Cf. LABATE, Beatriz Caiuby. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. Campinas: Mercado das Letras, São Paulo: Fapesp, 2004.

<sup>16</sup> É assim que os daimistas se referem ao chá da *ayahuasca*, bebida enteógena preparada a partir do cozimento do cipó *Banisteriopsis caapi* e da folha do arbusto *Psychotria viridis*. Segundo Labate: “Essa é a sua composição mais clássica. Diversos povos indígenas amazônicos utilizam o cipó *Banisteriopsis caapi* em combinações nas quais entram muitas outras plantas, como *Calliandra pentandra*, espécies de *Brugmansia*, *Diplopterys cabrerana* e mais de duzentas outras espécies [...]. No contexto vegetalista, a ayahuasca é considerada uma *planta de pesquisa* [grifos da autora], útil para conhecer as propriedades das demais plantas (Luna 1986). No âmbito indígena e mestiço, o cipó é central e invariante: ayahuasca significa, pois, primariamente o cipó. Em grande parte dos casos, é acompanhado da folha *Psychotria*. Nesse sentido, por metonímia, ayahuasca significa o cipó com a folha, ou seja, a associação de duas plantas” (LABATE, 2004, p. 292).

soluções para os principais problemas mundiais, com ênfase nas áreas da educação, da saúde, do meio ambiente e da mediação de conflitos, a partir de articulações entre diversos setores e atores sociais — e, inclusive, com governos<sup>17</sup>.

Um exemplo concreto dessas aspirações é a parceria estabelecida entre o governo de Goiás, a consultora McKinsey e o guru para viabilizar o projeto de transformar Alto Paraíso de Goiás em uma cidade-modelo sustentável, em sintonia com os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas. Um plano que, segundo informação publicada em maio de 2016, na Folha de São de Paulo, envolve:

a construção de um centro de pesquisa agrícola, um de tecnologia e inovação e, posteriormente, um campus universitário. Tudo puxado pela incrível capacidade de Prem Baba — criador da Fundação *Awaken Love* e hoje um líder global — de atrair talentos e empresas para o seu entorno<sup>18</sup>.

A escolha do local não é aleatória: lá se localiza o Novo Portal da Chapada<sup>19</sup>, propriedade comprada por Sri Prem Baba, em 2013, que funciona, na maior parte do tempo, como espaço para hospedagem e retiros. Mas, durante cerca de dois meses por ano, abre suas portas para discípulos e buscadores, oriundos de todos os cantos do planeta, que participam das famosas Temporadas — as quais, até então, aconteciam apenas na Índia.

A princípio, o projeto de Alto Paraíso me parecera ainda muito insipiente. Eu sequer havia previsto uma visita à cidade como parte do trabalho de campo que, inicialmente, se concentraria nos *ashrams* de Rishikesh<sup>20</sup> e de Nazaré Paulista<sup>21</sup>, onde eu buscaria entender os conflitos e negociações com a cultura indiana *in loco*, bem como a estrutura de cursos e vivências do Caminho do Coração, respectivamente. No entanto, logo Alto Paraíso de Goiás se apresentou como um lugar fundamental e lá encontrei as manifestações mais evidentes do encontro e das trocas entre as tradições indiana e brasileira.

## O Baba é pop

Ainda um terceiro fator adquiriu relevância nos últimos dois anos: Prem Baba vem ocupando cada vez mais espaço tanto na grande mídia brasileira quanto nas redes sociais. No

<sup>17</sup> <https://www.sriprembaba.org/doacoes/>.

<sup>18</sup> Cf. LEMOS, Ronaldo. Brasil, potência espiritual. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 mai. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ronaldolemos/2016/05/1766732-brasil-potencia-espiritual.shtml>. Acesso em: 28 ago. 2016.

<sup>19</sup> <https://novoportaldachapada.com.br/>. Acesso em: 11 dez. 2017.

<sup>20</sup> <https://www.sriprembaba.org/india/sachcha-dham-ashram/>. Acesso em: 01 dez. 2017.

<sup>21</sup> <https://www.sriprembaba.org/nazare-paulista/ashram-nazare-paulista/>. Acesso em: 01 dez. 2017.



mês de dezembro de 2017, em um intervalo de 20 dias, ele: 1) foi capa da Folha de São Paulo<sup>22</sup>; 2) deu entrevistas por ocasião do II Congresso Internacional de Felicidade<sup>23</sup>, realizado em Curitiba; 3) postou um vídeo no Instagram, compartilhado por usuários e também por sites de notícias, em que aparecia ao lado do ator americano Will Smith na *Awaken Love House* de São Paulo<sup>24</sup>; 4) participou do programa Encontro com Fátima Bernardes<sup>25</sup>, na Rede Globo; e 5) foi notícia nas diversas cidades brasileiras que vem visitando por conta do relançamento de seu livro mais recente: ‘Propósito: A Coragem de Ser Quem Somos’<sup>26</sup>, o qual já vendeu cerca de 150 mil exemplares no país.

Conhecido como ‘o guru das celebridades’, as campanhas e ações de engajamento que lança ou apoia — como a ‘Escolas em Paz: Por Um País Menos Violento’<sup>27</sup>, ‘*Just 1 Minute*’<sup>28</sup> e a recente ‘Rede Contra o Fogo na Chapada dos Veadeiros’<sup>29</sup> — contam com a adesão e divulgação de artistas com forte apelo de público, os quais emprestam seu carisma e credibilidade e têm o poder de aumentar exponencialmente a visibilidade dessas mesmas iniciativas<sup>30</sup>.

---

<sup>22</sup> GONÇALVES, Marcos Augusto. Sri Prem Baba, o psicólogo brasileiro que virou líder espiritual mundial. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 nov. 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/serafina/2017/12/1937339-sri-prem-baba-o-psicologo-brasileiro-que-viceu-lider-espiritual-mundial.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2017.

<sup>23</sup> Informações retiradas do site do evento. Disponível em: <https://www.congressodefelicidade.com.br/>. Acesso em: 12 dez. 2017.

<sup>24</sup> Will Smith aparece em um vídeo, publicado no Instagram e no Facebook de Sri Prem Baba, ao lado do guru, falando, em português, um trecho do livro *Propósito - A coragem de ser quem somos*. O vídeo ‘viralizou’ e foi comentário de diversos sites não só no Brasil, mas também em Portugal. Cf. WILL Smith aprende português com mestre espiritual: Ator americano está no Brasil a assistir a palestras de Sri Prem Baba. **Correio da Manhã**, [Lisboa], 12 dez. 2017. Disponível em: <http://www.cmjornal.pt/famosos/detalhe/will-smith-aprende-portugues-com-mestre-espiritual>. Acesso em: 14 dez. 2017.

<sup>25</sup> Cf. SRI Prem Baba inspira com mensagens de amor e autoconhecimento no ‘Encontro’. **GShow**, 13 dez. 2017. Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/noticia/sri-prem-baba-inspira-com-mensagens-de-amor-e-autoconhecimento-no-encontro.ghtml>. Acesso em: 14/12/2017.

<sup>26</sup> BABA, Sri Prem. **Propósito: A Coragem de Ser Quem Somos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

<sup>27</sup> Cf. UNIFOR. Campanha promove cultura de paz nas escolas: Projeto “Escolas em Paz: Por um país menos violento” chega ao Ceará para realizar atividades em escolas públicas. **G1**, 14 abr. 2016. Especial Publicitário - Ensinando e Aprendendo. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/especial-publicitario/unifor/ensinando-e-aprendendo/noticia/2016/04/campanha-promove-cultura-de-paz-nas-escolas.html>. Acesso em: 12 dez. 2017.

<sup>28</sup> Cf. MEDITAÇÃO no Cristo abre evento sobre consciência amorosa no Rio. Sri Prem Baba abrirá a programação do Awaken Love Festival: Líder humanitário e mestre espiritual brasileiro propõe cultura de paz. **G1**, Rio de Janeiro, 17 nov. 2014. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/11/meditacao-no-cristo-abre-evento-sobre-consciencia-amorosa-no-rio.html>. Acesso em: 24 dez. 2017.

<sup>29</sup> Cf. CAMPANHA de famosos nas redes sociais pede doações para a Chapada dos Veadeiros, em Goiás. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 out. 2017. F5. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2017/10/campanha-de-famosos-nas-redes-sociais-pede-doacoes-para-a-chapada-dos-veadeiros-em-goias.shtml>. Acesso em: 01 dez. 2017.

<sup>30</sup> O ator Reynaldo Gianechini se apresenta como seu discípulo, tendo passado uma temporada com Prem Baba na Índia. Já o ator Marcio Garcia abriu as portas da sua casa para uma festa em homenagem ao guru, da qual participaram vários de seus colegas de emissora. Cf. MARCIO Garcia recebe mestre Prem Baba para reunião espiritual com amigos famosos em sua casa. **Extra**, Rio de Janeiro, 06 jun. 2014. Famosos. Disponível em:

Os atores Reynaldo Gianecchini, Bruna Lombardi, Márcio Garcia, Maria Paula poderiam ser citados como os principais, mas também Ísis Valverde, Mariana Ximenes e a apresentadora Ana Maria Braga engrossam o caldo de admiradores. Eles dão contribuições que vão desde prefaciar os livros do guru, incluindo testemunhos de vida, passando por pedidos de ajuda para a arrecadação de fundos e mesmo convites à participação de algum evento, a exemplo do Festival Ilumina<sup>31</sup>.

Sua crescente atuação, somada a tamanha superexposição na mídia, trouxe como consequência (ou pelo menos deu maior visibilidade a) uma série de críticas e conflitos. Não só o diálogo com a gestão do PSDB em Goiás, via governador Marconi Perillo<sup>32</sup>, mas também seus encontros com o governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin<sup>33</sup>, o prefeito da capital paulista, João Dória<sup>34</sup>, e com o senador Aécio Neves<sup>35</sup>, registrados e publicados nas páginas dos próprios políticos nas redes sociais, geraram questionamentos em relação ao papel do líder espiritual nessa seara.

Assim, se um dos meus objetivos iniciais se referia a compreender sua posição de diálogo na Índia e os possíveis conflitos daí decorrentes, ao longo deste trabalho constatei a existência desses diálogos e conflitos aqui mesmo, no Brasil.

Se faço questão de elencar essas situações com as quais me deparei, não é apenas com o intuito de demonstrar a relevância do tema sobre o qual me debrucei, ou somente para dar uma dimensão do quanto este projeto adquiriu um potencial muito maior do que pude inicialmente prever. É também para deixar claro que, embora tenha me dedicado a observar o fenômeno atentamente e a monitorar sua dinâmica ao longo desses dois anos, fez-se necessário um grande esforço para que eu não perdesse de vista as perguntas fundamentais que orientaram

---

<http://extra.globo.com/famosos/marcio-garcia-recebe-mestre-prem-baba-para-reuniao-espiritual-com-amigos-famosos-em-sua-casa-12739430.html>. Acesso em: 07 out. 2016.

<sup>31</sup> Trata-se de um festival holístico que envolve de música, dança e atividades como yoga, meditação, entre outras. A edição de 2017 aconteceu na área do Novo Portal da Chapada, marcando o encerramento da Temporada em Alto Paraíso. Cf. RODRIGUES, Rosualdo. Festival Ilumina, na Chapada dos Veadeiros, terá Lenine e Prem Baba: Marcado para os dias 8 e 9 de julho, o evento une aprofundamento espiritual e entretenimento, com shows e práticas terapêuticas. **Metrópoles**, 07 jun. 2017. Entretenimento. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/musica/festival-ilumina-na-chapada-dos-veadeiros-tera-lenine-e-prem-baba>. Acesso em: 12 dez. 2017. Quanto à divulgação do festival, cf. vídeo postado por Reynaldo Gianecchini em sua conta pessoal no Instagram, no dia 13 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BVSYce7HuW9/?takenby=reynaldogianecchini>. Acesso em: 12/12/2017.

<sup>32</sup> Cf. MARCONI mostra a Alckmin projeto sustentável feito em Goiás. **Brasil 247**, 09 mai. 2017. Goiás 247. Disponível em: <https://www.brasil247.com/pt/247/goias247/294541/Marconi-mostra-a-Alckmin-projetosustentavel-C3%A1-vel-feito-em-Goi%C3%A1s.htm>. Acesso em: 12 dez. 2017.

<sup>33</sup> Conferir vídeo do encontro, postado por Geraldo Alckmin no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/geraldoalckmin/videos/10156727826967837/>. Acesso em: 12 dez. 2017.

<sup>34</sup> <https://twitter.com/jdoriajr/status/909514185121435650>. Acesso em: 12 dez 2017.

<sup>35</sup> <https://www.facebook.com/AecioNevesOficial/photos/encontro-muito-especial-hoje-com-sri-prem-baba-aecio-neves/1113073392070874/>. Acesso em: 12 dez 2017.

esta empreitada. Meu principal desafio talvez tenha sido encontrar um fio condutor que organizasse e conferisse sentido à pluralidade de elementos que o caso desvelava. Isso significou abandonar caminhos aparentemente óbvios e extremamente sedutores — os quais, por certo, entendo que representam oportunidades para pesquisas futuras.

### **Caminho do Coração: o fio da meada**

Em meio a essa profusão de informações, descobertas, ações e notícias — e, por vezes, amaldiçoando os meus alertas programados do Google —, compreendi que o Caminho do Coração era o fio condutor de que eu necessitava. Vejamos: o método atravessou a trajetória espiritual do nosso personagem central, confundindo-se com sua própria história há mais de 20 anos. O método também nos apresenta a possibilidade de sínteses entre tradições religiosas diversas, do Brasil e da Índia. É o método que coloca Prem Baba na companhia de outros mestres indianos imbuídos da missão de disseminar a mensagem espiritual nascida no subcontinente, considerando o que Csordas (apud LUCIA 2014) chamou de “prática portátil” e “mensagem transponível” (CSORDAS, 2009, p.4 apud LUCIA, 2014, p.221). É o método que, com sua eficácia alardeada pelos buscadores, promove um sentido de comunidade e de missão no mundo.

### **Metodologia**

Na construção desta etnografia multissituada, a metodologia empregada foi: observação participante; entrevistas semi-estruturadas com Prem Baba e alguns seguidores; monitoramento das redes sociais; e reflexão teórica.

O trabalho de campo consistiu em: 1) participação em duas cerimônias com uso ritual de *ayahuasca*, no Rio de Janeiro, comandadas por um discípulo de Prem Baba; 2) participação em um *workshop* de dois dias em São Paulo, conduzido pelo próprio guru; 3) visita à *Awaken Love House* de São Paulo<sup>36</sup>; 4) imersão de 19 dias na temporada 2017 em Alto Paraíso de Goiás, onde entrevistei Prem Baba, membros do movimento *Awaken Love* e seguidores do guru; 5) visita ao *ashram* de Nazaré Paulista, onde realizei entrevista com uma das responsáveis pelo local e com uma discípula indiana.

---

<sup>36</sup> Na ocasião, não cheguei a participar presencialmente de nenhuma programação, mas acompanhei as atualizações do Awaken Love São Paulo nas redes sociais, que incluíram transmissões ao vivo de eventos na casa.

Quanto às redes sociais, me concentrei nas páginas oficiais do guru e do Movimento *Awaken Love* no Facebook, no Instagram e no Youtube. Embora, considerando os limites deste trabalho, não tenha podido me dedicar a análises mais detidas em relação ao papel desempenhado pelas redes sociais, fiz questão de apresenta-las como uma espécie de tema transversal, visto que lanço mão dos conteúdos e das mobilizações que nelas se desenvolveram.

## **Estrutura**

Nos dois primeiros capítulos, busquei articular em que medida certas características dos campos brasileiro e indiano podem potencializar o diálogo e a construção de pontes entre esses dois países aparentemente tão distantes, geográfica e culturalmente. Foi fundamental nessa articulação dois momentos históricos, de lá e de cá, durante os quais se sedimentaram os processos indiano e brasileiro de construção nacional e identitária, sendo eles: 1) o Renascimento Hindu, no contexto das disputas coloniais que tiveram lugar na Índia, durante o século XIX, cuja culminância se deu com a Independência, em meados do século XX; 2) os movimentos Antropofágico e Tropicalista no Brasil, no século XX.

A menção ao primeiro caso se justifica por se tratar do movimento de reforma social que abriu alas para que o hinduísmo se tornasse uma religião mundial, conhecida no planeta inteiro a partir de um discurso universal e tolerante com a diversidade das religiões. Um discurso racional e sofisticado, cujo fascínio provocado abriu portas para trocas culturais e fluxos de mestres indianos para o Ocidente, bem como de ocidentais ‘orientalizados’ para a Índia. Já os movimentos brasileiros são lembrados porque as vanguardas artísticas do século 20 nos falam de um processo de construção/afirmação identitária que passava não só por assimilar o outro, como também por promover arranjos em que coexistiam o tradicional e o moderno, sem que houvesse um esquema de superação entre eles.

Esses momentos históricos são o solo para a compreensão do caráter dialógico e flexível dos métodos de autoconhecimento e transformação propostos por gurus hinduístas em geral — e do método do Caminho do Coração em particular —, muito embora essa dimensão, por vezes, se perca em formulações essencialistas.

Assim, no capítulo 1, parto de um relato da minha viagem à Índia em 2011 (que passei a ver como um pré-campo para este trabalho, embora não tivesse isso em mente à época), quando se deu meu primeiro contato com uma linhagem de yogis, justamente em um dos *ashrams* da tradição inspirada nos ensinamentos do Swami Sivananda, nome em torno do qual se estrutura um movimento internacional claramente influenciado pelo contexto que abordo —

e que só tempos depois vim a compreender. Compartilho, ainda, alguns exemplos e materiais nos quais se observa essa tal visão hinduísta-universalista que se dispõe a dialogar com as tradições judaica e cristã, por exemplo — mas que, no entanto, nem sempre se traduziu em uma valorização do pluralismo religioso indiano considerando suas múltiplas manifestações comunitárias no subcontinente.

No capítulo 2, apresento a história de Janderson Fernandes de Oliveira, o homem que veio a se tornar Sri Prem Baba, levando em conta desde sua infância e história de família, passando por sua trajetória espiritual, tecida pelas mais diversas influências, até chegar no contexto em que o Caminho do Coração foi criado. Sua base, segundo Beatriz Labate (2004), seria um tripé formado pelo Santo Daime, por influências orientais (destacando-se aí o mestre indiano Bhagwan Shree Rajneesh, também conhecido como Osho) e por terapias Nova Era. Semelhantemente ao capítulo 1, aqui também a referência histórica oferece um solo para situar as hibridizações presentes nas origens do método psico-espiritual criado por Janderson, bem como oferece pistas originárias do talento de Prem Baba para transitar entre mundos, estabelecendo pontes.

O capítulo 3 é regido pela indagação quanto aos pontos de contato entre a missão da linhagem *Sachcha* e o método do Caminho do Coração hoje. Primeiramente, apresento o método na forma como se estrutura hoje, segundo as próprias definições de Prem Baba. Em seguida, busco dar conta da variedade de formas que esse método pode assumir de acordo com o contexto cultural, locais de encontros com o guru ou meios de transmissão dos ensinamentos. Em suma, elementos que evidenciam o caráter de “pedagogias para a transformação”, para usar a expressão de Dilip Loundo (2011), dos métodos inspirados no conhecimento ancestral indiano. Ao mesmo tempo, parecem confirmar o que Amanda Lucia (2014) sugere: o papel dos gurus contemporâneos como preservadores de uma tradição que, precisamente por meio de seus variados métodos, constantemente se atualiza.

## **CAPÍTULO 1. As origens do hinduísmo que ganhou o mundo: tradição e adaptação na dinâmica global**

Neste capítulo, dedico-me a situar um certo hinduísmo, até hoje conhecido e disseminado mundialmente, como fruto de um contexto histórico bem demarcado, a partir do qual é possível refletir acerca do caráter adaptativo dos métodos utilizados por gurus indianos ao longo do tempo. Aqui, parto do relato de uma experiência na Índia, em 2011, que se justifica por três motivos: primeiro, porque esclarece em que circunstâncias me deparei com o objeto de pesquisa em questão; segundo, para, ainda que brevemente, possibilitar uma ambientação na rotina de um *ashram* de um movimento global, inspirado na figura de um guru indiano, frequentado por buscadores do mundo inteiro; terceiro, para demonstrar que meu primeiro contato com a cultura do subcontinente *in loco* se deu no ambiente de uma linhagem que se definia tanto por ser porta-voz de uma tradição quanto por seu discurso universalista e sua proposta de internacionalização — ou seja, trata-se de uma ilustração e problematização prévia para o contexto histórico apresentado na sequência.

### *1.1 - Reflexões sobre o hinduísmo global a partir de uma experiência Sivananda*

Posso dizer que o embrião deste trabalho se localiza, temporal e espacialmente, em 2011, na Índia, mas não só porque ouvi falar de Sri Prem Baba pela primeira vez naquela noite de junho, em Rishikesh. Minha viagem começara quatro semanas antes, a 180 quilômetros dali, na vila de Netala, em Uttarkashi. Lá vivi uma experiência monástica ao participar do Curso de Formação de Professores de Yoga Sivananda<sup>37</sup>, inspirado nos ensinamentos do Swami Sivananda (1887-1963) e baseado na metodologia desenvolvida, no final da década de 1960, por seu discípulo, Swami Vishnudevananda (1927-1993). Este, inspirado por uma visão que lhe viera em sonho, tinha o objetivo declarado de treinar lideranças do mundo inteiro nas disciplinas do yoga a fim de que, assim, se instaurasse a paz num planeta à época assombrado pela Guerra Fria e testemunhando o auge da Guerra do Vietnã<sup>38</sup>.

De acordo com o material de estudo que todos recebíamos, o *Sivananda Yoga Teachers' Training Manual*, Sivananda nasceu Kuppuswami, filho de uma “ilustre família”, no dia 8 de setembro de 1887, em Tamil Nadu, no sul da Índia. Quando criança, já demonstrava “tendências

---

<sup>37</sup> Ou *Teachers Training Course*, comumente chamado de TTC.

<sup>38</sup> SIVANANDA Yoga Teachers' Training Manual. Val Morin: [s.n.], 2010, p.1.10.

espirituais”, devotando-se aos estudos e práticas do *Vedānta*<sup>39</sup>. Apesar da família ortodoxa, era piedoso e dono de uma mente aberta e livre de preconceitos. Sua vontade de servir à humanidade o levou a fazer medicina, tendo atuado como médico, durante anos, na empobrecida Malásia de então, onde também editou um jornal sobre saúde. Mas, sentindo que nada disso era suficiente, terminou por desistir da carreira. Voltou para a Índia e, depois de vagar por um ano, se estabeleceu em Rishikesh, em 1924, onde praticou intensas austeridades. Até que encontrou seu guru, o Swami Vishwananda, tornou-se um renunciante e passou a adotar o nome de Swami Sivananda Saraswati. Segundo se conta, passou a maior parte dos sete anos seguintes em meditação, mas mesmo nesse período atendeu a pessoas doentes na pequena clínica que ele próprio abriu. Aos poucos, discípulos começaram a se reunir ao seu redor. De 1930 em diante, fez viagens frequentes pela Índia e Sri Lanka “agitando os corações e almas de milhares de pessoas com o seu magnetismo espiritual, forte voz vibrante e grande poder de oratória”<sup>40</sup>. Nessas andanças, transmitia suas lições e ensinava às pessoas a se manterem fortes e saudáveis com a prática de posturas de yoga (*āsana*), exercícios de respiração (*prāṇāyāma*) e limpeza e purificação do corpo (*kriyā*). “Acima de tudo, ele exortou seu público a se esforçar constantemente para o desenvolvimento espiritual”<sup>41</sup>.

Com o objetivo de disseminar o conhecimento espiritual e de treinar pessoas nas técnicas de Yoga e no *Vedānta*, ele fundou monastérios, organizações e movimentos: em 1932, o Ashram Sivananda de Rishikesh; em 1936, a Divine Life Society; e, em 1948, a Yoga Vedanta Forest Academy. Seus ensinamentos “cristalizaram os princípios básicos de todas as religiões, combinando todos os caminhos do yoga em um — o Yoga da Síntese” e, assim, o swami conquistou “discípulos em todo o mundo, pertencentes a todas as nacionalidades, religiões e credos”<sup>42</sup>.

Já a história de Swami Vishnu-Devananda — apresentado como autoridade mundial em *haṭha*<sup>43</sup> e *rājayoga*<sup>44</sup>, além de “missionário da paz” — se relaciona diretamente à disseminação

<sup>39</sup> “Conclusão, essência ou culminação dos Vedas”. Tradição teológica e filosófica altamente influente na Índia, que incorpora inúmeras diferentes escolas, sendo listada nos trabalhos modernos como uma das seis escolas “ortodoxas” de filosofia. O termo também se refere aos Upaniṣads, a parte final dos Vedas. Cf. JOHNSON, W.J. **Oxford Dictionary of Hinduism**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2009.

<sup>40</sup> No original: “...stirring the hearts and souls of thousands with his spiritual magnetism, strong vibrant voice and great power of oratory”. SIVANANDA Yoga Teachers' Training Manual. Val Morin: [s.n.], 2010, p. 1.7.

<sup>41</sup> “Above all, he exhorted his audiences to strive constantly for spiritual development”. Ibidem, p.1.7.

<sup>42</sup> “...crystallized the basic tenets of all religions, combining all yoga paths into one — the Yoga of Synthesis” / “...disciples around the world, belonging to all nationalities, religions, and creeds”. Ibidem, p.1.7.

<sup>43</sup> “Yoga da força”. Forma de prática yoguica estruturada para que a liberação seja alcançada a partir da purificação e manipulação do corpo do praticante. Cf. verbete: JOHNSON, W.J. **Oxford Dictionary of Hinduism**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2009.

<sup>44</sup> “Yoga real”. Um sinônimo para o sistema clássico apresentado no Yoga Sūtra de Patanjali. Cf. verbete. Idem, Ibidem.

do método Sivananda pelo mundo com um sentido de missão, considerando que ele viajou para a América do Norte em 1957 a pedido do próprio mestre<sup>45</sup>. Autor do *best seller* ‘O Livro de Yoga Completo e Ilustrado’, ele sistematizou o conhecimento que apreendeu, apresentando-o com uma linguagem de fácil compreensão e, como o título anuncia, utilizando fotografias com demonstrações das posturas — vale observar que o jovem retratado na obra é o próprio swami —, incluindo variações, considerando os diferentes níveis dos praticantes.

Em sintonia com o seu guru e com outros mestres de seu tempo, apresentou o yoga como um método universal e científico, prático, capaz de eliminar o sofrimento e as aflições da vida, “preparado para encontrar a verdade na religião” (VISHNU-DEVANANDA, 2004, p.5)<sup>46</sup>:

O propósito da vida é alcançar, ainda durante a vida, um estado livre de morte, dor, tristeza, velhice, doença e renascimento. Para remover essas aflições, toda religião tem seus dogmas. Muitos praticantes das religiões seguem cegamente seus líderes sem saber o objetivo da vida e da religião, e se satisfazem com a mera crença sem a prática, da mesma forma que muitos líderes religiosos de muitas fés pedem às pessoas que sigam seus líderes cegamente. Essa ação do cego liderando o cego desviou muitos buscadores sinceros de seu verdadeiro caminho por falta de crença no conhecimento teórico.

Todos os fundadores das religiões viram Deus; todos eles viram suas próprias almas, todos eles viram a eternidade como seu futuro. O que eles viram, tornou-se sua pregação. Eles proporcionaram métodos para alcançar esse estado de experiência ou conhecimento em que todos poderiam ver a natureza de sua alma eterna e imortal. Os modernos seguidores e professores *religiosos*, mais ocupados em pregar que em praticar, argumentam que essas experiências foram possíveis apenas para os fundadores da religião[...]. Cada homem precisa experimentar a verdade dentro de si mesmo; somente então todas as suas dúvidas se dissiparão e todas as suas infelicidades desaparecerão. Cristo disse: “Se permanecerdes no meu ensino, verdadeiramente sereis meus discípulos. Então conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. S. João 8:31,32.

A ciência do *Yoga* oferece um método prático cientificamente preparado para encontrar a verdade na religião. Como toda ciência tem seu próprio método de investigação, também a ciência do *Yoga* tem seu método e declara que a verdade pode ser experimentada. (VISHNU-DEVANANDA, 2004, p.5).

A história de vida de Vishnu-Devananda, como a de Sivananda, é contada e valorizada pela organização: ele nasceu em 1927, também no sul da Índia, no estado de Kerala. O episódio do encontro com seu guru é assim relatado: um dia, quando ainda era um jovem militar do exército indiano, ao procurar por um papel perdido na lixeira, encontrou um artigo intitulado “20 Instruções Espirituais”, que o impactou a ponto de fazê-lo embarcar numa viagem de 36

---

<sup>45</sup> INTERNATIONAL SIVANANDA YOGA VEDANTA CENTRES. **Swami Vishnu-Devananda**. Val Morin, Quebec: Sivananda.org, [?]. Disponível em: <https://www.sivananda.org/teachings/swami-vishnudevananda.html>. Acesso em: 15 dez. 2017.

<sup>46</sup> VISHNU-DEVANANDA, Swami. **O Livro de Yoga Completo e Ilustrado**. [1.ed.]. Tradução de Laura Bocco. Montevideo: International Sivananda Yoga Vedanta Centers, 2004.



horas até Rishikesh, com o objetivo de encontrar o autor do texto: Swami Sivananda. Durante a breve visita, ficou tão impressionado com o mestre que decidiu voltar o quanto antes<sup>47</sup>.

Em sua segunda visita, o jovem discípulo recebeu duas lições poderosas de Swami Sivananda. A primeira lição veio quando Swami Vishnudevananda se sentiu muito tímido e um pouco arrogante para se curvar ao Guru Swami Sivananda. Então, o Mestre Swami Sivananda se prostrou completamente diante do jovem estudante, demonstrando a lição da humildade. A segunda lição veio durante o Arati (cerimônia de adoração) para Ganga (rio Ganges). Swamiji estava perplexo e cheio de dúvidas ao ponderar por que pessoas inteligentes poderiam adorar o que cientificamente é apenas H<sub>2</sub>O. O Mestre, então, sorriu sutilmente e olhou para Swamiji, que, instantaneamente, viu o rio como uma luz cósmica vasta e brilhante. Swami Sivananda, nesse momento, convidou o jovem a permanecer no Ashram para estudar e se tornar um Yogi. Swami Vishnudevananda respondeu espontaneamente: ‘sim’<sup>48</sup>.

Depois de 10 anos de aprendizado, período em que foi treinado em “todos os aspectos do Yoga”, chegou o momento da partida. Conta-se que, certo dia, Sivananda entregou a Vishnudevananda uma nota de 10 rúpias, o que não chegava a valer um dólar, e deu suas bênçãos para que o discípulo viajasse rumo ao Ocidente, disseminando os ensinamentos do *Vedānta*. “As pessoas estão esperando”, teria dito o mestre<sup>49</sup>.

O empurrão do mestre resultou em uma expansão impressionante: Vishnudevananda fundou e dirigiu vários Centros Internacionais Sivananda de Yoga Vedanta ao redor do mundo. Segundo o texto de divulgação no site da organização, o sucesso da empreitada se deve em boa medida ao método que desenvolveu: “um de seus toques geniais foi sintetizar esses antigos e vastos ensinamentos em cinco princípios do Yoga fáceis de entender e convenientes de incorporar na prática diária”<sup>50</sup>.

É interessante notar que, assim como o “Yoga da Síntese” de Sivananda foi exaltado por reunir os “princípios básicos de todas as religiões e combinar todos os caminhos do yoga em um”<sup>51</sup>, o que atraiu discípulos do mundo inteiro, a grande contribuição de Vishnu-

---

<sup>47</sup> Disponível em: <https://www.sivananda.org/teachings/swami-vishnudevananda.html>. Acesso em: 15 dez. 2017.

<sup>48</sup> “On his second visit, the young disciple received 2 powerful lessons from Swami Sivananda. The first lesson came when Swami Vishnudevananda felt too timid and a bit arrogant to bow to the Guru Swami Sivananda. So the Master Swami Sivananda prostrated fully before the young student demonstrating the lesson of humility. The second lesson came during Arati (worship ceremony) to Ganga (Ganges river). Swamiji was perplexed and doubtful as he pondered why intelligent people would worship what scientifically is merely H<sub>2</sub>O. The Master then smiled subtly and gazed at Swamiji who instantly beheld the river as a vast, bright, cosmic light. Swami Sivananda then invited the young boy to remain at the Ashram to study and become a Yogi. Swami Vishnudevananda spontaneously replied ‘Yes’”. Tradução nossa. Idem.

<sup>49</sup> “[He] gave Swamiji a 10 rupee note (less than a dollar!) and his blessings to travel to the West and spread the teachings of Vedanta. ‘People are waiting’ were the words of the Master”. Tradução nossa. Idem.

<sup>50</sup> “One of his brilliant touches was to summarize these ancient and vast teachings into five principles of Yoga which are easy to understand and convenient to incorporate in one's daily practice”. Disponível em: <https://www.sivananda.org/teachings/swami-vishnudevananda.html>. Acesso em: 15 dez. 2017

<sup>51</sup> SIVANANDA Yoga Teachers' Training Manual. Val Morin: [s.n.], 2010, p. 1.7.

Devananda teria sido adaptar a disciplina ancestral de maneira que coubesse no cotidiano da vida moderna. Nesses dois exemplos, percebe-se uma dinâmica a que Amanda Lucia (2014) se refere: uma certa centralidade dos métodos, que se apresentam não só como adaptáveis a tempos e lugares, mas sobretudo como distintivos e diferenciais da atuação de mestres hindus globais — quem, por sua vez, manteriam vivas as suas tradições precisamente a partir das releituras contemporâneas que as atualizam. Voltarei a falar sobre esse assunto mais detidamente no capítulo 3, mas já gostaria de chamar a atenção para sua centralidade neste trabalho.

Por ora, vale dizer que o objetivo de disseminar os ensinamentos do yoga surtiu efeito: o *ashram* de Netala, onde fiquei — também chamado de ‘Sivananda Kutir’, por ser o lugar onde Sivananda costumava se retirar —, era apenas um entre nove *ashrams* e 36 centros da organização espalhados pelo planeta. Além de outros dois no sul da Índia — nos estados de Kerala e Tamil Nadu —, há o *ashram*-sede mundial que fica no Canadá — em Quebec, mais precisamente — e dois nos Estados Unidos — nos estados de Nova York e da Califórnia. Existem, também, um nas Bahamas e dois na Europa: em Tirol, na Áustria, e em Orleans, na França. Os 36 centros, entre oficiais e afiliados, estão distribuídos em 21 países: Alemanha, Áustria, Argentina, Bolívia, Brasil, Canadá, China, Espanha, Estados Unidos, França, Índia, Indonésia, Inglaterra, Israel, Itália, Jamaica, Japão, Lituânia, Suíça, Uruguai e Vietnã.

Essa clara aspiração de alcance global se confirmava, ainda, no próprio público participante do curso de formação de professores. Meu grupo era formado por 30 pessoas, sendo 25 mulheres e 5 homens, de 18 países diferentes: uma sul africana, um alemão, uma australiana, um casal de austríacos, duas brasileiras (contando comigo), cinco mulheres canadenses, uma sul coreana, um dinamarquês, uma espanhola, uma americana, uma filipina, seis indianos (sendo cinco mulheres e um homem), duas inglesas, uma irlandesa radicada na Nova Zelândia, uma japonesa, um libanês criado nos Estados Unidos, uma suíça e uma taiwanesa.

O formato de um mês do curso, segundo explicitado no material da organização, era inspirado no sistema de *gurukula* da Índia Antiga (FLOOD, 2014, p. 315)<sup>52</sup> — segundo o qual os estudantes, ao completarem oito anos, moravam, trabalhavam e estudavam com seus

---

<sup>52</sup> Aqui cito a definição da própria organização Sivananda, embora Gavin Flood (2014, p. 315) se refira a esse sistema como escolas fundadas pelo movimento Ārya Samāj, na esteira das reformas que, como veremos adiante, tiveram lugar na Índia no século XIX. Segundo o autor, elas existem até hoje em toda a Índia. Cf. FLOOD, Gavin. **Uma introdução ao Hinduísmo**. Juiz de Fora: UFJF, 2014. Já de acordo com a definição do Dicionário de Hinduísmo da Universidade de Oxford, a expressão significa, literalmente, “casa do guru” e se refere a estabelecimentos religiosos ou escolas que seguem a tradição bramânica de estudo celibatário na residência do mestre — tradição essa que a Ārya Samāj buscou reavivar em escolas para alunos entre quatro e 20 anos, de ambos os sexos. Cf. JOHNSON, W.J. **Oxford Dictionary of Hinduism**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2009.

professores por um período de 12 anos. No entanto, fora adaptado e desenhado “em conformidade com o temperamento moderno”<sup>53</sup>.

Nossa rotina diária consistia em:

5h30	Acordar
6h	<i>Satsaṅg</i>
8h	Prática de <i>āsana</i> e <i>prāṇāyāma</i>
10h	<i>Brunch</i>
11h	<i>Karma Yoga</i>
12h	<i>Bhagavadgītā</i> ou cântico de <i>kirtans</i>
14h	Preleção principal, sobre filosofia ou anatomia
16h	Prática de <i>āsana</i> e <i>prāṇāyāma</i>
18h	Jantar
19h30	<i>Satsaṅg</i>
22h	Luzes apagadas

Além dessa programação, de frequência obrigatória, eram realizados *pūjā* diariamente às 5h (participação opcional) e, também, esporadicamente à noite, no horário do *satsaṅg*. Tratava-se de uma grade curricular estruturada para contemplar os cinco pontos do yoga, segundo a tradição Sivananda — 1) exercício físico adequado, 2) respiração adequada, 3) relaxamento adequado, 4) alimentação adequada, 5) pensamento positivo e meditação — a partir da prática dos chamados quatro caminhos, sendo eles: o da devoção (*bhakti-yoga*), o da ação desinteressada (*karma-yoga*), o filosófico (*jñāna-yoga*) e o científico (*rājayoga*)<sup>54</sup>.

O dia começava e terminava com um *satsaṅg* de uma hora e meia de duração. Eram 30 minutos de meditação silenciosa, seguidos de 30 minutos dedicados aos cânticos devocionais (*kīrtan*) e 30 minutos de uma fala baseada em perguntas do grupo ou, caso não surgisse nenhuma, em trechos dos livros do Swami Sivananda. Dois indianos se revezavam na condução dos *satsangs*: Kapoorji, diretor do Centro Sivananda de Nova Delhi, e Mathaji, a *swami* que dirigia o *ashram* de Netala.

As aulas de *āsana* e *prāṇāyāma* da manhã e da tarde se distinguiam uma da outra, embora quase sempre estivéssemos com o mesmo professor, Sukhadevi, um libanês radicado no Canadá que havia convivido com Vishnu-Devananda em Quebec. Na primeira aula do dia,

<sup>53</sup> SIVANANDA Yoga Teachers' Training Manual. Val Morin: [s.n.], 2010, p. 1.5.

<sup>54</sup> INTERNATIONAL SIVANANDA YOGA VEDANTA CENTRES. **TTC Curriculum**. Val Morin, Quebec: Sivananda.org, [?]. Disponível em: <https://www.sivananda.org/yoga-teacher-training/ttc-curriculum.html>. Acesso em: 10 dez. 2017.

aprendíamos a ensinar yoga, treinando uns com os outros, sendo instruídos teoricamente também. Já as da tarde eram voltadas para a nossa prática pessoal.

O *karma-yoga* — que, em linhas gerais, significa realizar uma ação sem intenção de retorno — consistia em ajudar nas tarefas domésticas, tais como varrer e limpar as dependências comuns, cozinhar, servir refeições, etc.

Kapoorji e Mathaji também se revezavam na condução das aulas teóricas que frequentávamos de meio-dia às quatro da tarde (com dois intervalos para o *chai*). A programação consistia em: 1) aprender sânscrito básico, a partir da compreensão e tradução dos *kirtans*; 2) leitura comentada do *Bhagavadgītā*<sup>55</sup>; 3) explicações sobre a filosofia *Vedānta*; 4) uma espécie de anatomia comparada, em que se explicitavam as relações de teorias e técnicas do yoga e sua ação nos órgãos e sistemas do corpo humano. Um conteúdo que, combinado, além de endossar a importância dos quatro caminhos do yoga, também reforçava a proposta dialógica dos mestres fundadores em relação ao Ocidente e outras tradições religiosas, bem como buscava conferir credibilidade ao conhecimento milenar a partir de uma abordagem moderna e científica, estabelecendo, inclusive, conexões com pensadores ocidentais, ainda que de maneira muito superficial.

Assim, as aulas teóricas não só exaltavam o caminho filosófico (*jñāna-yoga*), enfatizado sempre como o mais difícil, mas também: propiciavam um mergulho na textualidade e simbologia dos cânticos devocionais (*bhakti-yoga*); enalteciam a figura de Arjuna, o herói do *Bhagavadgītā*, tido ali como um *karma yogi* exemplar<sup>56</sup>; e valorizavam a abordagem científica (*rājayoga*), apresentada como completa e eficaz, por compreender o corpo humano não só a partir dos sistemas catalogados pela ciência ocidental, mas também considerando aspectos mais sutis e energéticos — além do destaque conferido às influências da dieta vegetariana. Sobre este assunto, diz o manual da organização:

‘Somos constantemente bombardeados com estímulos que compõem a dieta do nosso estilo de vida. Nosso ambiente é formado pela comida que comemos, o ar que respiramos, as coisas que vemos, sentimos, ouvimos e tocamos, o que, por sua vez, influencia e molda profundamente nosso ambiente interno. Nós somos o que comemos, literalmente, pois a mente é construída a partir das partes mais sutis de nossa dieta e o corpo, do resto. Alcançar o objetivo da vida, encontrar contentamento e perfeição requer uma mente tranquila e focada. Controlar a mente é difícil, porque na realidade ela está muito sob o controle do nosso corpo físico. Portanto, é sugerido

---

<sup>55</sup> Todos os alunos do curso recebiam um kit de livros, entre eles uma edição do *Bhagavadgītā*. O texto de 700 versos, cujo título significa “A canção do Senhor”, retrata um episódio do épico hindu *Mahābhārata*. Cf. ŚRĪMAD Bhagavadgītā (With English Translation & Transliteration). 11. ed. Gorakhpur, Índia: Gita Press, 2010.

<sup>56</sup> Embora o *Bhagavadgītā* explicita a importância de três desses caminhos (*bakti*, *jñāna* e *karma yoga*), a história se desenvolve a partir dos dilemas de Arjuna em relação a agir ou não de acordo com seu *dharma* (dever), e esse ponto foi bastante explorado no *ashram* Sivananda. Cf. Idem.

que primeiro disciplinemos e controlemos o corpo físico e, então, ‘a mente pode ser facilmente controlada. A dieta desempenha um papel importante nesse processo.’

Swami Vishnu-devananda

A dieta ‘adequada’ da ioga é, tradicionalmente, a lacto-vegetariana, consistindo de grãos, legumes, frutas, legumes, nozes, sementes e produtos lácteos. Além de ser simples, natural e saudável, essa dieta leva em conta o efeito sutil dos alimentos na mente e no *prāna* [energia vital]. Há uma série de razões para seguir uma dieta vegetariana: física, espiritual, psicológica, moral e macroeconômica<sup>57</sup>.

No que se refere à proposta de diálogo interreligioso, ela se fazia presente de diferentes maneiras, como, por exemplo, no fato de imagens de Jesus Cristo e Buda comporem o altar, junto aos mestres e deidades hindus. Mas também vale destacar que todo o material didático do curso sinalizava essa predisposição, mesmo o livro de *kīrtan*. Já nas primeiras páginas deste se lia: “no canto não há religião, assim como o coração não tem religião”<sup>58</sup>. Eram vários os cânticos devocionais que, de alguma forma, traziam referências das grandes religiões mundiais. No livro de *kīrtan* havia, por exemplo, a afirmação de que a sacralidade dos cânticos não se constituía um monopólio da tradição hindu:

Kirtan significa cantar o nome de Deus com sentimento. Tal canto tem um efeito benigno nos corpos físico e sutil. É um excelente método para acalmar os nervos e direcionar as emoções a um objetivo positivo. Enquanto os mantras estão em sânscrito, os kirtans podem ser cantados em qualquer idioma. Os hinos cristãos, por exemplo, são Kirtan<sup>59</sup>.

Durante o *Āratī*, a cerimônia do fogo que encerrava o momento dos cânticos sagrados, realizada duas vezes por dia, sempre havia o momento de saudar Jesus, Moisés, Buda e Maomé:

*jaya jaya āratī jesus grave*

---

<sup>57</sup> “We are constantly bombarded with stimuli, and these make up the diet of our lifestyle. From the food we eat, the air we breathe, the things we see, feel, hear and touch, our environment is formed and this in turn profoundly influences and shapes our internal environment. We are what we eat literally, for the mind is constructed out of the subtlest parts of our diet and the body from the rest. To achieve the goal of life, to find contentment and perfection requires a peaceful and focused mind. To control the mind is difficult since it is in reality very much under the control of our physical body. It is therefore suggested that we first discipline and control the physical body and the mind may be easily controlled. Diet plays an important part in this process. (Swami Vishnu-devananda)

The ‘proper’ yoga diet is traditionally a lacto-vegetarian one, consisting of grains, pulses, fruits, vegetables, nuts, seeds and dairy products. As well as being simple, natural and wholesome, this diet takes into account the subtle effect of food has on the mind and the prana. There are a number of reasons to follow a vegetarian diet: physical, spiritual, psychological, moral and macro-economic”. SIVANANDA Yoga Teachers’ Training Manual. Val Morin: [s.n], 2010, p.6.19. Tradução nossa.

<sup>58</sup> “In chanting there is no religion as the heart has no religion”. SIVANANDA Chant Book. 3rd. ed. Chennai: International Sivananda Yoga Vedanta Centre, 2003, p.3.

<sup>59</sup> “Kirtan is singing of God’s name with feeling. Such singing has a benign effect on both the physical and subtle bodies. It is an excellent method of soothing the nerves and directing the emotions to a positive goal. While the mantras are in Sanskrit, the Kirtans can be sung in any language, for example, the Christian hymns are Kirtan.”. Id., Ibid., p.5.

*moses gurave buddha grave  
jaya jaya āratī muhammad gurave [...]*<sup>60</sup>

Uma série de outros *kirtans* mencionavam os mestres das grandes religiões mundiais e seus nomes ali se misturavam aos das deidades hindus. Em um deles, havia até mesmo um convite explícito para a inclusão de outras deidades não citadas diretamente:

*om hari om hari om hari om hari om hari om  
om hari om hari om hari om hari om hari om  
om kṛṣṇa...  
om durgā...  
om Jesus...  
(O nome de outros deuses e deusas podem ser acrescentados)*<sup>61</sup>

Em outro, a letra em inglês assim afirmava o discurso interreligioso: “Os caminhos são muitos, mas a Verdade é uma/ Ame o teu vizinho como a ti mesmo/ Os nomes são muitos, mas Deus é um/ Ame o teu vizinho como a ti mesmo”. Além disso, os nomes de mestres, santas e deidades, tanto masculinas quanto femininas, eram apresentados aos pares, sugerindo-se uma equivalência entre eles: “Krishna, Jesus é teu nome”, “Jesus, Moisés é teu nome”, “Moisés, Maomé é teu nome”, “Durga, Maria é teu nome”, “Maria, Radha é teu nome”<sup>62</sup>.

Vale observar que, apesar das constantes menções ao budismo e ao islamismo, nos *kirtans* havia uma proposta de abertura mais explícita e direcionada ao mundo judaico e cristão. Um dos cânticos, por exemplo, homenageava a Virgem Maria:

Ó Mãe Santíssima / Meu coração está em chamas  
Amar e te servir é meu único desejo  
Ave ave ave Maria / Ave ave ave Maria

Ó Abençoado Mestre / Meu coração está em chamas  
Amar e te servir é meu único desejo

<sup>60</sup> Id., Ibid., p.114.

<sup>61</sup> “*om hari om hari om hari om hari om hari om  
om hari om hari om hari om hari om hari om  
om kṛṣṇa...  
om durgā...  
om Jesus...*

(Other Gods and Goddess name can be added)”. Id., Ibid., p.50.

<sup>62</sup> “The paths are many but the Truth is one. /Love thy neighbor as thyself  
The names are many but God is one. /Love thy neighbor as thyself.  
[...]

Krishna Jesus is thy name;/Love thy neighbour as thyself/

Jesus Moses ...../Moses Mohammed.....

Mohammed Allah..... /Allah Buddha.....

Buddha Guru Nanak...../ Durga Mary.....

Mary Radha...../Radha Sita.....” Cf. SIVANANDA Yoga Teachers' Training Manual. Val Morin: [s.n], 2010, p.5.

*śiva śiva śivānanda, śiva śiva śivānanda*<sup>63</sup>

Já outro trazia uma síntese da Oração de São Francisco<sup>64</sup>. Havia, ainda, uma sessão de *kirtans* cujas letras eram compostas, parcial ou totalmente, de palavras em hebraico — sendo uma delas inspirada no Salmo 121:

*Esah Enai El Heharim Me'ayin Ya-vo Ezri (x2)*  
*Ezri, Me'eem Hashem Oshe Sha-mayim V'Ah-retz (x2)*

Eu elevo meus olhos para as montanhas  
De onde, de onde vem minha ajuda  
Meu socorro vem do Senhor  
Criador do Céu e da Terra (x2)

*Shma Yisrael*  
*Shma Yisrael Adonai Eloheinu Adonai Ehad*  
Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus, o Senhor é um<sup>65</sup>

No entanto, tal inclinação para o diálogo envolvia algumas sutilezas: se, por um lado, havia uma abertura para o cristianismo e mesmo para o judaísmo, bem como a apresentação de um hinduísmo inclusivo e superior pelo fato mesmo de acolher diferenças, de outro desqualificava-se certas formas de crenças e cultos hindus, entendidos como pertencentes a uma natureza inferior. Essa hierarquização podia ser percebida a partir de interpretações do *Vedānta*, como por exemplo a noção das três *gunas* (qualidades): *Sattva*, *Rajas* e *Tamas*<sup>66</sup>. Um dos capítulos do manual, intitulado “Três Tipos de Professores, Três Tipos de Estudantes”<sup>67</sup>, é dedicado a exemplificar como a influência das três *gunas* (CHATTERJEE & DATTA, 1948, pp. 299-303) resultam em determinados tipos de comportamento e caráter ético-religioso:

---

<sup>63</sup> “Oh Blessed Mother My heart is on fire,  
To love and to serve thee Is my only desire  
Ave ave ave Maria, Ave ave ave Maria

Oh Blessed Master My heart is on fire  
To love and to serve thee Is my only desire  
*śiva śiva śivānanda, śiva śiva śivānanda*”.

Cf. SIVANANDA Chant Book. 3rd. ed. Chennai: International Sivananda Yoga Vedanta Centre, 2003, p.71, tradução nossa.

<sup>64</sup> Id., Ibid., p.72.

<sup>65</sup> Id., Ibid., p.75.

<sup>66</sup> Constituintes do universo de Maya, elas estariam presentes, em graus variáveis, em todos os objetos brutos ou sutis — incluindo a mente, o intelecto e o ego. A primeira manifestando-se como pureza e conhecimento, a segunda, como atividade e movimento e a terceira, como inércia e preguiça. Cf. SIVANANDA Yoga Teachers' Training Manual. Val Morin: [s.n], 2010, p.2.8.

<sup>67</sup> “Three Types of Teachers, Three Types of Students”. Id., Ibid., p.2.9.

Como as três gunas existem em tudo, há também três tipos de pessoas religiosas: o entendimento das pessoas sáttvicas sobre a religião não é fanático. Elas percebem que a Verdade é inerente a outras religiões, assim como à sua própria.

Uma pessoa religiosa rajásica, no entanto, acha que “meu Deus” e “minha religião” são os melhores e os únicos corretos. Então você tem seitas religiosas brigando não por causa da religião, mas por causa de suas atitudes *rajas*. “Eu sou um cristão e só meu Deus é real”. “Sou hindu e adoro o Senhor Krishna, e qualquer adoração que não seja para o Senhor Krishna não é boa”. Significa que “a menos que você adore meu Deus, você não irá para o céu”.

Onde quer que exista *rajas*, o eu e o meu são predominantes. Então, a religião se torna muito fanática. Mesmo no hinduísmo você encontra diferentes seitas: Shaivas, Vaishnavas e Shaktas. Aqueles que adoram Shiva não pronunciam o nome de Vishnu, Krishna ou Rama. Aqueles que adoram Vishnu não pronunciam o nome de Shiva, e eles lutam entre si. Alguns Shaivas chegam ao ponto de colocar um pequeno sino de vaca em seus ouvidos. Se alguém disser o nome Krishna, eles irão sacudir a cabeça para que o nome não entre no ouvido, pois isso é pecado para eles. O fanatismo é a religião *rajas*.

Uma pessoa tamásica adora espíritos demoníacos inferiores e pode vir a praticar “magia negra”<sup>68</sup>.

Assim, um estudante satívico “não é um seguidor cego; ele não imita meramente”, enquanto que o estudante rajásico “é um seguidor que acredita que seu professor tem uma fórmula mágica. O ‘meu’ em tudo é importante: ‘Meu professor’, ‘minha religião’, ‘meu Deus’”. Além disso, “estudantes rajásicos são normalmente também interessados em coisas como quiromancia, astrologia e outras ciências ocultas”. Por sua vez, os estudantes tamásicos, os quais “tendem a mal interpretar todos os ensinamentos espirituais”, se interessam por ocultismo e “frequentemente recorrem ao uso de amuletos e encantos. Eles muitas vezes se envolvem em vodu, adoração aos mortos, etc”<sup>69</sup>.

## **Diálogo com a Ciência e o pensamento ocidentais**

---

<sup>68</sup> “As the three gunas exist in everything, there are also three types of religious people: Sattvic people's understanding of religion is not fanatical. They realize that Truth is inherent in other religions as well as their own.

A rajasic religious person, however, think ‘my God’ an ‘my religion’ is the best, and the only correct one. So you have religious sects fighting, not because of the religion, but because of their rajas attitudes. ‘I am a Christian and my God alone is real’. ‘I am a Hindu, and I worship Lord Krishna, and any worship other than to Lord Krishna is no good’. It means, ‘unless you worship my God, you won't go to heaven’. Ibid. p.2.9.

Wherever there is rajas, I-ness and my-ness are predominant. So the religion becomes very fanatical. Even within Hinduism, you find different sects: Shaivites, Vaishnavites, and Shaktas. Those who worship Siva will not utter the name of Vishnu, Krishna or Rama. Those who worship Vishnu will not utter Siva’s name, and they fight each other. Some Shaivites go so far as to put a small cow bell in their ears. If someone says the name Krishna, they will shake their head so the name will not enter the ear, for this is a sin for them. Fanaticism is rajas religion.

A tamasic person worship lower demoniac spirits; he may practice ‘black magic’”. Tradução nossa. Id., Ibid. p.2.9.

<sup>69</sup> Cf. SIVANANDA Yoga Teachers' Training Manual. Val Morin: [s.n], 2010, p.2.9 – 2.10.



É importante observar que o *Vedānta*<sup>70</sup> e o conjunto de disciplinas do *Rājayoga* eram sempre atrelados aos termos Filosofia e Ciência, respectivamente, a despeito das ressalvas ocidentais em relação ao uso dos mesmos para definir sistemas e métodos indianos (BIRCH, 2013; FLOOD, 2014, p.304; HALBFASS, 1988, pp. 145-159)<sup>71</sup>. No entanto, o esforço de conferir credibilidade ao conhecimento milenar se dava não somente a partir da reivindicação dessas terminologias, mas também por meio do estabelecimento de paralelos com o pensamento ocidental — e, algumas vezes, sugerindo-se que filósofos e artistas europeus apenas confirmavam o que na Índia há tempos já se sabia (HALBFASS, 1988, pp. 287-309). Assim, na abertura de um dos capítulos do Manual, intitulado *A Filosofia e o Objetivo do Yoga*, Immanuel Kant, chamado de “o grande filósofo prussiano do século XVIII”, era citado para endossar o argumento da limitação do intelecto como ferramenta de exploração da verdade:

Embora as informações sobre o universo estejam sempre se expandindo, a mente humana nunca está satisfeita, sempre anseia por mais conhecimento. No entanto, como observou Kant, o grande filósofo prussiano do século XVIII, o intelecto, em última análise, chega a um ponto além do qual não pode penetrar. O intelecto não pode responder a questões como: Qual é o propósito da vida? Quem sou eu? Para onde irei? A morte física é o fim de tudo? Pode-se ver como tolice buscar a verdade com um instrumento tão limitado quanto o intelecto, e tentar medir a desconhecida profundidade de questões eternas com um instrumento finito<sup>72</sup>.

Já no capítulo *The Absolute and Evolution of Prakriti*, estabelecia-se um paralelo entre a manifestação do Absoluto (*Brahman*) e as palavras do poeta romântico inglês Percy Bysshe Shelley:

O Absoluto se tornou o universo, limitado pelo tempo, espaço e causalidade. Essas limitações são como o vidro colorido através do qual o Absoluto é visto e, quando é visto, parece como o universo. O poeta Shelley relatou a mesma ideia quando escreveu: ‘A vida, como uma cúpula de vidro multicolorido, tinge o brilho branco da

---

<sup>70</sup> Gostaria de deixar claro que aqui me refiro a uma interpretação Sivananda do Vedanta.

<sup>71</sup> Segundo Gavin Flood, a “ambiguidade na utilização dos termos ‘teologia’ ou ‘filosofia’ para definir a escola Vedānta deriva, por um lado, das preocupações filosóficas manifestas nas esferas da epistemologia, ontologia e argumentação e, por outro lado, de uma orientação exegética que poderia ser definida como empreendimento ‘teológico’. Estudos contemporâneos sobre o Vedānta tendem a situá-la no contexto de sistema teológico de comentários [...]” (FLOOD, 2014, p.304).

<sup>72</sup> “Although information about the universe is ever increasing, the human mind is never satisfied; it always yearns for more knowledge. However, as Kant, the great eighteenth century Prussian philosopher noted, the intellect ultimately comes to a point beyond which it cannot penetrate. The intellect cannot answer such questions as: What the purpose of life?, Who am I?, Where will I go? Is physical death the end of everything? It can be seen as foolish to search for truth with an instrument as limited as the intellect, to attempt to measure the unknown depth of eternal questions with a finite instrument”. Tradução nossa. Cf. SIVANANDA Yoga Teachers' Training Manual. Val Morin: [s.n], 2010, p.2.17.

eternidade'. A vida a que Shelley alude é Maya, e 'o brilho branco da eternidade' é o Absoluto ou Brahman<sup>73</sup>.

No entanto, a legitimação do conhecimento do Yoga não se dava apenas por meio dessas correlações: as histórias de vida dos próprios mestres da linhagem também serviam a esse propósito. Afinal, antes de ser um mestre espiritual, Swami Sivananda era um médico cujo grande mérito havia sido, à luz da medicina moderna, resgatar os conhecimentos ancestrais do yoga. Esse dado biográfico não só nunca passou despercebido como era enfatizado sempre que possível, sendo tema de um dos nossos 'deveres de casa' e até mesmo questão de prova. Apresentá-lo dessa maneira não apenas conferia credibilidade ao que se ensinava ali: tratava-se mesmo de um diferencial.

Assim, posso dizer que a experiência vivida no *ashram* de Netala, a biografia dos swamis, as aulas práticas e teóricas, bem como o material de estudo apontavam, em síntese, para os seguintes elementos: 1) um projeto de internacionalização, inspirado por um sentido de missão; 2) a centralidade do *Vedānta*; 3) um discurso espiritualista-cientificista, o qual demonstra uma abertura para o Ocidente, mas também sugere uma superioridade indiana; 4) uma Índia veiculada como superpotência espiritual, encarnada por seus yogis; 5) a adaptação de conhecimentos ancestrais de maneira que estivessem "em conformidade com a mente moderna", a partir de metodologias atraentes para públicos ocidentais, embora não se restringissem a eles e cativassem os próprios indianos; 6) o diálogo com grandes religiões, a partir de um discurso universalista que, no entanto, reduz e simplifica a diversidade de tradições religiosas locais e/ou minoritárias.

Esses elementos não podem ser plenamente compreendidos senão a partir do contexto das disputas coloniais que tiveram lugar no subcontinente durante todo o século XIX e primeira metade do século XX. Aí se localizam as origens do assim chamado Renascimento Hindu — cuja base filosófica é, precisamente, o *Vedānta* —, bem como os alicerces da construção do hinduísmo como religião mundial (FLOOD, 2014, p. 39).

---

<sup>73</sup> "The one Absolute became the universe, limited by time, space, and causation. These limitations are like coloured glass through which the Absolute is seen, and when it is seen, it appears as the universe. The poet Shelley related the same idea when he wrote 'Life, like a dome of many-coloured glass, stains the white radiance of eternity'. The life to which Shelley alludes is Maya, and 'the white radiance of eternity' is the Absolute or Brahman." Tradução nossa. Id., Ibid. p.2.37.

## 1.2 - O Renascimento Hindu

Até o princípio do século XIX, a colonização britânica na Índia fora capitaneada pela Companhia das Índias Orientais que, durante seu domínio, de 1765 a 1813, assumiu uma postura neutra e não-intervencionista em relação às práticas sociais e religiosas locais. Estratégias de bom relacionamento com lideranças políticas e religiosas indianas, determinadas pelo interesse em garantir a governabilidade da colônia, traduziram-se em: respeito aos códigos de conduta, tanto hindus quanto muçulmanos; financiamento para a construção de templos; coleta de impostos visando à manutenção das instituições religiosas locais; e proibição da entrada de missões cristãs no subcontinente (OLIVEIRA, 2014, pp. 155-6).

No entanto, a partir de 1813, quando se extinguiu o monopólio da Companhia, a dinâmica dessas relações ganhou novos contornos, sobretudo com a chegada de dirigentes britânicos que acreditavam que o país deveria passar por reformas que o conduzissem à modernidade (OLIVEIRA, 2014, pp. 155-6). Como aponta K. N. Panikkar (2009), as mudanças propostas nesse momento tiveram como premissa a inferioridade da cultura local — e o processo de hegemonização que se deu a partir de então buscou marginalizá-la ou destruí-la, enquanto que, “simultaneamente, nenhum esforço foi poupado para privilegiar o colonial” (PANIKKAR, 2009, p. 22).

Assim, nessa nova etapa da conquista, os nativos foram submetidos ao controle da administração britânica, sob a justificativa de que estava em jogo a melhoria de suas condições morais e materiais:

A oportunidade de libertar os ‘nativos’ do sistema infeliz de opressão do despotismo oriental foi considerada justificativa suficiente para a conquista. A construção de estruturas administrativas, a criação de instituições ideológicas e a transformação de práticas culturais que se seguiram à conquista foram, portanto, abordadas com um zelo reformista. Imbuídos de um senso de propósito e convicção de superioridade, muitas vezes tingidos de racismo, os administradores britânicos assumiram a tarefa de transformar os ‘nativos’ (PANIKKAR, 2009, p.3, tradução nossa)<sup>74</sup>.

Mirian de Oliveira (2014) observa que esse olhar de superioridade dos colonizadores em relação aos indianos abriu caminhos, por fim, para a atuação dos missionários cristãos:

---

<sup>74</sup> “The opportunity for liberating the ‘natives’ from the unhappy system of oppression’ of Oriental despotism was considered sufficient justification for conquest. The setting up of administrative structures, creating ideological institutions, and transforming cultural practices that followed the conquest were, therefore, approached with a reforming zeal. Imbued with a sense of purpose and conviction of superiority, often tinged with racism, the British administrators undertook the task of transforming the ‘natives’”.

Tornou-se predominante, então, a perspectiva anglicista de que, diante da inferioridade da colônia, o governo britânico deveria ser o agente de reformas moralizantes e progressistas, cujo objetivo seria impelir a sociedade indiana à modernidade, à civilização. Em decorrência de tal perspectiva, que se tornou vitoriosa após acirradas disputas internas, o Parlamento britânico autorizou, em 1813, a entrada de missões cristãs na Índia. Igualmente importante foi o fato de que o governo colonial favoreceu, ainda que indiretamente, a atividade missionária, uma vez que adotou uma legislação de proteção aos convertidos (direito de herança familiar e, no caso dos homens, de obrigar a esposa a converter-se à religião deles), encorajou a atuação de missões junto a tribos consideradas “atrasadas” e permitiu iniciativas de reforma da sociedade, por meio da educação, área em que os missionários cristãos eram bastantes ativos (OLIVEIRA, 2014, pp. 156-7).

Assim, se inicialmente os britânicos haviam assumido uma postura neutra, nesse período a situação se reverteu. De um lado, a administração colonial, por meio de uma série de reformas, proibiu costumes hindus, considerados cruéis ou primitivos, e retirou o apoio financeiro dado às instituições religiosas locais. De outro, estimulou atividades e projetos educativos das missões cristãs (FLOOD, 2014, pp.319-29; OLIVEIRA, 2014, p.157; PANIKKAR 2009, p.12).

As atividades proselitistas e educacionais das missões cristãs no subcontinente e a intervenção da administração colonial em práticas religiosas evidenciaram, perante os indianos, a vinculação dos princípios fundamentais do projeto de modernização do Estado colonial — “desenvolvimento, progresso e evolução” —, expressos por meio de um discurso anglicista, a um projeto de cristianização da sociedade indiana, a despeito da imagem secular que se lhes pretendia imprimir. Se no início do século 19, não parecia aos indianos que os britânicos tivessem uma fé nacional, algumas décadas depois puderam observar a proliferação de igrejas cristãs por toda a colônia, as quais os oficiais frequentavam com regularidade. Gradualmente, o governo britânico pareceu revelar aos colonos sua face cristã. Em decorrência disso, grande parte das instituições religiosas locais associou o consentimento à presença de missionários em território indiano a uma suposta pretensão do governo colonial de difundir o Cristianismo (OLIVEIRA, 2014, p.157).

Esse projeto de modernidade britânica, tornado indissociável de uma investida de cristianização da Índia, gerou um clima de instabilidade e insegurança, potencializado ainda por políticas coloniais de proteção às minorias, que eram percebidas pelas elites urbanas hindus como formas de favorecimento aos muçulmanos. Na visão de Mirian de Oliveira, “tais políticas poderiam ser concebidas como parte de uma estratégia de *dividir para governar*[...]” (OLIVEIRA, 2014, p.158).

Diversos grupos religiosos indianos, representantes de diferentes tradições — não só hindus, mas também muçulmanos, siques e pársis — reagiram às intervenções governamentais a partir da constituição de associações, por meio das quais se apresentavam formalmente ao Estado colonial em defesa de seus interesses. Nessa dinâmica, havia uma particularidade em relação aos grupos hindus: embora estivesse posta a necessidade de se organizarem para fazer

frente à dominação britânica e à ideologia cristã, suas noções de identidade e pertença obedeciam a critérios muito distintos daqueles que articulavam as religiões abraâmicas e lhes conferiam coesão (OLIVEIRA, 2014, p.158). A começar pelo fato de que o próprio termo hinduísmo apresenta uma “imprecisão originária”, como sinaliza Dilip Loundo (2013), por radicar-se, “fundamentalmente, numa externalidade com relação às comunidades que o professam” (LOUNDO, 2013, p. 273).

Historicamente, o termo hindu surge a partir de uma generalização dos persas e muçulmanos em relação aos povos que viviam além do rio Indo — ou *sindhu*, em sânscrito —, mencionados nos textos árabes como “*Al-Hind*”. Com uma visão igualmente generalizante, no período colonial os ingleses utilizavam o termo hindu (ou “*hindoo*”) para se referirem aos habitantes do Indostão, no noroeste da Índia (FLOOD, 2014, p.26). Portanto, “não havia, nos seus primórdios, qualquer precisão cultural ou religiosa, para além da localização geográfica” (LOUNDO, 2013, p. 273).

O termo “hindu” é algo de difícil definição, uma vez que reúne um número considerável de tradições e ideias. A maioria das tradições hindus, mas não todas, reverencia o corpus sagrado dos Vedas como texto de revelação; enquanto algumas tradições consideram certos rituais como pré-requisito para a salvação, outras não; alguns filósofos hindus postulam uma realidade teísta que cria, sustenta e destrói o universo, enquanto outros rejeitam esse pressuposto. O hinduísmo é frequentemente definido pela crença na reencarnação (*samsāra*), que tem por fundamento a lei segundo a qual toda ação possui uma reação (*karma*) e a salvação estaria na libertação deste ciclo. Outras religiões sulasiáticas como, por exemplo, o jainismo e o budismo, possuem também essa crença. Parte do problema na definição do hinduísmo reside nos seguintes fatos: o hinduísmo não possui um fundador histórico, como é o caso de muitas outras religiões mundiais; não possui um sistema unificado de crenças, codificado num credo ou declaração de fé; não possui um único sistema soteriológico; e, por fim, não possui uma autoridade ou estrutura burocrática centralizadora. Essas características fazem do hinduísmo uma religião muito diferente do modelo monoteísta das tradições ocidentais cristãs e do islã, apesar de suas semelhanças com o judaísmo serem indiscutíveis (FLOOD, 2014, pp. 26-7).

A despeito dessas questões apontadas por Flood, o termo se consolidou a partir dos estudos dos orientistas, tanto britânicos quanto alemães, que buscavam compreender a sociedade indiana tendo a Europa como paradigma de civilização, construindo o “Oriente” como um “outro” (por vezes concebido como inferior, como já mencionado) em relação ao “Ocidente” europeu. Assim, os ingleses sistematizaram o conhecimento sobre práticas e crenças religiosas da Índia partindo de suas próprias referências, marcadamente informadas pelas religiões abraâmicas, e incluíram na categoria hindu todos os indianos que não fossem cristãos, muçulmanos, siques, budistas ou janistas (BARROSO, 1999, p.15; FLOOD, 2014, p.26; OLIVEIRA, 2014, p. 159-60; SAID, 1990, p.18).

No entanto, se, na vida cotidiana, as afinidades comunais eram determinadas por critérios outros e os mais variados — tais como ocupação, casta, língua e cultos devocionais —, quando instados a reagir às políticas coloniais que os ameaçavam, os próprios hindus se apropriaram da intuição orientalista, de forma a se fortalecerem enquanto grupo social<sup>75</sup>. Nascia, então, uma comunidade hindu informada por interpretações externas a si, que emulava os princípios dos grupos com os quais se viu na necessidade de dialogar enquanto tal (FLOOD, 2014, p.319; LOUNDO, 2013, p. 277-8; OLIVEIRA, 2014, p. 158-9; PANIKKAR, 2009, p.10-17).

É nesse cenário que surgem uma série de propostas reformistas, gestadas em associações locais, as quais visavam ao resgate de um passado pré-ocupação britânica, tido como glorioso. Uma forma de resistência cultural ao colonialismo que, como nos lembra Panikkar (2009), distinguiu-se por um certo “nativismo usado como refúgio privado” (SAID, 1993, p.332 apud PANIKKAR, 2009, p.24) e construiu uma consciência de comunidade a partir desse “retorno às fontes” (CABRAL, 1973, p.63 apud PANIKKAR, 2009, p.24)<sup>76</sup>.

Esse movimento foi conhecido como Renascimento Hindu e guarda estreita relação tanto com o nacionalismo indiano, quanto com a construção do hinduísmo como religião mundial (FLOOD, 2014, pp. 319-47). Seus maiores representantes, oriundos das elites urbanas hindus educadas em escolas cristãs, incorporaram o racionalismo protestante e assimilaram as críticas voltadas a determinadas práticas sociais e religiosas locais, acusadas de primitivas e cruéis (FLOOD, 2014, p.319-20; PANIKKAR, 2009, p.133-4; BARROSO, 1999, p.29-32). Como resumiu Flood (2014, p.320), entre suas características principais constavam: 1) “a ênfase na racionalidade enquanto mecanismo de fundamentação de verdade dos Vedas”; 2) “rejeição da adoração de imagens, considerada ato de idolatria”; 3) “rejeição das castas (ou, pelo menos de alguns de seus elementos), do casamento de crianças e da prática de imolação de viúvas (*satī*)”; 4) “constituição do hinduísmo enquanto espiritualidade de conteúdo ético superior, ou pelo menos igual ao cristianismo e ao islamismo”.

As principais sociedades responsáveis por disseminar essas ideias foram a Brahma Samāj e a Ārya Samāj. A primeira, promovia reuniões regulares para serviços religiosos e refletia as crenças essenciais de seu fundador, Rām Mohan Roy (HALBFASS, 1988, p.197-

---

<sup>75</sup> Mais tarde, essa mesma intuição inspiraria a união de todos os indianos — pertencentes a distintas tradições religiosas — sob um projeto secular, liderado por Gandhi, que resultou na derrocada do império colonial.

<sup>76</sup> Vale mencionar que esse tipo de resposta também fez parte das preocupações de Stuart Hall, que, tempos mais tarde, se referiu às “comunidades imaginadas” surgidas na esteira dos movimentos nacionalistas da segunda metade do século XX. Cf. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

216). Para ele, Deus era o criador do cosmos, transcendente e imutável — e, em sua visão, essas qualidades e atributos estavam presentes em todas as tradições religiosas. Segundo Roy, Deus não poderia ser conhecido em sua essência, mas somente através da razão e da observação do mundo natural. Suas aspirações reformistas para a sociedade indiana se referiam à restauração do hinduísmo a partir de uma perspectiva racional e ética, que valorizava os ensinamentos dos *Upaniṣads* e do *Brahma Sūtra*, tidos por ele como uma sabedoria intemporal. No entanto, criticava a adoração de imagens, a realização de rituais e a “degeneração ética” do hinduísmo (FLOOD, 2014, pp. 320-23).

Para aperfeiçoar as atitudes políticas e morais dos hindus, seria necessário, segundo Roy, que estes deixassem de lado a adoração de imagens, a promoção de sistemas rituais, e que abandonassem as práticas imorais tais como o casamento de crianças e a cremação de viúvas ainda vivas (*satī*). Roy condenou veementemente esta última prática na qual as viúvas eram cremadas vivas na pira crematória (do marido falecido), independente de sua vontade. Ele tinha presenciado tal fato ainda jovem, quando uma de suas cunhadas fora obrigada a ser, dessa maneira, cremada viva: esse evento deixou marcas profundas no rapaz [...] Essa prática acabou sendo proscrita pelo governo britânico em 1829, em parte devido às pressões de Roy.

Razão e ética são conceitos-chave para Roy [...] A adoção de uma religião purificada, racional e ética — qualidades essenciais do hinduísmo, segundo Roy — favoreceria a transformação da sociedade indiana” (FLOOD 2014, p.321-22).

Portanto, embora sustentasse “uma posição tolerante — geralmente associada ao hinduísmo como um todo” — Roy, filho de uma família brâmane tradicional bengali, se distanciava dos segmentos indianos mais populares, condenando suas práticas e costumes. Afastava-se, ainda, de uma certa tradição bramânica, para a qual importava garantir e preservar a pureza dos rituais (FLOOD, 2014, p.320-23):

Se, por um lado, o Brahma Samāj despertou o interesse dos brâmanes de condição econômica inferior e das classes médias urbanas emergentes de empresários e comerciantes, sua influência entre grupos populares das áreas rurais, onde o ritual e o culto aos ícones das divindades é o foco principal da religião, foi desprezível. Com efeito, Roy, um intelectual altamente sofisticado, dificilmente poderia entender o sentido da devoção profunda às divindades, típica da população pobre das áreas rurais. Além disso, as ideias do Brahma Samāj tampouco despertaram interesses da maioria dos brâmanes ortopráticos, cuja preocupação essencial era a manutenção da pureza ritual. Ainda assim, é com o Brahma Samāj que surgem as primeiras manifestações de um sentido de identidade nacional hindu (FLOOD 2014, p.323).

Muito influenciado pelas ideias de Roy, Dayānanda Sarasvati, fundador da Ārya Samāj, era um ex-renunciante, que abandonou sua busca pela libertação pessoal para dedicar-se à reforma da sociedade indiana. Ele também acreditava que a transformação da Índia passava por um retorno aos ensinamentos dos Vedas e da vigência da lei eterna, o *sanātana dharma*.

Condenava o culto aos ídolos e às encarnações divinas do panteão hindu, bem como as peregrinações e as histórias e doutrinas dos épicos e Puranas. Na esfera social, defendia o matrimônio baseado na escolha individual (tendo ele próprio recusado um casamento arranjado por seus pais), o fim do casamento de crianças e o acesso à educação da parcela feminina da população (FLOOD, 2014, p.323-25). Tal como Roy, Dayānanda Sarasvati distanciou-se de um amplo seguimento da população:

A educação, segundo ele, deveria ser um direito de ambos os sexos, pois somente através da educação, e em particular da instrução na gramática, no *dharmā*, na medicina e no comércio, os hindus aprenderiam a ser hindus responsáveis e bons. Dayānanda sustentava, ainda, que todos os descobrimentos científicos modernos estavam previstos nos Vedas, uma tese defendida até hoje por muitos hindus. O Ārya Samāj fundou escolas, os *gurukulas*, que funcionam até hoje em toda a Índia, responsáveis pela propagação da causa da unidade hindu e da cultura védica ou ariana. O ensino do sânscrito, símbolo do passado glorioso da Índia, tem um peso significativo no programa de estudos, da mesma forma que o ensino do hindi, língua que, segundo Dayānanda, deveria ser considerada língua nacional (FLOOD, 2014, p. 325).

A centralidade dos Vedas, aliada à defesa do hindi como língua nacional, significava desconsiderar, em seu projeto reformador, as particularidades de diversos setores da sociedade indiana. Não só hindus pertencentes às tradições dravídicas, cuja língua é o tâmil, mas também cristãos e islâmicos — estes se tornaram alvos prediletos da contra-ofensiva do Ārya Samāj em resposta aos ataques dos cristãos ao hinduísmo. Nesse cenário, encontram-se as bases de um tipo de nacionalismo violento e intolerante com outras crenças religiosas, presente na Índia até os dias de hoje (FLOOD, 2014, p. 325-6; LOUNDO, 2013; OLIVEIRA, 2009)<sup>77</sup>.

O grau de complexidade das dinâmicas e relações sociais de então pode ser inferido pelo fato de que é nesse contexto que surge, também, um outro tipo de nacionalismo — este secular e agregador das forças religiosas presentes no subcontinente, do qual Mohandās Gandhi se tornaria o representante maior. Além disso, as ideias gestadas durante o Renascimento Hindu influenciariam aquele que veio a ser o responsável por propagar no mundo a imagem de um hinduísmo inclusivo e tolerante: Narendranath Datta, internacionalmente conhecido como Swami Vivekānanda.

---

<sup>77</sup> Cf. documentário ‘Hindu Fundamentalists’, produzido pela TV Al Jazeera. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/programmes/peopleandpower/2015/10/indias-hindu-fundamentalists-151008073418225.html>. Acesso em: 15 ago. 2016.



### 1.3 - Swami Vivekānanda, o Parlamento Mundial das Religiões e o Vedanta Prático

Narendranath Datta, um jovem advogado membro da Brahmō Samāj, influenciado pela ciência e pelo racionalismo ocidentais, decidiu deixar a advocacia para se tornar um renunciante depois de vivenciar um transe religioso em contato com seu mestre, Paramahansa Rāmākriṣṇa. Este, um místico hindu que defendeu a unidade das religiões, pregava seus ensinamentos no estado de Bengala Ocidental, na cidade de Dakṣiṇeśvar, a cerca de 12 quilômetros de Calcutá, e atraía os intelectuais hindus de classe média (FLOOD, 2014, pp. 326-28; OLIVEIRA, 2014, pp. 167-73).

Ao se tornar um renunciante, o discípulo adotou o nome de Swami Vivekānanda. Sua participação no Parlamento Mundial das Religiões, realizado no ano de 1893, em Chicago, relaciona-se diretamente com as ideias acerca do hinduísmo disseminadas mundialmente. Embora, naquela época, já houvesse algum conhecimento acumulado sobre as tradições ditas orientais, resultante da produção dos orientalistas, o Parlamento foi um marco, no sentido de que pela primeira vez o “Oriente” falava por si (BARROSO, 1999a, pp.39-40; FLOOD, 2014, pp. 328-29; OLIVEIRA, 2014, pp. 167-73). A participação de Vivekānanda foi uma das mais marcantes, ganhando destaque nos jornais da época, tanto indianos quanto americanos (NIKHILANANDA, 1953, p.76; TEJASANANDA, 1995, pp. 57-8):

Os jornais publicaram seus discursos e eles foram lidos com interesse caloroso em todo o país. O New York Herald disse: “Ele é, sem dúvida, a maior figura do Parlamento das Religiões. Depois de ouvi-lo, sentimos como é tolo enviar missionários a essa nação instruída”. O Boston Evening Post disse: “Ele é um grande favorito no Parlamento, da grandeza de seus sentimentos a sua aparência também. Se ele simplesmente cruza a plataforma é aplaudido [...] No Parlamento das Religiões eles costumavam manter Vivekananda até o fim do programa para fazer as pessoas ficarem até o final da sessão [...]O presidente sabia da velha regra de guardar o melhor para o final” (NIKHILANANDA, 1953, p.76, tradução nossa)<sup>78</sup>.

Com seis intervenções ao longo de 16 dias de conferência, em sua fala de abertura, ele se apresentou como alguém pertencente a uma religião tolerante, que historicamente convivera com diferenças, e nascido em um país responsável por abrigar “os perseguidos e refugiados de todas as religiões e todas as nações da Terra”. Entre esses, os israelitas, que se refugiaram no

---

<sup>78</sup> “Newspapers published his speeches and they were read with warm interest all over the country. The New York Herald said: ‘He is undoubtedly the greatest figure in the Parliament of Religions. After hearing him we feel how foolish it is to send missionaries to this learned nation.’ The Boston Evening Post said: ‘He is a great favourite at the Parliament from the grandeur of his sentiments and his appearance as well. If he merely crosses the platform he is applauded [...] At the Parliament of Religions they used to keep Vivekananda until the end of the programme to make people stay till the end of the session [...] The chairman knew the old rule of keeping the best until the last.’”

sul da Índia quando tiveram seu templo destruído pelos romanos, e, também, os zoroastras, perseguidos na antiga Pérsia pelos muçulmanos<sup>79</sup>.

No oitavo dia do Parlamento, o *swami* defendeu que, entre religiões constituídas em tempos pré-históricos, o hinduísmo fora a única que soubera incorporar as diferentes crenças e correntes de pensamento com as quais se viu em diálogo ao longo de sua história. Afinal, segundo ele, o judaísmo falhara em absorver o cristianismo, o que resultou na expulsão daquele povo “de seu local de nascimento, por sua filha conquistadora”. Quanto ao zoroastrismo, resumiu a “um punhado de parses” restantes para contar “o grande conto de sua grande religião”<sup>80</sup>.

No entanto, para Vivekânanda, a história do hinduísmo havia sido diferente:

uma seita após a outra surgiu na Índia e pareciam agitar a religião dos Vedas em suas próprias fundações, mas, como as águas do litoral em um tremendo terremoto, esta recuou apenas por um tempo, apenas para retornar em uma inundação absorvente, mil vezes mais vigorosa, e quando o tumulto acabou, essas seitas foram sugadas, absorvidas e assimiladas no imenso corpo da fé materna<sup>81</sup>.

O *swami* apresentou ao público um hinduísmo extremamente sofisticado, que não só permanecia inabalável diante das descobertas científicas, mas regozijava-se com elas: “Manifestação, e não Criação, é a palavra da ciência hoje, e o hindu só se alegra pois o que ele tem alimentado em seu seio durante séculos vai ser ensinado em linguagem mais convincente e iluminado pelas últimas conclusões da ciência”<sup>82</sup>. Ao mesmo tempo, enfatizou que os hindus não se contentavam com palavras e dogmas e buscavam, por eles mesmos, a experiência da verdade, a qual fora revelada pelos Vedas e vivenciada por seus *rishis* — e fez questão de dizer para aquela plateia dos Estados Unidos de fins do século 19 que muitos entre esses grandes sábios indianos eram mulheres.

Destacando características de um universalismo que encontra ecos não só nos ensinamentos de seu mestre Rāmakrishna, mas também nos ideais da própria Brahma Samāj,

---

<sup>79</sup> Trecho do primeiro discurso de Swami Vivekananda no Parlamento: ‘Response to Welcome’. Cf. SWAMI Vivekananda’s Speech at World Parliament of Religion, Chicago. **Viveksamity.org**. Disponível em: <http://www.viveksamity.org/user/doc/CHICAGO-SPEECH.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

<sup>80</sup> ‘Paper on Hinduism’, lido por Vivekananda no dia 19 de setembro de 1893. Cf. SWAMI Vivekananda’s Speech at World Parliament of Religion, Chicago. **Viveksamity.org**.

<sup>81</sup> “...sect after sect arose in India and seemed to shake the religion of the Vedas to its very foundations, but like the waters of the seashore in a tremendous earthquake it receded only for a while, only to return in an all-absorbing flood, a thousand times more vigorous, and when the tumult of the rush was over, these sects were all sucked in, absorbed, and assimilated into the immense body of the mother faith”. Tradução nossa. Id., Ibid.

<sup>82</sup> “Manifestation, and not creation, is the word of science today, and the Hindu is only glad that what he has been cherishing in his bosom for ages is going to be taught in more forcible language, and with further light from the latest conclusions of science”. Tradução nossa. Id., Ibid.

Vivekānanda se referiu a Deus como o que “está em toda a parte, aquele que é puro e sem forma, o todo-poderoso e todo-misericordioso”<sup>83</sup> — e afirmou que este deveria ser adorado através do amor. Citando as palavras de Kṛṣṇa, defendeu:

É bom amar a Deus por se ter esperança de uma recompensa, neste ou no próximo mundo, mas é ainda melhor amar a Deus por amar. A oração diz: ‘Senhor, não quero riqueza, nem filhos, nem aprendizado. Se for a tua vontade, que eu vá de nascimento em nascimento, mas conceda-me isto, que te ame sem esperar recompensa: que eu ame por amar, desinteressadamente’. [...] ‘Eu amo o Senhor. Ele é a fonte de toda a beleza, de tudo que é sublime. Ele é o único objeto a ser amado; minha natureza é amá-Lo e, portanto, amo. Não rezo por nada, não peço nada. Que Ele me coloque onde quiser. Devo amá-lo por amar. Não posso negociar amor’<sup>84</sup>.

Além de exaltar a figura de um deus universal, que deveria ser adorado de uma forma igualmente universal (através do amor), o renunciante dissolveu diferenças também negando que houvesse politeísmo na Índia, e que esse não era o termo adequado para dar conta do que se via nos templos indianos, onde devotos reverenciavam nas imagens todos os atributos divinos, inclusive a onnipresença. Quanto à necessidade da adoração de imagens, argumentou que o hinduísmo considerava os diferentes estágios evolutivos dos seres humanos rumo à perfeição, mas que, nesse caminho, não havia um movimento do erro em direção à verdade, “mas da verdade para a verdade, de uma verdade menor para uma verdade maior”<sup>85</sup>.

O culto às imagens deveria ser compreendido, portanto, como elemento muitas vezes necessário, mas não obrigatório, integrante de uma espécie de infância e juventude da trajetória espiritual. No entanto, tal atitude jamais deveria ser condenada ou rotulada como pecado — e, para ele, tampouco se diferia, em essência, da atitude cristã diante de seus próprios símbolos:

Por que um cristão vai à igreja? Por que a cruz é santa? Por que o rosto está voltado para o céu em oração? Por que existem tantas imagens na Igreja Católica? Por que há tantas imagens na mente dos protestantes quando eles oram? Meus irmãos, não podemos mais pensar em qualquer coisa sem uma imagem mental, assim como não podemos viver sem respirar. Pela lei da associação, a imagem material evoca a ideia mental e vice-versa. É por isso que o hindu usa um símbolo externo quando adora. Ele lhe dirá que isso o ajuda a manter sua mente fixa no Ser a quem ele ora. Ele sabe tão bem quanto você que a imagem não é Deus, não é onipresente. Afinal, o que a

---

<sup>83</sup> “He is everywhere, the pure and formless One, the Almighty and the All-merciful.”

<sup>84</sup> “It is good to love God for hope of reward in this or the next world, but it is better to love God for love's sake, and the prayer goes: "Lord, I do not want wealth, nor children, nor learning. If it be Thy will, I shall go from birth to birth, but grant me this, that I may love Thee without the hope of reward — love unselfishly for love's sake." [...] "I love the Lord. He is the source of all beauty, of all sublimity. He is the only object to be loved; my nature is to love Him, and therefore I love. I do not pray for anything; I do not ask for anything. Let Him place me wherever He likes. I must love Him for love's sake. I cannot trade love.”

<sup>85</sup> “...from truth to truth, from lower to higher truth.”

onipresença significa para quase todo mundo? É meramente uma palavra, um símbolo<sup>86</sup>.

Quanto as críticas sobre as já citadas práticas violentas, como a autoimolação das viúvas, chamou a atenção para o fato de que atitudes condenáveis não eram exatamente uma particularidade de sua religião: “Se o fanático hindu queima a si próprio na pira, ele nunca acende as fogueiras da Inquisição”<sup>87</sup>.

Além de ter sido enfaticamente contra a conversão de indivíduos de qualquer tradição, Vivekânanda criticou as missões cristãs, alegando que a Índia não precisava de mais religião e, sim, de ajuda material: “Vocês erigem igrejas por toda a Índia, mas o mal que grita no Oriente não é religião — eles têm religião suficiente [...] Eles nos pedem pão, mas nós damos-lhes pedras. É um insulto a um povo faminto oferecer-lhes religião; é um insulto a um homem faminto ensinar-lhe metafísica”<sup>88</sup>.

De um modo geral, os discursos de Vivekânanda no Parlamento são fundamentais — não só pelos conteúdos acerca de sua tradição, mas também pela eloquência e brilhantismo com que rebateu as já então conhecidas críticas dos missionários britânicos na Índia — para que se compreenda tanto a forma como o hinduísmo passou a ser disseminado no mundo, quanto parte dos motivos que levaram ocidentais, buscando alternativas ao cristianismo, a recorrerem a tradições orientais. Ainda que esse interesse tivesse sido despertado em um momento anterior, com os trabalhos orientalistas.

De uma forma específica, a participação do *swami* no Parlamento daria o tom do que veio a ser a Missão Rāmakrishna, fundada pelo renunciante em homenagem ao seu mestre, dedicada não só à disseminação dos ensinamentos hindus, mas também a obras sociais, financiadas com recursos arrecadados nos países do Atlântico Norte (BECKERLEGGE, 2000, 2006). Como destaca Maria Barroso (1999):

Vivekananda, já no final do século XIX, tinha uma consciência clara sobre a necessidade de extrair do Ocidente aquilo que ele pudesse dar à Índia [...] não havia nenhuma hesitação ou pudor de sua parte em trocar espiritualidade por bens materiais,

---

<sup>86</sup> “Why does a Christian go to church? Why is the cross holy? Why is the face turned toward the sky in prayer? Why are there so many images in the Catholic Church? Why are there so many images in the minds of Protestants when they pray? My brethren, we can no more think about anything without a mental image than we can live without breathing. By the law of association, the material image calls up the mental idea and vice-versa. This is why the Hindu uses an external symbol when he worships. He will tell you, it helps to keep his mind fixed on the Being to whom he prays. He knows as well as you do that the image is not God, is not omnipresent. After all, how much does omnipresence mean to almost the whole world? It stands merely as a word, a symbol.”

<sup>87</sup> “If the Hindu fanatic burns himself on the pyre, he never lights the fire of Inquisition.”

<sup>88</sup> “You erect churches all through India, but the crying evil in the East is not religion — they have religion enough [...] They ask us for bread, but we give them stones. It is an insult to a starving people to offer them religion; it is an insult to a starving man to teach him metaphysics.”

ou em adotar posturas assistencialistas aprendidas com os ocidentais (BARROSO, 1999, p.38-9).

À Missão Rāmakrishna se seguiriam diversos outros movimentos hindus internacionais, os quais guardam semelhanças entre si, como o fato de serem centrados na figura de gurus indianos, atuarem em questões da sociedade e, também, por terem voltado suas atenções para o Ocidente, ao mesmo tempo em que mantiveram bases na Índia (BECKERLEGGE, 2004; JUNGBLUT & ADAMI, 2017; PANDYA, 2016). Entre eles, pode-se citar a *Self-Realization Fellowship*, de Paramahansa Yogananda, e a própria *Divine Life Society*, de Swami Sivananda, internacionalizada por Swami Vishnudevananda — embora sobre esta organização pesem as alegações de haver se estruturado a partir de bases completamente distintas, refletindo uma mudança no cenário político da Índia no pós-guerra, tendo recebido apoio de instituições nacionalistas do país (BARROSO, 1999, p.41-3, 62-4; FULLER & MCKEAN, 1997; MCKEAN & VAN DER VEER, 1994).

Por fim, vale aqui um olhar mais atento para o método utilizado por Vivekānanda. O Neo-Vedanta, também chamado de Vedanta Prático, voltava-se para o público ocidental e consistia em uma reinterpretação dos *Upaniṣads* a partir de uma suposta neutralidade cultural, o que possibilitava sua aplicação a contextos sociais variados e mesmo a criação de diferentes versões. Assim, o *swami* proferia discursos significativamente diferentes dependendo do país onde estivesse (OLIVEIRA, 2014, pp. 167-68).

Nesse hinduísmo supostamente neutro e universal de Vivekānanda, a centralidade da literatura védica — um corpo textual que, como já foi dito, influencia grande parte das tradições indianas, mas não a sua totalidade — relacionava-se a um determinado processo histórico, tendo sido fundamental para articular o discurso gestado no Renascimento Hindu (BHARATI, 1970; HALBFASS, 1988, pp. 217-246).

No entanto, faz-se necessário, considerando os objetivos deste trabalho, compreender a metodologia de Vivekānanda não somente a partir de uma certa tradição védica, mas, também, observando uma certa tradição prática. É importante dar atenção às pistas contidas nas palavras do *swami*: “uma seita após a outra surgiu na Índia e pareciam agitar a religião dos Vedas em suas próprias fundações, mas [...], quando o tumulto acabou, essas seitas foram sugadas, absorvidas e assimiladas no imenso corpo da fé materna”. Como ressalta Panikkar (2009):

O debate público, claro, não era novidade na tradição intelectual indiana. Disputas teológicas, muitas vezes conduzidas sob a égide de governantes, eram bastante comuns. No entanto, eram limitadas em seu alcance e raramente abraçavam questões sociais — o que não é surpreendente, considerando o estado da sociedade e a menor

capacidade tecnológica durante os tempos pré-coloniais (PANIKKAR, 2009, p. 134, tradução nossa)<sup>89</sup>.

De seita em seita, a tradição védica assimilou as dissensões surgidas ao longo do tempo (MONIER-WILLIAMS, 2009) e, de igual modo, assim o fez quando em diálogo com o cristianismo, por meio da reforma do hinduísmo. Uma capacidade adaptativa tornada possível devido à “ênfase indiana num método, numa pedagogia, em vez de uma doutrina” (LOUNDO, 2007, p.136). Pode-se dizer que esse mesmo princípio continuou a ser adotado mundo afora, durante um processo de expansão que está longe de se retrair, considerando que esse hinduísmo universal cativa não só os desesperançosos em relação ao cristianismo, mas também os contingentes das diásporas indianas (OLIVEIRA, 2009, 2014; OTTO & ANDREWS, 2017; RAYAPROL, 2017).

Embora Vivekânada tenha lamentado a expulsão dos judeus “de seu berço pela filha conquistadora”, aparentemente aquele povo também se valeu da possibilidade de adaptação, sobretudo no contexto de dominação do Império Romano — e talvez essa adaptabilidade possa constar entre as indiscutíveis semelhanças entre judaísmo e hinduísmo a que alguns autores fazem menção (FLOOD, 2014, p. 27; HOLDREGE, 1996; KATZ, 2007). Segundo o rabino Nilton Bonder (1998), ao longo de sua história e das perseguições sofridas desde o cativo babilônico, a preservação do povo judeu só se fez possível a partir de diversas ações transgressoras (ou ‘traições’), as quais flexibilizaram a Lei (tradição) em momentos cruciais de sua história. Na verdade, para o autor, essa tensão entre tradição e traição é elemento-chave constitutivo não só da cultura judaica:

É fundamental percebermos a natureza intrínseca de toda a experiência espiritual como a tensão constante entre duas preocupações diametralmente opostas — preservar e trair. Em realidade, a verdadeira experiência espiritual se nutre do presente instante que suporta as tensões da experiência do passado — a ser preservado — e do futuro — a ser construído a partir da traição. A importância do presente está na responsabilidade que temos de honrar o passado e o futuro, numa medida artisticamente concebida de honrar compromissos e rompimentos (BONDER, 1998, p.22).

Bonder oferece diversos exemplos de como essa intuição esteve presente na tradição judaica, sendo a Bíblia um manancial deles. O autor, inclusive, percebe Jesus de Nazaré como símbolo de um período em que se observou uma alteração substancial na Lei, impelida pelo

---

<sup>89</sup> “Public debate, of course, was nothing new in the Indian intellectual tradition. Theological disputations, often conducted under the aegis of rulers, were quite common. However, they were limited in reach and rarely embraced social issues — not surprising given the state of society and lesser technological ability during the pre-colonial times.”

contexto da ocupação romana, durante a qual era prática comum dos invasores macular a ‘semente’ judaica violentando as mulheres. É nesse cenário que se dá a mudança, prevista na Lei, da patrilinearidade para a matrilinearidade. Um judeu passa, então, a ser o filho do ventre de uma mulher judia, independentemente de quem fosse o pai (BONDER, 1998, p. 96).

Era necessário criar uma nova concepção para que a descendência de Israel fosse preservada. Não se tratava da falta de filhos para um pai, mas de filhos sem paternidade. Alguém deveria assumir a paternidade desses filhos que, ao contrário de marginais, eram a esperança de transformação de uma situação de tragédia em milagre. Caberia a D'us<sup>90</sup> — e ninguém menos que o Criador, o pai de todos — assumir essa paternidade. [...] Em realidade, através dessa leitura, se expõe uma louvável inversão do povo judeu em suas camadas mais humildes: o reconhecimento do início de sua libertação no episódio de tragédia nacional. O que parecia representar o poder de conquista romano — desonrar o útero do povo judeu —, transformou-se na revolução maior [...] (BONDER, 1998, p.96).

Lembremos, ainda, da adaptabilidade dos métodos de Vishnudevananda e de Sivananda. A propósito, Flood se refere a este como “Swami Sivananda de Rishikesh, que ensinou a filosofia Neo-Vedanta de Vivekananda” (FLOOD, 2014, p.345). No mais, quando se fala de adaptação e multiplicidade de métodos é impossível não pensar nas diversas correntes de *yoga* — sobretudo *hatha-yoga*, mas não somente — que atravessam tempos e fronteiras (ALBANESE, 2005; ALTER, 2004, 2006, 2007; ALTGLAS, 2005, 2007, 2007b; BANERJI, 1995; BROAD, 2013; CONNOLLY, 2007; DE MICHELIS, 2004, 2007, 2008; ELIADE, 1954, 1963, 1978; HUMES, 2005; NEWCOMBE, 2009; SAMUEL, 2008; SINGLETON, 2007a, 2007b, 2008, 2010; VIVEKANANDA, 1982; WHITE, 2009). Disseminadas também no Brasil, podem ser consideradas as principais formas de presença da tradição indiana por aqui (ALMEIDA, 2006; BARROSO, 1998, 1999a, 1999b; GNERRE, 2011, 2015).

Para este trabalho, o conceito fundamental é o de “*skilful means*”<sup>91</sup>, de Michael Pye (2003). O autor se debruçou sobre o Budismo Mahayana, explorando justamente a necessidade de adaptação do conhecimento inerente a essa tradição — e que se refere ao termo sânscrito *Upāya*. No entanto, Amanda Lucia (2014) amplia a abordagem de Pye, sugerindo uma outra apropriação do conceito. Segundo a autora, o mesmo é válido também para analisar a atuação dos gurus contemporâneos, na medida em que esses porta-vozes da tradição indiana, por meio de seus métodos ‘moldáveis’, apontam precisamente para a possibilidade, sempre presente, de adaptar uma mensagem segundo tempos e circunstâncias particulares (LUCIA, 2014)<sup>92</sup>.

---

<sup>90</sup> Aqui mantive a grafia original. O rabino sempre escreve dessa forma — provavelmente em respeito ao mandamento judaico de não pronunciar o nome de Deus em vão.

<sup>91</sup> ‘Meio hábeis’ ou ‘habilidade em métodos’.

<sup>92</sup> A intuição da autora me abriu esse caminho de análise. Voltarei a essa questão no capítulo 3.

Para concluir, volto à minha viagem à Índia: esse pré-campo influenciou diretamente na minha maneira de olhar para o caso de Sri Prem Baba. Seja porque identifiquei pontos de contato entre as narrativas do guru brasileiro e as de Sivananda e Vishnudevananda, seja porque essa experiência prévia me trouxe como consequência uma certa dificuldade em delimitar fronteiras claras entre os chamados Novos Movimentos Religiosos e o que pode ser entendido como um hinduísmo transnacional contemporâneo. A tentativa de compreender nuances e aproximações entre essas duas categorias, na atuação de Prem Baba, definiu muito do caminho percorrido neste trabalho.

Sobre as correlações entre os discursos dos mestres, esclareço que me refiro não apenas à exaltação de uma espiritualidade universalista e cientificista, mas também ao fato de que tanto a linhagem representada pelo brasileiro quanto a dos dois *swamis* indianos se imbuíram da missão de resgatar o que consideravam ser os verdadeiros valores humanos, bem como de disseminá-los nos quatro cantos de um planeta em crise<sup>93</sup>. Além disso, suas narrativas pessoais, embora distanciadas temporal e geograficamente, destacam aspectos semelhantes, tais como: a inclinação para a vida espiritual desde a infância, a ocorrência de fenômenos paranormais/sobrenaturais, sonhos, visões, experiências místicas e o ponto de virada representado pelo encontro com seus respectivos gurus.

No entanto, há diferenças notáveis: conforme veremos adiante, o inclusivismo de Prem Baba se constrói não somente a partir de referências das grandes tradições mundiais, mas também ressaltando as influências, em sua trajetória espiritual, de religiosidades brasileiras regionais e “sincréticas”, no sentido conferido por Pierre Sanchis (1997), constituídas à margem do catolicismo institucional, tais como o espiritismo, o Santo Daime, a umbanda e o candomblé. Geralmente, o guru paulistano também não se refere ao hinduísmo como uma religião e sim como uma filosofia, além de evitar definir a linhagem *Sachcha* como hindu, optando por chamá-la de uma linhagem de yogues.

Sugiro, inclusive, que tanto esse vocabulário comum a um determinado universo indiano quanto a demarcação de diferenças em relação a ele se constituam elementos-chave para que se compreenda a aceitação de Prem Baba por parte de grupos *a priori* tão distintos entre si, a saber: indianos; estrangeiros que viajam à Índia; e brasileiros das classes médias e altas urbanas, que buscam auto-conhecimento e consolo espiritual fora dos redutos cristãos tradicionais.

---

<sup>93</sup> A ênfase quanto à necessidade de oferecer alternativas para que o mundo supere a atual “crise de valores” está presente também na Organização Sathya Sai Baba, atuante inclusive no Brasil (CALIL JÚNIOR, 2006).



Seu diferencial consiste no fato de dialogar com a Índia não a partir do Ocidente do Atlântico Norte, mas de um “ocidente periférico” — para usar a expressão de Loundo (2003, p.11) —, incorporando elementos de religiões igualmente periféricas em relação ao modelo tradicional de cristianismo. Prem Baba emula, em certo sentido, a própria dinâmica dialógica que se fez presente ao longo de milênios na Índia, utilizando-se, para isso, da bagagem de alguém nativo deste Brasil de tendências sincréticas, em que diversas matrizes religiosas se interpenetraram, produzindo um campo religioso fértil onde conviviam — e convivem até hoje — “arcaísmos e modernidades” (SANCHIS, 1997). Começemos, pois, a explorar esses pontos de contato e diferenças.

## **CAPÍTULO 2. Sri Prem Baba: um guru ‘entre o Ocidente e o Oriente, entre a ciência e a espiritualidade, entre a floresta amazônica e o himalaia’**

Faltando 20 dias para a minha viagem à Chapada dos Veadeiros, recebi finalmente uma resposta que acenava com a possibilidade de um encontro exclusivo com Sri Prem Baba. Haviam se passado exatos 11 meses desde a minha primeira tentativa de contato formal com pessoas do Movimento *Awaken Love* que, segundo me informaram, poderiam fazer chegar a ele notícias a respeito da pesquisa que vinha desenvolvendo e da minha intenção de entrevistá-lo, além de participar da Temporada de Alto Paraíso em 2017.

Nunca entendi o silêncio prolongado como uma indisposição *a priori* em relação ao meu trabalho. Considerando a projeção mundial do líder espiritual e a expansão de suas ações nos últimos dois anos, era de se prever que o volume de solicitações, de todos os tipos, recebidas diariamente, me colocasse em alguma espécie de fila de espera. Por certo havia me adiantado demais e tudo se resolveria quando o início da Temporada se aproximasse, eu pensava, e esse pensamento até me tranquilizou em alguns momentos. Mas nem por isso deixei de traçar um plano B, que consistia em, se necessário, me basear, fundamentalmente, nas informações disponíveis na Internet — o que não era pouco.

Já em Alto Paraíso, recebi a confirmação do encontro, que deveria acontecer dentro de seis dias — mas acabou sendo adiado em mais um. Nesse primeiro momento, eu teria apenas 30 minutos com o guru — que se transformaram em 45, felizmente. Logo, quando me vi diante dele, precisei adaptar e resumir bastante minha pauta. As inúmeras perguntas que vinha formulando nos últimos meses não poderiam ser todas endereçadas. Portanto, busquei me concentrar nos diálogos estabelecidos a partir de seu trabalho e nas adaptações de discurso e método que porventura ocorressem, considerando as variações de audiência e as particularidades de cada contexto.

A princípio não me pareceu prioritário explorar sua infância e juventude durante nosso encontro, visto que eu já havia acessado várias fontes que davam conta satisfatoriamente dessa fase de sua biografia. Mas, considerando a ênfase conferida pelo guru à sua herança familiar, tida como inspiradora do florescimento de questões que o conduziram a uma jornada espiritual, minha primeira pergunta buscou compreender em que medida o ambiente onde cresceu se relacionava à sua habilidade para construir “pontes entre mundos”<sup>94</sup>.

---

<sup>94</sup> Aqui faço referência à entrevista publicada na edição de julho de 2010 da Revista Trip. Nela, o guru declarou que seu trabalho consistia em “fazer pontes entre mundos. Entre o Ocidente e o Oriente, entre a ciência e a espiritualidade, entre a floresta Amazônica e o Himalaia”. Esse assunto será abordado adiante. Cf. VERÍSSIMO, Arthur. Baba, Prem Baba: O pai do amor, Prem Baba, é o guru brasileiro que conquistou seguidores

Ao resgatar essas influências e apresentá-las como determinantes no forjar de uma certa forma de atuar, ele deu o tom do que vem a ser um traço distintivo seu: Prem Baba não fala como uma espécie de novo convertido, apesar do marco representado pelo encontro com seu mestre, da nova identidade espiritual assumida após sua autorrealização, das vestes, das longas barbas brancas à moda dos sábios hindus e do compromisso publicamente reiterado com uma linhagem milenar indiana. Ao contrário: longe de negar experiências que integraram sua vida pregressa, o guru publicamente reconhece em cada vivência um grau de importância na sua busca até a iluminação. O mestre hinduísta, com seus ensinamentos, e enquanto porta-voz de uma verdade universal que se supõe estar para além das identificações criada pela mente, é também um homem que exalta a brasilidade. E, ao que parece, não há contradição nisso.

Pode-se perceber tal característica de diversas formas: 1) nas referências às histórias de sua família, publicadas em seu website, que destaca, por exemplo, a convivência, durante a infância, com a avó “ao mesmo tempo evangélica e benzedeira”<sup>95</sup>; 2) na forma de apresentar suas principais referências espirituais, divulgadas também oficialmente, entre as quais figura “o contato com os espíritos da Floresta”<sup>96</sup> e sua experiência com as religiões ayahuasqueiras do Brasil; 3) nos discursos públicos que profere, os quais não raro trazem referências ao cristianismo popular e às religiosidades indígenas e afro-brasileiras; 4) no que poderíamos chamar de atuação prático-terapêutica, a qual se expressa por meio de seu método psico-espiritual, o Caminho do Coração, forjado originalmente a partir de intuições derivadas de experiências com o Santo Daime.

Este segundo capítulo buscará não só desdobrar essa “brasilidade” constitutiva da atuação de Sri Prem Baba, como também entender de que maneira tais influências se enredam com a tradição hindu, produzindo hibridizações.

### *2.1 - O ambiente familiar e as principais referências espirituais*

Antes de entrar em detalhes da história de sua vida e abordar certos conteúdos, gostaria de chamar a atenção para a forma como o guru fala.

---

em todo planeta. **Revista Trip**, 08 jul. 2010. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/baba-prem-baba>. Acesso em: 23 nov. 2017.

<sup>95</sup> Cf. AWAKEN LOVE ASSOCIAÇÃO. **Prem Baba: O encontro de um buscador com o ser**. [S.I.]: Sriprembaba.org, c2015-2017. Disponível em: <http://www.sriprembaba.org/biografia>. Acesso em: 22 nov. 2017.

<sup>96</sup> Cf. AWAKEN LOVE ASSOCIAÇÃO. **O contato com os espíritos da Floresta**. [S.I.]: Sriprembaba.org, c2015-2017. Disponível em: <https://www.sriprembaba.org/o-contato-com-os-espíritos-da-floresta/>. Acesso em: 22 nov. 2017.

Há diversas fontes, relacionadas ao universo do Yoga, em que se afirma que o humor é uma característica comum dos mestres espirituais que, por meio da autorrealização, compreenderam “a grande piada cósmica”<sup>97</sup>. Hyers (1970), a partir de análises de *koans* zenbudistas, defendeu que o humor expresso claramente nesses textos consistia em um lado negligenciado, não só nos estudos sobre o zen, mas sobre toda a tradição budista e as religiões em geral. Para ele, “a existência humana, de fato, como é religiosamente vivida e compreendida, só pode ser adequadamente definida em termos de uma interação dialética entre seriedade e riso, entre ‘santidade’ e humor; e para além de uma apreciação de ambos os lados dessa dialética, o sagrado e o cômico, nenhuma religião é completamente compreendida ou interpretada” (HYERS, 1970, p. 4)<sup>98</sup>.

Embora pareça imprudente não dar ouvidos à observação de Hyers — e correndo o risco de incorrer em interpretações limitadas — não é o objetivo aqui aprofundar as intuições acerca do riso na vida de mestres espirituais, ou seu significado para as religiões de um modo geral. Ainda assim, tal nota se justifica porque algo chama atenção de imediato no caso sobre o qual agora nos debruçamos: Sri Prem Baba é um homem que ri — e bastante. Ao assistir as entrevistas que concede, aos mais variados veículos, é quase garantido testemunhar sua gargalhada, por vezes estrondosa<sup>99</sup>. Durante nossa conversa, não foi diferente. Sua primeira gargalhada preencheu o ambiente logo nas primeiras frases, quando se referiu a suas heranças religiosas: “minha família era um centro eclético”.

**O senhor diz que a sua família foi um primeiro laboratório no seu caminho espiritual, que lhe possibilitou ter uma visão mais ampla. Gostaria que começássemos por aí: de que maneira a sua criação e também sua vivência como brasileiro facilitaram essa aptidão para construir “pontes entre mundos”?**

---

<sup>97</sup> Vários sites de linhas orientalistas e Nova Era trazem essa referência. Cf. OSOHO INTERNATIONAL FOUNDATION. **Meditação é divertida.** [S.I.]: Osho.com, c2017. Disponível em: <http://www.osho.com/pt/meditate/what-is-meditation/playful/>. Acesso em: 02 dez. 2017. Ver também: DUARTE, Tales Luciano. **A grande piada cósmica por trás da Iluminação.** [S.I.]: Yogi.com, c2016. Disponível em: <http://yogui.co/grandepiada-cosmica-por-tras-da-iluminacao/>. Acesso em: 02 dez. 2017.

<sup>98</sup> Nesse trabalho, o autor identificou três níveis do cômico no Zen, os quais corresponderiam ao riso do “Paraíso”, do “Paraíso-Perdido” e do “Paraíso-Reconquistado”. Ou, ainda, remontariam a diferentes estados que se sucedem, nos movimentos da pré-racionalidade para a racionalidade e desta para uma “supra racionalidade”. Ou da espontaneidade da criança, passando por um tipo de humor “mais auto-consciente, mais reflexivo, mais sério e mais maduro”, até um terceiro, o qual transcende aos demais: o que “se transforma na liberdade para brincar e para rir, contida na liberdade da iluminação”. (HYERS, 1970, p. 5-6). Clasquin (2001), por sua vez, tentou compreender por que o riso, na Índia antiga, foi tido como algo repreensível entre alguns monges budistas, visto que essa interdição, prevista em certos códigos de conduta do período, contrastava-se profundamente com a própria cultura indiana, abundante em exemplos de exaltação do humor, advindos não só das tradições teatral e poética, como também dos textos sagrados — ainda que se trate de um tipo de humor que, por vezes, tenha sido mal compreendido entre os ocidentais.

<sup>99</sup> A título de exemplo, cf: CONVERSA com Bial: Programa de quarta-feira, 13/09/2017, na Íntegra. Entrevista com Reynaldo Gianecchini e Sri Prem Baba, 47'25". **Rede Globo**, 13 set. 2017. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6146975/>. Acesso em: 25 nov. 2017.

**Prem Baba:** Eu ressaltaria alguns aspectos, um deles a diversidade religiosa. Minha família era como um centro eclético [gargalhadas]. Eu tinha uma avó que era católica, e que depois se converteu ao protestantismo, um avô que era ateu, um tio que era do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, uma tia que era estudante Rosacruz e outros de outras denominações religiosas. E tudo aquilo foi muito instigante para mim. Um outro aspecto, ainda dentro dessa diversidade, foi eu assistir a algumas atuações mediúnicas da minha avó e de uma tia que recebiam pessoas em casa buscando auxílio, buscando cura. Essas figuras da minha família, especialmente a minha avó e uma tia, que era filha dessa avó, eram médiuns de incorporação. Elas recebiam entidades espirituais que falavam sobre a vida daquelas pessoas que iam buscar ajuda. Eu achava aquilo tudo muito, muito curioso [gargalhadas]. Eu queria entender o que era, o que não era, o que era verdade, o que era mentira. Sinto que trouxe comigo um gene investigativo: eu tinha uma grande curiosidade e, especialmente quando aconteciam fenômenos que eu considerava paranormais, eu ficava tentando entender como aquilo acontecia. Como é que a minha avó e a minha tia, falando uma língua estranha, ou incorporando uma entidade que falava num tom de voz diferente, conseguiam saber de detalhes da vida da pessoa que chegava ali? Como é que sabiam disso? Como é que adivinharam aquilo que a pessoa estava querendo saber e puderam dar um conselho, dar uma direção? Ou, casos em que a pessoa vinha arrastada de tanto sofrimento, com problemas físicos inclusive, e, depois de uma oração, a pessoa saía andando. Tudo isso foi me provocando tremendamente. Então, fui uma criança atormentada [gargalhadas] por conta dessas questões que via na minha família [gargalhadas], e que se somavam às minhas questões pessoais. Porque eu também tinha minhas experiências que, hoje, chamaria de experiências místicas, chamaria de experiências extra-sensoriais, paranormais. Eu tinha visões, tinha sonhos, tinha sensações que ninguém explicava. A minha família me levava em benzedeira, e me levava em pastor, e me levava em padre, me levava aqui e acolá para ver se eu recebia um auxílio, para ver se eu me libertava daquele tormento. Esse é um aspecto.

Outro aspecto que eu também salientaria é a condição socioeconômica da minha família. Vim de uma família de uma classe baixa querendo se tornar média, passando por muitas dificuldades, passando por muitos desafios. E sinto que tudo isso também me provocou, me fez querer entender por que as pessoas precisam passar por isso, por que as pessoas precisam passar por esses desafios, por essas dificuldades. Por que um tem e outro não tem? Por que um sofre e outro não sofre? Por que um tá bem e outro tá mal? Essas questões foram me provocando, e fui compreendendo que a razão maior da minha vida era encontrar respostas para essas perguntas.

Hoje, olhando para trás, vejo que fui chamado por duas perguntas: como superar o sofrimento? E como compreender essas experiências místicas? E tudo isso compreendo que foi resultado dessa brasilidade [gargalhadas]. Compreendo que fui provocado por essas questões por ter nascido no Brasil, por ter tido família de origem nordestina, misturado com uma influência europeia. Tem uma mistura, né? Essa coisa afro-indígena, quer dizer, tudo isso fez parte do meu inconsciente, do meu psiquismo, da minha formação. Sinto que essa é uma herança que me estimulou, que me beneficiou também<sup>100</sup>.

Sri Prem Baba nasceu no dia 9 de novembro de 1965, no bairro paulistano da Aclimação, e, como mencionei, atendia pelo nome de Janderson Fernandes de Oliveira. Criado, portanto, em uma “família de buscadores”<sup>101</sup>, conviveu desde cedo com tamanha diversidade religiosa. O meio a que pertencia, naturalmente o colocava diante de diferentes perspectivas e da

<sup>100</sup> Trecho da entrevista concedida a mim, em Alto Paraíso de Goiás, no dia 28 de junho de 2017.

<sup>101</sup> cf: CONVERSA com Bial (programa citado anteriormente), trecho que começa aos 3’50”.

possibilidade de seguir os mais variados caminhos, embora isso não significasse ausência de conflitos: “nessa diversidade, eu sentia que todos estavam em busca de uma mesma coisa, que era como superar o sofrimento, como se relacionar de uma forma saudável”, diz o guru, acrescentando ter constatado também que, “dentro dessa família de buscadores, eles brigavam muito [...], disputavam muito: ‘a minha verdade é melhor que a sua!’”<sup>102</sup>.

Se a brasilidade expressa na diversidade religiosa que o cercou, aliada à sensibilidade para fenômenos espirituais e à condição sócio-econômica da família foram os primeiros elementos a despertar sua natureza contestadora, vale dizer que esta se manifestou na forma de rejeição aos discursos cristãos tradicionais:

Eu ia para as igrejas e desafiava os pastores. Desde muito criança, eu não acreditava nas respostas que eles me davam. Eu via muita incoerência. Eles falavam uma coisa e faziam outra [...] Comecei a questionar a Bíblia. O conhecimento pregado para uma felicidade no futuro, depois da morte. E eu queria entender o agora<sup>103</sup>.

Estavam postas, assim, algumas das condições que abririam caminho para religiosidades sincréticas, para referências orientais e para sistemas de conhecimento distanciados do cristianismo tradicional, que pudessem dar conta de suas perguntas. Não por acaso, sua trajetória contemplaria correntes espirituais e esotéricas das mais variadas.

Por volta dos 13 anos de idade, Janderson, então praticante de *taekwondo*, se interessou em conhecer o yoga devido ao que chamou de uma “típica vaidade adolescente”<sup>104</sup>. Ouviu falar que a técnica indiana ensinava a obter o domínio do corpo a partir do controle da mente e viu nela uma oportunidade para se aprimorar nas artes marciais: “era fã do Bruce Lee e queria muito conseguir uma abertura pélvica para fazer aquelas voadoras e dar aqueles saltos espetaculares dos filmes chineses de Kung Fu”<sup>105</sup>.

Logo, se viu frequentando as aulas de uma professora chamada Teresinha de Jesus Ribeiro<sup>106</sup>, em Guarulhos. Já no seu primeiro dia, ao ouvir um indiano cantando músicas devocionais hindus para Sita Ram<sup>107</sup>, entrou em um transe místico, que lhe provocou a sensação

<sup>102</sup> Idem, trecho compreendido entre 5’22” e 5’42”.

<sup>103</sup> Disponível em: <https://www.sriprembaba.org/rebeldivina/>. Acesso em: 22 nov. 2017.

<sup>104</sup> Cf. AWAKEN LOVE ASSOCIAÇÃO. **Yoga, a união do Ser**. [S.I.]: Sriprembaba.org, c2015-2017. Disponível em: <https://www.sriprembaba.org/yoga-a-uniao-ao-ser/>. Acesso em: 22 nov. 2017.

<sup>105</sup> Idem.

<sup>106</sup> Cf. VERÍSSIMO, Arthur. Baba, Prem Baba: O pai do amor, Prem Baba, é o guru brasileiro que conquistou seguidores em todo planeta. **Revista Trip**, 08 jul. 2010. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/baba-prem-baba>. Acesso em: 23 nov. 2017.

<sup>107</sup> Sua história é contada no poema épico hindu Rāmāyana, escrito antes do século V AEC. A princesa, filha do rei Janaka de Videha, é casada com o Rāma, príncipe de Ayodhya, quem é banido para a floresta em cumprimento a uma promessa feita por seu pai, o rei Dasaratha. Durante a vida na floresta, acompanhando o marido, Sita é sequestrada. Com a ajuda do general-macaco Hanuman, Rama e seu exército conseguem resgatar a

de familiaridade pregressa com o sânscrito e “todo o universo relacionado ao yoga”<sup>108</sup>, segundo suas palavras. Além disso, ouviu um chamado: “escutei uma voz interior me falando: quando tiver 33 anos, vá para a Índia, para Rishikesh”, declarou<sup>109</sup>.

O yoga, desde então, se tornou parte de sua vida. Ele transitou por diferentes linhas da ciência milenar, começando pela prática de *asanas*, até que, por conta de uma lesão no menisco, provocada por uma queda de cavalo, passou a se dedicar ao que chama de aspectos mais sutis e subjetivos do yoga, como as técnicas de controle da energia vital por meio da respiração (*pranayamas*), cânticos de mantras e meditação.

Tudo isso que eu faço não deixa de ser ensinar yoga. Só que um yoga mais espiritual. Uma fusão de todas as minhas experiências de *Jnana, Bhakti, Karma Yoga*<sup>110</sup>. Mas também dou suporte e sustentação aos meus professores que ensinam o yoga físico, o *Hatha*. Inclusive, estamos resgatando, nessa nova fase da nossa missão, essa prática que foi batizada de *Awaken Yoga*. Um resumo de tudo isso que vivi até hoje. O yoga foi um divisor de águas que me conectou com o orientalismo que facilitou o encontro que eu buscava. A minha vida está profundamente ligada ao yoga<sup>111</sup>.

Depois da primeira experiência mística, estimulada pelos cantos devocionais, Jaderson teria passado por um despertar de sua mediunidade, que incluía a percepção de realidades paralelas e dons de clariaudiência para “ouvir comunicações do plano espiritual em diferentes idiomas e linguagens”. Com menções vagas no que se refere à temporalidade, ele conta que viveu um processo de “loucura divina” e a sua “busca pela verdade do sentido da vida” tornou-se “a meta mais importante”<sup>112</sup>.

Uma consequência da predisposição para atingir tal meta teria sido o contato com “diferentes caminhos de autoconhecimento”, dentre os quais se destacariam três, elencadas em seu site oficial: 1) “as experiências com a *ayahuasca* na linha cristã eclética do Santo Daime e nas pajelanças primitivas dos índios da Floresta Amazônica”; 2) “as práticas de yoga e o contato

---

princesa, mantida em cativeiro por Ravana, o rei-demônio de dez cabeças do Sri Lanka. Ao retornar a Ayodhya, Rama é entronizado como rei, mas decreta o banimento de Sita por conta de seu compromisso com seus súditos, devido à suspeita do povo da cidade de que a princesa teria perdido a castidade durante o sequestro. Cf. FLOOD (2014, pp 97 e 149).

<sup>108</sup> Cf. AWAKEN LOVE ASSOCIAÇÃO. **Yoga, a união do Ser**. [S.I.]: Sriprembaba.org, c2015-2017. Disponível em: <https://www.sriprembaba.org/yoga-a-uniao-ao-ser/>. Acesso em: 22 nov. 2017.

<sup>109</sup> Idem.

<sup>110</sup> Refere-se aos três caminhos do yoga, mencionados no Bhagavadgītā. Correspondem ao yoga do conhecimento, da devoção e da ação desinteressada, respectivamente. Cf. ŚRĪMAD Bhagavadgītā (With English Translation & Transliteration). 11th. ed. Gorakhpur, Índia: Gita Press, 2010.

<sup>111</sup> Cf. AWAKEN LOVE ASSOCIAÇÃO. **Yoga, a união do Ser**. [S.I.]: Sriprembaba.org, c2015-2017.

<sup>112</sup> Cf. AWAKEN LOVE ASSOCIAÇÃO. **Os vários caminhos do jogo espiritual**. [S.I.]: Sriprembaba.org, c2015-2017. Disponível em: <https://www.sriprembaba.org/os-varios-caminhos-do-jogo-espiritual/>. Acesso em: 22 nov. 2017.

com mestres orientais como Osho e outros”; 3) “a psicologia, um instrumento científico e acadêmico capaz de canalizar as experiências espirituais de maneira terapêutica”<sup>113</sup>.

Ele conta que o ‘trabalho no mundo’ se tornou a sua busca. Sua vida profissional, inicialmente, se construiu pelas vias da medicina alternativa. Primeiro, colecionou formações holísticas — massoterapia, fitoterapia e acupuntura — até que, por fim, graduou-se em psicologia.

Meu trabalho era atender pessoas que estavam em conflito, pessoas que estavam angustiadas nos seus relacionamentos, na sua relação com o mundo, na relação com o trabalho [...] E isso foi ocupando a minha vida. Desenvolvi um método para ajudar essas pessoas. Mas, dentro de mim, eu carregava uma profunda angústia, porque eu sabia que aquilo que eu estava ensinado para as pessoas não era a minha experiência. Eu repetia coisas que eu havia lido nos livros [...] No mais profundo, eu me sentia um hipócrita. Eu carregava a angústia da hipocrisia [...] Até que entrei numa profunda crise existencial. E no auge dessa crise [...] eu fui muito honesto numa oração ao Supremo, ao Grande Mistério [...] Eu pedi: por favor, me orienta. Me guia. Se existe uma verdade nesse mundo, por favor, manifeste-se aqui, agora [...]. Aí entrei em meditação profunda. E ali eu tive uma visão. Apareceu para mim um velho, de longas barbas brancas, semi-nu. Estava nos Himalaias. Ele disse para mim: “você vai fazer 33 anos. Venha para Índia, para Rishikesh”<sup>114</sup>.

Na época, Janderson estava noivo. A oportunidade de ir à Índia veio depois do casamento, no que deveria ser uma viagem de lua de mel, em 1999: “no mais profundo, eu sabia que estava em busca de uma revelação”<sup>115</sup>, afirmou. O roteiro incluiu diversos lugares sagrados e encontros com mestres espirituais. Prem Baba conta que via muita beleza nos ensinamentos, mas a Índia lhe incomodou profundamente:

Meu ego estava à flor da pele [...] e no auge desse incômodo começamos a nos mover em direção à Rishikesh. Quando fomos chegando em Haridwar, que era uma cidade próxima, um fenômeno aconteceu [...]. Eu fui invadido por uma luz. Meu coração se abriu, minha mente se acalmou e eu senti uma alegria sem razão, sem causa<sup>116</sup>.

Em busca de uma mestra espiritual de quem ouvira falar, e “levado pela sincronicidade”, Janderson chegou até um *ashram* em Lakshman Jhula, uma área de Rishikesh.

Eu fui para encontrar essa mulher. O nome dela é Shanti Mayi. Mas quando cheguei lá, ela não estava. Ela havia saído. E aí a Ila, a brasileira que estava me conduzindo, falou: “a gente pode tentar falar com o mestre dela. Ele é um indiano que atende

---

<sup>113</sup> Idem.

<sup>114</sup> Relato extraído do documentário sobre a jornada espiritual de Sri Prem Baba e o encontro com seu mestre, Sri Hans Raj Maharaj, na Índia. Cf. **ISSO Existe: Um Filme Sobre Sri Prem Baba** (Versão em português). Direção: David Hanrahan. Brasil, 2015. Documentário, 73'28". Trecho: de 7'00" até 13'46". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Umr61UnQvuE>. Acesso em: 15 dez. 2017.

<sup>115</sup> Idem. Trecho: de 16'23" até 16'29".

<sup>116</sup> Idem. Trecho: começa aos 24'51".



basicamente indianos, mas não custa tentar. O máximo que ele pode falar é não”. Porque ele falava muito não [risos]. Muita gente ia lá e ele não atendia<sup>117</sup>.

Mas eis que o tal indiano que “tinha fama de dizer não” mandou dizer que concordava em recebê-lo dali a alguns dias. Ao retornar e bater à porta do mestre, Prem Baba conta que se deparou com o mesmo velho de longas barbas brancas da sua visão:

Naquele momento eu caí de joelhos nos pés dele. Naquele momento, a minha vida se transformou. O Maharaj deu uma grande gargalhada e me recebeu. Eu tive a sensação clara de que ele estava me esperando. E depois ele me confirmou. Ele disse que realmente ele estava me esperando<sup>118</sup>.

Segundo conta, Maharaj disse que o que faltava a Janderson era se entregar para um guru vivo, e sugeriu que ele ficasse no *ashram* por 15 dias.

Isso acabou comigo [gargalhadas]. Porque eu estava em lua de mel e até então a viagem tinha sido uma catástrofe e tinha uma esperança de que a partir daquele momento a viagem ia começar a ficar boa [...] íamos desfrutar do casamento. Falei: mas como que eu posso seguir adiante se meu coração ficou com o Maharaj?<sup>119</sup>

A partir de então, Janderson fez sucessivas viagens a Rishikesh, durante às quais passava tempos no *Sachcha Dham Ashram* com Maharaj. Já no ano seguinte, recebeu a iniciação espiritual. Dois anos depois, autorrealizou-se e passou a ser chamado de Guru Sri Prem Baba. Com a morte do Maharaj, em 23 de outubro de 2011, o paulistano se tornou o maior representante vivo da linhagem *Sachcha*. No entanto, como mencionado anteriormente, hoje, apesar da nova identidade espiritual assumida, e de falar em nome de sua linhagem, Prem Baba mantém vários elementos da vida pregressa em sua atuação no presente. A começar pelo fato de que o método do Caminho do Coração — criado em um contexto anterior, completamente distinto, como veremos adiante — segue sendo seu carro-chefe. A esse respeito, ele comenta:

Graças ao encontro com o meu guru me reconheci como filho da linhagem Sachcha. Mas as minhas experiências espirituais anteriores fizeram-me trazer uma coisa diferente. O próprio Maharaj Ji falou sobre isso: o novo santo que traz uma nova mensagem.

E essa nova mensagem origina-se justamente na integração de tudo pelo que passei antes de alcançar a minha meta. Em tudo que vivi durante a minha busca. É uma coisa realmente nova e diferente, é a essência de tudo. Eu trabalho com a *doutrina da síntese* [grifos meus]. A essência de todas as linhas de conhecimentos.

Se estou com um grupo de indianos, posso falar sobre as filosofias védicas, sobre Yoga, sobre Vedanta, sobre Tantra. Se estou no Brasil, lido bem com o pessoal do

---

<sup>117</sup> Idem. Trecho: de 29'03" até 29'46".

<sup>118</sup> Idem. Trecho: de 30'55" até 31'46".

<sup>119</sup> Idem. Trecho: de 35'32" até 36'34".

cristianismo. Posso falar também da religiosidade africana, da mediunidade, do ocultismo, do esoterismo, da magia, do xamanismo indígena. Se estou entre médicos transmito pela linguagem da psicologia e da terapia. Conheço diferentes vocabulários. Mas a minha verdadeira linguagem está livre de qualquer forma. O Prem Baba está livre de qualquer forma, não se prende a nada. É como a água que não se prende a nada. *Eu uso uma forma de acordo com a situação para poder passar o conhecimento [grifos meus].* Esse é o meu trabalho como mestre espiritual<sup>120</sup>.

### Considerações sobre a narrativa pessoal do guru

Há alguns aspectos a serem observados na trajetória de Sri Prem Baba, para além do fato de que seu ambiente familiar tenha estimulado o florescimento de uma determinada espiritualidade eclética e uma sensibilidade mediúnica que, de alguma maneira, o guiou até seu mestre. Aqui, são válidas duas observações de Beatriz Labate (2004, pp. 104-5): 1) o presente e passado coexistem nas narrativas pessoais que pretendem reconstruir percursos espirituais, sendo o passado reelaborado pelo próprio sujeito da narrativa em “um processo que é sempre relido a partir de uma interpretação *a posteriori* das experiências vivenciadas” (LABATE, 2004, p.104); 2) no contexto da modernidade, a insatisfação com relação aos discursos religiosos tradicionais caracterizaria-se como “um padrão recorrente na trajetória de indivíduos que têm como projeto o desenvolvimento de sua espiritualidade” (LABATE, 2004, p.105).

Como veremos adiante, esses comentários da autora se referiam, precisamente, a Janderson Fernandes de Oliveira. Para Labate, ele estaria inserido, “apesar da unicidade de sua trajetória, em uma rede social mais ampla, com a qual mantém trocas intensas” (LABATE, 2004, p.105). Gostaria de ampliar essa percepção e sugerir que o início da trajetória de Prem Baba não só dava pistas de um determinado cenário religioso moderno, o da Nova Era, como, atualmente, sua narrativa pessoal dialoga também com um certo imaginário e vocabulário comuns a alguns mestres indianos, contemporâneos seus ou não.

Evoquemos, novamente, o caso de Sivananda, que “mostrou tendências espirituais, mesmo quando jovem”, era “amoroso e generoso” e “tinha um toque natural para uma vida dedicada ao estudo e à prática do Vedanta, juntamente com uma ânsia inata de servir, e um sentimento inato de unidade com todos”. Depois de já tornado mestre, Sivananda cativava os discípulos com sua “generosidade irrestrita, espírito de serviço, devoção profunda e seu constante bom humor”, tendo reunido em seus ensinamentos “*os princípios básicos de todas as religiões, combinando todos os caminhos de ioga em um - Yoga da Síntese*” [grifos meus]<sup>121</sup>.

---

<sup>120</sup> Cf. AWAKEN LOVE ASSOCIAÇÃO. **A doutrina da síntese**. [S.I.]: Sriprembaba.org, c2015-2017. Disponível em: <https://www.sriprembaba.org/a-doutrina-da-sintese/>. Acesso em: 23 nov. 2017.

<sup>121</sup> Conferir Capítulo 1.

Quanto a Vishnu-Devananda, vale lembrar o momento de sua primeira experiência mística, depois de demonstrações de ceticismo, quando olhou para o Ganges e viu o rio “como uma luz vasta, brilhante e cósmica”. A esse vislumbre teria se seguido o convite de seu mestre para se juntar a ele e se tornar um yogi<sup>122</sup>.

Com o próprio Bhagwan Shree Rajneesh, também conhecido como Osho, inspiração de Janderson na juventude, há certos paralelos: o guru indiano era um filósofo, que inclusive se dispôs a interpretar Nietzsche (OSHO, 2017)<sup>123</sup>, refletia sobre questões como política e poder, propondo uma atuação prática no mundo (OSHO, 2013)<sup>124</sup>, bem como flertava com a psicologia. Ao mesmo tempo, também se utilizava de um vocabulário místico para descrever fatos de sua vida e, particularmente, sua experiência de autorrealização:

Segundo a autobiografia de Osho, sua trajetória espiritual começou de maneira semelhante a de antigos profetas, aos 21 anos, com uma revelação. Ele conta que numa noite de março de 1953 foi acordado por uma energia forte em seu quarto, correu para o jardim onde meditava e viu tudo iluminado. Ficou 3 horas em estado contemplativo – “chapadão”, como definiu – e 7 dias sem falar. “Dias se passavam e eu não sentia fome, não sentia sede. Desde aquela noite, nunca mais estive em meu corpo”. A luz trouxe a percepção de que não há nada a ser obtido, pois o ser humano já é perfeito<sup>125</sup>.

Podemos falar, ainda, de Jaggi Vasudev, o místico de Mysore conhecido como Sadhguru. Segundo a biografia disponibilizada em seu site oficial, desde a juventude era alguém com “clareza na vida”, o que fez dele “um conselheiro não-oficial para seus colegas de faculdade problemáticos”. Sua experiência de autorrealização aconteceu aos vinte e cinco anos, descrita como acidental, embora fosse um praticante de yoga desde os 12<sup>126</sup>:

Certa tarde, subi o Monte Chamundi, na cidade de Mysore, e fui para uma rocha em particular — uma pedra enorme que era meu lugar habitual — e me sentei lá com os olhos abertos. Depois de alguns minutos, eu não sabia onde estava. Até aquele momento, como a maioria das pessoas, sempre soube que isto sou eu e aquilo é a outra pessoa. Mas, pela primeira vez, não sabia o que era e o que não era eu. O que era eu estava espalhado por toda a parte. Achei que aquela loucura tinha durado de 5 a 10 minutos, mas, quando voltei ao meu estado normal, quatro horas e meia haviam se

---

<sup>122</sup> INTERNATIONAL SIVANANDA YOGA VEDANTA CENTRES. **Swami Vishnu-Devananda**. Val Morin, Quebec: Sivananda.org, [?]. Disponível em: <https://www.sivananda.org/teachings/swami-vishnudevandana.html>. Acesso em: 15 dez. 2017.

<sup>123</sup> OSHO. **Torne-se quem você é**: Reflexões Extraordinárias sobre *Assim Falou Zaratustra*, de Nietzsche. 1. ed. São Paulo, SP: Alaúde, 2017.

<sup>124</sup> OSHO. **Poder, política e mudança**: Como ajudar o mundo a se tornar um lugar melhor? São Paulo, SP: Planeta, 2013.

<sup>125</sup> Cf. NUNES, Bianca. Osho: o guru politicamente incorreto. **Revista Super Interessante**, 30 jun. 2008. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/osho-o-guru-politicamente-incorreto/>. Acesso em: 15 dez. 2017.

<sup>126</sup> ISHA FOUNDATION. **Man**: A fearless child, a revolutionary teen, an irreverent youth, how did it all add up to make the man who has transformed millions of lives? Disponível em: <http://isha.sadhguru.org/man/>. Acesso em: 15 dez. 2017.

passado. Estava sentado bem ali, totalmente consciente, olhos abertos. Sentei lá por volta das 3h da tarde. Eram 7h30 da noite quando saí. Pela primeira vez na minha vida adulta, as lágrimas fluíam a ponto da minha camisa ficar completamente molhada<sup>127</sup>.

É possível, assim, estabelecer alguns pontos de contato com os relatos pessoais desses mestres: 1) espiritualidade inata, presente e observável desde a infância/primeiros anos de juventude; 2) discurso que mescla linguagem científica e vocabulário místico, sem que isso represente contradição; 3) disposição para o diálogo interreligioso por meio de métodos que sintetizam cosmologias e tradições; 4) percepção de fenômenos: a luz brilhante e cósmica que Vishnudevananda viu no Ganges, o jardim iluminado de Rajneesh, a união mística de Sadhguru no alto da montanha em Mysore, a sensação que Prem Baba experimentou pouco antes de encontrar Sri Hans Raj Maharaj.

Nessas variadas narrativas, há, portanto, um encontro de vocabulários, determinado pela experiência de autorrealização, que passa a servir como perspectiva para a releitura dos episódios da infância e da juventude, os quais são, por sua vez, reinterpretados como prenúncios dessa mesma experiência — em consonância, portanto, com a sugestão de Labate.

Além da autorrealização em si, que estabelece uma correlação entre esses discursos, é importante enfatizar que não apenas a percepção acerca do hinduísmo como religião universal é localizável no tempo, mas também a disseminação — via orientalistas — do imaginário que viria a informar esse tipo de narrativa no Ocidente. Voltarei a falar a esse respeito mais adiante. Por ora, defendo que tais pontos de contato e esse vocabulário comum podem oferecer pistas em relação à aparente facilidade de Prem Baba em transitar e conquistar seguidores na Índia, embora não seja um nativo dessa cultura. Sua trajetória, ao dialogar de alguma maneira com a história de outros gurus, encontra ressonância junto a uma audiência ávida por um certo tipo de serviço espiritual — no caso de buscadores estrangeiros, por exemplo — e habituada a esses vocabulários e narrativas.

No entanto, há um outro ponto de contato crucial: a transmissão dos ensinamentos milenares por meio de metodologias que atualizam a tradição, adaptando-a a tempos, lugares e

---

<sup>127</sup> “One afternoon, I rode up Chamundi Hill in Mysore city and went to a particular rock – a huge rock which was my usual place – and sat there with my eyes open. After a few minutes, I didn’t know where I was. Till that moment, like most people, I always thought this is me and that is someone else. But for the first time I did not know what is me and what is not me. What was me was spread all over the place. I thought this madness lasted for 5 to 10 minutes but when I came back to my normal way of being, four-and-a-half hours had passed. I was sitting right there, fully conscious, eyes open. I sat there at around 3:00 in the afternoon. It was 7:30 in the evening when I came out of it. For the first time in my adult life, tears were flowing to a point where my shirt was completely wet.” Cf. ISHA FOUNDATION. **Sadhguru’s Enlightenment in His Own Words:** On the occasion of the anniversary of Sadhguru’s enlightenment, we present to you the story of this momentous event in his very own words. Ishasadhguru.org, 23 set. 2014. Disponível em: <http://isha.sadhguru.org/blog/sadhguru/masters-words/sadhguru-enlightenment-experience/>. Acesso em: 16 dez. 2017.

contextos culturais específicos — tornando possível que o guru conquiste seguidores com distintas bagagens e práticas religiosas. Trataremos dessa questão a seguir, começando por destrinchar as origens do método psico-espiritual desenvolvido por Sri Prem Baba — e, adiante, no capítulo 3, entendendo como ele se estrutura atualmente.

## 2.2 - As origens do Caminho do Coração

Antes de se tornar o guru Sri Prem Baba, Janderson havia sido objeto da pesquisa da antropóloga Beatriz Labate, na década de 1990, que buscava mapear e compreender novos usos da *ayahuasca* em centros urbanos, fora do ambiente tradicional amazônico e do seu contexto ritual original (LABATE, 2004).

Psicólogo de formação, em 1994 ele fundou um Centro Terapêutico onde, a partir do terceiro ano de funcionamento, passou a realizar rituais que aliavam a ingestão de *ayahuasca* a técnicas e terapias holísticas, individuais ou em grupo, utilizando um método psico-espiritual próprio, o Caminho do Coração, propondo assim “toda uma nova elaboração em torno do consumo da bebida” (LABATE, 2004, p.125). O chá ritual das tradições amazônicas era considerado, não só por Janderson, mas também por seus pacientes, um agente catalizador do processo terapêutico.

Essa experiência o situaria, conceitualmente, não apenas como um líder “neo-ayahuasqueiro”<sup>128</sup>: à época, a cosmologia do Caminho do Coração foi decomposta e compreendida a partir de um tripé, que conjugava: 1) o universo devocional do Santo Daime — presente nos hinos e no próprio consumo do chá; 2) uma influência orientalista — observável nas práticas de yoga e na reverência ao mestre indiano Osho e seu métodos, como suas meditações, por exemplo (LABATE, 2004, p.285); 3) toda uma expressão e um vocabulário identificados como Nova Era — traduzidos no fato mesmo das experiências de Janderson se darem em um Centro Terapêutico, e a temática da cura, presente no Santo Daime, estar associada à ideia de terapia (LABATE, 2004, p.315). Gostaria de tecer algumas considerações acerca de cada um desses elementos que compõem o tripé mapeado por Labate:

---

<sup>128</sup> Esta é uma noção de Labate, que apresenta o uso do ayahuasca fora do contexto tradicional das “religiões ayahuasqueiras” (outro termo da autora), a saber: Santo Daime, União do Vegetal (UDV) e Barquinha.

### 2.2.1 - O Santo Daime

Primeiramente, embora o Caminho do Coração, em sua origem, envolvesse também o consumo do chá, a relação de Janderson com as igrejas e lideranças do Santo Daime foi marcada por certas divergências. Apesar de ter chegado a ‘se fardar’, ele fazia algumas críticas, seja por conta do que chamou de “excesso de militarização do ritual” — devido a regras e fiscalização rígidas que, na sua visão, “limitariam ou impediriam o sujeito de atingir níveis mais profundos da experiência com o daime”<sup>129</sup> (LABATE, 2004, p.324) —, seja por questionar sua eficácia, ao observar que as pessoas podiam fazer uso do chá durante anos e nem por isso serem capazes de integrar a experiência do ritual ao dia a dia (LABATE, 2004, p.329). Ainda assim, ele teria mantido o que Labate chamou de “vínculo afetivo” com algumas lideranças (LABATE, 2004, p.124).

Hoje, como mencionei, é dito publicamente que o Santo Daime figura entre as principais influências espirituais no caminho do homem que veio a se tornar Sri Prem Baba. Quando o entrevistei, devido à limitação de tempo, não cheguei a perguntar como ele via atualmente suas próprias críticas, feitas há cerca de duas décadas. Mas, existindo ainda ressalvas ou não, observo que: 1) há uma ênfase na eficácia do Caminho do Coração, que necessariamente reverbera no cotidiano (e essa ideia é bastante clara na questão do “propósito”, como veremos adiante); 2) Prem Baba, que atrai buscadores de diversas religiões, reúne em torno de si um grupo significativo de pessoas ligadas ao universo ayahuasqueiro<sup>130</sup>. Durante meu trabalho de campo em Alto Paraíso de Goiás, nem foi preciso apurar muito os ouvidos para perceber que rituais com o daime fazem parte da experiência de vários dos que estiveram presentes na Temporada 2017<sup>131</sup>, por exemplo.

Tive a oportunidade de conversar informalmente com algumas pessoas, entre pesquisadores de religião, praticantes de yoga e daimistas, sobre essa inusitada hibridização. Chamou-me a atenção o fato de que trouxessem à baila o *Soma* como elemento indicativo da possibilidade de união entre esses universos e culturas distantes. Segundo Gavin Flood (2014), essa planta psicoativa, que já era cultuada pelos povos arianos, estabelecidos no norte da Índia

<sup>129</sup> No contexto daimista, o chá da *ayahuasca* é chamado de daime.

<sup>130</sup> E não só daimistas. Tive oportunidade de conversar com seguidores oriundos de diferentes tradições, não só daimistas, mas também cristãos, muçulmanos e siques.

<sup>131</sup> A respeito de celebrações que combinem o uso ritual da ayahuasca com referências indianas, conferir o trabalho de CARDOSO & ANDRADE (2015), sobre o Núcleo São José, localizado na região metropolitana de Fortaleza, Ceará.

por volta do ano 1500 AEC, é mencionada no *Rg Veda*, inclusive com referências extensivas quanto a sua preparação para uso ritual (FLOOD, 2014, p.54; pp.65-7).

No entanto, o que me permitiu observar, na prática, essa possibilidade de experiência que congrega referências orientais e tradições amazônicas (CARDOSO & ANDRADE, 2015) foi minha participação nas cerimônias promovidas por Zavalita, um curandeiro<sup>132</sup> peruano, discípulo iniciado de Prem Baba.

### **No Rio de Janeiro**

As duas cerimônias em que estive presente<sup>133</sup> se realizaram à noite, no bairro do Alto da Boavista. O convite, regras e recomendações de preparação para o ritual foram feitos por meio de um grupo privado no Facebook, que servia ainda para organizar as caronas até o local. Curiosamente, peguei carona com Gabriel, um psicólogo junguiano cujas experiências com *ayahuasca*, segundo me contou, o fizeram olhar para sua prática profissional de uma maneira diferente e o ensinaram a “não fazer avaliações apressadas” de seus pacientes, por ter compreendido a profundidade de certos conteúdos psicológicos, os quais levavam anos até que se apresentassem no consultório — embora pudessem se mostrar em um único ritual com o chá. É importante dizer que, apesar desse comentário estar em concordância com o que Janderson e seu grupo diziam em fins da década de 1990, Gabriel não fez qualquer menção a eles.

Chegando lá, enquanto esperávamos o término da preparação do ambiente onde seria realizado o trabalho<sup>134</sup>, nos juntamos aos demais presentes em torno de uma fogueira e compartilhamos um cachimbo de madeira indígena, que passava de mão em mão. A recomendação de não tragar vinha acompanhada da explicação de que o sentido daquelas baforadas sob a luz do fogo era entrar em comunhão com “*el abuelo tabaco*”, que, assim como o cipó e o arbusto que compõem a *ayahuasca*, também é considerado uma “planta de poder” para as tradições amazônicas. Uma mulher, Florina, tocava uma espécie de pandeiro indígena e entoava cânticos para a *Pacha Mama*.

Embora eu não tivesse experiência prévia com qualquer tipo de ritual ayahuasqueiro, estava ciente de algumas diferenças marcantes entre a cerimônia da qual tomaria parte e as do Santo Daime. Tratava-se ali de um ritual tradicional do Peru — país de origem não só de Zavalita, mas também de seu assistente — no qual, geralmente, não há referências cristãs. Os

---

<sup>132</sup> Optei por usar essa palavra pois o próprio Zavalita me explicou que o termo *xamã* é estranho aos nativos peruanos, sendo originado na Sibéria.

<sup>133</sup> Nos dias 14 de maio de 2016 e 18 de fevereiro de 2017.

<sup>134</sup> Tal como no contexto daimista, este é um outro nome dado à cerimônia.

hinos, por exemplo, exaltam *Pacha Mama* e *Mariri*<sup>135</sup>, em vez dos santos católicos ou da Virgem Maria. Além disso, no lugar do tradicional bailado daimista — durante o qual as pessoas ficam em roda, de mãos dadas, dando passos sincronizados por várias horas em um salão iluminado —, a “cerimônia de cura”<sup>136</sup> daquela noite aconteceria totalmente às escuras. “É para propiciar um mergulho interior profundo”, explicou o curandeiro.

Gabriel me disse apreciar esse diferencial em relação ao formato de cerimônia daimista. Já Rui, um estreante como eu, compartilhou com o grupo que a ausência de influências cristãs foi o fator determinante para que ele se juntasse a nós naquela noite.

Todos, independente do grau de experiência, preenchiam uma ficha com dados pessoais, condições de saúde, doenças pré-existentes e histórico de cirurgias. Finalmente, quando o ambiente estava pronto, começaram a chamar um a um para que fossem preparados e tomassem seus lugares, sempre indicados por Zavalita.

Na minha vez, tive uma surpresa ao entrar no recinto, uma ampla sala de visitas: havia ali várias imagens de deidades hindus nas paredes e, também, dos chamados mestres da floresta, além de objetos indígenas, como cachimbos, chocalhos, tambores, colares e penas. E, sim, havia uma referência cristã: a imagem de São Jorge pendurada logo na entrada, próxima a uma foto do Osho.

---

<sup>135</sup> Um dos nomes para o cipó que compõe a ayahuasca.

<sup>136</sup> Assim foi chamada no convite, feito pelo próprio curandeiro via Facebook.





*Figura 4: Colchonetes são dispostos lado a lado e cada participante tem um balde à disposição, caso haja necessidade de vomitar  
(Foto: Gisele Maia)*



*Figura 5: Mistura de referências hindus e indígenas (Foto: Gisele Maia)*



*Figura 6: Osho e São Jorge (Foto: Gisele Maia)*



Figura 7: artefatos indígenas em detalhe  
(Foto: Gisele Maia)



Figura 8: Altar improvisado, com imagem de Sri Prem Baba (Foto: Gisele Maia)

Conforme vim a saber depois, o dono da casa, Vishnu, um homem na faixa dos 50 anos, era hindu desde os nove, idade em que foi apresentado a essa tradição pela avó, ela própria também hinduísta. Naquela semana, segundo seu relato para o grupo, ele completava nove anos “comungando da ayahuasca”, para usar sua expressão.

Como todos os demais ali, precisei ser ‘defumada’: o curandeiro me pediu que ficasse de pé e abrisse os braços, de frente e depois de costas, enquanto ele sacodia uma pena no meu corpo, ao mesmo tempo em que me soprava baforadas de tabaco. Quando todos já haviam tomado seus lugares — em colchonetes dispostos no chão formando um semicírculo —, Zavalita começou a dar explicações quanto ao funcionamento da cerimônia, sobretudo porque havia vários estreantes no grupo de cerca de 20 pessoas. Explicou, por exemplo, que passaria na roda um recipiente com folhas de coca, esta também considerada uma ‘*planta maestra*’, assim como ‘*la mama ayahuasca*’ e ‘*el abuelo tabaco*’. Deveríamos escolher três folhas, assoprá-las, rezá-las e, então, mastigá-las ou mantê-las, até que chegasse a hora de colocá-las no altar, perto de algum mestre ou deidade à escolha de cada um. Foram insistentes as recomendações para que, caso sentíssemos necessidade, pedíssemos ajuda a ele, a seu assistente ou a Vishnu. “E lembrem-se: tudo passa”, disse repetidas vezes.

Nos momentos iniciais do ritual, o curandeiro fez uma primeira prece de agradecimento e, além dos mestres Irineu e Fermín<sup>137</sup>, citou também Krishna, Buda e, por fim, “o meu mestre Prem Baba”. Ao ouvir suas palavras, direcionei o olhar para o altar improvisado e, só então, vi, apesar da iluminação precária do ambiente, que entre penas, velas e cigarros de tabaco, uma foto do guru paulistano ocupava um lugar de destaque.

Não cabe aqui, considerando os limites deste trabalho, entrar em detalhes maiores sobre como transcorreu a cerimônia, que se prolongou até o raiar do dia. No entanto, vale dizer que a música indígena, tocada por Zavalita durante a noite inteira, era de tempos em tempos interrompida quando o curandeiro, de acordo com seus próprios critérios, chamava os participantes, um de cada vez, que se colocavam diante do curandeiro. Ele pedia que relatássemos como estávamos nos sentindo, nos deixando à vontade para compartilhar ou não a experiência. De um modo geral, a maioria contava algo. Considerando o tamanho do grupo, relativamente pequeno, e a interrupção da música a cada convocação de Zavalita, era possível ouvir com certa clareza esses relatos — e a eles, por vezes, se seguiam algum tipo de recomendação ou conselho do curandeiro<sup>138</sup>.

Quanto à minha própria experiência, chamou-me a atenção o fato de que, embora nunca tivesse participado de cerimônias desse tipo, tampouco ingerido *ayahuasca* em outra ocasião, as minhas sensações mais fortes não me foram de todo estranhas, visto que eu parecia ter um repertório, relacionado ao yoga, que curiosamente dava conta delas. Nesse sentido, destacaria a percepção de dissolução do corpo, que me parecia expandido, ocupando todo o ambiente. Também ressaltaria o momento em que senti um fluxo de energia espiral e ascendente, da base da coluna até o topo da cabeça — uma sensação que se assemelha às descrições sobre o despertar da Kundalini.

Apostei na hipótese de ter sido sugestionada a partir desse meu repertório específico, que me pareceu moldar a experiência. Tempos depois, quando entrevistei Zavalita, um dos pontos abordados foi justamente a recorrência de relatos quanto à presença, durante as chamadas “mirações”<sup>139</sup>, de símbolos identificados com a cultura indiana.

O curandeiro não atribuiu grande excepcionalidade ao fato de que muitas pessoas, inclusive as que atende, identifiquem elementos indianos em suas visões durante o ritual com

---

<sup>137</sup> Em referência a Raimundo Irineu Serra, fundador do Santo Daime, e a Fermín Murayari Aguilar, o curandeiro peruano que iniciou Zavalita no caminho das plantas de poder.

<sup>138</sup> Essa se caracteriza como uma das diferenças em relação ao ritual do Santo Daime, durante o qual as pessoas não são estimuladas a compartilhar suas experiências. Ao contrário, haveria “um certo tabu” relacionado às mirações, conforme explica Labate (2004, p.315).

<sup>139</sup> Visões ocorridas durante os rituais em que se faz uso da *ayahuasca*, seja no estilo andino ou nas igrejas do Santo Daime.

a ayahuasca. “Mandalas estão presentes em diversas culturas, são universais”, me disse, argumentando que esse imaginário relacionado à Índia possivelmente se explicaria pelo fato de muitos dos participantes das cerimônias serem praticantes de yoga e/ou por terem acesso a conteúdos Nova Era — e, assim, buscavam compreender suas experiências a partir desse vocabulário previamente construído.

Por outro lado, Zavalita defendeu que, sim, um dos grandes ensinamentos da ‘medicina’<sup>140</sup> consistia em mostrar que a verdade era uma só, presente em diversas culturas ancestrais — e, por isso, aliás, ele não via nenhuma contradição em seguir um guru brasileiro que representasse uma linhagem indiana e, ao mesmo tempo, mantivesse laços afetivos com o Santo Daime, honrando essa sua origem.

Para além dessas considerações, me chamou a atenção a naturalidade com que o curandeiro estabeleceu pontos de contato entre a cultura do Peru e a Índia, que já visitou três vezes, por ocasião das Temporadas de Sri Prem Baba em Rishikesh. Sem se referir aos tais conteúdos universais e Nova Era, para ele os principais elos são o ritual e o convívio com uma certa realidade mágica:

O que eu sinto, por exemplo, é a sacralidade da realidade. Na cultura Andina é tudo sagrado. A pedra é sagrada, a montanha é sagrada, a água é sagrada, e nós convivemos com uma realidade mágica o tempo todo. Não existe diferença entre essa realidade e o que se chama de real. O ocidental chama de real o que ele compreende com a mente, com os sentidos. Mas no mundo andino é tão real você estar em contato com o espírito de uma montanha que se você, digamos, não cumprir uma regra de convívio com a natureza, você fica doente. Mas, claro, vem um médico, vem alguém da cidade e não acredita, acha que você é louco ou ignorante. Que você é supersticioso.

Nesse convívio, as pessoas dão ouvidos aos sonhos. Não é um sonho: o sonho é real. Então, na cultura andina, na cultura amazônica, o contato com esse mundo chamado sobrenatural é natural. Não é sobrenatural, é natural. Você ouve relatos, as pessoas convivem, falam: “Não vai por ali porque a sereia está cantando, vai por outro lugar”. Então, é tão cotidiano... Como é na Índia. Claro, têm formas diferentes lá, mas isso, acho, é uma ponte em comum. E também a ritualística, né? Na Índia tem o *puja*, tem água, e fogo, e canta. Nos Andes, nas culturas ancestrais daqui [da América do Sul] também é assim. Tudo é ritualístico, tudo tem que ter um ritual, para qualquer coisa. Você se casou, tem que ter um ritual. Você terminou sua casa, tem que fazer um ritual. Você comprou um carro, tem que fazer ritual. Qualquer coisa. Tudo passa por um contato com o mundo sobrenatural, com o mundo espiritual. Você todo tempo tem que estar em contato com esse mundo. À diferença de uma cultura, digamos, ocidental, da cidade, urbana. Porque em Lima não é assim, nas periferias, sim. Mas a gente convive com todas essas coisas, cresceu ouvindo as histórias dos avós, e isso te faz mais aberto. Claro, tem gente que sempre viveu nas cidades e não tem uma cultura ancestral. Então tudo é muito novo, tanto os *pujas* da Índia quanto o contato com esses mundos. Mas, para a gente, sempre foi esse contato com essa realidade mágica. Então,

---

<sup>140</sup> É assim que o curandeiro por vezes se refere à *ayahuasca* e ao seu ‘espírito’, que atua como um mestre para os que a consomem ritualmente.

isso te faz mais aberto com uma cultura tão longínqua, tão diferente. Você vê que, no fundo, é parecido<sup>141</sup>.

Na segunda cerimônia conduzida por Zavalita de que participei, tive a oportunidade, ainda, de conversar com Vishnu, o dono da casa. Entre outras coisas, perguntei o que significava esse trânsito entre culturas a partir de experiências espirituais/religiosas, ou seja: ser hinduísta desde os nove anos de idade e também tomar parte de rituais com *ayahuasca* há quase uma década. Indaguei, ainda, como tais experiências e universos aparentemente tão distantes — o amazônico e o indiano — se encontravam. Ele alegou que, na verdade, não eram tão distantes assim: citou o *Soma*, a já mencionada planta psicoativa integrante de certos rituais védicos, bem como elencou outros elementos da flora brasileira herdados da Índia no período da colonização portuguesa.

É interessante que essa visão de Vishnu vai ao encontro do que defende Maria Lucia Gnerre (2015): com base na obra de Gilberto Freire, a autora afirma que nossa brasilidade, ao constituir-se sob uma influência portuguesa que se fez concomitante em Goa, seria indissociável de uma certa ‘indianidade’ — a qual teria se feito presente, inclusive, a partir do que chamou de “trânsito vegetal” (GNERRE, 2015, p.138).

[...] o Brasil esteve visceralmente ligado à Índia desde suas origens, sobretudo em seus dois ou três primeiros séculos de formação. [...] não há dúvidas que os portugueses serviram como primeira ponte que se estabelece entre essas duas culturas, sobretudo por intermédio de escambos comerciais que nunca estiveram restritos a trocas econômicas. Desde o século XVI, estabeleceu-se um intenso trânsito vegetal entre as duas nações. Nossos quintais, cobertos de mangueiras, as praias com seus coqueiros, e a famosa cana da Índia, que ocupou vastas porções de terras brasileiras, são referências indubitáveis à terra indiana.

No entanto, todas essas referências — sobretudo vegetais — chegam ao Brasil em um momento em que nossa chamada “identidade nacional” ainda se encontrava de forma embrionária, sendo que o Brasil fora uma colônia até o início do século XIX e um império, profundamente vinculado a Portugal, até o fim do século XIX. Justamente por isso, essas referências indianas foram tão absorvidas na formação de nossa “brasilidade” e acabaram, de certa forma, se amalgamando a elas (GNERRE, 2015, p.138).

Assim, com base nesse argumento, “em sua origem, o Brasil não se configurava como uma ‘entidade nacional’ distinta da Índia ou de Macau”, o que “faz com que nunca tenhamos sido absolutamente ‘ocidentais’” (GNERRE, 2015, p.132).

---

<sup>141</sup> Entrevista concedida a mim no dia 6 de julho de 2017, em Alto Paraíso de Goiás.

### 2.2.2 - As influências orientais e a Nova Era

A respeito desses dois outros elementos, que, segundo Labate, seriam constituintes do Caminho do Coração em seus primórdios, é importante dizer que eles, de alguma maneira, se misturam. No entanto, gostaria de, primeiramente, indicar a importância de se distinguir o ‘orientalismo’ criticado por Said (1990) — o qual denotaria o sentimento de superioridade das nações europeias colonizadora, como foi mencionado, brevemente, no capítulo 1 — do processo de ‘orientalização’ defendido por Colin Campbell (1997), traduzido como uma substituição de paradigma, em que o Ocidente passaria a incorporar elementos da espiritualidade oriental (CAMPBELL, 1997; CAMURÇA, 2000). Para Campbell, a Nova Era consta entre os movimentos indicativos dessa mudança de paradigma para uma concepção de mundo semelhante a do Oriente:

Os movimentos religiosos chamados de ‘Nova Era’ podem ser vistos como essencialmente modernos, na medida em que manifestam um individualismo e um otimismo extremos, enfatizam os valores progressistas do auto-desenvolvimento e da auto-satisfação, além de buscarem recompensas neste mundo (Heelas 1996). Nesse sentido, eles representam a continuação dos movimentos de encontro e potencial humano dos anos 60 e 70 que, por sua vez, em geral, se desenvolveram a partir de uma base ‘científica’ e não ‘religiosa’. Entretanto, a perda da fé na ciência e no progresso, que marca a ‘virada pós-moderna’, significa que essa meta-narrativa moderna tem sido gradativamente substituída por uma meta-narrativa alternativa de psicoespiritualidade. Assim, os movimentos da Nova Era não constituem tanto um fenômeno moderno mas sim pós-moderno. A atitude essencialmente ‘neomística’ de uma psicoterapia contemporânea que “busca a salvação nas supostas profundezas da própria consciência humana” foi considerada, mais de uma vez, também como convergindo com uma forma hindu-budista de misticismo (CAMPBELL, 1997, p. 14).

Gostaria, também, de destacar uma observação de Barroso (1999a), para quem Said, embora tenha despertado reflexões fundamentais sobre a construção do discurso hegemônico ocidental, de alguma maneira reforçou a inevitabilidade desse fato, como se esses ‘outros’ do Ocidente “não lhe dessem uma resposta, e essa não interferisse, de alguma forma, nas formulações originais” (BARROSO, 1999a, p.174).

Se o discurso é tão poderoso, como Said nos demonstra exaustiva e minuciosamente em seu livro, é preciso estar atento ao próprio discurso sobre a hegemonia do discurso do Ocidente, para não torná-la, cada vez mais, um fato consumado. O Orientalismo não é *apenas* uma visão do colonizador sobre o colonizado, mas também, muitas vezes, um contra-discurso às visões hegemônicas do próprio Ocidente. E, quer se queira, quer não, o Orientalismo não se constrói sobre um vazio, não é apenas um *discurso*, existe toda uma materialidade e uma ação que lhe servem de base, cuja existência é concreta e extrapola o discurso. O Orientalismo não é apenas a voz unilateral de um “Ocidente” falando sobre um “Oriente”, mas é *também* um “Ocidente” falando de si mesmo, e o próprio “Oriente” ganhando voz — como tomar

de outra forma a tradução dos grandes clássicos religiosos do Oriente iniciada pelos orientistas? Como não vê-las como o Oriente apresentando-se a si mesmo? (BARROSO, 1999a, p.174).

A ressalva de Barroso faz sentido na medida em que diversos movimentos se desenvolveram a partir de um olhar positivo sobre esse tal ‘Oriente’, muito embora apresentassem leituras por vezes equivocadas das tradições que os inspiravam. Assim, o orientalismo não significou apenas um olhar negativo sobre o ‘outro’ do Ocidente, mas também provocou respostas — como o Renascimento Hindu —, que conferiram tamanha projeção ao hinduísmo, por exemplo.

Ao realizar uma etnografia sobre um grupo de Siddha Yoga no Rio de Janeiro, a autora elencou alguns dos movimentos que colaboraram para o que chamou de “construção da pessoa ‘oriental’ no Ocidente”: do Romantismo Alemão — que identificou, nas tradições ditas ‘orientais’, inspirações para seus anseios de valorização do indivíduo e sua interioridade — à Nova Era, passando pela Teosofia, pelo Transcendentalismo e pela *Beat Generation* dos Estados Unidos (BARROSO, 1999a, pp.14-43). Um caminho que faz muito sentido mapear, considerando que o Siddha Yoga chegou ao Brasil via Estados Unidos. Na verdade, esse foi o caso também, como vimos, da Missão Ramakrisna, de Vivekananda; da Self-Realization Fellowship, de Paramahansa Yogananda; da Divine Life Society, de Swami Sivananda; do Movimento Sannyasin, de Bhagwan Shree Rajneesh, o Osho; e da Arte de Viver, de Sri Sri Ravi Shankar.

No entanto, o caso em questão aqui talvez sugira o percorrer de outras sendas. Afinal, trata-se de um guru paulistano que, apesar de ter também fundado um movimento global, o *Awaken Love*, este representa um canal direto Brasil-Índia — ou, para usar as palavras do líder, uma ponte entre esses dois mundos.

Muito embora, ao falarmos de Nova Era (AMARAL 1999, 2000; BELLAH, 1977; HEELAS, 1992, 1996; CAMPBELL, 1982; CORDOVIL, 2015), precisemos nos remeter a seu berço e a seu contexto — isto é, a Califórnia do início dos anos 1970 —, gostaria de me concentrar na intuição de Leila Amaral (1999, 2000): para a autora, o fenômeno diz respeito a um ‘sagrado sem lugar’, constituído a partir de ‘bricolages’ de diversas tradições e sistemas espirituais em permanentes rearranjos. Uma “cultura espiritual religiosa descentralizada e errante, em um campo onde diferentes discursos se cruzam e diferentes áreas da vida — negócio, pessoal e espiritual — se misturam” (AMARAL, 1999, p.47).

A errância espiritual da Nova Era atinge seu ponto máximo, na cidade, através dos diversos serviços oferecidos para um público cada vez mais amplo que frequenta os

“eventos” — vivências ou workshops de natureza terapêutica, musical e mágica — organizados por intermédio dos Centros Holísticos — grupos abertos, com fronteiras de identidade fracamente definidas ou mesmo ausentes e com uma doutrina mínima. São serviços oferecidos profissionalmente e organizados de forma empresarial, constituindo-se como um mercado de bens simbólicos, prestando-se ao consumo e à diversão como práticas consubstanciais à experiência espiritual Nova Era. A participação, por sua vez, é voluntária e tolerante quanto à bagagem ideológico-cultural ou espiritual-religiosa de seus clientes, os quais não se reconhecem como seus membros definitivos e exclusivos (AMARAL, 1999, p.48).

Compreende-se, assim, a percepção de Labate acerca do viés Nova Era no Caminho do Coração. Os trabalhos psico-espirituais, à época, eram realizados em um centro holístico / terapêutico, combinavam diferentes sistemas espirituais e envolviam participantes de diversas origens e denominações religiosas, como pessoas ligadas ao Santo Daime e *sannyasins* seguidores de Osho.

Mas, vale mencionar que, naquele momento, Janderson, em diálogo com a pesquisadora, fez diversas ressalvas quanto à categoria Nova Era. Por isso, quando entrevistei Prem Baba, quis saber quais eram suas reflexões a respeito atualmente. Considerando-se hoje mais maduro, o guru entende que, sim, desde aquele momento vinha “dando passagem para uma nova consciência” que, segundo acredita, vem se manifestando, cada vez com maior força, no mundo hoje:

**No trabalho da Beatriz Labate, constam algumas ressalvas suas em relação à categoria Nova Era. Como o senhor vê esse termo hoje?**

**Prem Baba:** Sinto que lá atrás, quando fui um objeto de pesquisa da Bia Labate, eu tinha um certo preconceito em relação a esse termo Nova Era, porque sentia ele muito associado a uma cultura *hippie*, a uma cultura desprovida até mesmo de fundamento concreto. Sinto que, hoje, estou mais maduro para falar que, sim, venho dando passagem para uma nova consciência, uma nova maneira de viver a vida na Terra — e considero que *o Brasil realmente foi essencial para forjar os alicerces desse pensamento que sustenta essa nova consciência* [grifos meus]. Que “nova” é até estranho, porque nós estamos falando da consciência que sempre foi e que sempre será, mas *encontrava-se escondida dentro de nós* [grifos meus]. Que é essa consciência de inclusão, que possibilita que possamos, de fato, viver na terra com base na união, na colaboração, na cooperação, no amor. E que possa ser a base da economia, da política, da educação, da ciência, inclusive. Que sejamos guiados por esses valores do coração, ou valores do espírito, — falo do coração muitas vezes como sinônimo do espírito. Sinto que nós nos tornamos muito reféns do medo, do ódio, e é isso que chamo de um velho modelo, ou uma velha era. Um tempo que já não nos cabe mais, que já não nos serve mais, porque estamos constatando que as nossas escolhas, as nossas decisões nos levaram a um beco sem saída, que é um lugar de muito sofrimento e de muitas dificuldades. Então, sinto que vinha dando passagem para essa nova consciência, essa nova maneira de viver a vida na Terra, que inclui o respeito, que inclui amor. E que isso pudesse se manifestar nos diferentes setores da sociedade. Então, lá atrás eu sonhava com uma economia colaborativa...

**Lá atrás quando?**

Ah, desde muito tempo, né? Na época, inclusive, em que a Bia fez essa pesquisa, eu já fazia alguns experimentos. Então, como é de repente a pessoa contribuir livremente,



de acordo com o que ela está sentindo, para uma sessão terapêutica, por exemplo? Era uma experiência que eu já vinha fazendo, porque eu já tinha notícias disso que hoje vejo claramente: que a base da nossa economia é o medo, o medo da escassez.

**A nossa no Brasil, especificamente?**

Não, no mundo. O capitalismo precisa ser renovado, precisa se renovar, precisa de um *upgrade*, e na época eu já tinha notícias disso. Assim como a educação, porque hoje nossas escolas são fábricas de vazio, fábricas de angústia. Tem sido o lugar onde temos plantado sementes de muita dor, onde nasce o suicídio, onde nasce uma série de competições, de guerra. Eu tenho tentado justamente enriquecer o sistema educacional, trazer uma nova educação. Então, falo de uma nova educação, falo de uma nova política. Uma política sem espiritualidade é uma arma fatal, é uma armadilha que destrói a alma.

**Uma política sem espiritualidade?**

É, é o que nós estamos vendo. Estamos vendo essa arma poderosa nas mãos de pessoas sem esse preparo espiritual, e com isso elas estão se destruindo, destruindo o entorno, a sociedade. Então, uma nova política, uma nova educação, uma nova economia, tudo isso faz parte do arcabouço disso que, lá atrás, estávamos chamando de Nova Era.

**Talvez lá atrás fosse um momento embrionário?**

Embrionário, eu posso dizer isso.

**No *Amar e Ser Livre* há menção à Nova Era...**

É, falo de um novo casamento, do casamento numa Nova Era, né? Realmente, falo isso.

**Sim, e me deu a sensação de que o senhor havia se apaziguado com o termo.**

É, eu me apaziguei, realmente [gargalhadas]. Mas sinto assim, que essa Nova Era já chegou. Sinto que nós já estamos num lugar onde não é possível mais deixar de ver certas coisas. Nossa visão se abriu para muitas coisas, não tem mais como a gente tentar se enganar e achar que é possível seguir daqui para frente sem mudar determinados mecanismos. Então, sinto que realmente a Nova Era já está se manifestando, mas, até que possa realmente se manifestar em plenitude, leva ainda um tempo, claro. Mas já está despontando<sup>142</sup>.

Pode-se perceber nessa fala que a tal mistura das áreas sugerida por Amaral adquire um sentido até mais radical, dada a urgência de nossos tempos: para Prem Baba, a espiritualidade deve, sim, permear e conduzir todas as dimensões da vida. Ao mesmo tempo, apesar de apaziguado com o termo Nova Era, sua ênfase recai sobre aspectos distintos do fenômeno. No entanto, para além disso, é interessante notar que, ao se referir a ele, Prem Baba volte a destacar a relevância do Brasil em uma certa dinâmica espiritual mundial, considerando que o país tenha sido “essencial para forjar os alicerces desse pensamento que sustenta essa nova consciência” — e, ainda, menciona uma espiritualidade que teria se mantido em estado latente, “escondida dentro de nós”, com uma intuição que se aproxima das formulações de Campbell (1997).

Como sugeri anteriormente, o caso talvez induza à exploração de caminhos outros, considerando-se que: 1) segundo Gnerre (2015), nossa ‘brasilidade’ seria indissociável de uma certa ‘indianidade’, assimilada em nosso período de formação social, por intermédio de

---

<sup>142</sup> Trecho da entrevista concedida a mim, em Alto Paraíso de Goiás, no dia 28 de junho de 2017.

Portugal; 2) estamos falando de um guru e seu movimento que, sendo um ponto fora da curva entre os principais movimentos hindus internacionais, não se constituiu via Estados Unidos.

Mas, afinal, por que o Brasil foi essencial para forjar os alicerces de uma nova consciência? A que Prem Baba se refere? Minha sugestão é que olhemos para o campo religioso brasileiro sob uma certa perspectiva histórica, contemplando as intuições de José Jorge de Carvalho (1992) e Pierre Sanchis (1997).

### 2.3 - *O contexto Nova Era em um Brasil 'antropofágico'*

A pesquisa de Labate transcorreu nos anos 1990, marcados por profundas transformações no cenário religioso internacional. Na época, o mundo presenciava o surgimento do Fundamentalismo Islâmico no Oriente Médio e o *Revival* Evangélico nos Estados Unidos, bem como a explosão dos Novos Movimentos Religiosos — na esteira dos quais o ideário Nova Era, surgido nos anos 1970, reafirmava seu vigor. Essa efervescência religiosa reacendeu o debate acerca do processo de secularização e provocou uma reavaliação das previsões que davam como certa a extinção da religião à medida que o projeto da Modernidade se concretizasse (ASAD, 2003; BERGER, 2000; CAMURÇA, 2003; CANNELL, 2010; CASANOVA, 2006, 2007, 2009, 2010, 2011; CONNOLLY, 2011; DOBBELAERE, 1999; DULLO, 2012; MARIZ, 2000; PIERUCCI, 1997, 1998, 2003; TAYLOR, 2010, 2011; WEBER, 2005).

No Brasil, na tentativa de compreender esse fenômeno chamado de “reencantamento do mundo”, ou de “revanche de Deus”, alguns reafirmaram o paradigma que era então questionado. Antonio Flávio Pierucci (1997, 1998), por exemplo, insistindo não haver crise de paradigma, percebeu os dois fenômenos — o retorno da religião (manifesta novamente fora dos limites da esfera privada e a partir de um pluralismo sem precedentes) e o aprofundamento do processo de secularização — como concomitantes e inter-relacionados (PIERUCCI, 1997).

na era dos fluxos globais se produzem, com maior frequência do que antigamente, processos locais *mistos* de secularização-com-intensificada-mobilização religiosa. Uma não obsta a outra; ao contrário, combinam-se, polinizam-se e se exponenciam. A realidade histórica às vezes gosta de experimentar o sabor dos paradoxos (PIERUCCI, 1997, p.112).

No entanto, é importante ressaltar que essa discussão nem sempre significou indagar o quanto mais ou menos secularizados estávamos, ou se dávamos passos atrás em nossa evolução como sociedade, que potencialmente ameaçaria os ideais da Modernidade. Aqui, outros

questionamentos foram levantados: pelo menos dois acadêmicos de universidades brasileiras lançaram suspeitas em relação ao significado e relevância do “novo” que se apresentava. Um deles foi Pierre Sanchis (1997), para quem o fenômeno “esta espantosa diversidade religiosa”, talvez não fosse exatamente uma novidade no Brasil:

Sem dúvida, o grau de intensidade é provavelmente inaudito, suas modalidades representam inflexões criadoras, mas é bem possível que sua brusca emergência seja em parte devida mais a uma troca de nossos instrumentos de observação e análise do que a uma novidade objetiva [...]

Pois o Brasil, neste aspecto, parece-me ter sido sempre plural. [...] Aqui, num espaço aberto e sem fim, o encontro dos “diferentes”: as identidades de três povos desenraizados. Encontro, sem dúvida, estruturalmente desigual. Mas menos nos importa neste momento o macro-processo, de dominação, exploração, etnocídio intencional, quase genocídio.

Apesar dele, no seu avesso ou nos seus interstícios, deram-se os micro-processos, do jogo das identidades. Nunca definitivamente unificadas. Uma pluralidade sistemática, que marca esta sociogênese do Brasil. [...]

Até hoje mantém-se o confronto das duas matrizes cuja presença marca o campo religioso popular: a católica e a africana. Em certas regiões, presença viva da terceira: região amazônica, por exemplo, com a pajelança indígena. E estas co-presenças não se reduzem a uma existência paralela. Elas entram em processo de articulação. [...] Outro exemplo, desta vez com raízes indígenas (catolicismo, umbanda e esoterismo), seria o Santo Daime. Todas as gerações brasileiras veem assim surgir e se institucionalizar um movimento abertamente sincrético e uma identidade religiosa de articulação fluente e plural. Um grande laboratório de mestiçagem cultural, quer dizer, em terreno religioso, de sincretismo (SANCHIS, 1997, pp.104-5).

Embora admitindo o caráter simplificador de seu argumento, Sanchis defendeu a ideia de uma coexistência, no campo religioso brasileiro contemporâneo, do que chamou de “três modernidades” (SANCHIS, 1997): 1) uma pré-modernidade representada pela tradição católica e por um universo religioso mágico e ritual; 2) uma modernidade na acepção kantiana do termo, carregada de um sentido de pureza, que se traduzia em aversão a formulações sincréticas e às identidades porosas constituintes da própria tradição brasileira. Essa modernidade, aqui, é representada não só por pentecostais e protestantes, mas também por agentes do campo afro, imbuídos de ideais de purificação e liberação da contaminação católica; 3) por fim, uma pós-modernidade representada não apenas por seus elementos observáveis em outras partes do mundo, como as correntes esotéricas e Nova Era: estas, no Brasil, não se constituíam correntes autônomas propriamente, visto que penetraram outras vertentes e instituições — como a própria Igreja Católica, o Santo Daime e a Umbanda. Mas, sobretudo, se observava aqui uma pós-modernidade que se concretizava precisamente nos embates e articulações entre os substratos anteriores, pré-moderno e moderno.

Ou, em outras palavras, uma “convivência entre arcaísmos e novidades”, como sintetizou José Jorge de Carvalho (1992), ao se referir ao mesmo fenômeno dos anos 1990. Ele,

mais um a suspeitar daquela tal novidade, igualmente ressaltou a necessidade de “um mínimo de perspectiva histórica para compreender a *suposta* [grifos meus] efervescência do presente” (CARVALHO, 1992, p.6).

Enfatizando, também, que aqui não se verificou uma substituição do velho pelo novo, seu esforço se deu no intuito de destrinchar as articulações no campo religioso brasileiro, formado por uma matriz religiosa primeira, fruto do encontro entre o catolicismo com as religiões indígenas e africanas, à qual se somaram outras correntes, como o kardecismo, a teosofia, a umbanda e as tradições esotéricas, que traziam na bagagem suas referências orientais (CARVALHO, 1992, pp. 139-144).

Assim, um olhar histórico para o Brasil apontaria para um constante diálogo — por vezes conflituoso —, o qual resultou na produção de novas sínteses religiosas. Esse cenário descrito por José Jorge de Carvalho apresentaria, portanto, dinâmicas muito distintas daquelas observadas, por exemplo, na Europa. No Velho Continente, prevaleceu uma interpretação “desencantada” da modernidade, segundo a qual o secular e o moderno se consolidariam a partir de um processo de retirada da religião do cenário — que Charles Taylor (2010) define como “histórias de subtração” (ASAD, 2003; BERGER, 2000; CANNELL, 2010; CASANOVA, 2006, 2007, 2009, 2010, 2011; CONNOLLY, 2011; DOBBELAERE, 1999; DULLO, 2012; MARIZ, 2000; PIERUCCI, 1997, 1998, 2003; TAYLOR, 2010, 2011; WEBER, 2005).

O caso de Janderson pode servir para endossar a argumentação de José Jorge de Carvalho. Afinal, lembremos que sua família era “um centro eclético”. É interessante olhar para seu leque de referências familiares à luz dos comentários do autor, especificamente no que toca às tradições esotéricas, cuja entrada, no Brasil, se deu no final do século XIX:

[...] sustento que essas tradições esotéricas, já seculares entre nós, permeiam e influenciam nossa sociedade no campo religioso, muito mais do que pode parecer à primeira vista. Elas ampliaram a nossa cultura religiosa, ajudando a difundir, em nosso meio, o mundo das religiões orientais, muito particularmente da tradição hinduísta, considerada pela maioria dos grupos esotéricos (principalmente pelos teósofos) como a mais profunda raiz religiosa da humanidade. Assim, vemos que *já no princípio do século* [grifos meus] um certo diálogo e uma certa leitura das tradições religiosas orientais começam também a ser veiculadas no Brasil [...]

Apenas a título de exemplo, lembremos que o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, hoje difundido nacionalmente, foi fundado em São Paulo em 1908 [...] O que resalto é que já há uma leitura aí, por mais precária que ela seja, de uma diversidade que não é mais aquela diversidade da matriz primeira, mas uma expansão da religiosidade local a mundos, espacial e temporalmente, extremamente distantes, como é o caso da Índia dos Vedas e dos Upanishades (CARVALHO, 1994, pp.74-5).

Parece muito pertinente, portanto, a observação do autor: “acredito que a sensação de diversidade aumenta não só pela introdução constante de novidade, mas pela permanência das tradições”. Sua conclusão, por fim, foi:

Resumindo, o que entendemos agora como efervescência é essa *convivência quase caótica entre arcaísmos e novidades* [grifos meus], apresentações auto-conscientes de alteridades e reproduções automáticas, quase que alienadas, dos sistemas religiosos tradicionais (CARVALHO, 1994, p.76).

É válido ressaltar, ainda, que, embora tanto Pierre Sanchis (1997) quanto José Jorge de Carvalho (1992, 1994) tenham recorrido inicialmente a uma perspectiva histórica, ao buscarem responder se de fato vivíamos uma efervescência religiosa, suas suspeitas em relação ao teor de novidade do fenômeno recaíram sobre objetos distintos. Enquanto que para Sanchis se tratava, talvez, de uma mudança de perspectiva e de instrumentos de análise, na visão de Carvalho a sensação de pluralidade, além de ser provocada pela tal “convivência caótica entre arcaísmos e novidades”, bem poderia se relacionar, também, à capacidade da mídia de criar hiperrealidades e conferir destaque, a partir de critérios editoriais difíceis de mapear, a movimentos de alcance reduzido e de pouca expressão:

Um papel fundamental ocupa agora a mídia, que antes nos informava, apenas, sobre a existência da pluralidade ao nosso redor. Ela já ampliou o escopo do seu discurso – e que nem sequer é um discurso analítico – a ponto de gerar, de duplicar, por sua própria conta, o próprio campo do diverso através do hiper-realismo, ou da lógica do simulacro, como argumenta Jean Beaudrillard. Ela nos faz conviver com a necessidade de se refazer constantemente, não tanto o significado, mas a semiótica, o invólucro, o formado das coisas, das instituições, das práticas religiosas [...] Assim, em sociedades como o Brasil, que participam intensamente do circuito transnacional do consumo, a diversidade de estilos de vida e de instituições é surpreendente. Existem programas e orientações didáticas da própria mídia interessandos em mapear, para o público, esse incessante caleidoscópio de novidades. Por sua vez, esses mapeamentos só levam a certas distorções na visibilidade aparente de algumas coisas ou na importância relativa de todas essas vozes que ecoam ao mesmo tempo [...] De repente, uma seita que pode ter um número pequeno de pessoas aparece, para a sociedade como um todo, como maior que um movimento que congrega milhões e isso devido exclusivamente a um fator externo ao seu poder específico de recrutamento e de eficácia simbólica: a exposição à mídia (CARVALHO, 1994, pp. 71-72).

Essa forma de relativizar os acontecimentos mundiais da época e olhar para as dinâmicas próprias do campo religioso brasileiro, a partir de uma perspectiva histórica, é bastante reveladora no sentido de demonstrar nossa capacidade de produzir sínteses religiosas muito particulares — como é o caso do Santo Daime e da Umbanda, por exemplo —, independentemente do movimento Nova Era que, massificado nos Estados Unidos, ganhou o mundo.

## Antropofagia e Tropicalismo: formas novas de contra-hegemonia

Além da observação do campo religioso, ainda é possível ouvir a voz dos artistas brasileiros, nossos profetas modernos: não só aqueles das vanguardas da década de 1920, mas também os da geração dos anos 1960. Lembrando a ressalva de Barroso quanto ao pensamento de Said, é interessante olhar para o Manifesto Antropófago de Oswald Andrade<sup>143</sup> como uma resposta tipicamente brasileira a um discurso hegemônico. Publicado em 1928, ele traz uma imagem bastante representativa da forma como, no campo das artes, defendeu-se uma criação genuinamente brasileira, não por meio de uma recusa radical às influências estrangeiras, mas justamente a partir delas, assimilando o que tinham de melhor. A respeito do movimento antropofágico, Carlos Zílio (1998) comenta:

Tratava-se de superar o estado de reverência absoluta mantido pelos acadêmicos, compreendendo a relação com a Europa de uma maneira dinâmica e, sobretudo, contra-aculturativa. O movimento antropofágico dará a fórmula numa busca de síntese entre o “nacional” e o “internacional”, propondo a devoração do pai totêmico europeu, assimilando suas virtudes e tomando o seu lugar (ZÍLIO, 1988, p.117).

É possível estabelecer uma relação entre essa intuição modernista — esse devorar o outro para “vomitar” algo próprio — e as dinâmicas e conflitos dos movimentos religiosos que aqui tiveram lugar. Mas, sobretudo, é digno de nota que Sanchis tenha definido o campo religioso brasileiro — essa tal “convivência caótica entre arcaísmos e novidades” — de forma muito similar a que Celso Favaretto descreveu a instalação *Tropicália*, criada por Helio Oiticica<sup>144</sup>, que buscava despertar o público para as assíncronias do país e atualizava o conceito de antropofagia, no sentido de que representava “a convivência do mais avançado com o mais atrasado, isto é, do arcaico com o moderno. De modo que nenhum devoraria o outro, mas eles se entredevoram, e permanecem ambos ativos”. O chamado “penetrável” de Oiticica, montado no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1967, simulava “um percurso pelo Brasil, pelo arcaico e pelo moderno” e mostrava “como eles se interceptam e permanecem ativos, sem se dissolverem”<sup>145</sup>.

---

<sup>143</sup> ANDRADE, Oswald de. **Manifesto antropófago e Manifesto da poesia pau-brasil**. In: Antologia de Textos Fundadores do Comparatismo Literário Interamericano. Ufrgs.com, [Porto Alegre]:[s.i.]. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2017.

<sup>144</sup> **A invenção de Hélio Oiticica**: Entrevista com o filósofo Celso Favaretto, 28’20”. UNIVESP, 08 mai. 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=3b\\_i4kgSrSY](https://www.youtube.com/watch?v=3b_i4kgSrSY). Acesso em: 03 abr. 2017.

<sup>145</sup> Essa mesma ideia — de que “o arcaico e o moderno não passam pelo esquema da superação”, e que os “arcaísmos e as modernizações estão não apenas em combate”, mas sim em uma “relação de indissolubilidade”

Considero, portanto, intrigante o fato de que, apesar da dinâmica ‘antropofágica’ e ‘tropicalista’ do nosso campo religioso — onde se observou um processo potente de embates e diálogos entre matrizes religiosas — e do nosso campo artístico-cultural — solo de uma expressividade artística tão prolífica e criativa no rearranjo entre as coisas tipicamente nossas e as que vinham de fora, com movimentos consistentes se expressando desde os anos 1920, que amadureceram durante um período significativo e se espalharam pelo mundo<sup>146</sup> — as hibridizações observadas no Brasil pós-moderno sejam tão explicadas a partir de uma referência do cenário religioso-cultural dos Estados Unidos. A menos, claro, que se esteja falando de movimentos nascidos lá, o que se aplica ao caso sobre o qual se debruçou Barroso (1999a), por exemplo, mas não ao que me dedico aqui.

Gisele Lemos (2011), aliás, nos oferece um vislumbre do cenário cultural da Bengala dos anos 1920 ao apresentar duas obras literárias de Amitav Ghosh. Nelas, segundo a autora, percebe-se uma atitude ‘antropofágica’ — muito semelhante àquela das nossas vanguardas artísticas do mesmo período, igualmente inspirada pela necessidade de subverter a visão de mundo europeia que se impunha como superior —, a qual apropriava-se do discurso do colonizador para produzir uma criação literária que valorizava a Índia.

Gosh é um excelente exemplo de artista antropófago, nos termos de Oswald de Andrade. Aquele que, ao contrário de um simples canibalismo, que seria comer o outro por gula ou fome, comeria selecionando o outro, “comeria” o melhor [...], absorvendo-o, incorporando-o e transformando-o [...]

A antropofagia como uma atitude não-ocidental é perceber o valor do outro e incorporar em si só aquilo que é considerado superior no pensamento do outro por meio da aproximação, num ato seletivo por excelência. É o máximo do reconhecimento da alteridade. Atitude negada ao nativo durante as colonizações. Para Oswald, a antropofagia significa transformar o tabu em totem, ou seja, transformar o outro em algo favorável, ou ainda, a antropofagia como atitude regeneradora de um passado negado (LEMOS, 2011, p.533-34).

Portanto, para além das “afinidades eletivas” (PAULA, 2005) identificáveis nas dinâmicas dos campos religiosos brasileiro e indiano — no que se refere aos rearranjos resultantes do encontro de tantas diferentes tradições —, um outro ponto de contato talvez seja este: um certo jeito de transgredir.

---

— estaria presente, aponta Favaretto, no *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, na obra literária *Panamerica*, de José Agrippino de Paula, na música *Tropicália* do Caetano Veloso e na *Geleia Geral* de Gilberto Gil. Idem.

<sup>146</sup> Talvez de “um jeito um tanto forçado”, considerando a condição de exílio, ou auto-exílio, de seus maiores ícones, como Caetano Veloso, Gilberto Gil e o próprio Oiticica.

### **CAPÍTULO 3. O Caminho do Coração nos dias de hoje: o método a serviço da linhagem *Sachcha* e sua missão de despertar o amor no mundo**

Afinal, dadas as origens do Caminho do Coração, como um método híbrido, forjado em um contexto cultural tão distinto, pôde ser incorporado a uma linhagem milenar hindu? Em que medida a atuação de Sri Prem Baba, em geral, e seu método, em particular, se sintonizam com a linhagem *Sachcha*?

Para compreender essa relação, neste capítulo explorarei: 1) em que consiste o método hoje, bem como sua adaptabilidade, considerando distintos cenários culturais e meios em que é veiculado — podendo estar presente em um contexto ritual mais ou menos intenso, ou mesmo totalmente descolado de qualquer ritual; 2) o objetivo de “despertar o amor” e sua relação com o *Sankalpa* da linhagem *Sachcha*.

No mais, se no capítulo 1 indiquei as origens do hinduísmo que até hoje é mais conhecido fora dos limites da Índia e, no capítulo 2, apontei como essa vertente influenciou os movimentos Nova Era dentro e fora do Brasil, neste terceiro capítulo, dou maior ênfase ao ponto onde justamente esses dois movimentos — um hinduísmo transnacional e os Novos Movimentos Religiosos — se interceptam: nos movimentos globais de gurus contemporâneos, cujos métodos — aclamados como elementos de resgate de um conhecimento ancestral e, ao mesmo tempo, sempre inovadores em alguma medida — têm um papel fundamental: o de preservar e, concomitantemente, atualizar a tradição indiana (HUFFER, 2011; LUCIA, 2014)<sup>147</sup>.

#### *3.1 - O diálogo entre hinduísmo e psicologia, a transmissão dos ensinamentos em etapas e a adaptabilidade do método a contextos culturais diversos*

Os gurus globais que emergem das tradições hindus índicas são líderes religiosos altamente adaptativos, que moldam suas mensagens de acordo com determinados momentos, circunstâncias e populações. Eles espalham seus sentimentos religiosos ao redor do mundo, combinando elementos hindus com adaptações pessoais, desenvolvendo ativamente o que Thomas J. Csordas descreve como os dois principais recursos necessários para a disseminação de uma religião em um novo ambiente: uma ‘prática portátil’ e uma ‘mensagem transponível’ (LUCIA, 2014, p.221)<sup>148</sup>.

---

<sup>147</sup> Trata-se da mesma autora, que mudou a forma de assinar seus artigos acadêmicos a partir de 2011 (de Amanda Huffer para Amanda Lucia), conforme explicação dada por ela mesma em seu perfil do Academia.edu.

<sup>148</sup> “The global gurus who emerge from Indic Hindu traditions are highly adaptive religious leaders who tailor their messages to particular times, circumstances, and populations. They spread their religious sentiments around the globe by combining Hindu elements with personal adaptations, actively developing what Thomas J. Csordas describes as the two primary features necessary for the dissemination of a religion into a new environment: a ‘portable practice’ and a ‘transposable message’” (LUCIA, 2014, p.221).



Em seu trabalho, Amanda Lucia (2014) sugere que os gurus globais contemporâneos são os grandes inovadores da religiosidade hindu — e o fazem a partir de uma dinâmica específica, ao se posicionarem no entroncamento entre a preservação e a adaptação da tradição. A chave para a compreensão dessa dinâmica seria o conceito de *upaya*, extraído do budismo Mahayana, como já foi dito no capítulo 1, à luz do qual é sempre possível moldar uma mensagem segundo tempos e circunstâncias particulares. Além disso, para a autora, os gurus contemporâneos reconfigurariam certos paradigmas nas relações mundiais, na medida em que representam uma influência que emana da Índia e se espraia para diversas partes do planeta, subvertendo, assim, o fluxo tido como padrão no fenômeno da globalização: do Ocidente para as demais regiões do mundo — ou “from the West to the rest” (LUCIA, 2014, p. 222).

É interessante perceber que o caso de Sri Prem Baba não só contempla o princípio de *upaya*, como complexifica essa tal subversão da dinâmica global, na medida em que abre caminhos para um fluxo Sul-Sul. Um diálogo de tropicalidades, no qual às referências tão caras ao ocidente do Atlântico Norte — o racionalismo e o cientificismo — se mesclam símbolos das tradições espirituais populares brasileiras. Assim, na rotina do Novo Portal da Chapada, o ashram do guru em Alto Paraíso de Goiás, as nossas batucadas se misturam aos rituais indianos. E, diante da possível estranheza de algum visitante, Prem Baba assim a ameniza: “pensem que hoje foi um dia de reza brava”<sup>149</sup>.

Mas, o chamariz inicial parece ser mesmo seu método psico-espiritual, cuja ênfase recai na necessidade de autoconhecimento: é o que se sobressai *a priori* nas diversas formas de comunicação mais amplas com o grande público.

Em seu livro *Transformando o Sofrimento em Alegria: Construa Relacionamentos Íntimos e Harmoniosos*<sup>150</sup>, Prem Baba afirma que desenvolveu a metodologia do Caminho do Coração com o objetivo de “ajudar os buscadores a reencontrarem a amorosidade e a espontaneidade perdidas” (BABA, 2017, p.19). O método baseia-se na premissa de que os seres humanos, centelhas divinas em essência, ao encarnarem no mundo físico, iniciam um processo de esquecimento do que verdadeiramente lhes constitui.

As raízes desse esquecimento se localizariam na infância, fase em que “choques de dor”, comumente provocados por pais e educadores “ignorantes”, podem se transformar em traumas — e estes, por sua vez, geram bloqueios. Isso aconteceria devido aos mecanismos psíquicos de

---

<sup>149</sup> A frase foi dita, em tom de brincadeira, no dia 08 de julho de 2017, por conta do Gurupurnima (quando se celebra o guru). Na ocasião, o *puja* em homenagem ao Maharaj ocupou o salão central e foi mais longo que os rituais habituais. Coincidentemente, o ashram estava particularmente cheio, com muitos visitantes.

<sup>150</sup> Publicado em 2014, três anos depois da primeira edição em língua inglesa.

associação, os quais estabeleceriam uma conexão entre a experiência de vida presente e as imagens do passado, reeditando-as (BABA, 2017, p.20).

Sem ter consciência disso, a entidade sente aversão por determinadas situações e pessoas, mas não compreende por quê. Ela nega os sentimentos negativos gerados pelos traumas e os esconde em algum lugar obscuro da consciência (o subconsciente). Nasce assim o que, em psicologia, chamamos de “sombra”, e que eu também chamo de eu inferior ou ainda de “criança ferida”. Trata-se de uma entidade, um corpo feito de dor que, por ser inconsciente, exerce grande influência sobre nossas vidas (BABA, 2017, p.20-1).

As dores tornadas inconscientes dariam, então, origem a “máscaras”, as quais simulariam uma persona mais adequada às exigências sociais e familiares, mas também produziriam o efeito colateral da perda da espontaneidade — ou, em outras palavras, assim se daria o tal esquecimento do “Eu Maior”. O Caminho do Coração atuaria para “identificar a mentira, abandonar as máscaras e encarar o eu inferior (ou falso eu) para integrar esses aspectos negados e, finalmente, revelar sua essência, o Eu superior ou Eu real” (BABA, 2017, p.21).

### **Correlações entre psicologia e hinduísmo, atravessadas por um vocabulário ora cristão, ora Nova Era**

Para além dessa explicação do método e seu objetivo, Prem Baba estabelece diversas outras correlações entre psicologia e hinduísmo. Assim, o tal processo originado na infância que desencadeia bloqueios da energia vital, entendido como trauma para a psicologia e chamado de complexo em linguagem psicanalítica, também se relacionaria ao *karma*, na medida em que se refere “à lei de causa e efeito, aquela que determina que toda ação gera uma reação, resultado ou consequência” (BABA, 2017, p.29).

Considero necessário um certo cuidado ao elencar esses pontos de contato, no sentido de evitar a sugestão de que os termos da psicologia ou da psicanálise estariam simplesmente dando uma nova roupagem às antigas intuições hindus, quando essa relação é um pouco mais complexa. Jaggi Vasudev, o Sadhguru, por exemplo, dá a sua visão do por que os conteúdos inconscientes exercem influência nas vidas pessoas, fazendo-as acreditar que estejam à mercê de algo que não podem controlar, relacionando-os, inclusive, ao conceito de *karma*, sem que para isso faça qualquer referência à psicologia moderna. Ao contrário: ele alega que há muito vem se falando a respeito da importância do tornar-se consciente para que os indivíduos tenham domínio sobre o próprio destino:

Vamos entender isto: *karma* significa ação. Então, quando você diz ‘*karma*’, você está se referindo à ação. Existem quatro tipos de ação que você está realizando agora, enquanto se senta aqui. Seu corpo está fazendo algo: ação física. Sua mente está fazendo alguma coisa: ação mental. Suas emoções estão fazendo algo: ação emocional. Suas energias estão fazendo algo: ação energética. Essas quatro dimensões de atividade estão acontecendo a cada momento de sua vida, tanto na vigília quanto no sono. Estão acontecendo. Desde hoje de manhã, da hora que você acordou — vou te desculpar pelas vezes em que você estava dormindo — desde quando você acordou até o momento, quanto disso, de que porcentagem dessas quatro ações você está consciente? Isso é uma questão. Quantos por cento você acredita estar consciente? De manhã até agora, desses quatro tipos de ações? Bem abaixo de um por cento, não é? Então, mais de 99% do seu *karma*, da sua ação, é inconsciente. [...] Quando 99% de suas ações, ou mais de 99% de suas ações são inconscientes, você sempre acha que algo foi feito a você, não é? O que leva às pessoas a sempre falarem sobre estar consciente é exatamente isso. Se você aumentar para dois por cento, de repente parece que seu destino está em suas mãos. Se você tem domínio de seu corpo físico, entre 15 e 20% da sua vida e do seu destino estarão em suas mãos. Se você tem domínio sobre sua mente, de 50 a 60% de sua vida e de seu destino estão em suas mãos. Se você tem domínio de suas energias vitais, 100% da vida e do destino estão em suas mãos<sup>151</sup>.

Vale aqui também lembrar do interesse de Carl Gustav Jung pelos estudos da psique presentes na filosofia indiana, a qual, como aponta Maria Lucia Abaurre Gnerre (2015), embasou conceitos da psicologia e da psicanálise modernas — tendo o próprio Jung identificado nos textos sagrados da Índia “prefigurações de suas ideias, ainda que expressas sob forma e com métodos muito diversos dos da ciência moderna” (FERREIRA, 2010, p.36 *apud* GNERRE, 2015, p.135-36).

### As oito chaves

Segundo Prem Baba, o despertar da consciência amorosa, ou “Eu Maior”, pode se viabilizar por meio das assim chamadas oito chaves (BABA, 2017, p.21-24): 1) silêncio; 2)

---

<sup>151</sup> “Let's understand this: karma means action. So when you say karma you're referring to action. There are four types of action that you are performing right now as you sit here. Your body is doing something: physical action. Your mind is doing something: mental action. Your emotions are doing something: emotional action. Your energies are doing something: energy action. These four dimensions of activity are happening every moment of your life, both in wakefulness and in sleep. It's happening. Since today morning, since the time you woke up — I will excuse you for the times when you were sleeping — from the time you woke up till this moment, how much of this, what percentage of these four actions are you conscious of? That is a question. How much percentage do you believe you are conscious of? From morning to now these four types of actions? Well below one percent, isn't it? So ‘99-plus’ of your karma, your action is unconscious. [...] When 99 percent of your actions, or over 99 percent of your actions are unconscious, you always think something is been done to you, isn't it? Why forever people have been talking about being conscious is just this. If you raise it to two percent, suddenly it looks like your destiny is in your hands. If you have mastery of your physical body, 15 to 20 percent of your life and destiny will be in your hands. If you have mastery over your mind, 50 to 60 percent of your life and destiny is in your hands. If you have mastery of your life energies, 100 percent of life and destiny is in your hands”. Cf. **WHEN God Becomes your Slave**. Sadhguru Talks at Uganda. Conversas com o público, 10'26". Sadhguru.org, Uganda, jun. 2016. Trecho: de 0'23"até 2'44". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kjrPQQWtCog>. Acesso em: 15 dez. 2007.

honestidade; 3) ação correta; 4) não-violência; 5) amor consciente; 6) presença; 7) serviço desinteressado; 8) lembrança constante de Deus. “Colocando essas chaves em prática, naturalmente você vivenciará a paz. Essa é a minha experiência”, diz o guru, que também esclarece uma de suas referências na composição do Caminho do Coração: o *Pathwork*, a metodologia psico-espiritual de Eva Pierrakos “lindamente codificada nos livros *Não temas o mal, Criando união e Entrega ao Deus interior*” (BABA, 2017, p.24-25).

A primeira chave, o silêncio, é tido pelo guru como o passo zero para a conquista da paz interior<sup>152</sup>, o qual se faz necessário para a escuta da voz do coração:

Na maior parte do tempo, ainda que estejamos quietos externamente, o ruído continua na mente, porque ela se encontra ocupada com os pensamentos compulsivos, aqueles que ocorrem sem que tenhamos consciência deles. O ser humano pensa compulsivamente e com isso não é possível obter silêncio (BABA, 2017, p.21).

Ele afirma ainda que “o pensamento compulsivo é um dos grandes males da humanidade” (BABA, 2017, p.21). Por outro lado, o silêncio seria capaz de provocar uma revolução na consciência humana:

Se a pessoa é capaz de se lembrar de estar um minuto, apenas um minuto, em silêncio todos os dias, ela começa a estabelecer uma ponte com a sua interioridade, que é de onde nasce a criatividade, é onde nasce tudo aquilo que dá a ela paz, prosperidade, dá a ela tudo que ela precisa para viver bem neste mundo<sup>153</sup>.

Nesse ponto, Prem Baba faz coro com diversos outros mestres, indianos ou não, contemporâneos seus ou não, visto que se trata de uma referência clara à meditação. O silêncio é tema caro ao Sadhguru, que constantemente aborda o assunto nos vídeos e textos publicados, tanto em seu website quanto nas suas redes sociais — Facebook, Instagram e YouTube —, sob sugestivos títulos: ‘Como se tornar silencioso?’<sup>154</sup>, ‘Como a mente pode ficar quieta?’<sup>155</sup>,

---

<sup>152</sup> Cf. PALESTRA Propósito e Felicidade Plena com Sri Prem Baba no II Congresso Internacional da Felicidade. Palestra, 54'30". Curitiba, 25 nov. 2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ykb7\\_WcR0r8](https://www.youtube.com/watch?v=ykb7_WcR0r8). Acesso em: 27 dez. 2017.

<sup>153</sup> Cf. **JUST one minute in silence / Só um minuto em silêncio**. Mensagem de Sri Prem Baba gravada em vídeo, 1'18". Awaken Love, [jun. 2015]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m0ADoNfEqIQ>. Acesso em: 15 dez. 2017.

<sup>154</sup> **HOW to Become Silent?** Sadhguru Talks: In the Lap of the Master, Isha Yoga Center. Conversas com o público, 3'40". Sadhguru.org, Índia, abr. 2009. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Nkh5y4R\\_RD0](https://www.youtube.com/watch?v=Nkh5y4R_RD0). Acesso em: 15 dez. 2017. Conferir também transcrição: ISHA FOUNDATION. *Becoming Silent*. Ishasadhguru.org, 22 abr. 2016. Disponível em: <https://isha.sadhguru.org/global/en/wisdom/video/becoming-silent>. Acesso em: 15 dez. 2017.

<sup>155</sup> **HOW Can the Mind Be Quiet?** Sadhguru Talks: Sathsang, Blue Bell School. Conversas com o público, 5'51". Sadhguru.org, New Delhi, set. 2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e2EPuGagbpc>. Acesso em: 15 dez. 2017. Conferir também transcrição: ISHA

‘Como você pode parar a conversa da mente?’<sup>156</sup>, ‘Nem bom ou ruim: apenas silencioso!’<sup>157</sup>, ‘O poder da quietude’<sup>158</sup>, ‘Dissolvendo-se no silêncio’<sup>159</sup>.

Já o alemão Eckhart Tolle (2002) aponta o silêncio como um dos “portais de acesso” para o “Não Manifesto” (TOLLE, 2002, p.134-5). Swami Vishnu-Devananda (2010), por sua vez, chama a atenção para a necessidade de controlar os ruídos da mente no livro em que ensina técnicas de meditação e mantras:

O desafio, então, é ganhar o controle do mundo interno. A mente está constantemente conversando consigo mesma — *repetindo eventos passados* [grifos meus], reorganizando-os em um drama melhor, planejando para o futuro, discutindo os prós e contras disto e daquilo. Ao desacelerar metodicamente as divagações contínuas da mente, o diálogo interno, e focar em objetos positivos e edificantes, é possível começar a entender a mecânica da psique e conceber uma vida mais efetiva (VISHNU-DEVANANDA, 2010, p. 2, tradução nossa)<sup>160</sup>.

Além da centralidade do silêncio, que encontra ecos nas falas desses e de outros mestres, Prem Baba também usa uma linguagem que pode ser definida como Nova Era — em cujo universo o tema da cura surge recorrentemente, como aponta Leila Amaral (2000, p.61-96) — e, além disso, traz referências do cristianismo:

Na medida em que usar sua vontade consciente e fizer algum esforço para se colocar quieto, você começará a se desassociar dessa mente barulhenta e aos poucos, conseguirá romper com o pensador compulsivo. No mínimo, irá ampliar o poder da sua auto-observação (principal requisito para a expansão da consciência) para poder ver o tumulto que te habita e a origem de suas raízes, podendo assim, se aprofundar no *processo de cura* [grifos meus] e transformação. [...]

---

FOUNDATION. **How Can the Mind Be Quiet?** Ishasadhguru.org, 28 abr. 2016. Disponível em: <https://isha.sadhguru.org/global/en/wisdom/video/how-can-the-mind-be-quiet>. Acesso em: 15 dez. 2017.

<sup>156</sup> **HOW Do You Stop the Mind's Chatter?** Sadhguru Talks: Volunteers Meet. Conversas com o público, 7'45". Sadhguru.org, Mysore, apr. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LNyJgNjCDuU>. Acesso em: 15 dez. 2017. Conferir também transcrição: ISHA FOUNDATION. **How Do You Stop the Mind's Chatter?** Ishasadhguru.org, 26 jan. 2015. Disponível em: <https://isha.sadhguru.org/global/en/wisdom/video/stop-minds-chatter>. Acesso em: 15 dez. 2017.

<sup>157</sup> Cf. ISHA FOUNDATION. **Neither Good or Bad – Just Silent!** Ishasadhguru.org, 09 mar. 2017. Disponível em: <https://isha.sadhguru.org/global/en/wisdom/article/neither-good-bad-just-silent>. Acesso em: 15 dez. 2017.

<sup>158</sup> Cf. ISHA FOUNDATION. **The Power of Stillness.** Ishasadhguru.org, 22 nov. 2017. Disponível em: <http://isha.sadhguru.org/blog/sadhguru/spot/the-power-of-stillness/>. Acesso em: 15 dez. 2017.

<sup>159</sup> Cf. ISHA FOUNDATION. **Dissolving into the Soundless.** Ishasadhguru.org, 31 out. 2016. Disponível em: <http://isha.sadhguru.org/blog/lifestyle/music/dissolving-into-the-soundless/>. Acesso em: 15 dez. 2017.

<sup>160</sup> “The challenge, then, is to gain control of the internal world. The mind is constantly conversing with itself — replaying past events, rearranging them into a better drama, planning for the future, discuss the pros and cons of this and that. By methodically slowing down its continuous ramblings, the internal dialogue, and focussing on positive and uplifting objects, it is possible to begin to understand the mechanics of the psyche and bring about a more effective life”.

Aos poucos, conforme você for se afinando com os códigos divinos do silêncio, vai perceber na prática que ele é preenchido de bem-aventurança, *é preenchido pelo Espírito Santo* [grifos meus]<sup>161</sup>.

Ele também transita entre referências diversas ao apresentar um dos antídotos para cessar o pensamento compulsivo: o *jñāna-yoga*, traduzido como meditação do autoconhecimento. Assim, ao percorrer esse caminho:

nos confrontamos com os aspectos negados que se encontram enterrados nos porões do inconsciente. É um trabalho de cura, purificação e transformação do eu inferior, também conhecido como criança ferida, um elemento da nossa psique que reúne todos os nossos impulsos destrutivos e nossas tendências negativas e que comanda parte importante da nossa vida, de forma inconsciente. Marcado pela ignorância e pelo egoísmo, o eu inferior tem como característica uma resistência orgulhosa e obstinada a mudar ou se desenvolver (BABA, 2017, p. 30-31).

Vale aqui uma observação: essas formulações também dialogam com a psicossíntese de Assagioli, fundada no início da década de 1970, a qual, segundo Leila Amaral (2000) baseava-se em várias filosofias, tradições místicas e psicologias (AMARAL, 2000, p.24-5):

Para Assagioli, a personalidade consciente é uma parte muito pequena do ser total, preocupando-se, por isso, mais com o inconsciente do que com a personalidade consciente. Essa preocupação levou-o a classificar o inconsciente em 4 níveis, entre eles a “superconsciência”, uma reflexão do *self* superior e portador de grande potencial. A pessoa, ao tornar-se mais consciente dessa dimensão profunda do inconsciente, tornar-se-ia, segundo Assagioli, mais sintonizada com as forças espirituais. Proviriam dessa “superconsciência” a intuição, a inspiração e as experiências estética, ética, religiosa e mística, as quais, agindo com eficácia na transformação dos mundos interiores e exteriores, levariam a pessoa rumo à iluminação (AMARAL, 2000, p.24-25).

No entanto, como um bom exemplo da complexidade dessa relação entre tradições místicas e teorias psicológicas no contexto Nova Era, não seria absurdo supor que Assagioli, ao dividir o inconsciente em níveis e formular seu conceito de superconsciência, tenha se inspirado no sistema do *Yoga* e do *Sāṃkhya*, que estruturam a mente em quatro dimensões fundamentais (ANDRADE, 2011, p. 515; CHATTERJEE & DATTA, 1948, pp. 309-312) — *buddhi* (intelecto), *ahankara* (ego/identidade), *manas* (memória) e *chitta* (inteligência pura) —

---

<sup>161</sup> AWAKEN LOVE ASSOCIAÇÃO. **Porque que o silêncio é a base do autoconhecimento.** [S.I.]: Sriprembaba.org, c2015-2017. Disponível em: <https://www.sriprembaba.org/blog/porque-que-o-silencio-e-base-autoconhecimento/>. Acesso em: 15 dez. 2017.

sendo esta última justamente o que se pode entender como superconsciência, ou o portão de acesso para a “fonte da Criação”<sup>162</sup>.

Outras formas apresentadas por Prem Baba como eficazes para cessar a compulsão da mente seriam a meditação focada no vazio e o caminho da devoção, ou *bhakti-yoga*, “que consiste em fazer de cada ação uma oferenda, uma oração em gratidão ao divino” (BABA, 2017, p.31). No entanto, o guru enfatiza que tal entrega só se faz autêntica para os que experimentaram algum vislumbre de Deus:

Se você não acredita na existência de um Deus, não tem problema; substitua essa palavra por outra que tenha significado para você. Alguns cientistas tiveram um vislumbre da consciência maior que deu origem à criação. Para evitar as más interpretações, muitas vezes me refiro a Deus como amor (BABA, 2017, p.31).

Quanto às demais chaves, em linhas gerais, todas se relacionam a desfazer equívocos, abandonar máscaras e tornar-se espontâneo, o que permite entrar em contato com o coração e manifestar o amor (BABA, 2017, pp.22-5). Assim:

- A *honestidade* (chave 2) seria a coragem de encarar as próprias mentiras e máscaras sociais e “ouvir o chamado do coração” (BABA, 2017, pp.22-3);
- A *ação correta* (chave 3) é definida como “uma ação determinada pela intuição, que é a voz do seu coração. É ter coragem de ser você mesmo, autêntico e espontâneo” (BABA, 2017, p.23);
- A *não violência* (chave 4), por sua vez, não só significaria deixar de provocar sofrimento ao outro e a si próprio, como também se referiria a uma “ação altruísta ou ação sem ego” (BABA, 2017, p.23);
- Sobre o *amor consciente* (chave 5), este se manifestaria primeiro a partir do reconhecimento do desamor: “procure identificar em quais situações e com quem você não pode ser amoroso. Onde e com quem o seu amor não flui livremente? Em que situações o seu coração se fecha?”. Esse processo de auto-observação propiciaria uma “limpeza” e remoção de obstáculos para o coração: “A cada pedaço de lixo que removemos, abrimos os canais para que o nosso amor flua livremente” (BABA, 2017, p.23).

---

<sup>162</sup> Uma boa explicação sobre esse esquema é dada por Sadhguru. Cf. ISHA FOUNDATION. **The Four Parts of the Mind**. Ishasadhguru.org, 27 may. 2015. Disponível em: <http://isha.sadhguru.org/blog/video/the-four-parts-of-the-mind/>. Acesso em: 15 dez. 2017.

- Quanto à *presença* (chave 6), embora considere ser esta “a chave mestra que ilumina toda a escuridão”, para o guru não é possível começar por ela, pois nem todos estariam preparados para utilizá-la. “A mente humana está muito identificada com traumas e jogos. Por isso, antes de podermos usufruir dessa chave, até que estejamos prontos para ancorar a presença, é necessário passar por um processo de purificação e transformação do eu inferior” — este sendo o estágio da consciência “relacionado basicamente aos sofrimentos causados por choques de dor que sofremos ao longo da vida, principalmente na infância” (BABA, 2017, p.24). Há aqui uma sugestão de estágios na jornada espiritual. Voltarei a essa ideia adiante.
- No que diz respeito ao *serviço desinteressado* (chave 7), definido por Prem Baba como “amor em movimento”, veremos que esta chave se relaciona não só à noção de *karma-yoga*, cujo significado é precisamente serviço desinteressado, mas também a uma particular interpretação da Lei do *dharma*, que inspira suas exortações para que cada indivíduo descubra seu propósito no mundo. “É quando você pode se doar verdadeiramente ao outro, sem máscaras, sem necessidade de agradar” (BABA, 2017, p.24).
- Por fim, sobre a *lembrança constante de Deus* (chave 8), Prem Baba volta a esclarecer o que quer dizer ao articular a palavra Deus: “estou falando do mistério da vida, da centelha divina que habita você, da consciência existente em tudo. Quando faz uso dessa chave, você vê Deus em tudo e em todos. Sua vida se transforma em uma prece, uma oferenda ao grande Mistério” (BABA, 2017, pp.24-5).

### **As diferentes etapas e a adaptação para contextos culturais diversos**

Por premissa, o Caminho do Coração é um trabalho realizado em duas etapas: uma psico-espiritual e outra espiritual, propriamente. Cada uma delas se adequaria mais a determinados caminhos: *jñāna-yoga*, *bakhti-yoga* ou *karma-yoga*.

A primeira fase do método eu chamo de ABC da Espiritualidade [...] O ABC da Espiritualidade guia o buscador através da primeira etapa do processo de desenvolvimento da consciência, que diz respeito à purificação e transformação do eu inferior. O estudo dos padrões e comportamentos negativos que muitas vezes se encontram inconscientes é o ponto de partida para a jornada espiritual autêntica [...] Aqui, como já vimos, a base é o *Jñana yoga* e suas variações. Trata-se de um trabalho de cura que se inicia com a autoinvestigação e a auto-observação, que permitem a cada um identificar os próprios condicionamentos e os conceitos mentais presentes no seu sistema. Esse trabalho possibilita a liberação dos sentimentos negados e suprimidos, o que permite a interrupção da repetição do comportamento negativo.



A meditação durante esse primeiro estágio é um processo de autoinvestigação que chamo de meditação analítica. Independentemente da técnica que você utiliza para meditar, essa prática é um autoestudo e tem como objetivo fortalecer o observador. Este é o ensinamento primordial: a auto-observação. Pois ela é a principal ferramenta nesse estágio de evolução da consciência [...]

Em determinado momento dessa jornada evolutiva, você percebe uma mutação na própria prática espiritual. De repente você já não precisa mais trabalhar as mazelas da personalidade. Nessa fase há um acúmulo de entendimento e compreensão, um processo de desenvolvimento. [...] Você vai se libertando dos “nãos” para a vida e desenvolvendo um grande poder de realização [...]

Na segunda fase, a meditação deixa de ser analítica e passa a ser focada no vazio [...] Nesse estágio acontece o que chamo de ativação da consciência maior, que é a lembrança da sua verdadeira natureza. Isso não tem nada a ver com a cura das neuroses da criança ferida. A essa altura, o trabalho de cura dessas feridas já deve estar bastante avançado, se não concluído. Aí o trabalho deixa de ser psicoespiritual para se tornar puramente espiritual. Nessa fase o eixo principal do trabalho é a entrega voluntária ao mistério maior, à natureza divina da existência, ou, se você preferir, a Deus.

As ferramentas utilizadas nesse momento são o *bhakti yoga* (devoção) e o *karma yoga* (serviço desinteressado), que possibilitam a expansão da consciência até a compreensão de que cada molécula do nosso corpo está a serviço da vontade divina (BABA, 2017, pp.141-3).

Embora tais etapas considerem o estágio em que o buscador se encontra em sua jornada espiritual, não há uma delimitação hierárquica entre elas — e o guru alerta para o fato de que possam se interpelar:

Um ponto que precisa ser compreendido é que as duas fases que descrevi se interpõem, elas não são separadas, estanques. Às vezes você está na primeira fase, trabalhando a observação e purificando o sistema, e tem vislumbres da entrega, do amor e da devoção máximos que eu chamo de segunda fase. Depois você volta. Às vezes você está na segunda fase, entregue ao amor com certa constância e consistência, mas se depara com algo que desperta um resquício da sua sombra que ainda não foi devidamente integrado e tem que voltar à auto-observação, pois aquilo impede o amor de seguir seu fluxo (BABA, 2017, p.145).

A primeira etapa costuma ser mais facilmente mapeada nos ensinamentos públicos de Prem Baba, voltados para grandes audiências: seja nos *satsaṅgs* abertos, na Índia ou em Alto Paraíso de Goiás, seja no conteúdo produzido exclusivamente para a Internet. Em nossa conversa, o guru confirmou essa função abre-alas da psicologia, não só por considerá-la eficaz para “minimizar as angústias das pessoas”, mas também porque, em sua visão, os ocidentais, de um modo geral, precisam de explicações racionais para que, então, possam se entregar às “coisas do espírito”. No entanto, para a minha surpresa, ele defendeu a necessidade dessa etapa também na Índia, e exemplificou como se dão certas adaptações nas transmissões espirituais de acordo com o contexto cultural — uma questão central para este trabalho:

**Há essa certa adaptabilidade na tradição indiana, que não é tão rígida...**

Não, não é rígida. É como se não tivesse uma doutrina específica, o hinduísmo tem isso. Eu percebo uma grande flexibilidade adaptativa.

**O senhor, lidando com diferentes culturas, precisa fazer adaptações de acordo com o ambiente?**

Com toda certeza. Tem um ditado amazônico, que na região do Acre se costuma dizer: “em terra de sapo, de ‘coca’ com ele” [gargalhadas]. ‘Coca’ quer dizer de cócoras, é de cócoras com ele. Ou seja, se faz necessária essa adaptação. Por exemplo, quando estou falando para o público brasileiro, trabalho de uma maneira. Quando estou no Estados Unidos, sinto que tem uma diferenciação em relação à Europa. E quando estou falando com os indianos é completamente diferente, eu uso outro discurso.

**Pode dar um exemplo disso?**

Por exemplo: no Ocidente, de uma forma geral, eu utilizo muitos elementos da ciência e, mais especialmente, da psicologia.

**Que é sua área de formação, né?**

Que é minha área de formação e onde percebo também que posso contribuir mais amplamente para minimizar as angústias das pessoas. Porque a fonte da angústia eu poderia dizer que, em maior grau, está na esfera dos relacionamentos, está exatamente na dificuldade de lidar com a matéria, e a psicologia ajuda tremendamente a entender. Porque o ocidental tem muita necessidade de entender como as coisas funcionam, aí eu o ajudo a entender, e quando ele entende, ele desarma, e aí ele pode relaxar.

**Então seria um primeiro passo?**

Sim, a psicologia como um primeiro passo, para abrir um caminho, para poder entrar nas coisas do espírito. Na Índia eu vou pelo caminho contrário, porque eles têm dificuldade de entender a psicologia humana. É muito mais fácil para eles entender o *Vedānta*, que já está dentro das células. Então falar sobre *ātman*, falar sobre *paramān*, falar sobre *karma*, sobre *dharma*, falar sobre *mokṣa*, sobre o processo da autorrealização em si, abre um caminho para eu poder, então, entrar nos aspectos psicológicos.

**Que também é preciso lá?**

Que também é preciso lá, porque estão vivendo um grande desafio hoje, inclusive, que é uma tremenda aculturação devido à globalização, devido à chegada da Internet, devido à chegada da TV a cabo. Pelo menos um grande grupo que tenho atendido, especialmente no Rajastão e em Calcutá, que são pessoas que têm já um certo poder aquisitivo, que têm acesso à informação através da Internet e da televisão. Eles estão vivendo um grande conflito. Porque carregam elementos muito fortes da tradição, por exemplo o casamento arranjado, mas são influenciados...

**Pelo amor romântico hollywoodiano?**

Pelo amor romântico hollywoodiano, por exemplo. Como é que resolve isso? Como é que resolve essa equação sem entender a mecânica da mente, a mecânica do Ego? Sem compreender sobre as emoções? Mas eu preciso adaptar a linguagem. Preciso encontrar uma linguagem que eles compreendam. Como eu falo sobre criança ferida? Como eu falo de trauma para uma pessoa que acha normal bater em criança? É normal para eles, é completamente natural educar uma criança batendo nela. Então, como eu explico que isso é gerador de doenças psíquicas, doenças emocionais, e que ele está tendo dificuldades hoje nos relacionamentos com os pares devido a esse trauma que não foi curado dentro dele, entende? Não é tão simples. Então, faço um caminho inverso do que eu faço aqui no Ocidente. Aqui no Ocidente eu começo por aí, começo ensinando essa mecânica do ego, essa mecânica do trauma, vou mostrando por que é que a pessoa está caindo repetidamente no mesmo buraco, por que está tropeçando repetidamente na mesma pedra. E aí eu vou, aos poucos, abrindo caminho para as coisas do espírito. Lá, eu faço o contrário: começo com as coisas do espírito e vou aos poucos chegando, também, nessas questões do ego. Porque elas precisam se encontrar em algum momento, né? O lado esquerdo e o lado direito do cérebro precisam se encontrar.

**Realmente eu tinha a sensação de que as questões psicológicas eram um chamariz para, depois, trazer esse outro lado. Mas não imaginava que na Índia fosse necessário tocar nelas.**

Algumas pessoas estão mais amadurecidas, e as pessoas mais amadurecidas estão na Índia, estão em qualquer lugar do mundo, no Ocidente inclusive. Então, ok, podemos ir direto para os assuntos que considero essenciais, que são as coisas do espírito. Mas, tanto lá como aqui, têm também aquelas pessoas que estão enfrentando severos desafios por conta das questões do ego e precisam compreender essa mecânica.

**E essa lógica gera conflito na Índia?**

Não gera conflito porque encontro um jeito de explicar que eles entendam.

**Senão seria geradora de conflito?**

Senão seria geradora de conflito. É uma coisa que percebo: a mente indiana, ela funciona... é mais fácil para eles entenderem quando dou exemplos bem práticos e bem concretos. Aí, fica fácil de entender. Mas, existem alguns princípios que são bem básicos, e bem facilmente compreendidos aqui, que lá é muito difícil. Por exemplo, esse que o comportamento de hoje foi moldado na infância, a partir de aquisições e, inclusive, que se existe uma repetição negativa se manifestando hoje é porque tem uma conta aberta com passado. Isso é muito difícil para um indiano entender.

**Mas não seria essa uma reinterpretação do *karma*?**

É, acaba sendo. Mas eles acabam acreditando que o *karma* sempre foi de vidas passadas.

**Ah, não acha que é tão pertinho, ali na infância?**

Não acha que é tão pertinho, na infância, e que tenha ainda essas contas abertas, que tenha ainda essa dor, que tenha questões mal resolvidas com os pais, por exemplo, que são considerados deuses, são considerados sagrados. Então, como eu posso ter raiva da minha mãe? Como eu posso ter raiva do meu pai? Compreende? Mas, após um trabalho, um trabalho de diálogo, de investigação, cheguei à conclusão de que tá tudo ali, igual ao que tem no ocidental. A mesma raiva da mãe, a mesma raiva do pai, só que tá camuflado [gargalhadas]. Aqui está um pouco mais visível. Então, é o oposto mesmo. Aqui no Ocidente as coisas do espírito estão mais escondidas e essas coisas psicológicas estão mais afloradas; lá está ao contrário: as coisas psicológicas estão mais escondidas e a coisa do espírito está mais aflorada. É o inverso, e eu transito nesses dois mundos. Então, quando estou falando para uma audiência indiana, preciso obviamente ser mais cuidadoso na escolha das palavras. Porque sei que se não for cuidadoso, não vou ser compreendido. Não vão entender o que tô falando.

E aqui no Ocidente também sou cuidadoso, porque se eu for direto ao assunto, se eu falar das coisas do espírito, poucas pessoas vão também compreender. Então, percebo que o conhecimento precisa ser personalizado, e por isso considero que essa transmissão é adaptativa mesmo. E precisa ser. Precisa ser. Eu acho que a verdade é uma só, mas ela se manifesta de maneiras diferentes, de acordo com cada grupo de almas, e de acordo com cada cultura.

**O senhor diz que fala de uma forma diferente na Europa e nos Estados Unidos, mas também tem Ocidentais e Ocidentais, não?**

Exato!

**O Brasil é um Ocidente meio diferente, né?**

Exatamente. No Brasil eu posso falar abertamente sobre mediunidade...

**Pois é, eu fico pensando: como é que um alemão ouve isso?**

É difícil, então eu não vou falar sobre mediunidade. A não ser que surja essa pergunta porque esse alemão foi abrasileirado depois de uma temporada na Chapada dos Veadeiros [gargalhadas]. Mas, de uma forma geral, isso não faz parte do repertório, não faz parte do arcabouço cultural deles, entende? Então, essa coisa, essa miscelânea,

essa influência afro, essa influência xamânica, isso é uma coisa que não é tão comum. Eu sinto que aqui é muito relaxado.

**Ainda sobre a recepção da sua mensagem, me chamou muita atenção, em Rishikesh, a quantidade de estrangeiros que ia ver o senhor e se encantava. Eu me perguntava: mas por que isso? Por que a pessoa está na Índia e busca um guru brasileiro? Isso não é meio fazer capoeira no Japão?**

[Gargalhadas]

**Confesso, eu pensava isso.**

É natural...

**Eu vejo pelos depoimentos nas redes sociais que há muitos brasileiros agradecidos por terem um guru que fala a língua deles. Mas e o estrangeiro? E os indianos?** Claro, tudo isso facilita tremendamente. Mas com relação ao indiano, com relação ao estrangeiro, o que ocorre é que eles se sentem tocados pela mensagem, pela transmissão, pela minha Graça, e aí eles se esforçam para entender aquilo que eu tô dizendo. Então existe um contato num lugar que está além da palavra, que está além da mente, que está além do ego. É um encontro no coração, é um caso de amor mesmo. É um arrebatamento divino, é um fenômeno que se dá através da Graça, a Graça é espargida e toca a pessoa, que tem ali uma experiência mística, uma experiência transcendental. E a partir dali ela se interessa em querer entender o que eu tô falando, e aí o que eu tô falando faz sentido, e aí ela vai ficando [gargalhada]. É assim que acontece<sup>163</sup>.

### 3.2 - Os diferentes meios, formatos e lugares: *Global Talks via Internet, workshops, cursos e retiros*

Para além dessas adaptações de conteúdo e de técnicas, dependendo do contexto cultural e do estágio de cada buscador, é importante lembrar que a mensagem de Prem Baba pode variar também de acordo com o meio utilizado para a sua transmissão. Acompanhar seus estudos via Internet, participar de um *workshop* de um fim de semana em uma grande cidade, fazer um dos cursos do Caminho do Coração nas chamadas *Awaken Love Houses* ou ter uma experiência de imersão em um de seus *ashrams* podem resultar em experiências significativamente diferentes, no sentido de que cada uma delas apresenta formatos específicos, com variação de relevância e ênfase dos elementos que as compõem: discurso psico-espiritual, dinâmicas e rituais. Tive a oportunidade de acompanhar algumas dessas modalidades de transmissão de ensinamento e vale a pena contar aqui um pouco sobre elas.

---

<sup>163</sup> Trecho da entrevista concedida a mim em Alto Paraíso de Goiás, no dia 28 de junho de 2017.

### 3.2.1 – Os Global Talks

Uma das maneiras que Prem Baba se utiliza para comunicar seus ensinamentos é via Internet. Os *Global Talks* são transmissões que acontecem no último domingo de cada mês com horário marcado, permitindo aos discípulos que se reúnam para assistir — o que frequentemente acontece nas *Awaken Love Houses* de São Paulo e do Rio de Janeiro.

A mensagem compartilhada pode ser extraída de um material previamente selecionado, de encontros anteriores, como um vídeo gravado durante uma das Temporadas. Mas muitas vezes há uma fala exclusiva para esse encontro mensal. Neste caso, Prem Baba não conta com o apoio dos músicos ao vivo, nem há um arcabouço ritual por trás, embora quase todos os vídeos comecem com alguns minutos de música devocional, normalmente executadas pela banda *Awaken Love*. Suas falas, por outro lado, podem ser mais didáticas e mesmo mais eloquentes, visto que não se limitam às perguntas dos participantes<sup>164</sup>, embora elas também estejam presentes nesse formato, sendo enviadas previamente.

No ano de 2016, por exemplo, o guru dedicou vários meses a uma espécie de curso online sobre “as matrizes do Eu Inferior”. Em uma das transmissões, produzida especificamente para o *Global Talk* de outubro daquele ano, ele assim discorreu sobre seu trabalho:

A natureza inferior é louca mesmo. Estamos falando da ignorância, estamos falando da estupidez humana, estamos falando do corpo ilusório. É assim que funciona. E você só se liberta dessa estupidez, só se liberta dessa ignorância, conhecendo ela. Aí você olha e reconhece: isso é ilusório, não sou eu. Às vezes, se faz necessário ir mais fundo ao ponto de perceber o que está por trás, liberar os sentimentos guardados e ressignificar o sistema de crenças que acabou sendo criado a partir desses traumas [...] Eu sei que só de tocar nessas matrizes elas começam a pulsar dentro de você, elas começam a sentir medo de serem descobertas, com medo de perder a eficiência da atuação. Porque lembre-se que, embora sejam aspectos do corpo ilusório, elas desenvolveram autonomia e agem como uma entidade psíquica que atua à revelia da vontade consciente. Portanto elas estão se sentindo ameaçadas nesse momento [...], porque nós estamos jogando um jato de luz no rosto delas. Estão com medo de perder o poder [...] Não é simples, eu sei disso. Mas é uma fase do processo que precisa ser atravessado. Você precisa viver isso, devagarinho você vai conseguir compreender esse mecanismo de defesa, vai conseguir dialogar com ele, vai conseguir olhar o quê que está por trás dele, vai sentir o que ainda você não pôde sentir e devagarinho você vai elaborar esse trauma. Devagarinho você vai se harmonizar com o passado, para que você possa se libertar dele, para que você possa transcendê-lo. Para que você possa ficar aqui, agora, sem mais ser influenciado por esse passado. OK? Foi possível captar, então, qual é a essência do trabalho? Estamos abrindo caminho para a Divina Presença [...] Mas, para isso, você precisa limpar o caminho. Você limpa o caminho olhando para ele. Tem uma sujeirinha ali, varre. Mas, para varrer, você tem que olhar para ela, tem que reconhecer que ela está ali na frente. Então é isso que eu estou oferecendo, a possibilidade de você reconhecer e varrer: “isso não, isso não sou eu”. E aquilo que é você vai poder se manifestar[...] Você

---

<sup>164</sup> Como veremos, o método pergunta-resposta é muito utilizado.

começa reconhecendo aquilo que não é você para que, aos poucos, aquilo que é você possa ficar<sup>165</sup>.

Gostaria de chamar a atenção aqui para essa pedagogia baseada na remoção do erro, objetivando a revelação da verdade, que parte não de uma conceitualização quanto a real natureza do Ser, mas da indicação do que ela *não* é. Segundo Loundo (2011), essa é uma questão central para a tradição dos Upaniṣads:

A palavra *upaniṣad* é descrita por Śaṅkarācārya, no início da maioria de seus comentários sobre os Upaniṣads, como ‘conhecimento secreto’ ou ‘intuição secreta’ [*rahasya*] cuja eficácia reside em sua capacidade de eliminar a ignorância fundamental [*avidyā*] que encobre a real natureza de *ātman*. Segundo o autor, as instruções secretas dos Upaniṣads ‘removem, de forma definitiva, este mundo relativo e a causa que o engendra [*avidyā*]’ [...] O caráter negativo que caracteriza genuinamente os Upaniṣads [...] está sintetizado na seguinte máxima: ‘A validade das escrituras deriva da eliminação [*nivartaka*] que promovem [das qualidades positivas de *ātman*]. Em outras palavras, os Upaniṣads são chamados de *pramāna* [‘meio de conhecimento’] não porque revelam a natureza de *ātman*, mas porque eliminam as concepções errôneas naturais sobre sua natureza (LOUNDO, 2011, p.352-3).

Já a transmissão do mês de abril, por exemplo, havia sido um vídeo extraído de um *Satsang* na temporada indiana daquele mesmo ano. Nele é possível observar a dinâmica do modelo pergunta-resposta, característico das transmissões de ensinamento dos mestres indianos. Na ocasião, um buscador enviara uma pergunta sobre suas recentes suspeitas em relação à própria homossexualidade, justamente em um momento de dedicação ao caminho espiritual. Ele gostaria de saber do mestre, então, como fazer para discernir o que era verdade e o que era ilusório, pois tinha medo de que essas questões o afastassem de sua busca pela Iluminação. Prem Baba assim respondeu:

Somente quando o mundo criado pela mente é desconstruído é possível a iluminação espiritual. Somente quando o sistema de crenças que dá sustentação para essa ideia de mundo é desconstruído a iluminação espiritual é possível. Perceba que existem vozes dentro de você dizendo o que é certo e o que é errado. Vozes que classificam, que rotulam, que julgam. Talvez o seu próximo passo seja se libertar dessa classificação homossexualidade. De onde vem isso? Perceba a compulsão da mente em julgar, em comparar, em classificar. Essa mecânica da mente é para sustentar a identificação com a ideia de quem é você. Mas quem é você? Você é um heterossexual? Você é um homossexual? Você é um transexual? Percebe como isso é limitado? Você é uma tendência sexual? Isso não é você. Quem é você? Você está se movendo em direção a quem é você. Mas um obstáculo bem definido é justamente essa classificação. E é também obviamente esse medo de desagradar. Quer dizer que você está adiando um passo realmente significativo da sua jornada por muitos anos. É quase como dizer que você está aí, há algumas décadas, impedido de comer um doce ali, uma sobremesa

---

<sup>165</sup> Cf. **GLOBAL Talk Outubro 2016: A atuação da avareza/How greed acts**. Vídeo, 1:14'25". Canal de Prem Baba no YouTube, 30 out. 2016. Trecho: de 55'29" até 1:00'05". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DTQpCKdJcyQ>. Acesso em: 23 nov. 2017.

que você achou que podia ser gostoso. E com isso sua mente fica presa naquele doce. E você não come o doce por medo de se tornar um “doçolatra” (risos da plateia). Existe uma lei psíquica que diz que tudo aquilo que é proibido, é desejado. Se você se proíbe, sua mente fica presa naquilo [...] Na verdade, tudo que existe neste mundo são instrumentos de aprendizagem. Eu posso dizer a verdade em nível suave médio ou profundo. Eu vou dizer de uma forma profunda. Mulheres e homens vêm e vão. [...] Porque o homem em si, o ser humano, ele também vai. O ser humano se move em direção ao divino. Gautama se move em direção a se tornar um Buda. Jesus se move em direção a se tornar Cristo. O Gautama dentro de você, o Jesus dentro de você está se movendo em direção a Buda, está se movendo em direção a Cristo. Todos os instrumentos de aprendizagem são passageiros. Até mesmo porque o estudante é passageiro. Em algum momento você pára de buscar. Você pára de buscar quando você encontra. Chega uma hora que você pára de subir degraus. A escada desaparece da sua frente. Você para de se mover. Mas enquanto se faz necessário se mover e aprender, não fuja disso. Se você está no jogo, jogue. O que é real e o que é ilusório? Só você pode descobrir. Eu posso te dar algumas dicas. Se existe uma corda no chão e ao olhar pra essa corda você enxerga uma cobra, o que eu posso fazer é dizer pra você: olhe melhor. Se você insiste em achar que está vendo uma cobra, eu vou falar: medita um pouco, faz esse mantra (risos). Faça tal austeridade. Porque essas práticas vão tirando a poeira do espelho. O espelho que reflete a consciência. É uma forma de desembaçar a percepção. E aí você pode olhar e perceber: realmente é uma corda, não é a uma cobra<sup>166</sup>.

Chamo a atenção não só para o universalismo presente nessa fala, expresso na referência a Buda e a Cristo, mas também para o exemplo extraído das tradições hinduístas, repetido por vários mestres<sup>167</sup> — o da corda e a cobra (SHARMA, 1997) — embora Prem Baba não faça questão de esclarecer isso (ou, pelo menos, não nesse momento). Além disso, de novo é possível observar a didática da remoção do erro, dessa vez a partir de um caso concreto: a dúvida do buscador em relação a sua sexualidade: “percebe como isso é limitado? Você é uma tendência sexual? Isso não é você?”. A fala do mestre prossegue com a afirmação que o último estágio da jornada espiritual é o reconhecimento da própria natureza divina, a partir da compreensão dos mecanismos ilusórios da mente:

Da ideia de “eu” surge a ideia de “meu”. “Eu” e “meu” criam todos os pensamentos, todas as histórias, todas as ideias que você tem a respeito da vida. Faz você acreditar que você é o seu nome, que você é o seu corpo, que você é o seu passado, que você é a sua história. Então chega um momento que você precisa reter isso antes que isso se irradie. Quando surge um pensamento você detém ele na fonte. Você reconhece que ele surge para atender o eu ilusório. E você detém ele na fonte. Você compreende que

---

<sup>166</sup> As falas a seguir foram extraídos do Global Talk de abril de 2016 (trecho: de 38'40" até 1:18'44"). Cf. **GLOBAL Talk com Sri Prem Baba**: Abril 2016. Vídeo, 1:19'25". Canal do Awaken Love no YouTube, 24 abr. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TD5r2pav6fs&list=PLlyhsZSpsno5PliH7qcs3yo4Ye5dpQDV&index=3>. Acesso em: 05 dez. 2017.

<sup>167</sup> A título de ilustração, o Osho também usava essa mesma referência. Cf. OSHO INTERNATIONAL FOUNDATION. **All principles are no principles**. Osho.com, c2017. Disponível em: <http://www.osho.com/iosho/library/read-book?p=e5f110c26e0ca8ab0272cf95ca30186c>. Acesso em: 07 dez. 2017.

real é o Ser. Que se manifesta como *Sat Chit Ananda*: Existência, Consciência e Bem-Aventura<sup>168</sup>.

Aqui, novamente Prem Baba faz menção a um princípio hinduísta: *Sat Chit Ananda*. É interessante notar que, embora as referências à psicologia também surjam, elas são mais frequentes na transmissão produzida exclusivamente para a Internet. Um vídeo extraído de um *Satsang*, em uma temporada indiana, portanto, não só torna mais claro o modelo pergunta-resposta, mas também evidencia mais as referências ao hinduísmo — embora, novamente, Prem Baba não tenha dito isso claramente (e, de novo, faço a ressalva: pelo menos não nesse momento). Ele prossegue:

Então o que é Real? Real é que você é Bem-Aventura. Você é felicidade pura. Qualquer outra ideia diferente disso é uma ilusão criada pela mente, a partir desses pensamentos originários “eu” e “meu”. Então chega um momento que você realiza essa verdade. Você consegue discernir o real do ilusório nesse estágio. Mas às vezes você precisa usar o discernimento para diferenciar o que é do mundo da máscara, da idealização, e o que é da sua necessidade mais profunda, que você não sabe nem entender bem de onde vem, mas que você sabe que é mais verdadeira do que a máscara.

Perceba que nesse momento você está sendo desafiado a ir além do medo. Você está cercado pela vergonha. Isso quer dizer que você se sente ameaçado. O que pode acontecer se você assumir essa atração? Eu até acredito que você tenha medo de se afastar do caminho da Iluminação, mas eu sinto que, no nível mais profundo, você tem medo de desagradar as vozes que te habitam. As vozes, talvez, da sua família, talvez a voz do padre, do pastor, vozes dos sacerdotes aí que te orientaram a respeito do que é certo ou errado sexualmente. Percebe que tem aí um eu idealizado? Que tem uma idealização a respeito do que é ser uma pessoa espiritual? Percebe que tem aí uma autoexigência? Percebe que tem aí um perfeccionismo? Percebe que você é refém de um tirano cruel que fica ali exigindo que você seja de uma determinada maneira? E que é isso exatamente que te impede de se tornar uma pessoa espiritual? Porque espiritualidade significa espontaneidade, naturalidade, significa você dar passagem para o seu Ser. Se tornar espiritual significa você poder manifestar o seu Ser. Mas, talvez, para que você possa manifestar o seu Ser, você tenha que primeiro cristalizar alguns desejos. Você tem que chegar num acordo com esse desejo. Tem que tirar ele do caminho de alguma maneira. Ou você, então, se liberta desse interesse pelo doce, vai para outro lugar, vai comer outra coisa, mas pára de pensar nisso, ou vai e come o doce de uma vez (*risos na plateia*). E vai ter que descobrir por si mesmo o que te aguarda. Veja bem: se eu não estou realmente centrado no meu Ser, eu posso também entrar em dúvida. Posso pensar: “poxa vida!, o quê que eu tô fazendo? Tô levando ele para um lugar que eu sei que vai demorar um tanto para ele se achar”. Talvez demore um tempo para se encontrar. Mas por conta disso você vai evitar de viver o que tem que viver? Olhando sob o ângulo da lógica, da razão, você consegue ver outro caminho? Como é que você chega num acordo com o desejo sem olhar de frente para ele? *Você tem que ter o que renunciar. Você tem que ter um ego para entregar.* O ego tem que ser cristalizado para poder cair. São fases naturais da jornada evolutiva. Então, para concluir eu quero dizer: seguir o coração não afasta ninguém do caminho da iluminação. Muito pelo contrário: o coração te leva em direção à iluminação. Muito embora antes de se iluminar você tenha, às vezes, que descer um pouco mais aí na matéria. Tem que conhecer um pouco mais do *Samsara*. Falando um pouco de mim, eu teria dificuldade de me render a um mestre que não tivesse conhecido um pouco do *Samsara*, que não tivesse tido a chance de conhecer o mundo. Como é que ele

---

<sup>168</sup> GLOBAL Talk com Sri Prem Baba: Abril 2016.



poderia me guiar? Fique atento. Fique atento com esse eu idealizado. Que pode querer fazer você se transformar numa pessoa espiritual carregando um monte de desejos pela matéria. Faz de você aí um santo sentado num saco de luxúria que estoura a qualquer momento. Fique atento a essa necessidade de se tornar um santo negando o humano dentro de você. A negação é o principal veneno. É o principal mecanismo de defesa. Lembre-se: o que você pode fazer por você é se tornar natural e desprendido, mas centralizado no seu coração, ouvindo a voz do seu coração. Você consegue imaginar um Jesus sendo levado pela opinião dos outros? Você consegue imaginar um Buda sendo levado pela opinião dos outros? Não é possível. Ele se move a partir do centro dele. Por compaixão ele pode ouvir o outro, mas ele não se move um milímetro sequer se não for em ressonância com coração dele. [...] Percebe como precisa ter uma certa coragem para ser verdadeiro? Tem que ter uma certa coragem para amar? Porque é só a verdade que ama. O amor é uma fragrância do Ser. Requer coragem para amar. Porque às vezes tem que contrariar todas essas vozes. É por isso que é dito que o preço da Iluminação é a solidão. Não isolamento: solidão. Profundo esse tema. Vamos seguir batendo na porta da Verdade. Vamos cantar um pouco!<sup>169</sup>

### 3.2.2 - O workshop ‘Para que nascemos?’

Vejamos uma outra forma de transmissão de ensinamentos e aplicação do método Caminho do Coração, desta vez considerando um encontro presencial em uma grande cidade, que por certo propicia uma imersão bem maior do que um vídeo pela Internet, embora seja bastante mais reduzida se comparada a uma temporada em um dos ashrams. O *workshop* “Para que nascemos?”, realizado na cidade de São Paulo, entre os dias 5 e 6 de novembro de 2016, estruturou-se da seguinte maneira: depois de propor exercícios de concentração e falar da importância do silêncio e da meditação, Prem Baba fez uma explanação inicial, apresentou uma teoria, formulou hipóteses e conduziu diversas dinâmicas, durante todo o fim de semana, das quais resultavam uma intensa participação do público (cerca de mil pessoas, segundo informou a organização), que compartilhava experiências e encaminhava perguntas para o guru. Ele, por sua vez, respondia e analisava os casos à medida em que surgiam.

Observo que esse workshop teve uma especificidade no que se refere ao tema do propósito de vida. Até então, o guru vinha dando ênfase às relações humanas, especialmente às afetivas — uma preocupação demonstrada com o lançamento do livro ‘Amar e Ser Livre’<sup>170</sup>, em 2015. Mas, o que deu liga a esse encontro foi não só o trabalho psicológico para soltar as travas que impedem o amor de fluir e que sejam estabelecidas relações saudáveis, mas a ênfase na noção de propósito, entendido como uma interpretação da lei do *dharma* (HALBFASS,

<sup>169</sup> GLOBAL Talk com Sri Prem Baba: Abril 2016.

<sup>170</sup> BABA, Sri Prem. **Amar e Ser Livre**: As Bases Para Uma Nova Sociedade. Fortaleza: Dummar/Agir, 2015.

1988, pp. 310-333; 334-348). Vale dizer, ainda, que esse encontro se deu pouco antes do lançamento do livro que aborda o mesmo tema: ‘Propósito: A Coragem de Ser Quem Somos’<sup>171</sup>.

### Primeiro dia

Faltando uma hora e meia para o horário marcado, a fila do credenciamento dá várias voltas e toma a calçada próxima ao Espaço Hakka de Eventos, no bairro da Liberdade. Segundo informou a organização, são mais de mil inscritos, mas não há tumulto: diversas pessoas da equipe *Awaken Love*, devidamente identificadas com a camisa do movimento, informam e instruem os que ali se reúnem para uma experiência de dois dias com Prem Baba.

Enquanto os participantes já credenciados se acomodam em seus lugares e aguardam o início das atividades, os integrantes da banda tocam e entoam mantras: *Om namah sivaya, om namah sivaya / Om namah sivaya, om namah sivaya...* E também:

*Siva Siva Siva Sambho,  
Siva Siva Siva Sambho  
Mahadeva Sambho, Mahadeva Sambho  
Siva Siva Siva Sambho, Siva Siva Siva Sambho*

Não por acaso, são mantras de Śiva, a deidade que na *trimūrti*<sup>172</sup> hindu representa a transformação, como Prem Baba explicou depois. Ganha destaque o *Prabhu āp jago*, o mantra da linhagem *Sachcha*.

O espaço cheira a incenso e flores brancas decoram o palco, em cujo centro há uma poltrona amarela. Já os músicos ocupam o canto direito. Vale mencionar que, nos eventos públicos — Satsangs, celebrações especiais, etc — Prem Baba costuma estar acompanhado da banda *Awaken Love*, integrada por músicos voluntários, alguns itinerantes, e a estrutura de som é, via de regra, impecável. Aliás, a qualidade em si não é a única preocupação: segundo publicado na página da banda, e também no perfil oficial do guru no Facebook, “todas as músicas produzidas pela Awaken Love Band estão sintonizadas na frequência de 432 Hz - que tem efeitos profundos sobre a consciência e também no nível celular do corpo, pois é a

---

<sup>171</sup> Publicado pela Editora Sextante, ainda em 2016. O livro aparece, atualmente, em várias listas de mais vendidos pelo Brasil.

<sup>172</sup> Trindade hindu, a qual é formada por Brahmā, Viṣṇu e Śiva, que apresentam funções complementares de criação, preservação e destruição, respectivamente. Śiva, no papel de destruidor, abriria caminhos para a transformação, para o novo, para a criação novamente.

frequência dos batimentos cardíacos. Esta frequência estimula a produção de serotonina e inspira paz e harmonia”<sup>173</sup>.

Quando a maioria já toma seus lugares, alguns minutos são dedicados aos informes. Além de não ser permitido gravar vídeos ou fotografar, há também a sugestão de desligar os celulares e não apenas deixá-los em modo silencioso — uma advertência repetida diariamente nos *ashrams*. A representante da organização, uma espécie de cerimonialista, chama a atenção para o fato de estarmos na Liberdade, um bairro de tradição oriental e, portanto, local onde há bastante opção de comida vegetariana na hora do almoço — e ela nos lembra que não é recomendável o consumo de carne nem bebida alcoólica durante os dois dias de workshop.

Vinte minutos depois da hora marcada para o início já estão todos credenciados e em seus lugares. Portas fechadas, informes dados, a música volta a preencher o ambiente e anuncia o momento aguardado: às 10h20, Prem Baba chega. A entrada do líder é cercada de reverência: todos se levantam e ele, em silêncio, com um sorriso no rosto e as mãos em prece, saúda o público. Olha para cada canto do espaço, incluindo as galerias, como quem tenta garantir que todos recebam seu cumprimento à distância.

Suas primeiras palavras são sobre a importância da meditação, do silêncio e da atenção, aspectos fundamentais do trabalho que desenvolve. Discorre brevemente sobre a ciência do yoga e sua importância para que tenhamos o controle da mente em vez de sermos controlados por ela. Propõe um primeiro exercício de concentração, instruindo o público em relação à postura, à atenção na respiração, à posição das mãos.

Em seguida, entra no tema do encontro, que resume como um primeiro passo para despertar em cada um a consciência de propósito no mundo: “Para quem nascemos? Qual a razão da existência humana? Para quem você nasceu? Para quem eu nasci? Que você possa fazer essa pergunta provocando o Mistério. Essa é a batida na porta da verdade. Pergunte querendo ouvir uma resposta”, diz. Logo, Prem Baba faz uma relação dessas perguntas e da ideia de propósito com o conceito de *dharma*, que, segundo explica, “expressa a característica inata do ser, que está em harmonia com o Universo”:

Qual é o *dharma* do ser humano? Eu digo repetidas vezes que o *dharma* do ser humano é amar e, quando não está amando, está contrariando uma ordem cósmica. E esse amor se expressa de uma forma muito particular através de você. Se isso não acontecer, você vai se sentir fora da ordem, desencaixado do mundo, não pertencendo a ele. Em casos mais graves, sem entusiasmo para acordar de manhã. Muitos acabam tentando dar um sentido qualquer à vida, porque instintivamente há uma luta para sobreviver. Você acaba usando todo o seu repertório para ganhar dinheiro, para

---

<sup>173</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/sachchaprembaba/posts/1053574534756457>. Acesso em: 30 set. 2017.

sobreviver, mas isso não significa que você esteja manifestando o *dharma*. Você sabe que precisa acordar para ganhar dinheiro para sobreviver, mas assim você só atende as necessidades materiais, e isso não te satisfaz, porque você não é só matéria, não é só corpo. E quando essa dimensão está suprida, você vê que precisa de mais [...] A dimensão espiritual está intimamente ligada ao *dharma*, o *dharma* que é você. Por mais que o *dharma* da humanidade seja amar, a questão é como esse amor se expressa em você. Quando o ser humano não pode estar alinhado com a ordem cósmica é sinal de que há uma perturbação, que se manifesta de muitas formas, dependendo da sua história. Essa perturbação é um sintoma do desalinhamento e do canal do amor fechado.

Prem Baba pede que, durante o encontro, os participantes se desvinculem temporariamente de suas teorias e lança uma hipótese, que deverá ser comprovada ou não a partir das experiências que irá propor:

Minha hipótese diz que o que nos impede de exercer o *dharma*, de ter consciência do propósito e colocá-lo em movimento são camadas de desamor: mágoas, pactos de vingança, medos. Essas capas precisam ser removidas. É como se o desamor estivesse envenenando sua percepção de propósito. Em algum momento da sua jornada você precisou desenvolver essas camadas de proteção. Foi uma armadura que você precisou usar para se proteger. Ela te protegeu, mas também derrubou a tua consciência do propósito. Foi o efeito colateral do mecanismo de defesa: o encurtamento da sua percepção de propósito. Quanto mais medo, ressentimento, vontade de justiça, menos memória espiritual você tem. Se você perdeu essa conexão com o espírito devido aos efeitos colaterais do seu “remédio”, você não sabe para que veio. A lembrança surge quando você pode remover essas capas e deixar de usar esses mecanismos de defesa.

Para ilustrar o que representa e quais as consequências do esquecimento do propósito, Prem Baba cita uma passagem do Velho Testamento. Conta a história de Jonas e destaca elementos que considera importantes: a ideia de que muitas vezes nos desviamos apesar de ouvirmos uma orientação clara (“Vá para Nínive”), caminhamos na direção contrária (de Jope a Társis) e adormecemos para fugir da voz de Deus (Jonas é encontrado dormindo no porão do navio). Até que, num momento de profundo desespero, buscamos novamente falar com Deus (oração de Jonas no estômago da baleia), e a orientação permanece clara (“Vá para Nínive”). Mas a parte dessa história que mais guarda relação com o tema do workshop são os motivos da recusa de Jonas em atender ao pedido de Deus:

Ele, como você, queria descobrir o propósito de sua vida e orava. O Mistério fala com você através da sua intuição, mas por algumas razões você não quer ouvir. No caso de Jonas, ele não queria ir para Nínive porque guardava ressentimento daquele povo, que havia feito seus ancestrais sofrer. Não queria que aquele povo fosse salvo e feliz. Jonas foi dormir porque é o que fazemos quando nos sentimos impotentes para realizar o que nosso coração determina. Para não ser perturbado pela intuição, para não ouvir a voz do Mistério, que você pediu para ouvir, você adormece, e cada um faz isso do seu jeito: come, compra, pensa compulsivamente...

Prem Baba cita ainda outros exemplos, um deles extraído de um conto do poeta indiano Tagore. Ao mesmo tempo, sua fala segue permeada por expressões cristãs como ‘deserto’ e ‘vale da sombra e da morte’ — embora não se preocupe em esclarecer ao público que se trata de um vocabulário bíblico. Na sequência, preparando o público para o primeiro exercício do dia, o guru sugere que a infância oferece pistas não só em relação ao propósito esquecido, mas também dos motivos que levaram a esse esquecimento:

A criança, quando chega ao mundo, tem uma visão de propósito, no mínimo uma indicação do programa da alma. Indicação do por que e do para que ela veio. Mas, aos poucos, ela foi se desviando porque foi aprendendo que era errado ir para Nínive, aprendeu que tinha algo de errado com aquela vontade.

Nesse momento, o guru convoca os participantes a tomar a palavra e a compartilhar suas experiências a partir das seguintes perguntas: 1) o quê, quando crianças, sonhavam ser quando crescessem; 2) no quê se tornaram. As respostas variam: às vezes há de fato proximidades entre o sonho infantil e a realidade; outras, uma total distância entre eles — sendo este tipo muito mais comum entre os participantes. A frustração em relação a viver o propósito causaria o que Prem Baba chama de “amortecimento”, que por sua vez desencadearia uma série de outras consequências: ansiedade, angústia, medo e depressão.

Com essa fala sobre os primeiros anos de vida, o guru conclui um discurso mais expositivo e menos interativo. O que viria daí em diante seria uma série de exercícios práticos e intervenções constantes do público — seja porque várias dúvidas iam surgindo ou porque, devido às provocações feitas, instaurou-se uma atmosfera de emoções à flor-da-pele, em que muitas pessoas se sentiam compelidas a compartilhar experiências, êxtases, traumas e lágrimas.

### **Os exercícios de ‘remoção das capas’**

O primeiro exercício do dia, antecedido por mais um momento de concentração e silêncio, consiste em se imaginar na infância outra vez, com a maior riqueza de detalhes possível — e, para isso, Prem Baba conduz a mentalização, enquanto os participantes permanecem de olhos fechados. A instrução é imaginar os lugares, sujeitos e objetos da infância: o quarto, os brinquedos, os sentimentos, os pensamentos, as coisas que traziam alegria, as que provocavam tristeza, os heróis, etc. Em vez dos mantras tocados pela banda, a trilha sonora agora é a gravação de uma canção infantil.

O exercício se estende por cerca de 30 minutos, tempo suficiente para que uma crise de choro, em alguns casos convulsivo, tome conta da plateia. A equipe de apoio circula pelo salão

com rolos de papel higiênico para atender os que levantam as mãos com o rosto banhado em lágrimas.

Na sequência, há a pausa para o almoço. Algumas recomendações são feitas: evitar conversas desnecessárias, carne e bebidas alcoólicas durante o intervalo.

No retorno, folhas de papel A3 são distribuídas para o público. Numa das faces há três bonequinhos de mãos dadas: o menor representa a infância, o médio, a adolescência e o maior simboliza o hoje — todos desenhados com um traço simples e um coração no centro do peito. O exercício seguinte, precedido de novo por um breve momento de silêncio e concentração, se refere a responder a um grupo de sete perguntas, algumas das quais se desdobram em sub-ítem, com variações de acordo com o período da vida em análise.

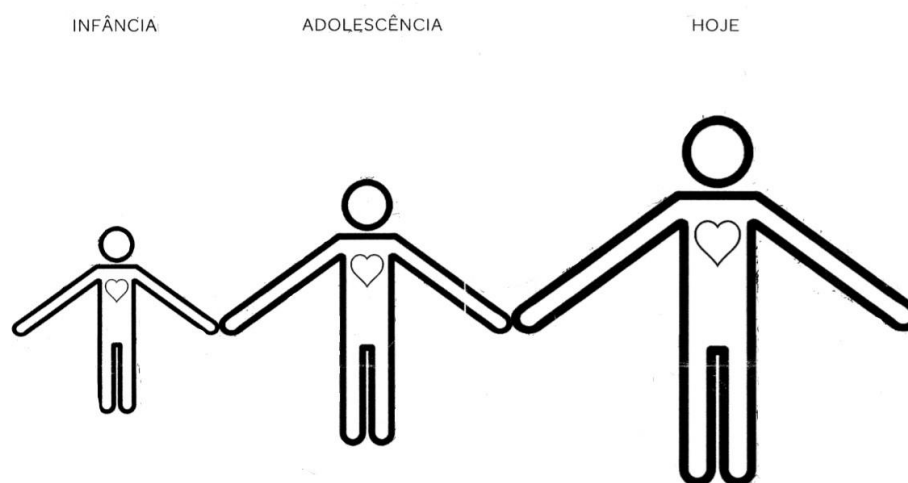


Figura 9: Os bonequinhos dos exercícios 2, 3 e 4 do workshop 'Para que nascemos?'

Começando pelo período da infância, Prem Baba afirma que a proposta é aprofundar o trabalho da manhã. As perguntas feitas se relacionam com partes do corpo e os participantes devem escrever as respostas no bonequinho menor. São elas:

- |    |   |
|----|---|
| 1. | Rosto: qual era a sua expressão predominante na infância? Como você manifestava seus sentimentos?   |
| 2. | Cabeça: quais eram seus sonhos? O que você queria ser quando crescesse?   |
| 3. | Ouvido: o que você lembra que seus pais falavam de você? E sobre o seu futuro? Eles te incentivavam?  |
| 4. | Coração: a) quem você admirava? O que exatamente você admirava nessa pessoa?; b) qual era a sua essência? Quais eram os seus atributos natos? |

5.	Barriga: a) O que era mais difícil para a sua criança digerir na infância? O que foi mais difícil?; b) O que mais nutria a sua infância?
6.	Perna direita: representa o pai. Você sentia que seu pai era satisfeito com o trabalho dele? Que exemplo ele te deu?; b) Ele permitia que você se expressasse?
7.	Perna esquerda: representa a mãe. a) Você sentia que ela estava satisfeita com o trabalho dela? Que exemplo ela te deu?; b) Ela permitia que você se expressasse?

Durante o exercício, diversas pessoas pedem a palavra. Membros da equipe de produção levam microfones até elas para que dúvidas sejam esclarecidas e sentimentos, compartilhados. Uma questão recorrente se refere a possíveis e inevitáveis imprecisões da memória. Prem Baba assim esclarece: “Vale o que ficou para você, o que te marcou”. Muita gente chora, e chora bastante. Uma mulher de cerca de 50 anos soluça enquanto relata a sua história: ela desenvolve um trabalho com dança, pois sempre soube que seu propósito era cuidar do feminino. Nos últimos tempos, vem perdendo clientes e sabe que isso se relaciona a suas questões pessoais, pois foi violentada durante anos na infância.

Prem Baba ouve esses e outros depoimentos, faz intervenções, sempre mantendo domínio do público e das emoções trazidas à tona, responde às perguntas e vai reforçando seu argumento no que diz respeito às marcas da infância. Afirma que os sete primeiros anos de vida são determinantes para a fundação da personalidade, mas enfatiza ser possível deixar de se identificar com esses elementos formadores da identidade, os quais por sua vez determinam os padrões de comportamento, e que compreender esses mecanismos constitui-se uma etapa importante no caminho do coração, do autoconhecimento. Diz que essa compreensão e a libertação dessas “capas” conduzem ao florescimento do “Eu Maior”. Sua fala combina a empatia em relação ao sofrimento experimentado e palavras encorajadoras: “eu também passei por isso, sei como dói, mas acreditem: há solução”. Acrescenta, ainda, que o trabalho realizado no encontro é uma versão reduzida daquele que é feito nos *ashrams*, o qual conta com ambiente adequado e um espaço de tempo muito maior, e por isso ele não pode ir fundo demais: “acreditem, o corpo não aguenta”.

O exercício continua, agora com ênfase em outra fase da vida: a adolescência. As questões são praticamente as mesmas, com poucas variações:

1.	Rosto: qual era a expressão de como você se sentia na adolescência?
2.	Cabeça: quais eram seus sonhos? Mudaram? Com o que você queria trabalhar? Por quê?
3.	Ouvido: o que seus pais falavam sobre você e seu futuro? Algo mudou?
4.	Coração: quais eram os sentimentos predominantes, positivos e negativos?

5.	Barriga: a) O que era mais difícil digerir nessa fase?; b) O que você mais gostava de fazer? O que mais te nutria?
6.	Perna direita: a) como era a relação com o seu pai?; b) Ele estava te ajudando a dar uma direção na sua vida? Ou só te cobrava? Você queria a ajuda dele?
7.	Perna esquerda: a) Como era a relação com a sua mãe?; b) Ela estava te ajudando a dar uma direção na sua vida? Ou só te cobrava? Você queria a ajuda dela?

### Segundo dia

A manhã começa com uma recapitulação do dia anterior. Prem Baba reforça a necessidade de espiritualização da ação no mundo, do alinhamento do *dharma*, para que cada um seja “um canal puro do amor, através dos nossos dons e talentos”, diz. E acrescenta: “O que acontece no mundo hoje é um sintoma do nosso esquecimento em relação ao que viemos fazer aqui”.

Antecipando a nova rodada de exercícios, fala da importância de um diagnóstico para a compreensão dos sistemas de crenças de cada um e para se entender de que maneira as influências do passado se traduzem em mágoas e ressentimentos.

A primeira tarefa, então, é responder aos questionamentos propostos considerando o bonequinho maior, que representa o presente:

1.	Rosto: como você se sente hoje?
2.	Cabeça: quais são os seus sonhos?
3.	Ouvido: o que você tem ouvido a respeito do seu trabalho?
4.	Coração: quais são os seus sentimentos em relação ao trabalho hoje?
5.	Barriga: a) O que está sendo mais difícil de digerir e te incomoda no seu trabalho hoje? b) O que mais te nutre no seu trabalho hoje?
6.	Perna direita: Para que você acorda e se levanta de manhã?
7.	Perna esquerda: Onde você quer chegar nessa área da sua vida?

As perguntas, como no dia anterior, são feitas em tom de conversa. Prem Baba traz exemplos, esclarece as dúvidas dos que se manifestam e segue costurando os exercícios realizados com o tema do encontro:

Quando você é desviado do seu propósito, do seu caminho, você se ressent. A criança em você sabia o que queria e se ressent por ter sido desviada pela ignorância dos pais e dos educadores. Esse sentimento se traduz em insegurança em relação a vida, desconfiança, porque você confiou nos seus pais, eles te levaram pela mão, mas te desviaram do teu caminho. Então, há uma perda de confiança na vida. No fundo, o que te impede de se alinhar com o *dharma* é o medo e o ódio. É só isso.



O guru reforça que está “indo na velocidade máxima possível”, considerando os limites do *workshop*, e diz palavras de incentivo, novamente recorrendo ao vocabulário cristão: “em algum momento, precisamos ter coragem de interromper a guerra dentro de nós e dizer ‘*Pai, perdoa porque eles não sabem o que fazer*’”. E acrescenta que perdão, gratidão e saudade são dimensões do amor. Num tom consolador, respondendo ao comentário de uma participante que diz ter se dado conta do longo caminho pela frente, Prem Baba afirma que, segundo a ciência do yoga, uma alma leva milhões de anos para atingir o ápice do amadurecimento. “Por outro lado, há a graça, o milagre. Antes de encontrar o meu mestre, eu também achava que levaria séculos para me curar”, relata o guru.

### **Olhando para os ancestrais**

Mais um momento de concentração e silêncio e, por fim, chegamos ao outro lado da folha de papel recebida, na qual há uma marca d'água de galhos de árvore e os nomes dos ascendentes: no lado esquerdo, mãe, avó materna, avô materno; no lado direito, pai, avó paterna, avô paterno. No centro e acima, há uma versão reduzida da já conhecida trinca de bonequinhos. Abaixo do nome dos ascendentes, e também dos bonequinhos, há três círculos com as letras T, D, DT, que representam trabalho, dinheiro, dons e talentos.

O objetivo do exercício é avaliar cada um dos integrantes da família e sua relação com três aspectos da vida, de acordo com a seguinte classificação:

TRABALHO	R (realizado)	S (satisfeito)	I (insatisfeito)
DINHEIRO	A (abundante)	S (suficiente)	I (insuficiente)
DONS E TALENTOS	C (carreira)	H ( <i>hobbie</i> )	I (inativo)

As muitas dúvidas são sanadas à medida em que os participantes pedem a palavra e as expõem. “O importante é a sua memória, o que ficou marcado para você”, “sim, você pode marcar duas letras para o mesmo tópico, isso significa que existe uma ambiguidade”, o guru vai esclarecendo. Para ele, a forma como nos relacionamos com trabalho, dinheiro e nossos dons e talentos tem uma relação direta com os exemplos recebidos.

Muitos sentem que cumprem seu propósito, mas não se sentem prósperos. Isso pode estar relacionado com uma visão negativa do dinheiro. Se alguém sempre escutou que

“é mais fácil um camelo passar por um buraco de uma agulha do que um rico conquistar o Reino dos Céus”, certamente sente dificuldades para aceitar o dinheiro em sua vida. É muito sério isso porque, para essa pessoa, o dinheiro representa o risco de perder as bênçãos divinas.

Vários participantes se identificam com o quadro apresentado e relatam desajustes na vida financeira. Um homem, por outro lado, conta que seus pais, muito bem-sucedidos, sempre se importaram demais com o dinheiro, o que despertou nele um comportamento avesso à abundância material. “Esse sistema pessoal de crenças precisa ser desfeito. O dinheiro em si é uma energia neutra, a diferença é o que se faz com ele”, diz o líder.

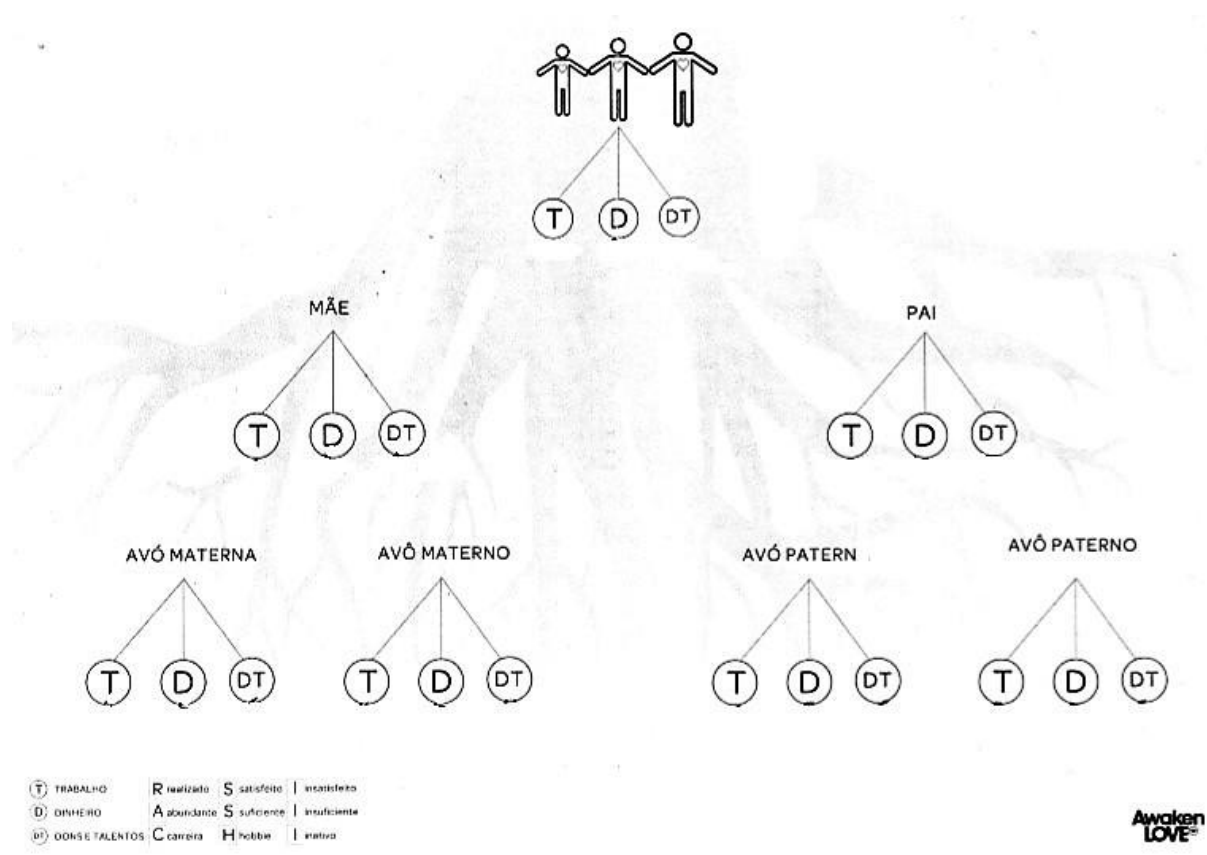


Figura 10: Exercício 5 do workshop ‘Para que nascemos?’

O exercício seguinte ocupa boa parte da programação do dia e, mais uma vez, os sentimentos entram em ebulição já no primeiro de uma sequência de quatro deles. A tarefa é escrever uma carta-acusação para alguém próximo — mãe, pai, irmã, irmão, companheiro ou companheira —, expondo todas as mágoas, sem filtros e deixando a raiva fluir. As dúvidas logo

surtem, porque alguns participantes não sabem para quem endereçariam palavras dessa natureza.

Visite mentalmente essas pessoas mais próximas, olhe no olho de cada uma delas e diga: ‘eu te agradeço do fundo do meu coração por absolutamente tudo que você fez por mim’. A carta será endereçada justamente a quem você não consegue dizer essas palavras. Não se culpe por sentir raiva, porque a culpa é também um obstáculo ao autoconhecimento.

O guru avisa ainda que, no final da experiência, cada participante entregará suas cartas nas mãos do mestre para que sejam queimadas. O público aplaude a ideia.

O que se segue, de novo, são momentos de choro convulsivo em diversos cantos do salão, com a equipe de apoio atendendo às várias demandas por papel higiênico, transformados em lençinhos. Novamente, depoimentos emocionados e a condução de Prem Baba em tom professoral, com elogios aqui e ali quanto ao corajoso passo dado e às experiências compartilhadas. Essa foi a atmosfera e a dinâmica predominantes nas três etapas seguintes, quando o líder solicitou a escrita de mais três cartas: uma resposta imaginária, em que a pessoa acusada tem a sua chance de acusar também; uma carta-perdão, na qual o participante também deve elencar os motivos para ser grato à pessoa acusada; uma carta imaginária, endereçada ao participante, em que a pessoa acusada também o perdoa e o agradece. Sempre oferecendo palavras de consolo e empatia, Prem Baba, outra vez, fala de sua própria experiência:

Sei bem o que é o inferno, esse lugar onde estava quando encontrei o Maharaj, e um olhar dele foi suficiente para me tirar de um lugar e colocar em outro. Eu chamo esse fenômeno de compaixão, de misericórdia, e esse poder a mente jamais vai entender [...] e você vê esses séculos, milênios, se transformarem em segundos [...] Você não deve se preocupar com o tempo, você tem que fazer o seu melhor, libertar seu coração da discórdia e das mazelas [...] O que nos limita são as nossas mágoas, mazelas que criam muros. É preciso ter coragem e se comprometer em direção à união e ao amor [...] Colocar sua potencialidade a serviço do outro.

O guru explica que o propósito tem sete aspectos, mas devido ao tempo reduzido, o trabalho que vai chegando ao final está centrado no aspecto do serviço, com o objetivo de “romper as barreiras que te impedem de retribuir a Graça da vida com serviço [...] O serviço é o amor em movimento. Colocar o propósito em movimento é transformar a Graça recebida em serviço. [...] E pouco a pouco sua vida começa a fazer sentido”.

Antes do encerramento, há um momento para que os participantes que assim sentirem vontade respondam à pergunta “Para que você nasceu?”. Uma professora pede a palavra e diz que trabalha com o que sempre quis, mas só agora se dá conta do privilégio de servir cotidianamente: “afinal, sou uma servidora pública”.

Alguns que já seguem o guru aproveitam para manifestar sua devoção publicamente, o que indica que, nesse evento esporádico, a plateia não era necessariamente composta por admiradores descompromissados: “eu te sigo há dois anos”, diz uma mulher. “Eu sei por que acordo de manhã: eu acordo para te servir”, declara outra. Um rapaz se apresenta como designer gráfico e revela que foi ele quem fez o material do aniversário de 50 anos de Prem Baba<sup>174</sup>, o que representou um grande desafio, porque o trabalho foi uma oferenda para o seu “*guruji*”.

É interessante que somente no final do encontro, provocado por perguntas do público, o guru tenha falado mais claramente, ainda que de maneira muito breve, sobre escrituras indianas e a respeito da linhagem *Sachcha*. Sobre a questão das castas, afirmou que, para o conhecimento védico, cada um tinha seu lugar no mundo, mas essa ideia fora distorcida, resultando no sistema que “envenenou a sociedade indiana”. Uma mulher lhe pede que fale especificamente sobre seu *sankalpa* e ele responde que *sankalpa* se refere ao propósito e à promessa de uma linhagem e, portanto, o seu é o *sankalpa* da linhagem *Sachcha*, o qual resume em cinco pontos: 1) iluminar a devoção, que é uma dimensão do amor, e se refere ao caminho do *bhakti-yoga*; 2) remover o véu das tendências malvadas, trabalhar para liberar o véu da ignorância; 3) iluminar a prosperidade e a abundância, representadas pelas deusas Annapurna e Lakshmi, para que a vida material também seja iluminada; 4) alinhar-nos com a antiga sabedoria dos Vedas, especialmente no que diz respeito ao nosso lugar no mundo; 5) acabar com o jogo do sofrimento e despertar o amor, iluminando o jogo da alegria.

Eu tenho simplificado esse *sankalpa* com o despertar do amor. Porque quando o amor desperta, tudo se resolve, esses 5 itens. Nos nossos *ashrams*, cantamos essa oração em sânscrito, para nos lembrar desse compromisso todos os dias [...]

O caminho espiritual não requer que a gente renuncie o mundo, ainda mais nos tempos em que vivemos. Nos tempos atuais, temos que encontrar nosso *dharma* dentro do nosso *karma*. A espiritualidade precisa acontecer onde você está. Tudo é espiritual, é preciso eliminar a divisão.

### 3.2.3 - As Awaken Love Houses, Nazaré Paulista e os cursos do Caminho do Coração

A experiência em São Paulo suscitou uma questão: o que seria dos participantes depois do *workshop*? — considerando a brevidade do encontro com um guru que nem sempre está na

---

<sup>174</sup> O aniversário de 50 anos de Prem Baba, em novembro de 2015, foi um exemplo de utilização da Internet para mobilização da *sangha* em torno de ações descentralizadas em diversos lugares do mundo.

cidade, e que se tratava de um evento pago<sup>175</sup>, realizado em um espaço alugado. Para onde vão essas pessoas e a quem recorrem?

Como me explicou a responsável pelo *ashram* de Nazaré Paulista, Luana<sup>176</sup>, as *Awaken Love Houses* foram criadas exatamente para servir de local de encontro e atendimento para os buscadores na cidade. Um apoio que já acontecia nas Temporadas, durante as quais uma equipe de facilitadores formados por Prem Baba — muitos psicólogos, como é o caso da própria Luana — ficam de plantão.

Tive a oportunidade de visitar a *Awaken Love House* de São Paulo, a mais consolidada delas até o momento, e me deparei com uma estrutura bastante profissional. O espaço físico comporta um templo, onde os buscadores se reúnem, semanalmente, para juntos entoarem o mantra *Prabhu Āp Jago* e diversos outros<sup>177</sup>, ou mesmo para assistir aos *Global Talks*. Há, também, o escritório do *Awaken Love Action* — que centraliza, exclusivamente, as ações e projetos sobre educação —, um espaço de *co-working* e seis salas para atendimento, que em tudo remetem a consultórios terapêuticos — embora algo nos lembre de que se trata de um movimento espiritualista, pois em cada uma das portas há placas com as palavras que representam os valores do *Awaken Love*: Honestidade, Dedicção, Auto-Responsabilidade, Serviço, Gentileza e Beleza. Nesses espaços, acontecem os diversos cursos, vivências e atendimentos individuais do Caminho do Coração, conduzidos pelos facilitadores treinados por Prem Baba.

À primeira vista, essa estrutura pode sugerir uma ênfase no aspecto terapêutico, desvinculado de uma atmosfera mais, digamos, espiritualizada. No entanto, alguns desses cursos acontecem também durante as Temporadas de Rishkesh e de Alto Paraíso de Goiás, além de serem oferecidos, periodicamente, no *ashram* de Nazaré Paulista. Neste, há toda uma atmosfera devocional, com templos dedicados à deusa Durga e ao deus Hanuman, bem como uma rotina diária de preces e rituais. Lá, como na Índia ou na Chapada dos Veadeiros, duas vezes por dia recita-se o *sankalpa* da tradição *Sachcha* em sânscrito, bem como são realizados *pujas* e *aratis*.

Não cheguei a participar de nenhum desses cursos, mas, segundo as informações que reuni, têm duração variada. São feitos em módulos, individuais ou em grupo, de níveis diversos — havendo, portanto, pré-requisitos para a participação nos mais avançados. Atualmente, são oferecidos, regularmente, em diversos lugares no mundo: no Brasil, há possibilidade de

---

<sup>175</sup> A participação no *workshop* custou R\$ 250,00.

<sup>176</sup> Em entrevista concedida a mim no dia 12 de novembro de 2017, em Nazaré Paulista.

<sup>177</sup> A sangha de São Paulo e a do Rio de Janeiro transmitem esses encontros semanais ao vivo pelas redes sociais, tanto via Facebook quanto via Instagram.

participar dos cursos em São Paulo, Nazaré Paulista, Brasília, Alto Paraíso de Goiás e no Rio de Janeiro. Nos EUA, são oferecidos em Boulder e Maui. Também são realizados na Argentina, na Espanha, em Israel, na Alemanha e na Índia. O quadro a seguir, composto com informações extraídas do site oficial do guru<sup>178</sup>, apresenta os módulos dos cursos, bem como uma descrição de cada um deles, incluindo os temas abordados, o público-alvo, a duração e os pré-requisitos necessários para a participação. O Mapa da Vida, além de acontecer em locais fixos (São Paulo e Brasília), também é oferecido via Internet.

#### **BEM-VINDO AO CORAÇÃO: RECONNECTANDO CONSIGO MESMO**

DESCRIÇÃO	Intensivo que oferece uma introdução ao método O Caminho do Coração. “É um convite para olhar tudo aquilo que afastou você do seu coração ao longo da sua vida [...] Através de vivências e atividades diversas teremos a chance de realizar um diagnóstico de onde estamos no nosso coração”. Conduzido por facilitadores treinados por Prem Baba.
TEMAS	“O que me separou do meu coração?”; “Como pegar o caminho de volta?”
PÚBLICO-ALVO	“Todos que queiram começar a conhecer o método O Caminho do Coração”; “Para aqueles que desejam fazer um trabalho específico de contato com o próprio coração”.
PRÉ-REQUISITO	Nenhum.
DURAÇÃO	Um dia (8 horas).
TIPO	Em grupo.

#### **“QUEM SOU EU?”: EM BUSCA DA VERDADEIRA IDENTIDADE**

DESCRIÇÃO	Processo vivencial intensivo que tem como objetivo a autoinvestigação. “Por meio de dinâmicas, diálogos e leituras, você poderá olhar de perto e com honestidade para si mesmo, para conscientizar-se das várias camadas de proteção que encobrem sua verdadeira identidade. Você será convidado a reconhecer suas máscaras e seu eu inferior (comumente conhecido como ‘maldade’), além de estudar de onde isso vem e o impacto deles em sua vida”.
TEMAS	“A dor vivida na infância (choques de exclusão, abandono e violência)”; “o ‘Eu inferior’, as defesas do ego (raiva, medo, orgulho etc.) criadas para lidar com as dores da infância”; a ‘máscara’, uma estrutura psíquica criada para esconder de si mesmo e dos outros partes da nossa personalidade que não queremos revelar”.
PÚBLICO-ALVO	“Pessoas que querem começar ou aprofundar no trabalho de autoconhecimento pelo método proposto pelo Caminho do Coração”.
PRÉ-REQUISITO	Nenhum. “Contraindicado para mulheres grávidas e para pessoas que estão sob medicação para distúrbios psicológicos. É feita uma entrevista telefônica prévia para que os facilitadores possam conhecer um pouco os interessados e sanar dúvidas”.
DURAÇÃO	Três dias em regime de imersão.
TIPO	Em grupo.

#### **ABC DA ESPIRITUALIDADE: PURIFICANDO E TRANSFORMANDO PADRÕES**

DESCRIÇÃO	Processo vivencial para identificar e transformar aspectos da personalidade que levam à repetição de situações negativas. “Ao revisitar sua infância é possível encontrar a origem desses padrões e, a partir de uma perspectiva, retomar as rédeas de sua própria vida”. Dividido em níveis 1, 2 e 3.
-----------	---

<sup>178</sup> Disponível em: <https://www.sriprembaba.org/cursos/>. Acesso em: 05 nov. 2017.

TEMAS	“Descobrir suas máscaras”; “As nove matrizes do ‘Eu Inferior’, também chamadas de sombra”; “Os impactos das experiências da infância no decorrer da vida”; “Buscando imagens (crenças limitadoras)”; “Negatividade”.
PÚBLICO-ALVO	Pessoas que queiram se aprofundar no trabalho de autoconhecimento.
PRÉ-REQUISITO	Nível 1: Entrevista prévia com os facilitadores. Nível 2: Ter feito o nível 1 e passar por entrevista prévia com os facilitadores.
DURAÇÃO	Seis dias em regime de imersão.
TIPO	Em grupo.

#### MAPA DA VIDA — MAPEANDO SUA HISTÓRIA DE VIDA

DESCRIÇÃO	“Durante essa jornada você estudará profundamente a sua vida podendo criar um mapa completo, por meio do qual é possível ter reveladoras compreensões e obter uma visão mais clara sobre as repetições negativas. Assim será possível identificar a raiz do que chamamos problemas que, na verdade, são oportunidades de aprendizado. Por meio do MAPA DA VIDA você descobrirá que tudo o que acontece tem uma razão”.
TEMAS	“Trajetória de vida e identificação das repetições negativas”; “Como ir além do sofrimento – os problemas vistos como oportunidades de aprendizado”.
PÚBLICO-ALVO	Interessados em “se aprofundar no trabalho de autoconhecimento e nas causas das repetições negativas em suas vidas”.
PRÉ-REQUISITO	Nenhum.
DURAÇÃO	De oito a 10 sessões, semanais ou quinzenais.
TIPO	Individual.

#### GRUPO VIVENCIAL: EXPERIENCIANDO A SUA VERDADE

DESCRIÇÃO	“Os encontros convidam você a vivenciar, na prática, seu processo de autoconhecimento. Por meio do equilíbrio entre vivências, dinâmicas e conteúdos teóricos, você poderá experienciar a realidade de que tudo o que acontece em sua vida é resultado das suas próprias escolhas e que a transformação depende apenas de você”.
TEMAS	“Quais são as máscaras que estou usando?”; “Será que existe negatividade em mim?”; “Como as experiências da minha infância influenciam minha personalidade hoje?”; “Como saboto minha felicidade?”.
PÚBLICO-ALVO	“Aqueles que querem começar ou aprofundar o trabalho de autoconhecimento”.
PRÉ-REQUISITO	Nenhum.
DURAÇÃO	Formato Extensivo: um encontro de duas horas por semana durante um ano e oito meses Formato Intensivo: total de sete encontros de três dias durante o ano.
TIPO	Em grupo.

### 3.3 - Alto Paraíso de Goiás: temporada com celebrações e rituais

Durante suas Temporadas — como a que participei em Alto Paraíso de Goiás, que aconteceu entre 24 de maio e 9 de julho de 2017 —, o guru transmite seus ensinamentos segundo o mesmo modelo de falar a partir das provocações e questionamentos dos buscadores, sobre os mais diversos aspectos da vida. Podem se referir ao mundo do trabalho,

relacionamentos entre pares amorosos e entre pais e filhos, caminho espiritual, sexualidade, etc. Mas há uma grande diferença na forma como esses ensinamentos são ‘digeridos’, considerando a maneira como se estrutura a rotina do *āśram*: nela, os elementos rituais estão muito mais evidentemente presentes.



*Figura 11: Entrada do Novo Portal da Chapada (Foto: Gisele Maia)*



*Figura 12: Discípulos permanecem no salão, após o término do Satsang, para prestar reverências e meditar diante das imagens de Prem Baba e do Maharaj (Foto: Gisele Maia)<sup>179</sup>*

---

<sup>179</sup> Como forma de preservar a intimidade dos buscadores, não é permitido fotografar no salão durante as cerimônias. A produção e divulgação de imagens é autorizada somente aos integrantes da equipe Awaken Love. Por isso, optei por planos abertos dos ambientes, fora dos horários de celebração, e por registros em que os rostos dos discípulos não estão aparentes ou identificáveis.





Figura 13: Ao final de cada cerimônia, uma imagem de Prem Baba é colocada em sua poltrona. As sandálias de madeira em cima da almofada, onde o guru apoia os pés, fica disponível para que os discípulos façam a reverência (pranam) (Foto: Gisele Maia)

Os dias no Novo Portal da Chapada<sup>180</sup> começavam às sete da manhã, quando os buscadores podiam optar entre fazer aula de *yoga* ou *Chi Gung*, participar do *pūjā* ou, no templo principal, se juntar às preces durante o *Āratī* (cerimônia do fogo) e, na sequência, tomar parte no cântico dos *kirtans* (cantos devocionais). Só depois dessa primeira programação, às 8 horas, o café da manhã era servido. O *Satsaṅg* começava às 10 da manhã e a fala de Prem Baba era sempre precedida por pelo menos meia hora de mantras, executados pela banda *Awaken Love*.

Toda a programação da manhã, com excessão das aulas de *yoga* e *Chi Gung*, era gratuita e aberta ao público em geral. Os visitantes deveriam apenas ser identificados, na entrada principal do *ashram*, com pulseirinhas amarelas.

Já a programação da tarde era mais livre e diversificada, fazendo-se necessário checar os quadros de avisos para se inteirar das inúmeras atividades. Geralmente eram oferecidas oficinas, cujos temas variavam: de expressões artísticas à culinária, saúde ou *yoga*. Também aconteciam à tarde os cursos da metodologia do Caminho do Coração<sup>181</sup>. Muitos aproveitavam para tomar um banho de piscina ou de cachoeira, ou mesmo socializar no Café Prem, sendo o acesso a esses espaços, após as 14h, permitido aos visitantes somente mediante o uso da pulseirinha do passe diário, que podia ser adquirido por 15 reais<sup>182</sup>.

A programação do fim da tarde/noite era parecida com a da manhã: às 17h, novamente havia a opção de participar da aula de *yoga* ou de práticas meditativas. Às 18h, pontualmente,

<sup>180</sup> A propriedade, comprada em 2013, funciona na maior parte do ano como local para hospedagem e retiros, mas se transforma em *ashram* durante as temporadas anuais.

<sup>181</sup> Programação dos cursos de 2017 disponível em: <https://www.sriprembaba.org/altoparaiso-pt-pt/cursos-e-intensivos-2/>. Acesso em: 22 jan. 2018.

<sup>182</sup> As três refeições, incluídas no valor da estadia, também podiam ser pagas à parte pelos visitantes. O preço do café da manhã e do jantar era R\$ 22,00. Já o almoço custava R\$ 28,00.

ecoavam pelos alto-falantes, espalhados pelo *ashram*, as mesmas preces em sânscrito, normalmente conduzidas por um *swami* indiano chamado Tripathi — que era, aliás, quem conduzia os *pujas* da manhã, junto com um outro indiano chamado Ashok<sup>183</sup>.



Figura 14: Puja matinal, realizado por swami Tripathi e Mathaji (Foto: Gisele Maia)<sup>184</sup>

À noite, durante os cânticos, Prem Baba, pela segunda vez, entrava no salão e assumia seu lugar. Mas, diferentemente do que acontecia nas manhãs, ele não tomava a palavra: permanecia a maior parte do tempo quieto, de olhos fechados, ouvindo a música executada pela banda. Outra diferença em relação à manhã é que a programação da noite se encerrava de um jeito mais festivo: depois da sequência de cânticos em sânscrito, várias vezes contava-se com a participação de músicos convidados, não-integrantes da banda *Awaken Love*, que cantavam músicas identificadas com o tema da espiritualidade de alguma maneira, mas não necessariamente ligadas à tradição indiana. Muito pelo contrário, aliás: entre os *hits* da Temporada 2017, constavam a música *Eu Sou Maior*, de Dani Black, e *Xangô*<sup>185</sup> e *Em Alto Mar*<sup>186</sup>, de Nicole Salmi, que costumavam ser interpretadas pela própria compositora, ali presente. Essas duas músicas de sua autoria combinam uma batida brasileira e letras que saúdam

<sup>183</sup> Eles foram apresentados por Prem Baba como seus *gurubai*, ou irmãos espirituais, por serem ambos também discípulos do Maharaj. Swami Triparti, inclusive, se dedica há muito anos à linhagem, tendo conhecido até mesmo o mestre do Mahaji, Sacha Baba. Cf. AWAKEN LOVE ASSOCIAÇÃO. **Satsang 01.07.2017: Alto Paraíso de Goiás**. [S.I.]: Sriprembaba.org, c2015-2017. Disponível em: <https://www.sriprembaba.org/transcricoes/satsang-01-07-17-alto-paraíso-goias/>. Acesso em: 15 dez. 2017.

<sup>184</sup> Esta foto foi editada com a aplicação de um filtro no rosto dos buscadores, pelos motivos expostos anteriormente.

<sup>185</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MA4MiUinDDE>. Acesso em: 30 set. 2017.

<sup>186</sup> Disponível em: <https://goo.gl/K4m946>. Acesso em: 30 set. 2017.

os orixás Xangô e Iemanjá, com versos que trazem expressões e fenômenos relacionados a eles: justiça, raios, trovão, mar.

Assim, nessas cerimônias — em que a banda se posicionava no centro do salão, de frente para o guru —, a música não só adquiria um certo protagonismo como parecia uma constante lembrança e reafirmação da pluralidade de referências constitutivas do caminho espiritual de Prem Baba.

Essa função da música como elemento articulador de sínteses encontrou expressão máxima no Festival Ilumina, que, em 2017, aconteceu ali mesmo, no Novo Portal da Chapada, e marcou o encerramento da Temporada. Divulgado como um “Evento Consciente” — “sem uso de álcool, drogas e tabaco”, dizia o panfleto —, o festival reuniu artistas e bandas com propostas mais claramente devocionais, como a própria *Awaken Love* e o swami hare krisna Chandramukha e sua dupla Krisna Bandhu, que apresentaram um concerto de mantras. Outros artistas convidados guardavam uma relação menos óbvia com o evento, como os pernambucanos Flaira Ferro e Lenine.



*Figura 15: Na abertura do Festival Ilumina, Prem Baba assistiu aos músicos do centro do palco, acompanhado do swami indiano Tripathi - à esquerda do guru, com vestes brancas - e do Swami Chandramukha - à direita, de vestes laranjas (Foto: Gisele Maia)*

Na noite de abertura — dia 8 de julho, um sábado — conduzida pela atriz Maria Paula, os músicos dividiram o palco com Sri Prem Baba, Swami Tripathi e o Swami Chandramukha, que assistiam sentados a apresentações que exaltavam Ganesha em ritmo de samba, ou traziam Xangô para participar da festa. Antes da aguardada cerimônia do Fogo Sagrado — quando Prem Baba, acompanhado dos dois *swamis*, acendeu uma grande fogueira —, o guru se pronunciou:

Há poucos minutos, pediram que eu gravasse um vídeo falando algumas palavras sobre esse festival. Eu disse que o Ilumina é um festival que nos inspira a celebrar a vida, que nos inspira a resgatar a alegria de viver. Mas agora, enquanto estava sentado aqui, assistindo a essas expressões tão lindas, eu percebi uma outra coisa: esse festival também está iluminando a integração entre o Oriente e o Ocidente. Nesse caso, através da música. Foi realmente transcendental perceber esse *bhajan*-samba, *bhajan*-reggae, mantra-samba, mantra-reggae [risos do público]. Eu sinto que isto é um símbolo de um fenômeno que é exatamente aquilo que mais necessitamos neste momento, que é a união. Que através da música possamos encontrar esse estado de união.

Esse tipo de manifestação dialoga com a sugestão de Amanda Lucia (2014), para quem os gurus exercem um papel nodal enquanto articuladores do binômio tradição e inovação — o que os situaria, conseqüentemente, na região fronteira entre o hinduísmo e os Novos Movimentos Religiosos (LUCIA, 2014). A fala de Sri Prem Baba, em certo sentido, também vai ao encontro do prognóstico de Gavin Flood (2014), para quem:

No futuro, será cada vez mais difícil, ou desejável, distinguir, no interior das comunidades da diáspora, as formas mais recentes do hinduísmo que resultaram dos ensinamentos dos gurus que se deslocaram para o Ocidente das interpretações mais tradicionais. Com efeito, os novos movimentos religiosos, genericamente denominados “Nova Era”, cujas ideias se originaram, entre outros, do hinduísmo via Teosofia, poderão, no futuro, desempenhar um papel significativo na consolidação do hinduísmo global (FLOOD, 2014, p. 346).

### **A lei eterna do *Sanātana dharma*, a relação do Caminho do Coração com a missão da linhagem *Sachcha* e o Movimento *Awaken Love* nessa história**

Enfatizo o sugerido anteriormente: que a atmosfera do *ashram* interfere na forma como os ensinamentos de Prem Baba são digeridos, além de circunscrever o método do Caminho do Coração e seus cursos em um ambiente claramente devocional e hinduísta — totalmente diferente, portanto, dos consultórios da *Awaken Love House* de São Paulo, descritos anteriormente, onde a um transeunte poderia passar despercebida qualquer dimensão religiosa/espiritual.

Chamo a atenção para o fato de que essa certa ‘camuflagem’ foi identificada por Amanda Huffer (2011). Em seu trabalho, ela discute o universalismo, o ecumenismo e a categoria “SBNR” — sigla que significa “*spiritual but not religious*”, ou “espirituais mas não religiosos”, em português —, por vezes utilizada em referência aos movimentos de gurus contemporâneos e às práticas de yoga, inclusive pelos próprios buscadores. A autora argumenta que, no intuito de se distanciarem do hinduísmo ou do rótulo de religiosos, líderes e adeptos de movimentos contemporâneos, inspirados na Índia, tenderiam a falar em nome de valores ditos

universais, sem, no entanto, reconhecer que esses mesmos valores são extraídos de um contexto essencialmente hinduísta. Um caso emblemático seria o referir-se ao *sanātana dharma*, a lei eterna, como se ela não se atrelasse a uma cosmovisão hindu (HUFFER, 2011, p. 283):

Ao distanciarem-se das ortodoxias e do ritualismo da religiosidade hindu, muitos buscadores contemporâneos expressam sua espiritualidade através do ideal (também hindu) do *sanātana dharma* (ou a verdade / lei eterna). Eles usam o termo *sanātana dharma* para se dissociarem da perspectiva e do potencial sectarismo da categoria religiosa hinduísmo. Nesta visão popular, o *sanātana dharma* é distinto porque não é um “-ismo”. Os buscadores distanciam o *sanātana dharma* da questão religiosa argumentando que ele é, ao contrário, um modo de ser, um método, um sistema de valores, focado na experiência pessoal de um Deus imanente e transcendente. Além disso, pode-se aceitar o *sanātana dharma* sem alterar a lealdade prévia a uma determinada religião ou fé. Essa ressalva é particularmente útil quando se trata de públicos globais hindus e não-hindus. Embora os hindus possam estar conectados por meio da geografia sagrada, da etnia, do ritual, das ações e de uma riqueza herdada das escrituras religiosas, os seguidores modernos do *sanātana dharma* precisam apenas atribuí-lo a uma “filosofia de vida”, que pode coexistir com uma variedade de crenças e práticas religiosas (HUFFER, 2011, p. 383, tradução nossa)<sup>187</sup>.

Analisando o caso de Amiritanandamayi Ma, conhecida mundialmente como Amma (WARRIER, 2005), Huffer pondera que, apesar da guru indiana negar a possibilidade de existência de vários deuses e de defender valores universais sem afiliações religiosas como o caminho para a construção da paz, “seu enquadramento da essência da religião como espiritualidade não pode ser deslocado do contexto do qual ela deriva sua inspiração: a religiosidade hindu” (HUFFER, 2011, p. 386).

Amma diz que está promovendo princípios universalistas que transcendem qualquer religião em particular, quando, na verdade, ela adota uma filosofia paradigmaticamente hindu, defendida como universal. Ela diz: “Meus filhos, de acordo com o hinduísmo, existe Divindade em tudo; tudo é uma encarnação de Deus. Os humanos e Deus não são dois; eles são um. A divindade resta latente em todo ser humano. O hinduísmo ensina que qualquer um pode realizar a Divindade internamente através do esforço próprio. O Criador e a criação não estão separados. O Criador (Deus) se manifesta como criação. No hinduísmo, perceber essa verdade não-dual é considerado o objetivo último da vida”. Desta forma, como seus antecessores do Renascimento Hindu e muitos de seus contemporâneos, Amma transforma a linha Advaita Vedānta da religiosidade hindu na filosofia marca

---

<sup>187</sup> “In distancing themselves from the perceived orthodoxies and ritualism of Hindu religiosity, many contemporary proponents express their spirituality through the (also Hindu) ideal of *sanatana dharma* (or the eternal truth/law). They use the term *sanatana dharma* to dissociate from the business and potential sectarianism of the religious category of Hinduism. In this popular view, *sanatana dharma* is distinct because it is not an ‘-ism’ at all. Proponents distance *sanatana dharma* from the business of religion by arguing that it is instead a way of being, a method, a system of values, focused on the personal experience of an immanent and transcendent God. Furthermore, one may accept *sanatana dharma* without altering one's prior allegiance to a particular religion or faith. This caveat proves particularly useful when appealing to both Hindu and non-Hindu global audiences. While Hindus may be linked together through sacred geography, ethnicity, ritual, actions, and an inherited wealth of religious scriptures, modern followers of *sanatana dharma* need only ascribe to a ‘philosophy of life’, which can coexist with a variety of religious beliefs and practices.”

registrada do hinduísmo. Ao fazê-lo, ela propaga e reforça a imagem contemporânea do hinduísmo (na sua totalidade) como monismo advaita vedântico, uma (má)representação que é particularmente onipresente nas arenas globais. Amma, como muitos outros gurus transnacionais modernos, extrai esse registro de universalismo teo-linguístico e transidiomático — exemplificado através da linguagem da espiritualidade — por sua facilidade de transferência e sua capacidade de ecoar em diversos públicos (HUFFER, 2011, p. 386, tradução nossa)<sup>188</sup>.

As observações de Huffer interessam aqui não só porque Prem Baba se refere ao *sanātana dharma* com frequência, como o chama de ‘religião vertical’, em oposição à ‘religião horizontal’ das instituições. Além disso, apesar do Caminho do Coração guardar certa autonomia em relação a espaços rituais, em Alto Paraíso de Goiás abre-se outra perspectiva: lá, o método se mostra mais claramente a serviço de uma religiosidade hindu. De acordo com as palavras próprio guru:

O cerne da promessa da Linhagem Sachcha é acabar com o jogo do sofrimento e iluminar o jogo da alegria, para que Deus desperte em todos e em todos os lugares, ou seja, para que o amor desperte dentro de cada coração humano. O propósito maior é criar uma *Satya Yuga* (era da Verdade) dentro da *Kali Yuga* (era da escuridão) e reestabelecer valores humanos e espirituais na sociedade. A realização dessa missão é o foco de todo o trabalho da Linhagem. Enquanto essa promessa não for cumprida, o trabalho continua. O *Sankalpa* da Linhagem *Sachcha* foi transmitido pelo sábio Narad, que assumiu o compromisso de reerguer a humanidade depois da batalha de *Kurukshetra*, descrita no sagrado épico hindu *Mahabharata*, onde está contido o clássico da literatura espiritual *Bhagavadgītā* — A Canção do Divino Mestre Senhor Krishna. Sua promessa era criar uma era da Sabedoria dentro da era da ignorância. Sri Sachcha Baba, o *Guru* do meu amado *Guru* Maharajji, codificou o *Sankalpa* para a forma como conhecemos hoje. Nos *Ashrams Sachcha* o *Sankalpa* é recitado diariamente como uma oração, com o objetivo de manter a chama da missão acesa (SACHCHA, 2015)<sup>189</sup>.

Assim, seu método psico-espiritual voltado para o autoconhecimento — que, em última análise, traduz-se na intenção do despertar de uma consciência amorosa — consistiria em uma pedagogia para a transformação que se almeja provocar, entendida como a própria missão da linhagem, a qual por sua vez é expressa no mantra *Prabhu Āp Jago*:

---

<sup>188</sup> “Amma says that she is promoting universalistic principles that transcend any particular religion, when in fact she is espousing a paradigmatically Hindu philosophy, championed as universal. She says, ‘My children, according to Hinduism, there is Divinity in everything; everything is an embodiment of God. Humans and God are not two; they are one. Divinity lies latent in every human being. Hinduism teaches that anyone can realize the Divinity within through self effort. The Creator and creation are not separate. The Creator (God) manifests as creation. In Hinduism, to realize this non-dual truth is considered to be the ultimate goal of life’. In this way, like her predecessors of the Hindu Renaissance and many of her contemporaries, Amma transforms the Advaita Vedantic strain of Hindu religiosity into the hallmark philosophy of Hinduism. In so doing, she propagates and reinforces the contemporary depiction of Hinduism (in its entirety) as Advaita Vedantic monism, a (mis)representation that is particularly ubiquitous in global arenas. Amma, like many other modern transnational gurus, extracts this transidiomatic theolinguistic register of universalism — exemplified through the language of spirituality — for its ease of transference and its ability to resonate with diverse audiences”.

<sup>189</sup> SACHCHA Sadhana: Sri Prem Baba, [S.I.]: [Awaken LOVE], 2015.

*Prabhu - āp - jago - Parmātma - jago |  
Mere - sarve - jago - sarvatra - jago |  
Sukhantak - khel - prakāsh - karo ||*

[TRADUÇÃO:]

Deus, despertai em mim; Senhor, despertai em mim  
Despertai em mim, despertai em todos, despertai em todos os lugares, despertai em tudo  
Iluminai o jogo da bem-aventurança

Além disso, um dos efeitos colaterais da tal ‘remoção do erro’, estimulada pelo método, seria não um caminho de fruição espiritual individualista e retirado do mundo, mas um senso de propósito e compromisso com a humanidade. Por aí se compreende o apelo do Movimento *Awaken Love* — cujo nome é uma referência ao mantra da linhagem, guardando, nesse aspecto, uma semelhança com o movimento Hare Krisna (DWYER & COLE, 2007; ADAMI, 2014; BARBOSA & LAGES, 2013). Com suas ações e projetos, o *Awaken Love* reúne buscadores espirituais que orbitam não só em torno da figura do mestre, mas também em torno de um sentido de propósito.

### **As preces em sânscrito e a valorização do ritual**

Gostaria, por fim, de retomar o tema da rotina diária de preces em Alto Paraíso de Goiás. Por um lado, poderíamos perceber Sri Prem Baba em diálogo com outros gurus contemporâneos que, como Amma, permanecem, de alguma maneira, na trilha das intuições postas desde a Renascença Hindu. Por outro, é alguém que estimula a batucada para Xangô e Iemanjá e conta, entre risos, do dia em que conversou com o Maharaj a respeito da sua relação com o Santo Daime<sup>190</sup>. E, ainda, diante da possibilidade de estranhamento causado por conta dos *pujas* hindus, ele avisa aos visitantes do Novo Portal da Chapada: “considerem que hoje foi um dia de reza brava”.

---

<sup>190</sup> Prem Baba costuma contar que, durante seu primeiro período junto com o Maharaj, no ashram de Rishikesh, conversou com o mestre sobre o trabalho que realizava com o daime e perguntou se precisaria deixar de fazer uso da bebida. Como o mestre indiano disse que não via problema em sua atuação, o então Janderson Fernandes teria insistido, detalhando, inclusive, a crença de que na bebida ritual habitava um espírito. Maharaj teria, então, respondido: “afinal, você quer que eu te inicie ou não?”. Em relato à Beatriz Labate em 2003, quando a pesquisadora voltou a entrevistá-lo com intuito de atualizar alguns dados, Prem Baba falou que havia encontrado seu mestre, assumido uma nova identidade espiritual e tendo ele próprio se tornado um guru. Relatou, também, que alguns participantes dos tempos do Centro Terapêutico passaram a acompanhá-lo em suas viagens à Índia e que considerava a “possibilidade de levar o daime, num futuro próximo, para outros discípulos do Maharajji na Índia” (LABATE, 2004, p. 376).

Nesse sentido, Prem Baba parece se inserir em um diálogo, também, com outro tipo de pensamento, que busca justamente valorizar a pluralidade de expressões espirituais e a multiplicidade de formas de adoração. Pode-se aqui citar Sadhguru, que se distancia do discurso do Renascimento Hindu em vários aspectos. A começar pelo fato de que exalta as formas plurais de adoração presentes no subcontinente, em vez de ocultá-las ou percebê-las como inferiores. Além disso, ao invés de defender a imagem de um deus único e atribuir-lhe feições universais, o que reforçaria aproximações entre as tradições indianas e as culturas ocidentais, o místico de Mysore vai na direção oposta. Ele, que é apresentado em diversas entrevistas como um dos 50 indianos mais influentes — um místico que construiu a sede de seu movimento nos Estados Unidos, dá palestras tanto nas universidades americanas quanto nas europeias e reúne milhões de seguidores nas redes sociais — defende uma visão da espiritualidade indiana substancialmente diferente da de Vivekânada, por exemplo:

Neste país, nunca tivemos uma autoridade para propagar o processo espiritual. Porque esta é a única cultura no planeta sem uma religião própria. Então, hindu é essencialmente aquela cultura que nasceu no rio Indus [...] Portanto, é uma identidade geográfica e cultural, nunca foi uma identidade religiosa [...]

Em um mesmo lugar, um milhão de coisas existiam juntas. Na mesma casa, se você é uma família de cinco pessoas, cinco de vocês podem adorar cinco deuses diferentes e não têm absolutamente nenhum problema com isso. Nós nem sequer pensávamos que era um problema, até que as pessoas vieram de fora e disseram “nosso Deus” e “seu Deus”. Até então, nem pensávamos que isso fosse um problema. Você poderia adorar este deus bem aqui, e eu poderia adorar este deus ali mesmo. Outro poderia estar sentado com os olhos fechados, outro poderia estar cantando, outro poderia estar dançando. Mas nós ainda achamos que está tudo bem, todos podem fazer suas coisas. Então, nunca houve uma religião nesta terra.

Nós temos 33 milhões de deuses e deusas. Isso aconteceu quando nossa população era de 33 milhões. Agora somos 1,2 bilhão, mas perdemos nossa criatividade [*risos na plateia*]. Porque as forças externas vieram, particularmente as forças ocidentais vieram, e começaram a fazer com que nos sentíssemos envergonhados dos nossos deuses. “Muitos deuses!”, “Existe apenas um Deus!”, como se essa fosse uma ideia superior. Se você pode criar um, por que você não pode criar um milhão? Você não viu seu único deus, certo? Se você pode criar um, por que você não pode criar um milhão ou um bilhão? É apenas uma questão de criatividade, não é? Então isso significa dizer que não existe nada além de mim? Esta seria uma maneira estúpida de concluir [...] <sup>191</sup>

---

<sup>191</sup> “In this country we have never had one authority to spread spiritual process. Because this is the only culture on the planet without a religion of its own. So, Hindu is essentially that culture which was born out of the river Indus [...] So it is a geographical and cultural identity, never was a religious identity [...]

In the same place a million things existed together. In the same house, if you're a family of five, five of you can worship five different gods and have absolutely no problem about it. We didn't even think it's a problem until people came from outside and told you ‘our God’ and ‘your God’. Until then we did not even think it's a problem. You could worship this god right here and I could worship this god right there, another could be sitting with eyes closed, another could be singing, another could be dancing. But we still thought it's all okay, everybody can do their thing. So there's never been a religion in this land.

We have 33 million gods and goddesses. That happened when our population was 33 million. Now we are 1.2 billion but we lost our creativity (*risos na plateia*). Because outside forces came, particularly Western forces came and they started making us feel ashamed of our gods. ‘Too many gods!’, ‘there is only one God!’, as if it is a superior idea. If you can create one, why can't you create a million? You have not seen your one god, right? If



Assim, embora Prem Baba faça constantes referências ao *sanatana dharma* e exista uma ênfase no *Vedānta*, ele também é o líder que valoriza o ritual. Voltemos às preces diárias do Novo Portal da Chapada, que podem ser acompanhadas pelos buscadores com a ajuda de folhetos, disponíveis em uma caixa na entrada do templo. A primeira recitação do dia é sempre o *sankalpa* (compromisso) da linhagem *Sachcha*:

*He - Parmātman |*  
*Apni - jānkāri - tathā - bhakti - kā - prakāsh - karo |*  
*Āvaran - dosh - vikār - kā - anta - karo ||*  
*Annapurna - Lakshmi - rūp - hokar |*  
*Sahaj - svābhāvik - prakāsh - karo |*  
*Tathā - varan - ashram - vedik - kramānusār |*  
*Shrīshī - rūp - se - vyavasthit - ho |*  
*Is - prakār - dukhāntak - khel - kā - anta |*  
*Sukhantak - khel - kā - prakāsh |*  
*Sarva - sarvatra - rūp - me - hokar |*  
*Sarva - sarvatra - rūp - hokar - karo |*  
*Apnā - Sankalpa - āp - purna - karo | Apnā - prakash - āp - karo ||<sup>192</sup>*

A tradução que consta no material oficial do movimento é:

Ó Senhor, revelai-nos a Vossa Realidade Divina e derramai a Vossa Devoção sobre nós.  
 Removi o véu da ignorância e das tendências maldosas disseminadas por Maya.  
 Manifestai-vos nas formas de Annapurna e Lakshmi, as Deusas do alimento e da abundância. Com a simplicidade e fluidez que Lhes são naturais, iluminai-nos, trazendo equilíbrio e harmonia para nossas vidas.  
 Permiti que toda a humanidade viva alinhada com a Sabedoria dos Vedas, afinada com a ordem e com o propósito divinos da vida.  
 Manifestai-vos em todos, em todos os lugares. Manifestai-vos em tudo.  
 Dessa forma, acabei com o jogo do sofrimento e trazei a luz para o jogo da bem-aventurança.  
 Ó Senhor, cumpri o Vosso compromisso! Por favor, Iluminai-nos!<sup>193</sup>

De acordo com a nota que acompanha a tradução do *sankalpa*, houve um esforço de adaptação tanto de linguagem quanto de contexto cultural, o que resultou na substituição de

---

you can create one, why can't you create a million or a billion? It's just a question of creativity, isn't it? So this it mean to say that nothing beyond me exist? That would be a stupid way to conclude [...] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kF3vIkvhBWM>. Acesso em: 20 dez. 2017.

<sup>192</sup> Todos os textos em sânscrito e as traduções constam no livro *Sachcha Sadhana*, que acompanha um CD com o áudio das preces e dos *kirtans*. Quanto a este, especificamente, cf. SACHCHA Sadhana: Sri Prem Baba, [S.I.]: [Awaken LOVE], 2015, p.11.

<sup>193</sup> “No texto original as ‘tendências maldosas’ são consideradas como sendo 6 pecados: luxúria, discriminação, ira, apego, ódio e ciúme. No entanto, no aprofundamento de nossos estudos podemos conhecer que cada um destes 6 pecados está contemplado de forma mais detalhada no que atualmente estudamos como sendo nove matrizes do Eu inferior: gula, preguiça, avareza, inveja, ira, orgulho, luxúria, medo e mentira. Por isso simplificamos a tradução para apenas: tendências maldosas.” Cf. SACHCHA Sadhana: Sri Prem Baba, [S.I.]: [Awaken LOVE], 2015, p.12.

expressões estritamente relacionadas à cultura hindu, optando-se por um sentido mais universal em alguns casos. Diz um trecho:

No texto original encontramos como tradução o sistema Védico, que inclui como ordem as quatro etapas da vida: *Bramacharya*, *Grihastra*, *Vanaprasta* e *Sannyasa*; assim como as quatro castas: *Brahmin*, *Vaishya*, *Kshatrya* e *Sudra*. Entendemos que isso faz parte de um contexto específico da cultura hindu. A sabedoria Védica no entanto é universal e se a tomarmos em sua essência podemos traduzir o que se refere às etapas da vida como “ordem”, ou seja: podendo viver em plenitude cada etapa da vida. E no que se refere às castas, podemos traduzir como propósito, entendendo como sendo os dons e talentos que cada um traz para compartilhar na Terra, também conhecido como *Dharma*<sup>194</sup>.

Em seguida, vem a prece que acompanha o *Ārati* ou, segundo a tradução, “reverência com a luz do fogo”:

Com a luz do fogo reverenciamos a Venerável, Indestrutível Verdade.  
Aquele que é o nosso Eu Superior, nossa própria Divindade, que é magnífica, imensurável, inimaginável [...]  
Aquele que tem poder até mesmo sobre a natureza, que é a Mestra sobre todos os *karmas* do passado e tem o poder de remover nossos maus *karmas* de vidas passadas.[...]  
Ó Senhor, com nossos próprios ouvidos ouvimos louvores a Vós,  
Aquele que vem e tomam refúgio em Vossas bênçãos recebem a libertação de todas as dores e agonias, a salvação deste mundo de *Maya* [...]  
Nós meditamos e nos curvamos Àquele que está sempre removendo as adversidades do Universo, concedendo-nos nossos desejos e atendendo nossas necessidades.  
Vossos Pés de Lótus são um lugar sagrado de peregrinação. Mesmo os Senhores *Brahma*, *Vishnu* e *Shiva* veneram Vossos Pés Divinos [...]  
Ó Senhor, agraciamos para que todas as pessoas possam viver alinhadas com a Sabedoria dos Vedas, afinadas com a ordem e com o propósito divinos da vida.  
Vivendo assim, fazei-nos livres do medo, do ódio, da angústia, da ansiedade, da dor e da doença<sup>195</sup>.

Depois, é o momento do *Puruṣa Sūktam*, ou “Invocação ao Grande Senhor Narayan”. No texto traduzido, verifica-se uma profusão de elementos referentes ao universo hindu, de difícil apreensão, apesar da tentativa de tradução cultural anteriormente mencionada:

O Senhor com milhares de cabeças, milhares de olhos e milhares de pés envolve e permeia todo o Universo. O Senhor que é constituído dos cinco elementos é onipresente  
[...]

<sup>194</sup> Em outra nota, há uma referência à opção pelo pronome Vós, justificado pela organização porque “na língua portuguesa não é usual o pronome de tratamento 'você' para referir-se a Deus”. Há também uma explicação sobre a expressão “jogo do sofrimento”, cujo “significado mais profundo” seria “o ciclo repetitivo e inconsciente de encarnações”. Quanto ao significado de “jogo da bem-aventurança”, seria “a vida como instrumento de libertação da roda do karma”. Ibidem, p.13.

<sup>195</sup> Ibidem, p.20-3. Este é apenas um trecho do texto traduzido, mas enfatizo que todas as preces que agora apresento são recitadas sempre em sânscrito.

O Universo dos seres é apenas uma das quatro partes do Senhor. Sua forma está além da nossa imaginação e dos nossos sentidos. Três quartos da sua forma são o infinito, o eterno e indestrutível. Um quarto (este Universo) é o lugar onde Ele permitiu a entrada de *Maya* e é somente uma minúscula parte de Sua Grandeza, onde existe contradição, dualidade e é regido pelo tempo, espaço e transformação [...]

O Grande Senhor Narayan manifestou toda a criação sob a forma de um grande *Yagya* (cerimônia do fogo) em Sua imaginação [...]

O *Rig Veda* e o *Sam Veda* nasceram do Grande Senhor e Dele surgiram as sete métricas divinas (*Gayatri, Uspnik, Anushtub, Brahati, Panktim, Thrustub, Fagati*) [...]

Os Sábios, tendo concluído este compromisso, este grandioso *Gyan Yaga* usando diferentes partes do Infinito Absoluto Senhor *Narayan* como o *samagri*, realizaram o *puja* para este Grande Senhor. Mais tarde, estes elementos que estavam no estado criativo visualizado por eles, se manifestaram para a adoração ao Grande Narayan, por seres humanos. A região onde o Grande Senhor reside e as regiões onde os Deuses, Deusas e Seres Celestiais habitam podem ser acessadas pelos devotos por meio da adoração ao Brilhante, Divino Senhor Narayan [...]

Na sequência, os buscadores entoam o *Guru Stotra* (“em louvor ao guru”):

Em todo o Universo, todos os seres — animados e inanimados, vivos e sem vida — são perfeitos. Àquele que adquiriu essa compreensão, que enxerga o Divino em todos os seres e em todos os lugares. A esse Guru eu humildemente me curvo [...]

Àquele que constantemente me lembra da Verdade Indestrutível. Que remove a miséria e o sofrimento de todo o Universo. A esse Guru eu humildemente me curvo [...]

Aquele que transcendeu o orgulho e o apego. Que mesmo vivendo em meio aos maus *samskaras* e maus *karmas* é intocado por eles. Que está eternamente estabelecido no seu auto-conhecimento. Que conquistou todos os desejos. Que está além do ganho e da perda, do prazer e da dor, que se elevou acima da tristeza. O Único que é convicto em sua decisão e firme na determinação atingiu a imortalidade.

Para encerrar essa parte da cerimônia, antes da sessão de *kirtans*, recita-se o *Deviyō Aur Devtāō Ko Amantran*, ou “Convite aos Deuses e Deusas”:

Que o Senhor seja vitorioso.

Que o grande Senhor Sachcha seja vitorioso.

Que as Deusas Annapurna e Lakshmi sejam vitoriosas.

Que a Divina Mãe Ganga seja vitoriosa.

Que a Divina Mãe Vaca seja vitoriosa.

Que os Sagrados Santos sejam vitoriosos.

Que os Sagrados Sábios sejam vitoriosos.

Que a Divina Luz das Deusas Annapurna e Lakshmi ilumine todos os lugares.

Que nossas atividades diárias e nossos pensamentos sejam puros.

Que a Divina Luz do Grande Senhor Sachcha ilumine todos os lugares.

Que a transformação aconteça com paz e compaixão<sup>196</sup>.

A essa pluralidade de referências hindus se somam os já mencionados *pujas*, que não só preenchem a programação da manhã como podem compor celebrações em datas especiais. Foi o caso da tarde do dia 7 de julho, quando Prem Baba solicitou a realização de um *pūjā* dedicado

---

<sup>196</sup> Ibidem, p.46.

ao Maharaj. A cerimônia teve duas horas de duração. Na manhã do dia seguinte, mais um *pūjā*, para consagrar o encerramento da Temporada.

### **Buscadores aqui e acolá**

Não poderia encerrar este trabalho sem mencionar que conversar com os discípulos e buscadores espirituais foi fundamental para a decisão de tomar o Caminho do Coração como fio condutor. É curioso que, inicialmente, eu tenha me concentrado nos buscadores estrangeiros, de diferentes países, com o intuito de compreender minimamente a forma como essa rede descentralizada se constitui, além de ter uma ideia a respeito de quem são as pessoas que dela fazem parte.

Conversei, por exemplo, com uma discípula turca, de origem muçulmana, cujo primeiro contato com Prem Baba se deu na Índia, em uma viagem organizada por uma seguidora do guru que, por sua vez, lidera um grupo em Istambul. Ouvi, também, as histórias de uma indiana, cuja tradição de família é sique. Ela resolveu ter com Prem Baba depois de ouvir falar do guru por meio de amigos estrangeiros.

Conheci, ainda, a discípula de São Paulo que doou a propriedade onde hoje funciona o *ashram* de Nazaré Paulista — uma mulher que acompanha Prem Baba há cerca de 25 anos, tendo o conhecido quando ele ainda era um massoterapeuta. De família católica, filha de um pai “religioso e violento”, como ela própria definiu, sua entrada no grupo do então Janderson se deu depois de ter feito uma oração: “por favor, Deus, permita que eu Te conheça de outra forma que não seja através de uma religião”.

Essas histórias de vida merecem ser analisadas detidamente em outra ocasião. Se as cito brevemente agora é apenas para registrar que o ponto comum no relato dessas pessoas, cujas trajetórias não poderiam ser mais distintas, se referiu justamente à ênfase dada ao método psico-espiritual e seu potencial de transformação. Foi a partir dessa pista que o trabalho, por fim, se construiu.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta empreitada, tive por objetivo, inicialmente, compreender as dinâmicas da transnacionalização da vida religiosa em um mundo globalizado, a partir do caso de Sri Prem Baba, cuja atuação se localiza em uma região fronteiriça: entre o que pode ser chamado de expressão característica dos Novos Movimentos Religiosos e uma manifestação típica do hinduísmo contemporâneo.

Relembro que a questão central deste trabalho se referia às circunstâncias que possibilitaram a um brasileiro, assumindo uma identidade hinduísta, tornar-se guru em uma região tida como sagrada na Índia, assumindo uma linhagem hindu e trazendo na bagagem uma variedade de influências, inclusive de híbridas religiosidades brasileiras.

Como busquei demonstrar, o Caminho do Coração terminou por ser o fio condutor adequado em meio a uma gama de elementos desvelados e caminhos possíveis de pesquisa. Primeiro porque, de forma específica, o método desenvolvido por Prem Baba, sua marca registrada há anos, estabelece uma continuidade entre o Janderson e o homem que se tornou mestre depois de viver a experiência da autorrealização. É o método e sua eficácia simbólica e psicológica que atrai e mantém seguidores — muitos dos quais frustrados com suas tradições religiosas de origem, mas outros nem um pouco. É o método que, ao se traduzir em ferramenta para o revelar de uma consciência amorosa, pressupõe o efeito colateral do engajamento dos buscadores em ações para o bem comum, com objetivos claros de atuação na sociedade, nas mais variadas áreas: educação, política, economia.

Mas esta seria apenas uma análise particular de um método específico, que, no entanto, dialoga com uma intuição mais ampla, presente na tradição indiana, considerando o próprio princípio por trás dele: o de uma “pedagogia para a transformação”, que pressupõe a adaptação a circunstâncias, contextos e ao próprio estágio do buscador em sua jornada.

Trazer o contexto histórico se mostrou fundamental para a compreensão de que uma certa ideia da Índia, consolidada no imaginário mundo afora, disseminou-se justamente num momento em que foi necessário lançar mão da capacidade de adaptação para reverter um quadro de dominação colonial. Tem-se aí, também, um outro tipo de marco, que inaugura o fluxo dos gurus e suas consequentes trocas com o Ocidente por meio de seus conhecimentos “portáteis”, a um só tempo tradicionais e inovadores: métodos — como o Neo-Vedanta e as inúmeras possibilidades do Yoga — que atravessaram cenários, tempos e lugares.

É por isso que, antes de me dedicar ao Caminho do Coração hoje, busquei situar o fenômeno Sri Prem Baba em relação aos dois campos religiosos, a Índia e o Brasil. Embora

trate-se de um movimento descentralizado, cuja rede apresenta núcleos pulverizados, espalhados pelo mundo, é nesses dois campos que se encontram os alicerces dessa construção. De um lado, temos uma tradição indiana inclusiva e adaptativa, disposta “ao pluralismo, à acomodação, à incorporação do outro, às experiências de ambiguidade” (LOUNDO, 2013, p. 273), a qual se estrutura a partir, também, dos métodos que constantemente a atualizam. De outro, o Brasil do encontro, onde, historicamente, se forjaram férteis combinações e sínteses religiosas.

No entanto, apenas reafirmar a potência desses dois campos isoladamente significa não dar a devida atenção ao que me parece ser a grande oportunidade de análise oferecida por este caso: a possibilidade de observar um tipo de movimento transnacional que, apesar de manter as características que impulsionaram a difusão do hinduísmo pelo mundo, se apresenta potencialmente aberto para adaptações e rearranjos completamente diferentes dos observados nos outros países ocidentais com quem historicamente a Índia, por meio de seus gurus, estabeleceu um diálogo mais intenso.

Trata-se de um caso que oferece a chance de desconstruir imagens que remontam a uma determinada época e lugar — o hinduísmo consolidado na Renascença —, mas que, com o tempo, cristalizaram-se, multiplicando-se, assim, as perspectivas essencialistas e — ironia do destino —, espécies de cânones a serem preservados. Justamente essa visão de mundo, gestada no contexto da colonização britânica como uma forma de sobreviver culturalmente a ela, foi, posteriormente, apropriada por movimentos nacionalistas, cujas ideias, por vezes violentas, não só se preservaram como permanecem ativas até hoje. É fruto delas as ondas de violências contra minorias cristãs e muçulmanas da história recente<sup>197</sup>, inspiradas pelos ideais de restauração de uma Índia puramente hindu que existe apenas como “comunidade imaginada” (HALL, 2001).

Por outro lado, a possibilidade de um contato entre uma herança amazônica e a consagrada Índia de Vivekânanda pode chocar aos que hoje se arvoraram do direito de determinar o que seja a tradição indiana e como esta deve ser preservada. A esse respeito, vale a pena citar um caso com o qual me deparei na etapa de conclusão deste trabalho: no site *gururating.org* — que, como o nome sugere, se dispõe a oferecer uma classificação para gurus, atribuindo notas de 1 a 5 para esses líderes espirituais, a fim de orientar os buscadores — Prem Baba recebe a nota mínima, acompanhada de um aviso em caixa alta: “EVITE”. O argumento principal para a cautela é que “seus ensinamentos são uma mistura de trabalho psicológico de

---

<sup>197</sup> Cf. documentário ‘India’s Hindu Fundamentalists’, produzido pela TV Al Jazeera. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/programmes/peopleandpower/2015/10/indias-hindu-fundamentalists-151008073418225.html>. Acesso em: 15 ago. 2016.

grupo, práticas espirituais devocionais e poderosas drogas alucinógenas, como Ayahuasca. [...] Ele reivindica ter obtido uma nova consciência espiritual depois de consumir drogas em uma floresta”.

Além da visão etnocêntrica e depreciativa para com as religiosidades amazônicas, expressa sem pudores, há um outro dado curioso: os gurus que ocupam o topo do *ranking* são, em sua maioria, americanos e europeus. Enquanto a indiana Amma recebe a nota 3, acompanhada da avaliação “adequada”, e seu compatriota Ravi Shankar é avaliado com um 2, sendo considerado “questionável”, o californiano Marshall Vian Summers recebe nota máxima: um 5 acompanhado de “excelente”. Ele é descrito como “mais que apenas um guru”: alguém a quem foi revelada “nada menos que a Nova Mensagem de Deus”.

Se faço aqui menção a esse caso pitoresco é porque a postagem do *gururating.org* foi recentemente mencionada por um jornalista brasileiro, em um artigo opinativo<sup>198</sup> que reproduz as ideias do texto acriticamente. Ele cita o site como se se tratasse de alguma fonte de prestígio inquestionável — talvez pelo simples fato de ser em inglês e trazer um ‘.org’ no endereço. O jornalista em questão reforça o alerta por conta do envolvimento de Prem Baba com “drogas alucinógenas” — embora na literatura científica atual, nas referências à *ayahuasca*, o termo adequado seja “enteógeno” (LABATE, 2004). Além disso, o jornalista extrai do site o relato de uma disputa pela liderança da linhagem *Sachcha* após a morte de Maharaj. Supostamente, haveria uma desavença entre o guru brasileiro e uma outra seguidora do mestre, a americana Shanti Mayi. Segundo o *gururating.org*, um não faz menção ao outro — e o jornalista reproduz essa informação. No entanto, Prem Baba se refere a Shanti Mayi no documentário sobre sua vida, dizendo, inclusive, que buscava a ela quando encontrou o Maharaj<sup>199</sup>. O interessante é que todos esses argumentos são trazidos em um texto cuja foto em destaque é do guru ao lado do prefeito de São Paulo, João Dória, sendo Prem Baba apresentado como “o guru do Aécio”, alguém que já havia posado com “todo o Moro Bloco”. Em suma, trata-se de um caso que ilustra alguns dos conflitos que se apresentam na esteira dos diálogos que Prem Baba constrói, não só “entre o Ocidente e o Oriente, entre a floresta Amazônica e o Himalaia”, mas também na indissociabilidade entre a vida espiritual e a atuação na sociedade — esta justificada pela Lei do Dharma que, por sua vez, é traduzida, como vimos, por propósito de vida.

Propósito esse que é a força motriz do *Awaken Love*. Não posso deixar de mencionar aqui as ambiciosas ações e estratégias desenhadas para o movimento, as quais me foram

---

<sup>198</sup> Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/janderson-o-sri-prem-baba-virou-guru-dos-coxinhas-ao-garantir-que-eles-nunca-perderao-privilegios-por-bruno-erson/> Acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>199</sup> Cf. capítulo 2.

apresentadas em Alto Paraíso de Goiás, embora, como um membro da organização me explicou, grande parte dessas ações ainda estejam em fase de planejamento. Mas, se realizadas, estamos falando de uma rede mundial para conectar propostas afinadas com a missão de “despertar o amor em todos, em todos os lugares”. Na prática, isso se traduziria em um rede de mundial de “cafés conscientes”, inspirada na *Star Bucks*; uma plataforma de *streaming* nos moldes da Netflix, exclusiva para conteúdo de saúde, autoconhecimento e afins; além da ampliação das ações educativas que visam levar a prática meditativa para as escolas de ensino fundamental, também por meio de produção de conteúdo exclusivo a ser disponibilizado para os educadores na Internet. Isso para citar apenas alguns exemplos.

Assim, entendo que busquei dar uma contribuição pontual e específica que talvez ilumine perspectivas acerca de possíveis trocas culturais entre Brasil e Índia um pouco mais livres da mediação de interlocutores históricos. Por outro lado, é evidente que, neste caso, há um vasto campo ainda por ser explorado.



## REFERÊNCIAS

- ADAMI, Vitor Hugo. Experiência Regulamentada e Experiência Espontânea: Os Individualismos e as Individualidades para Aperceber-Se Devoto do Movimento Hare Krishna. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, v. 14, n. 1, p. 204-220, jun. 2014.
- ALBANESE, Catherine L. Sacred (and Secular) Self-Fashioning' Esalen and the American Transformation of Yoga. In: KRIPAL, Jeffrey J. and SHUCK, Glenn W. (ed.). **On the Edge of the Future: Esalen and the Evolution of American Culture**. Bloomington: Indiana University Press, 2005, pp. 45-79.
- ALMEIDA, Joana Raquel Santos de. Um jogo de sentidos: a ocidentalização do yoga como orientalização do ocidente. **Religião e Sociedade**, v.26, n.1, 2006, pp.158-173.
- ALTER, Joseph S. **Yoga in Modern India: The Body between Science and Philosophy**. Oxford: Princeton University Press, 2004.
- \_\_\_\_\_. Yoga at the *Fin de Siècle*: Muscular Christianity with a 'Hindu' Twist. **The International Journal of the History of Sport**, v.23, n.5, pp. 759-776, ago. 2006.
- \_\_\_\_\_. Yoga and Physical Education: Swami Kavalayananda's Nationalist Project. **Asian Medicine**, v.3, n.1, pp. 20-36, 16 oct. 2007.
- ALTGLAS, Véronique. **Le Nouvel Hindouisme Occidental**. Paris: Éditions du CNRS, 2005.
- \_\_\_\_\_. Indian Gurus and the Quest for Self-perfection Among the Educated Middle-Classes. In: STOLZ, Jörg (ed.). **Salvation Goods and Religious Markets: Theory and Applications**. Bern: Peter Lang, 2007.
- \_\_\_\_\_. The Global Diffusion and Westernization of Neo-Hindu Movements: Siddha Yoga and Sivananda Centres. **Religions of South Asia**, v.1, n.2, pp. 217-237, 2007b.
- AMARAL, Leila. Sincretismo em movimento: o estilo Nova Era de lidar com o Sagrado. In: CAROZZI, María Julia (org.). **A Nova Era no Mercosul**. Petrópolis: Vozes, 1999, pp.47-79.
- \_\_\_\_\_. **Carnaval da Alma: Comunidade, Essência e Sincretismo na Nova Era**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ANDRADE, Clodomir Barros de. O Monismo Shivaíta da Caxemira e Sua Inserção no Debate Filosófico Indiano. **NUMEM – Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, Juiz de Fora, v.14, n.2, 2011, pp. 501-520.
- ANDRADE, Oswald de. **Manifesto antropófago e Manifesto da poesia pau-brasil**. Antologia de Textos Fundadores do Comparatismo Literário Interamericano. Ufrgs.com, [Porto Alegre]:[s.i.]. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2017.

- ASAD, Talal. "Introduction: Thinking about Secularism"; "What an Anthropology of Secularism Look Like?". In: \_\_\_\_\_. **Formations of the Secular: Christianity, Islam, Modernity**. California: Stand University Press, 2003.
- BABA, Sri Prem. **Amar e Ser Livre: As Bases Para Uma Nova Sociedade**. Fortaleza: Dummar/Agir, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Propósito: A Coragem de Ser Quem Somos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Transformando o Sofrimento em Alegria: Construa Relacionamentos Íntimos e Harmoniosos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.
- BANERJI, Sures Chandra. **Studies in Origin and Development of Yoga**. Calcutta: Punthi Pustak, 1995.
- BARBOSA, Tércio E. L.; LAGES, Sônia R. C. Canto e experiência religiosa do sagrado: análise fenomenológica das vivências sonoras compartilhadas por devotos de Krishna. **Memorandum**, 25, 2013, pp.149-175.
- BARROSO, Maria Macedo. Deus é diferente, mas não é desigual de mim: a produção da imanência nas práticas de meditação do Siddha Yoga. In: JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA, 8, 1998, São Paulo.
- \_\_\_\_\_. **A construção da pessoa "oriental" no Ocidente: um estudo de caso sobre o Siddha Yoga**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999a.
- \_\_\_\_\_. As Iogas como cultura alternativa. **MOTRIZ**, v.5, n.2, dez. 1999b.
- BECKERLEGGE, Gwilyn. **The Ramakrishna Mission: The Making of a Modern Hindu Movement**. New Delhi: Oxford University Press, 2000.
- \_\_\_\_\_. The Early Spread of Vedanta Societies: An Example of 'Imported Localism'. **Numen**, v.51, n.3, 2004, pp. 296-320.
- \_\_\_\_\_. **Swami Vivekananda's Legacy of Service: A Study of the Ramakrishna Math and Mission**. New Delhi: Oxford University Press, 2006.
- BELLAH, Robert N. The new religious consciousness and the crisis in modernity. In: GLOCK, C. & BELLAH, R. **The religious consciousness**. Berkeley: University of California Press, 1977.
- BERGER, Peter. A secularização do mundo: Uma visão global. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 21, 1, 2000, p. 9-24.
- BHARATI, A. The Hindu Renaissance and Its Apologetic Patterns. **The Journal of Asian Studies**, v.29, n.2, 1970, pp. 267-287.

- BIRCH, Jason. Rājayoga: The Reincarnations of the King of All Yogas. **International Journal of Hindu Studies**, v. 17, n. 3, dec. 2013, pp. 401–444.
- BONDER, Nilton. **A Alma Imoral**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1998.
- BROAD, William J. **A moderna ciência do yoga: os riscos e as recompensas**. Rio de Janeiro: Valentina, 2013.
- CABRAL, Amílcar. **Return to the Sources: Selected Speeches of Amílcar Cabral**. New York: [s.n.], 1973.
- CALIL JÚNIOR, Alberto. Entre o público e o privado: Sathya Sai Baba e o oriente no campo religioso brasileiro. **Religião e Sociedade**, v.26, n.1, 2006, pp. 115-134.
- CAMPBELL, Colin. Some Comments on The New Religious Movements, The New Spirituality and Post-Industrial Society. In: BARKER, E. **New religious movements: a perspective for understanding society**. Nova York: The Edwin Mellen Press, 1982.
- \_\_\_\_\_. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para o novo milênio. **Religião e Sociedade**, v.18, n.1, 1997, pp.05-22.
- CAMURÇA, Marcelo. O Conceito de Reencarnação no Espiritualismo moderno: entre o *Círculo de Sāmsara* e o Evolucionismo Positivista. **Numem – Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, Juiz de Fora, v.3, n.1, 2000, p. 95-109.
- \_\_\_\_\_. Secularização e Reencantamento: A Emergência dos Novos Movimentos Religiosos. **BIB**, São Paulo, v.56, n.2, 2003, pp. 55-69.
- CANNELL, Fenella. The Anthropology of Secularism. **Annual Review Anthropology**, 39, 2010, p.85-100.
- CARDOSO, Sália Maia Costa e ANDRADE, João Tadeu de. O Caminho do Coração: o encontro entre a Linhagem Sachcha e o Xamanismo do norte brasileiro. In: ANAIS REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA, REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO NORTE E NORDESTE - REA, ABANNE, Alagoas, 2015.
- CARVALHO, José Jorge. Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea. In: BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (Org.) **O impacto da modernidade sobre a religião**. São Paulo: Loyola, 1992, pp.133-163.
- \_\_\_\_\_. O encontro de velhas e novas religiões: esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade. In: MOREIRA, Alberto & ZICMAN, Renée (Orgs.). **Misticismo e novas religiões**. Petrópolis: Vozes, 1994, pp.67-98.
- CASANOVA, José. Secularization Revisited: A reply to Talal Asad. In: SCOTT, David (et.al.). **Powers of the Secular Modern**. Stanford: Stanford University Press, 2006, p.12-30.
- \_\_\_\_\_. Reconsiderar la Secularización: Una perspectiva comparada mundial. **Revista Académica de Relaciones Internacionales**, 7, nov. 2007, UAM-AEDRI. ISSN 1699-3950.

- \_\_\_\_\_. The Secular and Secularisms. **Social Research**, vol. 76, n.4, 2009, pp.1049-1066.
- \_\_\_\_\_. A Secular Age: Dawn or Twilight? In: WARNER, Michael et.al. (ed.). **Varieties of Secularism in a Secular Age**. Cambridge, Massachusetts and London, England: Harvard University Press, 2010, p. 265-281.
- \_\_\_\_\_. The Secular, Secularizations, Secularisms. In: CALHOUN, Craig (ed.). **Rethinking Secularism**. New York: Oxford University Press, 2011, p.54-74.
- CHATTERJEE, Satishchandra; DATTA, Dheerendramohan. **An Introduction to Indian Philosophy**. 3ed. Calcutta: Calcutta University Press, 1948.
- CLASQUIN, M. Real Buddhas don't laugh: Attitudes towards humour and laughter in ancient India and China. **Social Identities**, v.7, n.1, 2001, pp. 97–116.
- CONNOLLY, Peter. **A Student's Guide to the History and Philosophy of Yoga**. London: Equinox, 2007.
- CONNOLLY, William E. Some Theses on Secularism. **Cultural Anthropology**, vol. 26, Issue 4, 2011, p. 648–656.
- CSORDAS, Thomas J. Introduction: Modalities of Transnational Transcendence. In: \_\_\_\_\_. **Transnational Transcendence: Essays on Religion and Globalization**. Berkeley: University of California Press, 2009. p 1–29.
- DE MICHELIS, Elizabeth. **A History of Modern Yoga: Patañjali and Western Esotericism**. London: Continuum, 2004.
- \_\_\_\_\_. A Preliminary Survey of Modern Yoga Studies. **Asian Medicine: Tradition and Modernity**, v.3, n.1, pp. 1-19, 2007.
- \_\_\_\_\_. Modern Yoga: History and Forms, In: SINGLETON, Mark and BYRNE, Jean (ed.). **Yoga in the Modern World: Contemporary Perspectives**. London: Routledge, 2008, pp. 17-35.
- DOBBELAERE, Karel. Towards an Integrated Perspective of the Process Related to the Descriptive Concept of Secularization. **Sociology of Religion**, vol. 60, n. 3, 1999, p.229-247.
- DULLO, Eduardo. Após a (Antropologia/Sociologia da) Religião, o Secularismo? **MANA**, v.18, n.2, 2012, p.379-391.
- DWYER, Graham & COLE, Richard J. (eds.). **The Hare Krishna Movement: Forty Years of Chant and Change**. London: I.B. Tauris and Co Ltd, 2007.
- ELIADE, Mircea. **Yoga, Immortality and Freedom**. Trans. Willard R.Trask. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1954.

- \_\_\_\_\_. Yoga and Modern Philosophy. **The Journal of General Education**, 15, 1963, pp. 124-137.
- \_\_\_\_\_. **Patanjali y el yoga**. 1ed. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1978.
- FERREIRA, Mario. Notas sobre a oportunidade de rever as fontes indianas na obra de Carl Gustav Jung. In: POSSEBON, Fabrício (Org.). **Cultura Indiana: Ensaio e reflexões**. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2010.
- FLOOD, Gavin. **Uma introdução ao Hinduísmo**. Trad. Dilip Loundo e Fernanda Winter. Juiz de Fora: UFJF, 2014.
- FULLER, C. J. & MCKEAN, Lise. Divine Enterprise: Gurus and the Hindu Nationalist Movement. **The Journal of the Royal Anthropological Institute**, 3, 804, 1997.
- GNERRE, Maria Lucia Abaurre. Gheraṇḍa Saṃhitā: Corpo e Libertação na Tradição Haṭha Yoga. **NUMEM – Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, Juiz de Fora, v.14, n.2, 2011, pp. 459-486.
- \_\_\_\_\_. Apropriações das Orientalidades no Contexto Brasileiro: da Índia de Gilberto Freyre ao yoga das revistas. In: SILVEIRA, Emerson; COSTA, Waldney (Orgs). **A polissemia do sagrado: os desafios da pesquisa sobre religião no Brasil**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- HALBFASS, Wilhelm. “On the Exclusion of India from the History of Philosophy”; “Rammohan Roy and His Hermeneutic Situation”; “Neo-Hinduism, Modern Indian Traditionalism, and the Presence of Europe”; “The Adoption of the Concept of Philosophy in Modern Hinduism”; “*Dharma* in the Self-understanding of Traditional Hinduism”; “Reinterpretations of *Dharma* in Modern Hinduism”. In: \_\_\_\_\_. **India and Europe: An Essay in Understanding**. Albany: State University of New York Press, 1988. pp. 145-159; 197-216; 217-246; 287-309; 310-333; 334-348.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- HEELAS, Paul. The sacralization of the self and New Age capitalism. In: ABERCROMBIE, Warde. **Social change in contemporary Britain**. Cambridge: Polity Press, 1992.
- \_\_\_\_\_. **The New Age movement**. Oxford: Blackwell, 1996.
- HOLDREGE, Barbara A. **Veda and Torah: Transcending the Textuality of Scripture**. Albany, NY: State University of New York Press, 1996.
- HUFFER, Amanda J. Hinduism Without Religion: Amma’s Movement in America. **CrossCurrents**, 61, 2011, pp.374-398.
- HUMES, Cynthia A. Maharishi Mahesh Yogi: Beyond the TM Technique. In: FORSTHOEFEL, Thomas A. and HUMES, Cynthia A. (eds.). **Gurus in America**. Albany, NY: SUNY Press, 2005, pp. 55-80.

- HYERS, M. Conrad. The Ancient Zen Master as Clown-Figure and Comic Midwife. **Philosophy East and West**, vol. 20, n.1, 1970, pp. 3–18.
- JOHNSON, W.J. **Oxford Dictionary of Hinduism**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- JUNGBLUT, Airton Luiz; ADAMI, Vítor Hugo da Silva. Hinduísmos ocidentalizados e suas percepções acerca do sexo: Movimento Hare Krishna e Movimento Rajneesh. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 1, pp. 104-121, jan. 2017.
- KATZ, Nathan [et al.]. **Indo-Judaic Studies in the Twenty-First Century: A View from the Margin**. New York: Palgrave Macmillan, 2007.
- LABATE, Beatriz Caiuby. “A constituição do Caminho do Coração e as terapias do Centro Terapêutico”; “As cosmologias do Caminho do Coração”. In: \_\_\_\_\_. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. Campinas: Mercado das Letras, São Paulo: Fapesp, 2004.
- LEMOS, Gisele Cardoso de. A ‘antropofagia’ indiana nas obras *In an Antique Land* e *Calcutta Chromosome*, de Amitav Ghosh. **Numem – Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, Juiz de Fora, v.14, n.2, 2011, pp. 521-536.
- LOUNDO, Dilip. “Introdução”; “Elementos para uma análise do estatuto do imaginário em sociedades complexas tradicionais e semitradicionais: Brasil e Índia”. In: \_\_\_\_\_. MISSE, Michel (Orgs.). **Diálogos tropicais: Brasil e Índia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003, p. 7-24; 115-128.
- \_\_\_\_\_. Cecília Meireles e a Índia: viagem e meditação poética. In: GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2007, pp.129-178.
- \_\_\_\_\_. A Mistagogia Apofática dos Upaniṣads na Escola Não-Dualista *Advaita Vedānta* de Satchidanandendra Saraswati. **Numem – Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, Juiz de Fora, MG, v.14, n.2, p. 349-370, jul./dez. 2011.
- \_\_\_\_\_. Religião como Práxis Espiritual e como Ideologia Política: O Hinduísmo e o Tradicionalismo Crítico de Ashis Nandy. In: SIMPÓSIO SUDESTE DA ABHR/ SIMPÓSIO INTERNACIONAL DA ABHR: DIVERSIDADES E (IN)TOLERÂNCIAS RELIGIOSAS, 1, 2013, pp. 271-288.
- LUCIA, Amanda J. Innovative Gurus: Tradition and Change in Contemporary Hinduism. **International Journal of Hindu Studies**, Springer, v.18, n.2, 2014, pp. 221-263.
- MARIZ, Cecília Loreto. Secularização e Dessecularização: Comentários a um texto de Peter Berger. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 21, 1, 2000, p. 5-39.
- MCKEAN, Lise & VAN DER VEER, Peter. Religious Nationalism: Hindus and Muslims in India. **Journal of Asian Studies**, v.53, n.4, 1994.

- MONIER-WILLIAMS, Monier. **Buddhism In its Connexion with Brahmanism and Hinduism and in its Contrast with Christianity**. New York: Cambridge University Press, 2009.
- NEWCOMBE, Suzanne. The Development of Modern Yoga: A Survey of the Field. **Religion Compass**, 3, 6, Dec. 2009, pp: 986-1002. DOI: 10.1111/j.1749-8171.2009.00171.x.
- NIKHILANANDA, Swami. **Vivekananda: A Biography**. [New York]: Ramakrishna-Vivekananda Center of New York, 1953.
- OLIVEIRA, Mirian Santos Ribeiro de. Identidades Culturais e Mobilidade Migratória: Estudo de Caso sobre a Identidade Diaspórica Hindu. **Plural**, v. 16, n. 1, p. 145-156, 1 jun. 2009.
- OLIVEIRA, Mirian Santos Ribeiro de. Identidade e Religião Hindus na Índia Britânica. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, v. 14, n. 1, p. 152-178, jun. 2014.
- OSHO. **Poder, política e mudança: Como ajudar o mundo a se tornar um lugar melhor?** São Paulo, SP: Planeta, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Torne-se quem você é: Reflexões extraordinárias sobre *Assim falou Zaratustra*, de Nietzsche**. 1.ed. São Paulo, SP: Alaúde, 2017.
- OTTO, Brent Howitt; ANDREWS, Robins. Durability and Change: Anglo-Indian Religious Practice in India and the Diaspora. In: BANDYOPADHYAY, Sekhar; SEN, Aloka Parasher (Ed.). **Religion and Modernity in India**. New Delhi, India: Oxford University Press, 2017, pp.290-308.
- PANDYA, S. P. Sociality and guru-led movements: Interplay of social issues, action and social service. **Current Sociology**, v.64, n.5, pp.775–793, 2016.
- PANIKKAR, K.N. **Colonialism, Culture, and Resistance**. 2.ed. New Delhi: Oxford India Paperbacks, 2009.
- PAULA, João Antônio de. Afinidades eletivas e pensamento econômico: 1870-1914. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 46, n. 111, p. 70-90, Jun. 2005.
- PIERUCCI, Antonio Flávio. Reencantamento e Dessecularização: a propósito do auto-engano da Sociologia da Religião. **Novos Estudos**, n.49, São Paulo: Cebrap, 1997, p. 99-117.
- \_\_\_\_\_. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.13, n. 37, jun. 1998, p. 43-73.
- \_\_\_\_\_. **O desencantamento do mundo: Todos os passos do conceito em Max Weber**. São Paulo: Editora 34, 2003.
- PYE, Michael. **Skilful Means: a concept in Mahayana Buddhism**. London and New York: Routledge, 2003.

- RAYAPROL, Aparna. Cultural Reproduction and the Reconstruction of Identities in the Indian Diaspora. In: BANDYOPADHYAY, Sekhar; SEN, Aloka Parasher (Ed.). **Religion and Modernity in India**. New Delhi, India: Oxford University Press, 2017, pp.267-89.
- SACHCHA Sadhana: Sri Prem Baba, [S.I.]: [Awaken LOVE], 2015.
- SAID, Edward. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Culture and Imperialism**. London: [s.n.], 1993.
- SAMUEL, Geoffrey. **The Origins of Yoga and Tantra**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Org.). **Globalização e Religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SHARMA, Arvind. **The Rope and the Snake: A Metaphorical Exploration of Advaita Vedānta**. Manohar Publishers & Distributors, 1997.
- SINGLETON, Mark. Suggestive Therapeutics: New Thought's Relationship to Modern Yoga. **Asian Medicine: Tradition and Modernity**, v.3, n.1, 2007a, pp.64-84.
- \_\_\_\_\_. Yoga, Eugenics and Spiritual Darwinism in the Early Twentieth Century. **International Journal of Hindu Studies**, v.11, n.2, 2007b, pp.125-146.
- \_\_\_\_\_. The Classical Reveries of Modern Yoga: Patañjali and Constructive Orientalism. In: SINGLETON, Mark & BYRNE, Jean (eds.). **Yoga in the Modern World: Contemporary Perspectives**. London: Routledge, 2008, pp.77-99.
- \_\_\_\_\_. **Yoga Body: The Origins of Modern Posture Practice**. New York: Oxford University Press, 2010.
- SIVANANDA Chant Book. 3rd. ed. Chennai: International Sivananda Yoga Vedanta Centre, 2003.
- SIVANANDA Yoga Teachers' Training Manual. Val Morin: [s.n.], 2010.
- ŚRĪMAD Bhagavadgītā (With English Translation & Transliteration). 11. ed. Gorakhpur, India: Gita Press, 2010.
- TAYLOR, Charles. “Introdução”; “Os baluartes da fé”; “O surgimento da sociedade disciplinar”. In: \_\_\_\_\_. **Uma Era Secular**. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2010. pp.13-37; 41-115; 117-179.
- \_\_\_\_\_. Why we need a radical redefinition of secularism. In: BUTLER, Judith (et.al). **The Power of Religion in the Public Sphere**. New York: Columbia University Press, 2011, pp.34-59.
- TEJASANANDA, Swami. **A Short Life of Swami Vivekananda**. 15. ed. Kolkata: Advaita Ashrama, 1995.



- TOLLE, Eckhart. **O Poder do Agora: um guia para a iluminação espiritual**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- VISHNU-DEVANANDA, Swami. **O Livro de Yoga Completo e Ilustrado**. [1.ed.]. Tradução de Laura Bocco. Montevideo: International Sivananda Yoga Vedanta Centers, [2004].
- \_\_\_\_\_. **Meditation and Mantras**. Delhi: Motilal Banarsidass, 2010.
- VIVEKANANDA, Swami. **Jnāna-Yoga**. New York: Ramakrishna-Vivekananda Center New York, 1982.
- WARRIER, Maya. **Hindu Selves in a Modern World: Guru faith in the Mata Amritanandamayi Mission**. London and New York: RoutledgeCurzon, 2005.
- WEBER, Max. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. Edição de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2005.
- WHITE, David Gordon. **Sinister Yogis**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2009.
- ZILIO, Carlos. **Da Antropofagia à Tropicália. O nacional e o popular na cultura brasileira – Artes Plásticas**. São Paulo: Brasiliense, 1988, pp.115-147.

**Outras fontes consultadas:**

- A INVENÇÃO de Hélio Oiticica:** Entrevista com o filósofo Celso Favaretto, 28’20”. UNIVESP, 08 mai. 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=3b\\_i4kgSrSY](https://www.youtube.com/watch?v=3b_i4kgSrSY). Acesso em: 03 abr. 2017.
- AWAKEN LOVE ASSOCIAÇÃO. **A doutrina da síntese**. [S.I.]: Sriprembaba.org, c2015-2017. Disponível em: <https://www.sriprembaba.org/a-doutrina-da-sintese/>. Acesso em: 23 nov. 2017.
- \_\_\_\_\_. **O contato com os espíritos da Floresta**. [S.I.]: Sriprembaba.org, c2015-2017. Disponível em: <https://www.sriprembaba.org/o-contato-com-os-espirtos-da-floresta/>. Acesso em: 22 nov. 2017.
- \_\_\_\_\_. **Os vários caminhos do jogo espiritual**. [S.I.]: Sriprembaba.org, c2015-2017. Disponível em: <https://www.sriprembaba.org/os-varios-caminhos-do-jogo-espiritual/>. Acesso em: 22 nov. 2017.
- \_\_\_\_\_. **Porque que o silêncio é a base do autoconhecimento**. [S.I.]: Sriprembaba.org, c2015-2017. Disponível em: <https://www.sriprembaba.org/blog/porque-que-o-silencio-e-base-autoconhecimento/>. Acesso em: 15 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **Prem Baba: O encontro de um buscador com o ser.** [S.I.]: Sriprembaba.org, c2015-2017. Disponível em: <http://www.sriprembaba.org/biografia>. Acesso em: 22 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Rebeldia divina.** [S.I.]: Sriprembaba.org, c2015-2017. Disponível em: <https://www.sriprembaba.org/rebeldia-divina/>. Acesso em: 22 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Satsang 01.07.2017: Alto Paraíso de Goiás.** [S.I.]: Sriprembaba.org, c2015-2017. Disponível em: <https://www.sriprembaba.org/transcricoes/satsang-01-07-17-alto-paraíso-goias/>. Acesso em: 15 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **Yoga, a união do Ser.** [S.I.]: Sriprembaba.org, c2015-2017. Disponível em: <https://www.sriprembaba.org/yoga-a-uniao-ao-ser/>. Acesso em: 22 nov. 2017.

CAMPANHA de famosos nas redes sociais pede doações para a Chapada dos Veadeiros, em Goiás. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 out. 2017. F5. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2017/10/campanha-de-famosos-nas-redes-sociais-pede-doacoes-para-a-chapada-dos-veadeiros-em-goias.shtml>. Acesso em: 01 dez. 2017.

**CONVERSA com Bial:** Programa de quarta-feira, 13/09/2017, na Íntegra. Entrevista com Reynaldo Gianecchini e Sri Prem Baba, 47'25". **Rede Globo**, 13 set. 2017. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6146975/>. Acesso em: 25 nov. 2017.

DUARTE, Tales Luciano. **A grande piada cósmica por trás da Iluminação.** [S.I.]: Yogi.com, c2016. Disponível em: <http://yogui.co/grandepiada-cosmica-por-tras-da-iluminacao/>. Acesso em: 02 dez. 2017.

**GLOBAL Talk Outubro 2016:** A atuação da avareza/How greed acts. Vídeo, 1:14'25". Canal de Prem Baba no YouTube, 30 out. 2016. Trecho: de 55'29" até 1:00'05". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DTQpCKdJcyQ>. Acesso em: 23 nov. 2017.

**GLOBAL Talk com Sri Prem Baba:** Abril 2016. Vídeo, 1:19'25". Canal do Awaken Love no YouTube, 24 abr. 2016. Trecho: de 38'40" até 1:18'44". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TD5r2pav6fs&list=PLlyhsZSpns05PliH7qcs3yo4Ye5dpQDV&index=3>. Acesso em: 05 dez. 2017.

GONÇALVES, Marcos Augusto. Sri Prem Baba, o psicólogo brasileiro que virou líder espiritual mundial. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 nov. 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/serafina/2017/12/1937339-sri-prem-baba-o-psicologo-brasileiro-que-virou-lider-espiritual-mundial.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2017.

HINDU Fundamentalists. Por: Mandakini Gahlot. Índia, 2015. Documentário, 24'59". **Al Jazeera**, 08 out. 2015. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/programmes/peopleandpower/2015/10/indias-hindu-fundamentalists-151008073418225.html>. Acesso em: 15 ago. 2016.

**GOD Is Just a Stepping Stone.** Conversas com o público, 14'20". Sadhguru.org, 27 fev. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kF3vIkvhBWM>. Acesso em: 20 dez. 2017.

**HOW Can the Mind Be Quiet?** Sadhguru Talks: Sathsang, Blue Bell School. Conversas com o público, 5'51". Sadhguru.org, New Delhi, set. 2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e2EPuGAbgpc>. Acesso em: 15 dez. 2017.

**HOW to Become Silent?** Sadhguru Talks: In the Lap of the Master, Isha Yoga Center. Conversas com o público, 3'40". Sadhguru.org, Índia, abr. 2009. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Nkh5y4R\\_RD0](https://www.youtube.com/watch?v=Nkh5y4R_RD0). Acesso em: 15 dez. 2017.

**HOW Do You Stop the Mind's Chatter?** Sadhguru Talks: Volunteers Meet. Conversas com o público, 7'45'. Sadhguru.org, Mysore, apr. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LNyJgNjCDuU>. Acesso em: 15 dez. 2017.

INTERNATIONAL SIVANANDA YOGA VEDANTA CENTRES. **Swami Vishnu-Devananda.** Val Morin, Quebec: Sivananda.org, [a?]. Disponível em: <https://www.sivananda.org/teachings/swami-vishnudevananda.html>. Acesso em: 15 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **TTC Curriculum.** Val Morin, Quebec: Sivananda.org, [b?]. Disponível em: <https://www.sivananda.org/yoga-teacher-training/ttc-curriculum.html>. Acesso em: 10 dez. 2017.

ISHA FOUNDATION. **Becoming Silent.** Ishasadhguru.org, 22 abr. 2016. Disponível em: <https://isha.sadhguru.org/global/en/wisdom/video/becoming-silent>. Acesso em: 15 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **Dissolving into the Soundless.** Ishasadhguru.org, 31 out. 2016. Disponível em: <http://isha.sadhguru.org/blog/lifestyle/music/dissolving-into-the-soundless/>. Acesso em: 15 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **How Can the Mind Be Quiet?** Ishasadhguru.org, 28 abr. 2016. Disponível em: <https://isha.sadhguru.org/global/en/wisdom/video/how-can-the-mind-be-quiet>. Acesso em: 15 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **How Do You Stop the Mind's Chatter?** Ishasadhguru.org, 26 jan. 2015. Disponível em: <https://isha.sadhguru.org/global/en/wisdom/video/stop-minds-chatter>. Acesso em: 15 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **Man:** A fearless child, a revolutionary teen, an irreverent youth, how did it all add up to make the man who has transformed millions of lives? Disponível em: <http://isha.sadhguru.org/man/>. Acesso em: 15 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **Neither Good or Bad – Just Silent!** Ishasadhguru.org, 09 mar. 2017. Disponível em: <https://isha.sadhguru.org/global/en/wisdom/article/neither-good-bad-just-silent>. Acesso em: 15 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **Sadhguru's Enlightenment in His Own Words.** Ishasadhguru.org, 23 set. 2014. Disponível em: <http://isha.sadhguru.org/blog/sadhguru/masters-words/sadhguru-enlightenment-experience/>. Acesso em: 16 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **The Four Parts of the Mind.** Ishasadhguru.org, 27 may. 2015. Disponível em: <http://isha.sadhguru.org/blog/video/the-four-parts-of-the-mind/>. Acesso em: 15 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **The Power of Stillness.** Ishasadhguru.org, 22 nov. 2017. Disponível em: <http://isha.sadhguru.org/blog/sadhguru/spot/the-power-of-stillness/>. Acesso em: 15 dez. 2017.

**ISSO Existe:** Um Filme Sobre Sri Prem Baba (Versão em português). Direção: David Hanrahan. Brasil, 2015. Documentário, 73'28". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Umr61UnQvuE>. Acesso em: 15 dez. 2017.

**JUST one minute in silence / Só um minuto em silêncio.** Mensagem de Sri Prem Baba gravada em vídeo, 1'18". Awaken Love, [jun. 2015]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m0ADoNfEqIQ>. Acesso em: 15 dez. 2017.

LEMOS, Ronaldo. Brasil, potência espiritual. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 mai. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ronaldolemos/2016/05/1766732-brasil-potencia-espiritual.shtml>. Acesso em: 28 ago. 2016.

MARCIO Garcia recebe mestre Prem Baba para reunião espiritual com amigos famosos em sua casa. **Extra**, Rio de Janeiro, 06 jun. 2014. Famosos. Disponível em: <http://extra.globo.com/famosos/marcio-garcia-recebe-mestre-prem-baba-para-reuniao-espiritual-com-amigos-famosos-em-sua-casa-12739430.html>. Acesso em: 07 out. 2016.

MARCONI mostra a Alckmin projeto sustentável feito em Goiás. **Brasil 247**, 09 mai. 2017. Goiás 247. Disponível em: <https://www.brasil247.com/pt/247/goias247/294541/Marconi-mostra-a-Alckmin-projetosustent%C3%A1vel-feito-em-Goi%C3%A1s.htm>. Acesso em: 12 dez. 2017.

MEDITAÇÃO no Cristo abre evento sobre consciência amorosa no Rio. Sri Prem Baba abrirá a programação do Awaken Love Festival: Líder humanitário e mestre espiritual brasileiro propõe cultura de paz. **G1**, Rio de Janeiro, 17 nov. 2014. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/11/meditacao-no-cristo-abre-evento-sobre-consciencia-amorosa-no-rio.html>. Acesso em: 24 dez. 2017.

NUNES, Bianca. Osho: o guru politicamente incorreto. **Revista Super Interessante**, 30 jun. 2008. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/osho-o-guru-politicamente-incorreto/>. Acesso em: 15 dez. 2017.

OSHO INTERNATIONAL FOUNDATION. **All principles are no principles.** Osho.com, c2017. Disponível em: <http://www.osho.com/iosho/library/read-book?p=e5f110c26e0ca8ab0272cf95ca30186c>. Acesso em: 07 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **Meditação é divertida.** [S.I.]: Osho.com, c2017. Disponível em: <http://www.osho.com/pt/meditate/what-is-meditation/playful/>. Acesso em: 02 dez. 2017.

**PALESTRA Propósito e Felicidade Plena com Sri Prem Baba no II Congresso Internacional da Felicidade.** Palestra, 54'30". Curitiba, 25 nov. 2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ykb7\\_WcROr8](https://www.youtube.com/watch?v=ykb7_WcROr8). Acesso em: 27 dez. 2017.

RAVITZ, Jessica. Indian Awakenings: How a holy place and its people helped a Western woman find wholeness. **CNN**, jun. 2014. Disponível em: <http://edition.cnn.com/interactive/2014/06/world/rishikesh/>. Acesso em: 18 set. 2017.

RODRIGUES, Rosualdo. Festival Ilumina, na Chapada dos Veadeiros, terá Lenine e Prem Baba: Marcado para os dias 8 e 9 de julho, o evento une aprofundamento espiritual e entretenimento, com shows e práticas terapêuticas. **Metrópoles**, 07 jun. 2017. Entretenimento. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/musica/festival-ilumina-na-chapada-dos-veadeiros-tera-lenine-e-prem-baba>. Acesso em: 12 dez. 2017.

**SKI: Rishikesh Song.** Interpretação: Tomas Sky Slansky. Clipe musical, 04'01". Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=vEB2P0oJ\\_II](https://www.youtube.com/watch?v=vEB2P0oJ_II). Acesso em 14 dez. 2017.

SRI Prem Baba inspira com mensagens de amor e autoconhecimento no 'Encontro'. **GShow**, 13 dez. 2017. Encontro com Fátima Bernardes. Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/noticia/sri-prem-baba-inspira-com-mensagens-de-amor-e-autoconhecimento-no-encontro.ghtml>. Acesso em: 14 dez. 2017.

SWAMI Vivekananda's Speech at World Parliament of Religion, Chicago. Viveksamity.org. Disponível em: <http://www.viveksamity.org/user/doc/CHICAGO-SPEECH.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

UNIFOR. Campanha promove cultura de paz nas escolas: Projeto "Escolas em Paz: Por um país menos violento" chega ao Ceará para realizar atividades em escolas públicas. **G1**, 14 abr. 2016. Especial Publicitário - Ensinando e Aprendendo. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/especial-publicitario/unifor/ensinando-e-aprendendo/noticia/2016/04/campanha-promove-cultura-de-paz-nas-escolas.html>. Acesso em: 12 dez. 2017.

VERÍSSIMO, Arthur. Baba, Prem Baba: O pai do amor, Prem Baba, é o guru brasileiro que conquistou seguidores em todo planeta. **Revista Trip**, 08 jul. 2010. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/baba-prem-baba>. Acesso em: 23 nov. 2017.

VERSON, Bruno. Janderson, o Sri Prem Baba, virou guru dos cozinhas ao garantir que eles nunca perderão privilégios. **Diário do Centro do Mundo**, 27 dez. 2017. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/janderson-o-sri-prem-baba-virou-guru-dos-cozinhas-ao-garantir-que-eles-nunca-perderao-privilegios-por-bruno-versions/>. Acesso em: 06 jan. 2017.

**WHEN God Becomes your Slave.** Sadhguru Talks: Uganda. Conversas com o público, 10'26". Sadhguru.org, Uganda, jun. 2016. Trecho: de 0'23" até 2'44". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kjrPQQWtCog>. Acesso em: 15 dez. 2007.

WILL Smith aprende português com mestre espiritual: Ator americano está no Brasil a assistir a palestras de Sri Prem Baba. **Correio da Manhã**, [Lisboa], 12 dez. 2017. Disponível em: <http://www.cmjornal.pt/famosos/detalhe/will-smith-aprende-portugues-com-mestre-espiritual>. Acesso em: 14 dez. 2017.